
J.R.WARD
#1 AUTORA BEST-SELLER
DO THE NEW YORK TIMES
BEIJO DE
SANGUE
LEGADO DA IRMANDADE DA ADAGA NEGRA
UNIVERSO DOS LIVROS



DADOS DE COPYRIG HT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o obj etivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos

acadêm icos, bem com o o sim ples teste da qualidade da obra, com o fim

exclusivo de com pra futura.

É expressam ente proibida e totalm ente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer

uso com ercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dom inio publico e propriedade intelectual de form a totalm ente gratuita, por acreditar que o

conhecim ento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer

pessoa. Você pode encontrar m ais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando

por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo

nível."

Beij o de

sangue

Universo dos Livros Editora Ltda.

Rua do Bosque, 1589 • 6º andar • Bloco 2 • Conj . 603/606

Barra Funda • CEP 01136-001 • São Paulo • SP

Telefone/Fax: (11) 3392-3336

www.universodoslivros.com .br

e-m ail: editor@universodoslivros.com .br

Siga-nos no Twitter: @univdoslivros

São Paulo
2016

UNIVERSO DOS LIVROS

J.R. WARD

BEIJO DE

SANGUE

Blood Kiss

Copy right © Love Conquers All, Inc., 2015

All rights reserved.

© 2016 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhum a parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transm itida sej am quais forem os m eios em pregados:

eletrônicos, m ecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor Revisão

editorial Jonathan

Luis Matos Busato e

Juliana

Gregolin

Editora-chefe Arte

Marcia Batista Francine C.

Silva e

Valdinei

Gomes

Assistentes Imagem de

editoriais capa

Aline Graça e Claudio

Letícia Dogar-

Nakamura Marinesco

Tradução Design de

Cristina **capa**

Tognelli Rebecca

Barboza

Preparação

Guilherme

Summa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

W259r

Ward, J.R.

Beij o de sangue / J.R. Ward; [tradução de Cristina

Tognelli]. – São Paulo: Universo dos Livros, 2016.

416 p. (Legado da Irm andade da Adaga Negra ; 1)

ISBN: 978-85-7930-975-5

Título original: *Blood Kiss*

1. Vam piros 2. Ficção I. Título II. Tognelli, Cristina III.

Série

16-0255

CDD 813.6

DEDICADO COM AMOR A PUP

BEIJOS

Agradecim entos

Muito obrigada aos m eus leitores e a todos que am am a Irm andade tanto quanto eu. Meus agradecim entos tam bém a Steven Axelrod, Kara Welsh, Leslie Gelbm an e todos da NAL!

Obrigada tam bém ao Team Waud, à m inha fam ília, tanto a de sangue quanto a escolhida.

E, com o sem pre, com am or, à m inha adorada assistente, Naam ah.

Glossário de Term os e Nom es Próprios

Ahstrux nohtrum: Guarda particular com licença para m atar, nom eado(a) pelo Rei.

Ahvenge: Com eter um ato de retribuição m ortal, geralm ente realizado por um m acho am ado.

As Escolhidas: Vam piras criadas para servirem à Virgem Escriba. São consideradas m em bros da aristocracia, em bora sej am voltadas m ais para assuntos espirituais que tem porais. Têm pouca ou nenhum a interação com os m achos, m as podem se acasalar com os Irm ãos a fim de reproduzir sua espécie, segundo a orientação da Virgem Escriba. Algum as têm a capacidade de predizer o futuro. No passado, eram utilizadas para satisfazer a necessidade de sangue de m em bros solteiros da Irm andade, e tal costum e foi recolocado em prática pelos Irm ãos.

Chrih: Sím bolo de m orte honrosa no Antigo Idiom a.

Cio: Período fértil das vam piras. Em geral, dura dois dias e é acom panhado por intenso desej o sexual. Ocorre pela prim eira vez aproxim adam ente cinco anos após a transição da fêm ea e, a partir daí, um a vez a cada dez anos. Todos

os

m achos respondem em certa m edida se estiverem perto de um a fêm ea no cio. Pode ser um a época perigosa, com conflitos e lutas entre os m achos, especialm ente se a fêm ea não tiver com panheiro.

Conthendha: Conflito entre dois m achos que com petem pelo direito de ser o com panheiro de um a fêm ea.

Dhunhd: Inferno.

Doggen: Mem bro da classe servil no m undo dos vam piros. Os *doggens* seguem as antigas e conservadoras tradições de servir seus superiores, obedecendo a códigos form ais no com portam ento e no vestir. Podem sair durante o dia, m as envelhecem relativam ente rápido. Sua expectativa de vida é de aproxim adam ente quinhentos anos.

Ehnclausuramento: Status conferido pelo Rei a um a fêm ea da aristocracia em resposta a um a petição de seus fam iliares. Subj uga um a fêm ea à autoridade de um responsável único, o *tuhtor*, geralm ente o m acho m ais velho da casa. Seu *tuhtor*, então, tem o direito legal de determ inar todos os aspectos de sua vida, restringindo, segundo sua vontade, toda e qualquer interação dela com o m undo.

Ehros: Um a Escolhida treinada em artes sexuais.

Escravo de sangue: Vam piro m acho ou fêm ea que foi subj ugado para satisfazer a necessidade de sangue de outros vam piros. A prática de m anter

escravos de sangue recentem ente foi proscrita.

Exhile dhoble: O gêm eo m au ou m aldito, o segundo a nascer.

Fade: Reino atem poral onde os m ortos reúnem -se com seus entes queridos e ali passam toda a eternidade.

Ghia: Equivalente a padrinho ou m adrinha de um indivíduo.

Glymera: A nata da aristocracia, equivalente à corte no período de Regência na Inglaterra.

Hellren: Vam piro m acho que tem um a com panheira. Os m achos podem ter m ais de um a fêm ea.

Hyslop: Term o que se refere a um lapso de j ulgam ento, tipicam ente resultando no com prom etim ento das operações m ecânicas ou da posse legal de um veículo ou transporte m otorizado de qualquer tipo. Por exem plo, deixar as chaves no contato de um carro estacionado do lado de fora da casa da fam ília durante a noite.

Inthocada: Um a virgem .

Irmandade da Adaga Negra: Guerreiros vam piros altam ente treinados para proteger sua espécie contra a Sociedade Redutora. Resultado de cruzam entos seletivos dentro da raça, os m em bros da Irm andade possuem im ensa força física e m ental, assim com o a capacidade de recuperarem -se rapidam ente de ferim entos. Não é constituída m aj oritariam ente por irm ãos de sangue. São

iniciados na Irm andade por indicação de seus m em bros. Agressivos, autossuficientes e reservados por natureza, vivem apartados dos vam piros civis e têm pouco contato com m em bros das outras classes, a não ser quando precisam se alim entar. Tem a para lendas, são reverenciados no m undo dos vam piros. Só podem ser m ortos por ferim entos m uito graves, com o tiros ou um a punhalada no coração.

Leelan: Term o carinhoso que pode ser traduzido aproxim adam ente por “m uito am ada”.

Lhenihan: Fera m ítica reconhecida por suas proezas sexuais. Atualm ente, se refere a um m acho de tam anho sobrenatural e vigor sexual.

Lewlhen: Presente.

Lheage: Um term o respeitoso utilizado por um a subm issa sexual para referir-se a seu dom inante.

Libhertador: Salvador.

Lídher: Pessoa com poder e influência.

Lys: Instrum ento de tortura usado para rem over os olhos.

Mahmen: Mãe. Usado com o um term o identificador e de afeto.

Mhis: O disfarce de um determ inado am biente físico; a criação de um cam po de ilusão.

Nalla/nallum: Um term o carinhoso que significa “am ada”/“am ado”.

Ômega: Figura m ística e m aligna que alm ej a a extinção dos vam piros devido a um ressentim ento contra a Virgem Escriba. Existe em um reino atem poral e possui grandes poderes, dentre os quais, no entanto, não se encontra a capacidade

de criar.

Perdição: Refere-se a um a fraqueza crítica em um indivíduo. Pode ser interna, com o um vício, ou externa, com o um a paixão.

Primeira Família: O Rei e a Rainha dos vam piros e sua descendência.

Princeps: O nível m ais elevado da aristocracia dos vam piros, só suplantado pelos m em bros da Prim eira Fam ília ou pelas Escolhidas da Virgem Escriba. O título é hereditário e não pode ser outorgado.

Redutor: Mem bro da Sociedade Redutora, é um hum ano sem alm a em penhado na exterm inação dos vam piros. Os *redutores* só m orrem se forem apunhalados no peito; do contrário, vivem eternam ente, sem envelhecer. Não com em nem bebem e são im potentes. Com o tem po, seus cabelos, pele e íris perdem toda a pigm entação. Cheiram a talco de bebê. Depois de iniciados na Sociedade por Ôm ega, conservam um a urna de cerâm ica na qual seu coração foi depositado após ter sido rem ovido.

Ríhgido: Term o que se refere à potência do órgão sexual m asculino. A tradução literal seria algo aproxim ado de “digno de penetrar um a fêm ea”.

Rytho: Form a ritual de lavar a honra, oferecida pelo ofensor ao ofendido. Se

aceito, o ofendido escolhe um a arm a e ataca o ofensor, que se apresenta desprotegido perante ele.

Shellan: Vam pira que tem um com panheiro. Em geral, as fêm eas não têm m ais de um m acho, devido à natureza fortem ente territorial deles.

Sociedade Redutora: Ordem de assassinos constituída por Ôm ega com o propósito de erradicar a espécie dos vam piros.

Symphato: Espécie dentro da raça vam pírica, caracterizada pela capacidade e desej o de m anipular em oções nos outros (com o propósito de trocar energia), entre outras peculiaridades. Historicam ente, foram discrim inados e, em certas épocas, caçados pelos vam piros. Estão quase extintos.

Transição: Mom ento crítico na vida dos vam piros, quando ele ou ela transform a-se em adulto. A partir daí, precisam beber sangue do sexo oposto para sobreviver e não suportam a luz do dia. Geralm ente ocorre por volta dos 25 anos. Alguns vam piros não sobrevivem à transição, sobretudo os m achos. Antes da m udança, os vam piros são fisicam ente frágeis, inaptos ou indiferentes ao sexo, e incapazes de se desm aterializar.

Trahyner: Term o usado entre m achos em sinal de respeito e afeição. Pode ser traduzido com o “querido am igo”.

Tuhtor: Guardião de um indivíduo. Há vários graus de *tuhtors*, sendo o m ais poderoso aquele responsável por um a fêm ea *ehnclausurada*.

Tumba: Cripta sagrada da Irm andade da Adaga Negra. Usada com o local de

cerim ônias e com o depósito das urnas dos *redutores*. Entre as cerim ônias ali realizadas estão iniciações, funerais e ações disciplinadoras contra os Irm ãos. O acesso a ela é vedado, exceto aos m em bros da Irm andade, à Virgem Escriba ou aos candidatos à iniciação.

Vampiro: Mem bro de um a espécie à parte do *Homo sapiens*. Os vam piros precisam beber sangue do sexo oposto para sobreviverem . O sangue hum ano os m antêm vivos, m as sua força não dura m uito tem po. Após sua transição, que geralm ente ocorre aos 25 anos, são incapazes de sair à luz do dia e devem alim entar-se na veia regularm ente. Os vam piros não podem "converter" os hum anos por m eio de um a m ordida ou transferência de sangue, em bora, ainda que raram ente, sej am capazes de procriar com a outra espécie. Podem se desm aterializar por m eio da vontade, m as precisam estar calm os e concentrados para consegui-lo, e não podem levar consigo nada pesado. São capazes de apagar as lem branças das pessoas, desde que recentes. Alguns vam piros são capazes de ler a m ente. Sua expectativa de vida ultrapassa os m il anos, sendo que, em certos casos, vai além disso.

Viajante: Um indivíduo que m orreu e voltou vivo do Fade. Inspiram grande respeito e são reverenciados por suas façanhas.

Virgem Escriba: Força m ística conselheira do Rei. Tam bém é guardiã dos

registros vam píricos e distribui privilégios. Existe em um reino atem poral e possui

grandes poderes. Capaz de um único ato de criação, que usou para trazer os

vam piros à existência.

Capítulo 1

Casa de Audiências do Rei, Caldwell, NY

ALGUNS TIPOS DE FORMATURA aconteciam em particular.

Alguns desses m arcos im portantes para a fase seguinte em nossas vidas não

incluíam chapéus e becas, nenhum a orquestra hum ana tocando “Pom pa e

Circunstância”. Não havia um palco para atravessar, tam pouco um diplom a para

pendurar na parede. Tam bém não existiam testem unhas.

Algum as graduações eram m arcadas por coisas sim ples, corriqueiras, nada

especiais, com o um a pessoa esticando a m ão até o m onitor da Dell para apertar

o botãozinho azul no canto inferior direito da tela. Um a ação tão com um , feita

tantas vezes num a sem ana, num m ês, num ano, m as, ainda assim , naquele

m om ento em especial, um divisor de águas.

Enquanto Paradise, filha de Abalone, Prim eiro Conselheiro de Wrath, filho de

Wrath, pai de Wrath, Rei de todos os vam piros, estava sentada em sua cadeira de

escritório e encarava a tela preta diante dela. Inacreditável. A noite que ela tanto

esperava estava quase chegando.

Em grande parte, as últim as oito sem anas se arrastaram , m as nessas derradeiras noites tudo m udou, passando para um m odo catapulta. De repente, depois de ter passado por sete m il horas de espera para que a lua se erguesse no céu, ela sentia que queria que as coisas desacelerassem de novo.

O seu prim eiro em prego agora j á era coisa do passado.

Olhando por sobre a escrivaninha, rearranj ou o aparelho de telefone em um centím etro. Endireitou o vitral com desenho de libélula da lum inária da Tiffany. Certificou-se de que as canetas azuis estivessem num porta-canetas e as verm elhas, num outro. Alisou a palm a sobre a superfície lim pa do m ata-borrão e do topo do m onitor.

A sala de espera estava vazia; as cadeiras forradas de seda, desocupadas; as revistas, ordenadas nas m esinhas auxiliares; os copos com as bebidas servidas pelos *doggens* àqueles que ali estiveram , j á retirados.

O últim o civil se retirara m eia hora antes. O alvorecer seria dali a duas horas.

Considerando-se tudo, era o fim norm al de um a noite de trabalho duro, a hora em que ela e o pai voltariam para a propriedade da fam ília para desfrutar de um a refeição com pleta regada com conversas, planos e respeito m útuo.

Paradise se inclinou para a frente e espiou na curva do arco de entrada para a sala de estar. Do lado oposto ao vestíbulo, as portas duplas que antes davam para um a sala de j antar form al da m ansão estavam fechadas.

Sim , apenas m ais um a noite norm al, a não ser pela reunião inform al que estava acontecendo ali. Assim que a últim a audiência term inara, seu pai fora cham ado à sala de audiências e aquelas portas foram fechadas.

Ele estava lá dentro com o Rei e dois m em bros da Irm andade da Adaga Negra.

– Não façam isso com igo – ela disse. – Não tirem isso de m im .

Paradise se levantou e com eçou a andar, reorganizando as revistas, reafofando as alm ofadas, parando diante do retrato a óleo de um m onarca francês.

Voltou à arcada, olhou para as portas fechadas da sala de j antar, ficou atenta às batidas fortes do seu coração.

Erguendo as m ãos, inspecionou os calos nas palm as. Eles não foram provocados pelo seu trabalho ali j unto ao pai e à Irm andade nos últim os m eses,

organizando a agenda, pesquisando casos, resoluções e acontecim entos subsequentes. Não, pela prim eira vez na vida, ela vinha se exercitando.

Levantando pesos. Correndo na esteira. Fazendo *step*. Barras suspensas, flexões, abdom inais. Rem o seco.

Antes, ela sequer sabia o que era rem o seco.

E tudo com o preparo para a noite seguinte.

Desde que aquele grupo de m achos na sala de audiências do Rei não lhe tirasse tal perspectiva.

Na noite seguinte, à m eia-noite, ela deveria se j untar a outros m achos e fêm eas sabe-se a Virgem Escriba onde, na qual ela tentaria passar pelo teste de aceitação no program a de treinam ento de soldados da Irm andade da Adaga Negra.

Era um bom plano. Algo que ela decidira perseguir, um a possibilidade de independência e de descer o cacete nos inim igos para provar que ela era m ais do que sim plesm ente o seu pedigree. O problem a? Filhas de puro sangue da *glymera*, ainda m ais de um a das Fam ílias Fundadoras, não treinavam para se tornar soldados. Não lidavam com adagas e pistolas. Não aprendiam a lutar para se defender. Sequer sabiam o que era um *redutor*.

Tam pouco *se associavam* com soldados.

Filhas com o ela eram ensinadas a fazer ponto cruz, educadas em m úsica clássica e canto, boas m aneiras, e a adm inistrar um a m ansão repleta de *doggens*.

Esperava-se que elas entendessem o com plicado calendário social e os ciclos dos festivais, m antivessem -se atualizadas no quesito guarda-roupa e soubessem diferenciar Van Cleef & Arpels, Boucheron e Cartier. Eram *ehnclausuradas*, protegidas e adoradas assim com o todas as j oias o eram .

A única coisa perigosa que lhes era perm itido fazer? Procriar. Com um *hellren* escolhido pela fam ília a fim de garantir a santidade de suas linhagens.

Era um m ilagre que o pai estivesse perm itindo que ela fizesse aquilo. Definitivam ente ele não estivera de acordo assim que ela lhe m ostrara o form ulário de inscrição. Mas acabara m udando de ideia, perm itindo que ela se inscrevesse. Os ataques ocorridos alguns anos antes, quando tantos vam piros foram assassinados pela Sociedade Redutora, provaram que Caldwell, em Nova York, era um lugar perigoso. E ela lhe dissera que não era sua intenção sair para lutar nas ruas, só queria aprender a se defender.

Depois de apresentar a questão sob o ponto de vista de sua segurança? Foi então que seu pai m udou de ideia.

A verdade, no entanto, era que ela queria algo que fosse seu, apenas. Um a identidade originária de outro lugar que não som ente aquela que o seu nascim ento lhe forçava.

Além disso, Pey ton lhe dissera que ela não conseguiria.

Porque era um a fêm ea.

Ele que se danasse!

Paradise olhou um a vez m ais para as portas.

– Vam os lá…

Andando de um lado para o outro, acabou indo parar no vestíbulo, m as não quis se aproxim ar m uito do lugar onde os m achos conversavam … Com o se aquilo pudesse dar azar.

Deus, o que estariam conversando ali?

Norm alm ente, o Rei saía assim que a últim a audiência se encerrava. Se ele e a Irm andade tinham assuntos particulares ou de guerra para discutir, isso era conduzido na residência da Prim eira Fam ília, um lugar tão secreto que nem m esm o o seu pai era convidado a ir até lá.

Portanto, aquilo só podia estar acontecendo por sua causa.

De volta à sala de espera, foi até a escrivaninha e contou as horas em que estivera sentada ali. Fazia apenas uns dois m eses que o em prego era seu, m as gostava do trabalho. Até certo ponto. Ao se ausentar, desde que fosse aceita no program a de treinam ento da *IAN*, um a prim a sua assum iria seu posto, e ela passara as últim as sete noites m ostrando toda a rotina, explicando os procedim entos que ela própria estabelecera, a fim de garantir que a transição acontecesse de m aneira suave.

Recostando-se na cadeira, abriu a gaveta do m eio e pegou a sua inscrição, com o se isso pudesse, de algum m odo, garantir que aquilo ainda aconteceria. Ao segurar o docum ento, ficou im aginando quem m ais estaria na orientação da noite seguinte… E pensou no m acho que aparecera ali na casa de audiências, em busca de um a versão im pressa do form ulário de inscrição.

Alto, om bros largos, voz grave. Usando um boné de basebol do Sy racuse e j eans puídos pelo que aparentava ter sido causado por trabalho de verdade.

A com unidade dos vam piros era pequena, e ela nunca o vira antes. Mas talvez ele fosse apenas um civil? Essa era outra m udança no program a de treinam

ento.

Antes, som ente m achos da aristocracia eram convidados a trabalhar com a Irm andade.

Ele lhe dera seu nom e, m as recusara-se a apertar a m ão dela.

Craeg. Era só o que ela sabia.

Contudo, ele não fora rude. Na verdade, até apoiara a sua decisão de enviar a inscrição.

Tam bém fora… cativante de um m odo que a chocara, a ponto de ela ter



esperado sem anas inteiras para que ele retornasse com o form ulário em m ãos.

Ele não voltara. Talvez o tivesse escaneado e enviado eletronicam ente.

Ou, talvez, tivesse resolvido não se inscrever, no fim das contas.

Parecia loucura ficar desapontada com a possibilidade de nunca m ais encontrá-lo.

Quando seu celular em itiu um trinado, ela se sobressaltou e pegou o aparelho.

Pey ton. De novo.

Ela o veria na orientação na noite seguinte, e isso j á seria cedo dem ais. Depois da discussão que tiveram quanto a ela se j untar ao program a, ela teve que se afastar daquela am izade.

Mas, pensando bem , e se a Irm andade se recusasse a adm iti-la? A indignação que ela sentia em relação ao rapaz de nada serviria. Mas a questão era que era

perm itido às fêm eas se inscreverem .

O problem a m aior era que não se tratava de um a fêm ea “norm al”.

Caram ba, não sabia o que faria se o pai recuasse. Mas com certeza a

Irm andade não esperaria até o últim o m inuto para rej eitar a sua inscrição.

Certo?

Do outro lado da cidade, Marissa, a *shellan* vinculada do Irm ão da Adaga

Negra *Dhestroyer*, tam bém conhecido com o Butch O’Neal, estava sentada à sua

escrivaninha no Lugar Seguro. Quando a poltrona em itiu um rangido, ela bateu a

ponta da sua caneta Bic no calendário que cobria a m esa e passou o telefone para

a outra orelha.

Interrom pendo a torrente de palavras, ela disse:

– Garanto que aprecio o convite, porém , não posso…

A fêm ea do outro lado da ligação não perdeu o ritm o. Continuou falando, sua

entonação aristocrática preenchendo o espaço, até parecer adm irável que o

bairro inteiro não sofresse um a sobrecarga.

– … e consegue entender o m otivo de precisarm os da sua aj uda. Será o

prim eiro Festival Dançante do Décim o Segundo Mês a acontecer após os

ataques. Com o *shellan* de um Irm ão e m em bro de um a das Fam ílias Fundadoras,

você seria a anfitriã perfeita para tal evento…

Tentando dar m ais um a chance à *recusa*, Marissa a interrom peu:

– Não sei se é de seu conhecim ento, porém , eu trabalho em tem po integral com o diretora do Lugar Seguro e…

– … e o seu irm ão disse que você seria um a boa escolha.

Marissa se calou.

Seu prim eiro pensam ento foi o de que era quase im provável que Havers, o m édico da raça e seu irm ão m uito, m as m uito distanciado, a tivesse recom endado para qualquer coisa que não fosse um túm ulo precoce. O segundo envolvia exclusivam ente cálculos m atem áticos… Há quanto tem po não falava com ele? Dois anos? Três? Não desde que ele a expulsara da casa deles, uns cinco m inutos antes do nascer do sol, quando ficara sabendo do seu interesse por um m ero hum ano.

Que acabaram descobrindo se tratar de um prim o de Wrath e a encarnação da lenda do *Dhestroyer*.

Tá gostando de mim agora? , ela ouviu em sua cabeça.

– Dito isso, você *tem* que presidir o evento – concluiu a fêm ea. Com o se o assunto estivesse resolvido.

– Você precisa m e desculpar. – Marissa pigarreou. – Mas o m eu irm ão não está em posição de oferecer o m eu nom e para nada, considerando que ele e eu não nos vem os j á há algum tem po.

Quando apenas um silêncio absoluto se fez na conversa, ela concluiu que devia ter m encionado os podres da fam ília uns dez m inutos antes: os m em bros da *glymera* observavam um código de com portam ento m uito rígido, e expor a colossal fissura em sua linhagem , m esm o ela sendo am plam ente conhecida, era

algo que sim plesm ente não se fazia.

Era m uito m ais apropriado deixar que os outros cochichassem a respeito às suas costas.

Infelizm ente, a fêm ea se recobrou e m udou de tática:

– De todo m odo, é de im portância vital que todos os m em bros da nossa classe retom em os festivais…

Um a batida à porta do seu escritório fez com que Marissa desviasse o olhar.

– Sim ?

No telefone, a fêm ea exclam ou:

– Maravilha! Você pode vir à m inha propriedade…

– Não, não. Alguém está precisando de m im – ela disse m ais alto. – Pode entrar.

No instante em que viu a expressão de Mary, im precou. Não eram boas notícias. A *shellan* de Rhage era sem pre absolutam ente profissional, e para ela estar daquele j eito? Era algum problem a grave…

Aquilo na blusa dela era *sangue*?

Marissa deixou seu tom de voz m ais grave e abandonou qualquer sinal de boa educação.

– A m inha resposta é não. O m eu trabalho consom e todo o m eu tem po. Além do m ais, se está tão interessada nisso, você m esm a deveria assum ir o posto. Passar bem .

Recolocando o fone no gancho, levantou-se.

– O que aconteceu?

– Acabam os de acolher alguém que precisa de cuidados m édicos im ediatos. Não estou conseguido encontrar a doutora Jane e nem Ehlena em lugar nenhum . Não sei o que fazer.

Marissa apressou-se para a frente da escrivaninha.

– Onde ela está?

– Lá em baixo.

As duas desceram as escadas correndo, Marissa na frente.

– Com o ela chegou?

– Não sei. Um a das câm eras de segurança pegou a im agem dela no j ardim , se arrastando.

– *O quê?*

– O m eu celular disparou o alarm e, e eu corri para fora com Rhy m . Nós a carregam os até a sala de estar.

Fazendo a curva no andar de baixo, Marissa derrapou num dos tapetes.

E parou de pronto.

Quando viu a condição da fêm ea sobre o sofá, levou a m ão à boca.

– Ah, m eu Deus… – sussurrou.

Sangue. Havia sangue em todo lugar, pingando no chão, encharcando as

toalhas brancas pressionadas sobre os ferim entos, em poçando-se sob um dos pés

da fêm ea sobre o carpete.

A j ovem fora surrada tão violentam ente que não havia com o identificá-la, suas feições estavam inchadas e, se não fosse pelos cabelos longos e pela saia rasgada, não saberia determ inar o seu sexo. Um braço estava evidentem ente deslocado, pendurado a partir do om bro… e ela só estava calçando o sapato de salto esquerdo, as m eias de seda rasgadas.

A respiração dela era m uito, m uito superficial. Apenas um ruído no peito, com o se estivesse se afogando no próprio sangue.

Rhy m , a supervisora, levantou o olhar de sua posição agachada ao lado do sofá. Em m eio às lágrim as, sussurrou:

– Não acho que ela vá sobreviver. Com o poderia…?

Marissa tinha que se recom por. Era a única opção.

– Não conseguiram localizar nem a doutora Jane nem Ehlena?

– Tentei na m ansão – Mary respondeu. – Na clínica. Os celulares delas. Duas vezes em todos os lugares.

Por um a fração de segundo, Marissa se aterrorizou com o que aquilo podia significar para a sua própria vida. Os Irm ãos estavam feridos? Butch estaria bem ?

Isso durou apenas um segundo.

– Me dê o seu celular… E levem as residentes para o anexo Wellsie. Quero todas lá, para o caso de eu ter que trazer um m acho.

Mary lhe passou o telefone e assentiu.

– Já vou cuidar disso.

O Lugar Seguro era exatam ente isso: um espaço seguro para as fêm eas vítim as de violência dom éstica em busca de abrigo e reabilitação j unto a seus filhos. E depois de Marissa ter passado incontáveis séculos inúteis na *glymera*, sendo apenas a noiva não reclam ada do Rei, encontrara a sua vocação ali, a serviço daquelas que tinham sido, na m elhor das hipóteses, abusadas verbalm ente, e na pior, tratadas de m aneira horrenda.

Não era perm itida a entrada de m achos ali.

Mas, para salvar a vida daquela fêm ea, ela teria que infringir a regra.

Atenda o telefone, Manny, pensou no prim eiro toque. *Atenda o seu maldito telefone…*

Capítulo 2

NÃO ERA A IRMANDADE INTEIRA.

Na verdade, só havia dois Irm ãos com o Rei.

Enquanto Abalone, Prim eiro Conselheiro de Wrath, filho de Wrath, pai de Wrath, entrava na sala de audiências para se postar diante de seu governante, estava m uito ciente da presença dos outros m achos. Nunca vira aqueles m achos serem outra coisa que não apenas protetores e civilizados, m as, levando-se em consideração que estava para entregar sua única filha para eles, seus outros atributos m ais evidentes eram com o gritos na noite.

O Irm ão Vishous o encarava com seus olhos de diam ante que não piscavam . Aquelas tatuagens na têm pora esquerda pareciam particularm ente sinistras, o corpo m usculoso envolvido em couro preto e coberto por arm as. Ao seu lado estava Butch, tam bém conhecido com o *Dhestroyer* – um antigo hum ano com sotaque de Boston que fora infectado por Ôm ega e deixado para m orrer, só para se revelar um dos poucos a sobreviver a um a transição forçada.

Os dois raram ente se desgrudavam , e era tentador atribuir-lhes os papéis de policial m alvado e policial bonzinho. Naquele instante, contudo, o paradigm a estava alterado. Butch, o m acho que tendia a sorrir e conversar com as pessoas, parecia ser aquele a quem evitar num beco escuro: seu olhar castanho estava estreitado e decidido.

– Pois não? – Abalone disse ao Rei. – Posso servi-lo de algum m odo?

Wrath afagou a cabeçorra aloirada de seu cão guia, George.

– Os m eus rapazes precisam falar com você.

Ah, pensou Abalone. Já suspeitava do que aquilo se tratava.

Butch sorriu por um átim o de segundo. Com o se desej asse antecipadam ente atenuar a patada do que estava para sair de sua boca.

– Querem os ter certeza de que você sabe do que se trata o program a de treinam ento.

Abalone lim pou a garganta.

– Sei que isso é m uito im portante para Paradise. E espero que haj a aulas de defesa pessoal no program a. Eu gostaria que ela ficasse… m ais segura.

Esse benefício em potencial fora o único m otivo que o aj udara a aceitar a discrepância entre aquilo que esperava para a vida dela e o que ela própria parecia escolher.

Quando não houve nenhum a resposta, Abalone olhou de um Irm ão para outro.

– O que vocês não estão m e contando?

Vishous abriu a boca, m as Butch levantou a m ão para calá-lo.

– A sua função j unto a Wrath vem em prim eiro lugar.

Abalone se retraiu.

– Está dizendo que Paradise não poderá participar por causa da m inha posição aqui? Santa Virgem Escriba, por que não nos disseram …

– Precisam os que entenda que o que vai acontecer não serão apenas aulas expositivas. Isto é um preparo para a guerra.

– Mas os candidatos não têm necessariam ente que lutar nos becos durante o

treinam ento, correto?

– O que nos preocupa está aqui. – O Irm ão indicou a sala. – Não podem os

perm itir que nada afete o seu relacionam ento com Wrath e o que você faz para o

Rei. Paradise é bem -vinda no program a assim com o qualquer outro, m as não se

a perspectiva de ela desistir ou ser cortada puder criar tensão entre nós.

Abalone exalou aliviado.

– Não se preocupem com isso. Ela será bem -sucedida ou fracassará por

m érito próprio. Não espero um tratam ento especial para ela… E se ela não

conseguir acom panhar? Então terá que ser dispensada.

Na verdade, ainda que j am ais dissesse isso em voz alta, ele tanto rezava quanto

esperava que esse fosse o caso. Não queria que Paradise se desapontasse com

seu em penho, m as… a últim a coisa que queria era que sua filha fosse exposta a

qualquer podridão – ou, Deus proibisse, que de fato tentasse com bater na guerra.

Sequer conseguia im aginar essa últim a possibilidade.

– Não se preocupem – reiterou, olhando para os Irm ãos e para o Rei. – Tudo

ficará bem .

O Irm ão Butch olhou para Vishous. Depois voltou a olhar para ele.

– Você leu o form ulário de inscrição, certo?

– Ela o preencheu.

– Então não o leu?

– Isso é algo que ela está fazendo por conta própria. Com o seu pai e *tuhtor*, eu deveria ter assinado?

Vishous acendeu um cigarro enrolado à m ão.

– Talvez queira estar preparado, não?

Abalone assentiu.

– Estou. Juro, estou preparado.

Paradise era um a fêm ea educada apropriadam ente dentro das tradições da aristocracia. Vinha trabalhando em seu condicionam ento físico nos dois últim os m eses – de fato, com bastante em penho –, e ele sentia a em polgação em anando

dela enquanto concluía seu trabalho ali e se preparava para deixar o seu posto.

No entanto, havia boas chances de que depois da orientação na noite seguinte, quando o trabalho de verdade com eçasse, ela se visse desistindo… ou sendo dispensada.

Testem unhar o seu fracasso o m ataria por dentro.

Mas antes isso a vê-la m orrendo no cam po de batalha só para provar que ela era m uito m ais do que aquilo ditado pela sua posição aristocrática.

Enquanto o par de Irm ãos continuava a olhar para ele, Abalone abaixou a cabeça.

– Sei que não vai term inar bem para ela. Estou m ais do que preparado para

enfrentar isso. Não sou ingênuo.

Depois de um instante, Butch disse:

– Ok. É j usto.

– Mais algum a coisa, m eu senhor? – Abalone perguntou ao Rei.

Quando Wrath m eneou a cabeça, Abalone fez um a reverência a cada um deles.

– Agradeço a preocupação. Paradise é o que tenho de m ais precioso… É tudo o que m e restou de m inha am ada *shellan*. Sei que ela estará em m ãos j ustas e gentis am anhã.

Quando ele se virou para se retirar, os Irm ãos continuaram sérios, m as, pensando bem , ele não sabia o que se desenrolava na guerra. E sem pre havia algo acontecendo. As lutas e as estratégias não eram coisas com as quais ele se envolvia, o que o deixava extrem am ente grato.

Assim com o ficaria caso Paradise saísse do program a.

Na verdade, o que m ais desej ava era que a *mahmen* dela ainda estivesse viva. Talvez tudo aquilo fosse desnecessário se sua *shellan* estivesse presente para enfiar um pouco de j uízo na cabeça da j ovem .

Abrindo as portas, ouviu um barulho na sala de espera.

– Paradise?

Ele cam inhou pelo vestíbulo e, ao fazer a curva para entrar na sala de espera, sua filha se endireitava ao apanhar canetas verm elhas que derrubara da m esa.

– Está tudo bem ? – ele perguntou.

O olhar dela encontrou o seu.

– Está? O senhor vai perm itir que eu vá am anhã à noite?

Abalone sorriu, e tentou esconder a tristeza do olhar e da voz.

– Claro. Você está no program a, isso foi decidido m eses atrás.

Ela correu para o pai e o abraçou, segurando-o com firm eza, com o se estivesse convencida de que lhe negariam aquilo que ela tanto queria.

Abraçando a filha, Abalone teve leve ciência dos Irm ãos e do Rei saindo pela porta da frente. Não prestou atenção neles.

Estava ocupado dem ais desej ando poupar a filha de todo e qualquer desapontam ento. No entanto, isso não estava entre as habilidades parentais que lhe foram concedidas no m om ento de seu nascim ento.

Ah, com o queria que sua *shellan* estivesse ali e não no Fade.

Ela teria lidado m uito m elhor com tudo.



De pé j unto à tão m altratada fêm ea, Marissa fechou os olhos ao ouvir a voz gravada de Manny em sua caixa de m ensagens pela terceira vez. *Que diabos* estava acontecendo na clínica?

Bem quando ela estava prestes a ligar novam ente, o seu telefone tocou.

– Graças a Deus! Manny ? Manny ?

Algo no tom da sua voz fez com que a fêm ea se m exesse, o rosto

ensanguentado se m ovendo ao encontro das alm ofadas do sofá. Deus, o chiado daquela respiração bastava para que seu coração saísse do com passo.

– Não, é Ehlena – disse a voz ao seu ouvido. – Manny e Jane estão fazendo um a cirurgia de em ergência em Tohr. Ele está com um a fratura m últipla no fêm ur e eu tenho que voltar para a sala de cirurgia. Algum problem a?

– Quanto tem po isso vai dem orar? – ela perguntou.

– Acabaram de com eçar.

Marissa fechou os olhos.

– Ok, por favor, peça que m e liguem assim que puderem , por favor. Tenho um … – Virou-se de costas e abaixou a voz. – Tenho um traum a que acabou de chegar aqui. Não sei se tem os tem po suficiente.

Ehlena praguej ou.

– Não podem os dispensar ninguém . Não pode ligar para Vishous? Ele tem treinam ento m édico, pode conseguir estabilizar o paciente.

Marissa tentou visualizar o Irm ão entrando na casa. Não era a sua prim eira escolha, e não por não confiar no m acho. O m elhor am igo do seu *hellren* era um vam piro form idável em todos os sentidos.

A sua aparência é que era aterrorizante.

Mas, pensando bem , se todas estavam no Anexo Wellsie…

– Boa ideia. Obrigada.

– Pedirei que liguem para você assim que term inarem .

– Por favor, faça isso.

Encerrando a ligação, ela ligou para V. e foi atendida pela m aldita caixa de

m ensagens.

– *Merda*.

Rhy m perguntou ao pressionar um a toalha em um ferim ento aberto no om bro

da fêm ea:

– Quando eles vêm ?

O fim da noite se aproxim ava. V. poderia estar em trânsito entre os becos do

centro de Caldwell e a m ansão. Ou… poderia estar ocupado lutando contra o que

quer que tenha ferido Tohr daquela m aneira.

Quando a fêm ea deitada no sofá com eçou a tossir sangue, sua decisão foi

tom ada num a fração de segundo. A últim a coisa que desej ava era pedir aj uda de

seu irm ão, m as não poderia viver com sua consciência se seus problem as

pessoais custassem a vida de alguém .

Marissa ligou para o celular de Havers que sabia de cabeça, com a esperança

de que ele não tivesse trocado o núm ero. Um toque… Dois toques…

– Alô? – atendeu sua voz.

– Sou eu. – Antes que houvesse espaço para um silêncio constrangedor ou

sequer um olá, ela disse: – Tem os um a em ergência m édica no Lugar Seguro.

Preciso que venha im ediatam ente, ou que m ande alguém . Os m édicos da Irm andade estão na sala de cirurgia e não tem os m uito tem po.

Houve um a ligeira pausa, com o se o principal m édico da raça estivesse passando do m odo “pessoal” para o “profissional”.

– Levarei apenas um instante para chegar. É algum traum a?

– Sim . – Marissa voltou a abaixar a voz. – Ela foi surrada terrivelm ente e… violentada. Há m uito sangue. Não sei…

– Vou levar um a enferm eira. Já afastou os outros m oradores?

– Sim .

– Destranque a porta da frente.

– Encontro você lá.

Foi só isso.

Pelo visto, o universo estava determ inado a colocar o irm ão no seu radar aquela noite. Prim eiro aquele telefonem a idiota da *socialite*, agora…

Marissa acenou para Rhy m .

– A aj uda está a cam inho.

Através do olho que não estava com pletam ente obstruído pelo inchaço, a fêm ea ferida tentou focar o olhar.

Marissa se inclinou na direção dela e tom ou-lhe a m ão ensanguentada.

– O m eu irm ão está vindo para cuidar m uito bem de você.

Por um m om ento, ela se perguntou se deveria não ter m encionado que seria

um m acho que a trataria. Mas a fêm ea não parecia estar com preendendo.

Santa Virgem Escriba, e se ela m orresse antes da chegada dele?

Marissa se agachou, aj eitando o cabelo loiro atrás da orelha.

– Você está segura aqui e vai ficar tudo bem . – Aquele único olho aberto perscrutou o seu rosto. – Você tem algum parente para quem podem os ligar? Há alguém que podem os m andar cham ar para você?

A cabeça da fêm ea se m oveu de um lado para o outro.

– Não? Tem certeza? – O olho se fechou. – Pode m e dizer quem fez isso com você?

O rosto se virou.

Merda.

Recuando, Marissa foi para o corredor na frente da casa. Havia j anelas estreitas e com pridas nas laterais da porta, e ela ficou olhando para o j ardim . As árvores que há poucas sem anas estavam tão coloridas despej avam suas folhas rubras, douradas e am arelas, revelando os galhos espigados com o os ossos de um cão m agro dem ais.

Foi im possível não espiar o reflexo no espelho ao lado da porta e verificar se os cabelos estavam aj eitados e a m aquiagem ainda se sustentava após um a j ornada de quase dez horas de trabalho.

Na época em que vivia com o irm ão, usava vestidos de seda e j oias pesadas, e os cabelos ficavam sem pre bem penteados no alto da cabeça. Agora? Ela estava com calças Ann Tay lor, um a cam isa com gola alta e um par de sapatos Cole Haan que usava para dirigir por serem confortáveis. Nenhum a j oia a adornava exceto o pequeno crucifixo de ouro que usava porque o deus de Butch era im portante para ele e seu *hellren* lhe dera aquele colar em sua últim a celebração de Natal. Ah, e ela tam bém estava com um par de brincos de pérola nas orelhas.

Apesar de a transição de Butch ter sido induzida e do seu *status* com o m em bro da Irm andade e parente do Rei, seu m acho perm anecia fundam entalm ente hum ano, desde seu sistem a de crenças católicas e seu gosto por cinem a e literatura até suas opiniões quanto ao que queria num a "esposa", um resultado de sua criação em m eio aos *Homo sapiens*.

Tocando na correntinha de ouro no pescoço, franziu a testa quando lutou contra a necessidade de tirá-la porque seu irm ão não a aprovaria.

Mas, convenham os, quer o sím bolo da sua vinculação estivesse ou não em seu pescoço, aquilo não m udaria absolutam ente nada. Aos olhos do irm ão, ela tom ara um rato cotó com o *hellren*, e essa desgraça j am ais seria perdoada.

Um a fração de segundo depois, duas som bras se m aterializaram do nada na calçada. Um a m ais alta e m asculina, vestindo um j aleco branco, a outra m enor e fem inina num tradicional uniform e de enferm eira.

Quando se aproxim aram e foram ilum inados pelas luzes de segurança, Marissa esfregou as palm as suadas nas calças. Havers estava exatam ente igual ao que sem pre fora, desde a gravata borboleta e os óculos de arm ação de casco de tartaruga até os cabelos escuros repartidos de lado, m antidos no lugar com o um personagem de *Mad Men*.

No últim o instante, Marissa girou o crucifixo para a nuca e abriu a porta. Tentando não parecer nervosa, anunciou:

– Ela está na sala de estar.

Nenhum "olá, com o tem passado?", tam pouco um "ei, j á deixou de ser um cretino preconceituoso?", m as, pensando bem , aquela era um a em ergência m édica, não um a visita social.

– Marissa – disse o irm ão, acenando com a cabeça e parando ao seu lado. – Esta é Cannest, m inha chefe de enferm agem .

– É um prazer – disse educadam ente a enferm eira.

Marissa assentiu para a fêm ea.

– É por aqui.

Suas pernas estavam rij as ao acom panhá-los pela casa m odesta com sua m obília com um . Por algum m otivo absurdo, ela se visualizou com o um flam ingo, com os j oelhos virados para o lado errado. Nesse m eio-tem po, todos os tipos de recordações fervilhavam sob a superfície do seu consciente, apenas o peso

psíquico da tragédia que se desenrolava na sala ao lado m antendo a tam pa fechada sobre as suas em ções.

Seu irm ão parou no arco de entrada da sala e entregou sua m aleta de m édico à assistente.

– A m inha enferm eira fará a triagem , e m e inform ará sobre as condições dela. Será m elhor que um m acho não faça esse prim eiro exam e.

Marissa deslizou o olhar para o de Havers pela prim eira vez e notou que os olhos dele ainda eram do exato tom de azul dos seus. Com o se isso pudesse m udar, não?

– É m uita consideração da sua parte – ela com entou antes de olhar para a auxiliar. – Me acom panhe.

Na sala, a enferm eira foi direto para o sofá, e foi gentil com Rhy m ao substituí-la ao lado da paciente. A vítim a se m exeu com o se reconhecesse um a presença nova diante dela e depois gem eu quando teve a pulsação e a pressão exam inadas.

Marissa ficou de lado, cruzando os braços sobre o peito, com a boca coberta pela m ão. *Os movimentos eram um bom sinal,* disse a si m esm a. Significavam que a pobre m oça ainda estava viva.

– Tom e cuidado – ela disse de repente, quando a enferm eira apalpou o braço e lágrim as se m isturaram ao sangue do rosto surrado.

Bom Deus, quem havia feito aquilo? Só podia ser um m em bro da raça… Não

conseguia captar nenhum cheiro hum ano im pregnado nela.

Marissa teve que baixar o olhar quando o exam e se tornou m ais íntim o, e gesticulou para que Rhy m se j untasse a ela na arcada, com o se protegesse a privacidade que seu irm ão j á estava respeitando.

Depois do que lhe pareceu um a eternidade, a enferm eira conversou em voz baixa com a fêm ea e aproxim ou-se deles, acenando para que Marissa a seguisse até onde Havers aguardava com as m ãos entrelaçadas atrás das costas. Ele curvou a cabeça enquanto ouvia o que a enferm eira dizia num tom baixo:

– Ela tem extensos danos internos – a fêm ea relatou. – Terá que ser operada im ediatam ente para ter chances de sobreviver. O braço é o m enor dos problem as

dela.

Havers assentiu e relanceou para Marissa.

– Tom ei a liberdade de providenciar um transporte. Ele deve chegar em aproxim adam ente quinze m inutos.

– Irei com ela. – Marisa estava pronta para discutir. – Até encontrarm os um parente, serei sua *thutora*.

– Sim , claro.

– E arcarei com os custos do tratam ento.

– Não será necessário.

– Certam ente é necessário. Vou pegar as m inhas coisas.

Afastando-se, ela falou com Rhy m , depois apressou-se até o seu escritório e pegou o celular, a bolsa e o casaco.

Pensou em telefonar para Butch, pois havia a possibilidade de não conseguir voltar para casa, m as ainda não tinha certeza quanto a isso. E, infelizm ente, se ela

ligasse para seu *hellren* toda vez que surgisse um a em ergência no trabalho? Ela acabaria desgastando o toque de cham ada do celular dele.

A m eio cam inho descendo a escada, ela percebeu que havia outro m otivo para não falar com ele.

Aquilo era m uito sem elhante ao que acontecera com sua irm ã.

E existia a possibilidade de ser exatam ente a m esm a coisa, caso a fêm ea viesse a m orrer em decorrência dos ferim entos.

Não, pensou ao voltar para o térreo. Ele j á tinha m uitos afazeres sem ter que disparar aquele gatilho em sua m assa cinzenta um a vez m ais.

– Estou pronta – disse ao irm ão, com o se o desafiasse a fazê-la m udar de ideia.

– A am bulância chegará em dois m inutos. Terei que acom panhá-la tam bém ...

Ela vai precisar se alim entar de sangue para ter algum a chance de sobrevivência.

Havers curvou-se ligeiram ente e refez seus passos até a porta de entrada.

Quando dobrou no corredor, Marissa sacudiu a cabeça.

A ideia de que ele daria o próprio sangue para aj udar um a fêm ea

desconhecida, que não devia passar de um a cidadã com um , era tanto incrível… quanto um a fonte de frustração.

Que o m acho pudesse ser tão gentil com seus pacientes e tão cruel com ela pessoalm ente parecia-lhe um a contradição insuportável.

Mas assim era a *glymera*. Dois pesos, duas m edidas em abundância.

E não raram ente estavam acostum ados a ferrar as filhas, as irm ãs e as m ães.

Capítulo 3

PARADO NO AMPLO E COLORIDO vestíbulo da m ansão da Irm andade da Adaga Negra, Butch franziu a testa ao olhar para o celular. Consultara as horas em seu relógio de pulso Audem ars Piguet uns três m inutos antes, m as im aginou que, quem sabe, o seu Sam sung sei-lá-o-quê lhe desse um a resposta m ais satisfatória.

Negativo.

E seu sétim o telefonem a para Marissa tam pouco fora atendido. Assim com o os seis anteriores.

Ao longe, a conversa e os barulhos sutis da Últim a Refeição sendo consum ida borbulhavam na sala de j antar.

Sem nenhum bom m otivo, relem brou a prim eira vez que ouvira sons com o aqueles. Fora no que agora era a casa de audiências. Na época, era um detetive de hom icídios descontrolado e à procura de um a fonte de destruição com pleta a

fim de dar cabo de vez à sua vida.

E foi então que um turbilhão de eventos inesperados aconteceu.

Beth foi a prim eira a ser levada pelo vento, sua herança genética m ista de

m eio hum ana, m eio vam pira tragando-a. Já a sua entrada fora algo

com pletam ente diferente.

Se forem sangrar o humano, teriam a gentileza de fazê-lo no pátio dos fundos?

– Conseguiu falar com ela?

Butch fechou os olhos ante a fam iliar voz m asculina. Mesm o não sendo nem

m esm o parcialm ente verdade, às vezes ele sentia com o se os resm ungos ásperos

de Vishous estivessem em sua m ente a vida inteira.

– Não.

Conform e o Irm ão se aproxim ava, o cheiro de tabaco turco o antecedeu, e

Butch inspirou fundo. Talvez tivesse ficado chapado por tabela, ou quem sabe

fosse a presença desagradável do m aldito, m as o volum e dos gritos de pânico em

seus ouvidos dim inuiu um pouco.

– Já ligou pro escritório dela no Lugar Seguro? – V. perguntou, exalando

fum aça.

– Caixa postal. E liguei para a Mary tam bém . Nada.

– Cacete…

O toque sutil do m onitor de segurança fez com que sua cabeça guinasse.

Quando viu a im agem na tela, avançou em direção à porta do vestíbulo, quase arrancando-a das dobradiças.

– Ah, Deus… Por onde você andou…

Apossou-se de sua Marissa com tam anha velocidade e determ inação que o resto das besteiras que saíam da sua boca se perdeu enquanto a abraçava.

– Desculpe – ela disse com a voz abafada. – Eu estava cuidando de um caso. Não m e dei ao trabalho de te ligar porque quase não tinha tem po hábil para voltar

para casa.

Afastando-se um pouco, am parou-lhe o rosto entre as m ãos e olhou para ela.

– Você está bem ?

– Sim , claro. E eu sinto m uito…

Ele a beij ou, estrem ecendo quando sentiu as m ãos subirem por suas costas.

– Não, não. Sou eu quem pede desculpas. Só o que im porta é que você está bem .

Diabos, o sol era algo aterrorizante. Um vam piro apanhado ao am anhecer não passava de um a fogueira com roupas, e por m ais que Marissa estivesse bem protegida no Lugar Seguro, coisas ruins podiam acontecer: os hum anos eram idiotas im previsíveis e os assassinos eram absolutam ente letais.

Quando se separaram , ela sorriu.

– Estou bem , estou bem .

Ah, tá, ele pensou quando os olhos dela evitaram os seus.

Ele a puxou pelo braço.

– Vem com igo.

– Mas a Últim a Refeição j á foi servida…

– E quem se im porta?

Atraindo-a para a sala de bilhar, ele os teria fechado ali caso houvesse portas para se fechar.

– O que aconteceu? – exigiu saber.

Ela vagueou um pouco, seu corpo incrível transform ando as roupas sim ples em alta-costura.

– Nada que j á não tenha ouvido falar, infelizm ente.

Butch fechou os olhos. Às vezes, odiava o trabalho dela. Odiava m esm o. Contudo, quanto m ais difícil ele se m ostrava, m ais ela lutava, e por m ais que o afetasse vê-la cansada, abatida, até m esm o desencoraj ada vez ou outra, ele a respeitava pra cacete pelo que fazia pela raça. E nem tudo era ruim . Quando as pessoas que ela aj udava voltavam a ter vidas independentes, sua *shellan* reluzia com o o sol.

Os olhos dela passearam pelo côm odo, m as ele perm aneceu concentrado nela.

E, Jesus, m esm o depois de um a longa e extenuante noite, ela ainda lhe roubava o

fôlego. Sua beleza era lendária na raça, algo de que se com entava há gerações e

ainda era reverenciado, e o m otivo era evidente. O rosto era um a com pilação de

ângulos perfeitos; a pele, suave e lum inosa com o um a pérola; os olhos azuis, da

cor de um a m anhã gloriosa; aqueles lábios, tão rosados e m acios. E tam bém

havia o cabelo loiro passando dos om bros e, sim , ah sim , a silhueta, do tipo que

deixava os m achos de j oelhos – e os m antinha ali em baixo.

Às vezes ainda não acreditava que ela estava com ele. Ele. Um cara do sul de

Boston, de origem irlandesa, com um dente da frente lascado, um passado ruim e

um a infinidade de vícios que não fora capaz de subj ugar até antes de conhecê-la.

E tam bém havia aquela m erda de Ôm ega.

Todavia, sua *shellan* o am ava, por algum m otivo inexplicável.

– Você não está falando com igo – ele sussurrou, afastando o cabelo dela para

as costas e m assageando seu pescoço, seus om bros rígidos, seus braços tensos. –

Você sabe que detesto quando não sei o que está acontecendo.

Quando um coro de risadas explodiu do lado oposto ao vestíbulo, Marissa se

aninhou nele, o quadril se chocando contra todo tipo de diversão.

E, que surpresa, a ereção foi instantânea, o pau engrossando e se alongando

por trás da braguilha da calça de couro.

Envolvendo-o pelo pescoço, ela se apoiou nele e encostou os seios em seu

peito.

– Não está com fom e?

Rugindo no fundo da garganta, ele passou os braços por trás e a segurou pelas nádegas. Um a palm a cheia em cada banda, nada m ais, firm es com o as de um a ginasta… Ah, Deus, estava com eçando a suar.

Só que ele sacudiu a cabeça.

– Isso não vai funcionar. Você não vai m e distrair…

Em seguida, porém , Marissa abriu a boca e estendeu as presas. Aproxim ando-se, resvalou os caninos no lábio inferior dele, a sensação da ponta afiada em sua pele arrancando-lhe um gem ido.

– Parece que você está precisando de algum a coisa – ela sussurrou ao encontro da boca dele. – Quer m e dizer o que é? – A língua dela se esticou e abriu cam inho com um a lam bida. – O que é, Butch? Pode m e contar do que você precisa…

– De você – ele grunhiu. – Eu preciso de você.

Depois da transição, quando o corpo se desenvolveu por com pleto e se transform ou naquela dem onstração de poder, ele se acostum ara às façanhas da força física, e tam bém àquela fraqueza ressonante no que se referia à sua fêm ea e ao sexo. Precisara de m ulheres de tem pos em tem pos na época em que fora estritam ente hum ano, m as nada com parado à luxúria estrondosa que Marissa

lhe

provocava num piscar de olhos. Num olhar. Num toque. Num a ou duas frases…

Às vezes, bastava apenas a pura fragrância de oceano dela…

Bum! Era com o se alguém tivesse explodido seus m iolos.

– *Marissa.*…

Sua pélvis circundou a ereção dele e logo ela se distanciou.

– Vem cá.

Ela poderia ter m andado ele fazer um a série de coisas – fique de ponta-cabeça, raspe as sobrancelhas, arranque seu braço –, que ele teria obedecido em um átim o. Segui-la? Com a possibilidade de fazê-la alcançar um orgasm o? Ou seis?

Sim, senhora, por favor, obrigado, como posso servi-la?

Marissa o conduziu para trás do bar e o em purrou contra as prateleiras de bebidas. Com m ãos apressadas, correu os dedos até o zíper e, que Deus o aj udasse, ele se agarrou à bancada de granito enquanto a via soltar cada um dos botões, a extensão da ereção forçando o tecido a se abrir conform e ela descia.

E logo ela o segurou.

– Caraaaaalho… – Sua cabeça pendeu para trás, m as ele queria olhar para ela…

Seu corpo inteiro vacilou quando a m ão dela acariciou o m astro.

– Gosta de ver quando faço isso com você? – Ela o m anej ava com m aestria,

para cim a e para baixo. – Gosta, Butch?

– Sim – ele sussurrou, expelindo a palavra. – Gosto… de te ver… com as m ãos em m im …

– E quanto à m inha boca?

As bolas dele se contraíram e um orgasm o disparou para a cabeça do pau, pronto para explodir, e isso foi antes de ela se aj oelhar diante dele, desaparecendo por trás da proteção da frente do bar.

Não conseguiria aguentar m uito, m as, que se foda, ele queria aquela sensação, aquele calor, a sugada úm ida, m esm o que por um segundo só… Mas sem ver. Teve que fechar os olhos. Se a visse assim , com a boca bem aberta, os lindos cabelos espalhados sobre sua calça de couro, o olhar azul encarando-o com o se ela apreciasse o seu gosto…

O que, evidentem ente, não podia ser verdade. Mas aquela seria um a m entira que ele não contestaria…

Quando o nom e dela reverberou em sua garganta, aquela sucção era exatam ente o que ele buscava, deslizante, suave, tão sensual que ele teve que abrir os olhos. Com a cabeça para a frente, teve a visão desim pedida dos sofás de couro, das m esas de bilhar, da arcada de entrada. Se alguém por acaso aparecesse ali – algo im provável por causa da Últim a Refeição –, só o veria com um a expressão pornográfica no rosto. Marissa estava escondida atrás da

bancada

longa e alta do bar. E outra notícia boa? O cheiro da vinculação estava *muito* espalhado, os arom as picantes tão fortes que serviriam de alerta para o que estava acontecendo ali, e de que o pessoal precisaria lhes dar um tantinho de privacidade.

Marissa trabalhou na cabeça e no tronco com a boca, fustigando-o do j eito que ele gostava, e ele fechou os olhos de novo – pensando nos Patriots j ogando contra

os Giants… Naquilo que estava sendo servido na sala de j antar… Na possibilidade de Lassiter obrigá-los a assistir *The Bachelor* ou talvez a porra da Rachael Ray e seu m aldito azeite de oliva extravirgem no program a de culinária.

A im agem da pequena *chef* tirana foi o filtro que m elhor funcionou, bloqueando parte das sensações, ou pelo m enos o suficiente para não gozar em cim a da sua *shellan*.

Na verdade, seu tem or quanto a esse resultado funcionou ainda m elhor.

Inferno do cacete, o horror que ele sentiria se gozasse na boca dela ou, Deus do céu, no rosto dela…

Não, não. Nada disso. Isso não aconteceria.

Despregando as garras da bancada atrás de si, desceu as m ãos e, com gentileza, puxou-a pelos om bros.

– Para… – grasnou. – Você tem que parar agora.

As sensações abaixo da cintura estavam ficando tão fortes quanto um a detonação, a ponto de, apesar de todas as distrações e da sua vigilância, elas estarem bem próxim as de assum ir o controle, subm ergindo-o em grandes ondas

de êxtase de alta octanagem .

Cerrando os dentes, seu rosto se retorceu.

– Hora de parar… Hora de parar…

No últim o m om ento possível, ele forçou a cabeça dela para trás, girou o quadril para o lado e ej aculou sobre os arm ários onde grandes caixas com em balagens dos peixinhos dourados da Pepperidge Farm eram guardados.

Enquanto ele gozava, ela se debateu contra a pegada dele, com o se quisesse voltar para a ereção, m as ele não perm itiu até que seu quadril parasse de se sacudir e seu corpo todo relaxasse.

– Você devia ter m e deixado term inar – ela disse baixinho. – Você nunca m e deixa ir até o fim .

Voltando a se concentrar em sua com panheira, suspendeu o corpo dela, o pau ainda rij o topando contra os seios, o abdôm en, as coxas…

O som da cam painha do vestíbulo fez com que virassem as cabeças, e Butch refreou um xingam ento. Jesus, com o perm itira que acontecesse num local tão público? Pareceu-lhe um a ideia perfeitam ente aceitável enquanto estivera cego pelo desej o, m as aquele não era lugar para um a dam a com o ela pagar um

boquete para um suj eito insignificante com o ele, m esm o am bos estando vinculados.

Butch rapidam ente alisou os cabelos dela e depois com eçou a fechar os botões da braguilha.

– Precisam os continuar isso em casa.

– Até que foi divertido.

– Não.

Enquanto Fritz abria a porta para Xhex e Trez, Butch voltou para a realidade.

– … está m e devendo um a! – Xhex disse ao entrar.



– Devo m esm o – respondeu Butch. – Pode cobrar quando quiser.

Xhex o dispensou com um gesto, depois m irou nele com a ponta do dedo.

– Vou cobrar a sua prom essa.

– É m elhor m esm o.

Butch teve que sorrir, m as logo voltou a se concentrar em sua *shellan*.

– Deixe-m e te alim entar. E depois te levar nua para a cam a.

– Que bom . – Ela o beij ou e depois se virou para lim par o que ele havia…

– Não. – Butch segurou as m ãos dela sobre o papel toalha. – Eu faço isso.

Enquanto ele a afastava do cam inho, sentia que era observado, m as a ignorou.

De onde ele vinha, existiam dois tipos de m ulheres, e a sua com panheira pertencia à categoria das que eram idolatradas.

Ele devia saber disso. Tivera m ais do que sua cota de vadias.

A últim a coisa que j am ais faria era desrespeitar a sua Marissa. Seria o m esm o que incendiar um a igrej a, esquartej ar a Mona Lisa, ou j ogar um Porsche 918 num a ribanceira sem m otivo algum .

Portanto, não. Ela não lim paria a suj eira que ele causara.

Marissa tinha m ais com que se preocupar.

Visto que Butch insistiu em lim par tudo sozinho, saiu do seu cam inho e balançou a cabeça. Nunca entendera suas m anias em relação ao sexo, m as as aceitava. O que m ais restava fazer? Ele se recusava a discuti-las; toda vez que ela

trazia o assunto à baila, o fato de afastar sua boca sem pre que ele se aproxim ava

do clím ax, não tinha papo.

Além disso, naquele instante, a questão recorrente entre eles estava lá em baixo em sua lista de prioridades.

A fêm ea terrivelm ente ferida m al saíra viva da m esa de operações, e Marissa só voltara para casa porque não havia nada que pudesse fazer a não ser ficar sentada do lado de fora da UTI, à espera da notícia da falência dos órgãos dela. Ou de que eles voltaram a funcionar sozinhos. Deus, a cirurgia lhe pareceu tão com plicada quando a enferm eira lhe explicara o procedim ento, m as reparar os órgãos internos e rem over o baço não levara m ais do que um a hora.

Infelizm ente, ela perdera sangue dem ais, e m esm o depois de Havers ter lhe

dado a sua veia, os sinais vitais eram instáveis.

Quando seu irm ão saíra da sala de operações, olhara diretam ente nos olhos de Marissa e lhe disse que tinha feito o m elhor que podia.

Deixando de lado seus assuntos pessoais, acreditou nele.

De fato, havia praticam ente tragédia dem ais para suportar no caso. Era triste que ainda não soubessem o nom e da fêm ea, e ninguém tinha vindo procurar por ela. Abalone, o Prim eiro Conselheiro do Rei, verificara as m ensagens de e-m ail

e a secretária eletrônica da casa de audiências a seu pedido. Tam bém não houve nenhum a procura, tanto na clínica com o no Lugar Seguro.

A m oça era um fantasm a no sentido figurado… a cam inho de possivelm ente se transform ar em um literalm ente.

– Vam os? – Butch disse ao oferecer-lhe seu braço.

Marissa saiu de seus pensam entos e sorriu para o com panheiro.

– Sim , vam os.

Segurando-o, cam inhou ao seu lado pelo vestíbulo e entraram na sala de j antar form al. Depois do m om ento de privacidade que haviam acabado de ter, todo aquele falatório, riso e m ovim entação parecia um fuso horário social

com pletam ente diverso, e ela se sentiu um tanto oprim ida. Isso é que era capacidade m áxim a. Ainda que o pé-direito fosse im enso, e o piso m aior do que

um a pista de boliche, com a m esa de doze m etros centralizada repleta de Irm

ãos,

suas *shellans*, e outros soldados e residentes da casa, ali estava um alegre

congestionam ento.

Havia dois lugares vagos na extrem idade oposta, e eles avançaram até lá,

Butch puxando a cadeira para ela.

Quando se acom odou ao seu lado, ele se inclinou e a beij ou na boca.

– Com a rápido.

– Pode apostar – ela disse, m esm o não estando com fom e.

E, tinha que adm itir, não estava com pressa de retornar ao Buraco. A verdade

era que insistira em seduzi-lo porque sabia que era o único m odo de evitar que

seu m acho se preocupasse com ela.

Quando um prato com filé m ignon foi depositado na sua frente por um *doggen*,

Marissa rem exeu nele, cortou pedaços de carne que não experim entou, revolveu

o purê de batatas, espalhou as vagens. E depois pegou seu copo de cabernet

sauvignon e se recostou, observando a todos, ouvindo as suas histórias.

– … vai m e obrigar a fazer?

Concentrando-se em seu m acho enquanto ele falava, viu quando ele se

inclinou ao redor de John Matthew para fazer essa pergunta a Xhex.

A lutadora gargalhou.

– É m elhor m esm o você ficar com m edo de m im .

– Qualquer um que não fique é um tolo.

– Ah, você diz coisas tão calorosas… E não tenho pressa algum a em cobrar o

m eu favor. É m uito bom ter um m acho com o você m e devendo.

Sem nenhum m otivo, Marissa observou com o o corpo de Xhex era potente, os

om bros e o tronco entalhados com m úsculos ressaltados debaixo de sua cam iseta

colante enfiada dentro das calças de couro pretas. Considerando-se os cabelos

m uito curtos e os olhos cinza-escuros, ela, definitivam ente, era alguém que devia

ser levada a sério.

Por outro lado, Marissa traj ava suas calças de escritório e um a blusa saída de

um a escola inglesa.

Enquanto Butch levantava a palm a para um cum prim ento, Xhex bateu a dela,

produzindo um estalo alto o bastante apesar de todos os barulhos de fundo.

– É disso que estou falando! – Butch disse ao se recostar na cadeira. –

Inacreditável.

– O que é? – perguntou Marissa.

– Xhex foi… Bem , antes de tudo, eu estava nesse beco… Hum , m e deixe

voltar um pouco na história. – Cortou o ar com a palm a. – Na verdade, é m uita

coisa para explicar. Resum indo, eu estava acuado com dois *redutores* na m inha

frente, e Xhex estava com o celular do JM quando m andei um a m ensagem

pedindo apoio. Ela apareceu num segundo e… – Butch parou de repente e só

balançou a cabeça. – É isso.

Marissa esperou que ele continuasse.

– É isso…? O que aconteceu?

Butch pigarreou e sorveu um gole do Lagavulin em seu copo.

– Não im porta. Foi o de sem pre, sabe?

– Você estava em apuros, não estava?

Ele bebeu m ais um gole.

– No fim deu tudo certo.

– Graças a Xhex.

– Você não com eu nada.

Ela baixou o olhar para seu prato.

– Ah, é. Eu com i antes de sair do Lugar Seguro.

Os dois se calaram .

Enquanto farpas e piadas eram trocadas entre os Irm ãos, Marissa se sentiu recuando, indo para trás de um a tela invisível que abafava os sons e os sentidos.

– Pronta para ir? – Butch perguntou pouco depois, quando as pessoas com eçavam a se levantar da m esa.

– Sim . Sim , claro. Obrigada.

No m eio do cam inho até o arco de entrada, Butch parou para falar com V., os dois aproxim aram as cabeças e m urm uraram algo. Nesse ínterim , Xhex saiu da

m esa com seu com panheiro, a m ão de John trafegando pelas nádegas firm es, apertando-as e trazendo-a para j unto dele. Ele só tinha olhos para sua com panheira, o corpo de guerreiro obviam ente necessitando de um a válvula de escape.

A resposta?

Xhex em itiu um grunhido, os olhos da fêm ea se fixaram nos de John Matthew enquanto ela revelava suas presas, com o um a leoa m ontando o cenário do que, sem dúvida, seria um a m aratona de sexo.

Evidentem ente, ela tam bém tinha um as arestas que desej ava aparar com seu *hellren*.

– Estam os com binados para am anhã, então, certo? – V. disse ao oferecer a palm a para Butch.

– Certo. – Butch segurou a m ão do Irm ão e suas cabeças se aproxim aram um a vez m ais, as vozes se abaixaram de m odo que ela ouviu apenas trechos da conversa.

– Isso. Certo. Aham . Te vej o lá no Buraco?

– Pode apostar.

Butch deu um apertão no om bro enorm e de Vishous antes de se virar para Marissa.

– Vam os?

– Aham .

Quando Marissa foi seguindo com ele, percebeu que ainda segurava seu copo de vinho.

– Espere, deixe-m e colocar isto na m esa.

Indo contra a m aré, sorriu para Autum n e Tohr, acenou com a cabeça para Pay ne e Manny e com a m ão para Bella e Nalla do lado oposto da m esa.

Inclinando-se sobre o prato ainda cheio, m as todo rem exido, abaixou seu copo e

desej ou que Fritz e sua equipe deixassem que todos os aj udassem a retirar a m esa.

Quando se virou, parou.

Butch estava parado sob a arcada, as pernas naquelas calças de couro afastadas, as sobrancelhas unidas. Nada daquilo era estranho. Mas ele pegara a enorm e cruz de ouro debaixo da cam isa e estava m exendo nela, esfregando o peso entre seus dedos.

E um m au presságio a acom eteu.

– Marissa? – um a voz fem inina a cham ou.

Sobressaltando-se, sorriu para Bella.

– Oi. Vi vocês do outro lado da m esa. Você não é um a gracinha? – Afagou a bochecha de Nalla. – Acho que é sim … Claro que é.

– Está pesada dem ais para ser carregada. – Bella se inclinou para baixo e deixou a filha de pé nas perninhas agora firm es. – E estou pensando em com prar

tênis de corrida.

– Para você ou para ela?

Nalla disparou, m as na m etade do cam inho seu pai j á a seguia de perto. Mesm o que ele parecesse um m onstro assustador com o rosto m arcado por cicatrizes, o crânio raspado e as tatuagens de escravo, Nalla riu deliciada, relanceando para trás e sorrindo para seu pai enquanto corria, corria e corria ao redor da m esa, desviando dos *doggens* que retiravam os pratos.

– Preciso de Nikes para nós duas – Bella sorriu. – Escuta, eu queria conversar com você. Ouvi rum ores de que você organizaria o Festival Dançante do Décim o

Segundo Mês…

– *O quê?*

Bella pareceu confusa.

– Espere, pensei que… Será que entendi errado?

– Não, tudo bem . – *Maravilha.* – O que você ia dizer?

– Eu só queria te dizer que gostaria de aj udar da form a que eu puder. Fiquei surpresa em ouvir que você assum iria a tarefa, m as entendo por que o fez. Nós precisam os… Não sei, acho que é hora de a raça reestabelecer as tradições que davam certo. Havia m uitas que de nada serviam , m as os festivais são im portantes…

Um grito infeliz inundou a sala agora vazia quando Nalla tropeçou e foi

am parada pelo pai bem a tem po.

– Droga, tenho que ir – disse Bella. – Ela tem sentido dores de crescim ento. Vou te dizer, estes últim os dias não têm sido fáceis. Só se lem bre de que estou aqui para aj udar, ok?

Bella seguiu atrás da fam ília, estendendo os braços para Nalla, que, por sua vez, esticou um bracinho para sua *mahmen*. O outro ficou com o pai… de m odo que os três ficaram unidos.

Sim, dores de crescimento eram uma fase difícil, Marissa concordou. Por algum m otivo, os vam piros j ovens passavam por estirões de crescim ento intensos, em com paração com o crescim ento lento e constante até a altura adulta da qual os hum anos se beneficiavam .

Apenas m ais um aspecto divertido da espécie.

Assim com o os festivais.

Marissa esfregou as têm poras ao voltar para j unto de Butch.

– Deus, a m inha cabeça está latej ando.

– Está? – ele perguntou. – Bem , vam os levá-la para a cam a.

– Boa ideia. Acho que preciso dorm ir um pouco.

– É, você m e parece cansada.

– Estou m esm o.

E esse foi basicam ente o fim da noite: dez m inutos depois, ela j á estava na

cam a, de olhos fechados, com as im agens das últim as horas pipocando em sua cabeça com o *flashes* de luzes estroboscópicas.

Enquanto Butch voltava para a sala de estar do Buraco.

Sozinho.

Capítulo 4

NA NOITE SEGUINTE, Paradise pegou o ônibus escolar.

Por assim dizer.

Na verdade, havia dois “ônibus”, cada um com aproxim adam ente trinta pessoas, e quaisquer sem elhanças entre eles e o onipresente transporte am arelo dos m ini-hum anos term inavam com o nom e com partilhado. Os veículos que a Irm andade usou para apanhar os candidatos ao program a de treinam ento pareciam saídos do film e *O Ataque*, todos negros por dentro e por fora, com vidros escuros e grossos nas j anelas, certam ente à prova de balas, pneus com o das m áquinas lim pa-neves e para-choques que a fizeram lem brar dos dinossauros T-Rex.

Com o todos os outros, ela se desm aterializara para um trecho de terreno vazio a oeste dos subúrbios de Caldwell. Seu pai quis acom panhá-la, m as lhe pareceu im portante com eçar da m esm a form a com o pretendia continuar. Aquela era a sua decisão independente; precisava fazer o que todos os outros faziam . E ela tinha bastante certeza de que ninguém ali traria um acom panhante.

Ainda m ais um acom panhante que, por acaso, era o Prim eiro Conselheiro do

Rei.

Ver quase sessenta pessoas que não reconhecia fora um a surpresa. Em retrospecto, o form ulário deixara claro que qualquer um poderia se inscrever; portanto, havia m uitos civis. Na verdade, parecia que todos eram civis e a proporção m achos/fêm ea devia ser de dez para um .

Mas pelo m enos seu sexo era perm itido.

Voltando a se concentrar, Paradise se m exeu no banco para garantir que o cotovelo não im portunasse o m acho que estava sentado ao seu lado. Fora a troca de nom es – o dele era Axe –, não disseram m ais nada, e o j eitão calado e taciturno com binava com o seu visual à perfeição: o m acho tinha “assassino” escrito em todo ele, com aquele cabelo negro espetado, todos aqueles *piercings* negros de um lado do rosto e a tatuagem de algo m aligno lhe subindo até a m etade do pescoço.

Im agine só se seu pai soubesse que ela estava perto assim de um m acho com o aquele? Teriam que colocar Abalone num aparato de suporte de vida.

E esse era exatam ente o m otivo pelo qual desej ou entrar no program a. Era hora de se desligar das restrições im postas por sua posição, e dar um fim à vida de flor de estufa. Se trabalhar para o Rei lhe ensinara algo, foi que não im portava a sua classe social, a tragédia não discrim inava, a j ustiça sem pre podia ser feita e

ninguém sai desta vida vivo.

– Então você vai m esm o seguir com isso.

Paradise olhou para o vidro escuro da j anela ao seu lado. Refletido na superfície espelhada, Princeps Pey ton, prim ogênito de Pey thone, estava exatam ente com o ela se lem brava: belo de um a m aneira clássica, com aqueles intensos olhos azuis e os espessos cabelos loiros escovados para trás da testa. Estava usando óculos de sol sem aro com lentes cor safira que eram a sua m arca registrada para esconder o fato de que provavelm ente estava doidão, e suas roupas caras e descoladas eram feitas sob m edida para ressaltar o corpo m usculoso. Com um a voz aristocrática e rascante, e um cérebro que, de algum m odo, conseguia contrabalancear todo aquele THC, ele era considerado um dos solteiros m ais cobiçados da *glymera*, um a m istura de Grande Gatsby com Jack Sparrow.

Ao inspirar fundo, ela sentiu o perfum e da colônia dele e um resquício de fum aça.

– Com o tem passado, Pey ton? – m urm urou.

– Você saberia se atendesse a porra do telefone.

Paradise revirou os olhos. Mesm o sendo apenas am igos, o m aldito era com pletam ente irresistível às fêm eas. E um dos seus problem as, dentre tantos, era o fato de ele saber disso.

– Ei. Oooi? – ele a cham ou.

Paradise se virou de frente para ele.

– Não tenho m uita coisa para te dizer. Visto que você m e reduziu a um par de ovários para reprodução, não deveria ser um a grande surpresa. Não tenho m uito m ais a oferecer, não é m esm o?

– Pode nos dar licença? – ele pediu para o m acho sentado ao lado dela.

– Pode crer. – Axe, o cara durão, saiu dali com o se estivesse fugindo de um a bom ba de fedor. Ou de um a fêm ea grasnante com um vestido rosa repleto de laços e fitas.

Pey ton se sentou.

– Já pedi desculpas. Pelo m enos para o seu telefone. O que m ais quer de m im ?

Ela m eneou a cabeça, pensando no prim eiro ano após os ataques. Tantos da espécie deles foram m ortos pela Sociedade Redutora durante aquele ataque horrendo à raça, e os afortunados o bastante para escapar com vida abandonaram Caldwell, retirando-se para suas casas seguras fora da cidade, fora do Estado, fora da Nova Inglaterra.

Pey ton fora para o sul com a fam ília. Ela fora para o oeste com o pai. E os dois passaram dias incontáveis insones conversando pelo telefone só para perm anecerem sãos e processarem o m edo, a tristeza, o horror, as perdas. Nesse tem po, ele se tornara alguém com quem ela conversava não apenas um a vez à noite, m as durante as infindáveis vinte e quatro horas dos ciclos dos dias, das sem anas, dos m eses.

Ele se tornara a sua fam ília.

Claro, se a época tivesse sido rem otam ente norm al, eles não teriam se aproxim ado daquela m aneira, ainda m ais se o contato tivesse sido pessoal. Com o fêm ea solteira de um a das Fam ílias Fundadoras, ela não teria perm issão para confraternizar tão livrem ente com qualquer m acho descom prom issado sem um a acom panhante.

– Sabe todas aquelas horas que passam os ao telefone? – ela perguntou.

– Sei.

– Senti com o se você fosse a m inha retaguarda. Que você não m e j ulgava quando eu estava com m edo, ou fraca, ou nervosa. Você era… um a voz do outro lado da linha que m antinha a m inha sanidade. Às vezes, você era a única razão que m e fazia suportar até o cair da noite. – Balançou a cabeça. – E então isto aconteceu, e você veio pra cim a de m im com toda essa asneira da *glymera*…

– Não, espere um instante…

– Você fez isso, sim . Riu de m im e m e disse que eu não conseguiria. – Cobriu a boca dele com a m ão para silenciá-lo. – Pare de falar, ok? Deixa eu desabafar tudo que está entalado. Quem sabe você até tenha razão: pode ser que eu não consiga entrar no program a. Tudo bem , posso m e estatelar de bunda no chão, m as tenho perm issão de estar aqui neste ônibus, e tenho a m esm a oportunidade

que todos os outros. E j usto você, que sem pre zom bou das fêm eas idiotas da sociedade que a sua fam ília tentou em purrar para você, que m e disse que considera os festivais estúpidos, que rej eitou as expectativas de negócios que o seu pai deposita em você… Você é a *última* pessoa que eu pensei que viria m e atacar com essas regras antiquadas.

Ele se recostou e a fitou por trás das lentes azuladas.

– Term inou? Acabou seu serm ão?

– Para a sua inform ação, dar um a de engraçadinho não vai te aj udar *em nada* aqui.

– Só quero saber se você vai deixar essa m erda fem inista de lado e m e ouvir de verdade.

– Tá de *brincadeira*?

– Você não m e deu um a chance sequer de explicar. Está ocupada dem ais preenchendo o m eu lado da conversa com todas essas asneiras de queim ar sutiãs.

Por que se dar ao trabalho de deixar a outra pessoa participar da conversa quando você sozinha está se divertindo tanto sendo preconceituosa e superior?

Nunca pensei que você fosse assim .

Bem-vindo a um universo paralelo, Paradise pensou.

Antes que conseguisse se segurar, ela rebateu:

– E eu aqui pensando que você fosse apenas viciado. Não sabia que tam bém

era m isógino.



Pey ton balançou a cabeça e se levantou.

– Sabe de um a coisa, Parry ? Você e eu tem os m esm o que dar um tem po.

– Concordo plenam ente.

Do alto de sua enorm e estatura, ele baixou o olhar para ela.

– Que trem endo idiota eu fui em pensar que você iria precisar de um am igo nisto aqui.

– Alguém que desej a o seu fracasso não é um am igo.

– Eu nunca disse isso. Nem um a única vez.

Quando ele se virou, Paradise quase lhe berrou algo, m as o deixou se afastar. Não que um a conversa os fosse levar a algum lugar. Mas o que aconteceu, em vez disso? Praticam ente todo m undo estava olhando para eles.

Caram ba, as coisas estavam com eçando *mesmo* com o pé direito.

Um a hora após o pôr do sol, Marissa se desm aterializou num a área de floresta do outro lado do rio Hudson. O vento frio que soprava em m eio aos pinheiros a fez estrem ecer, e ela fechou o casaco de lã Burberry bem j unto ao corpo.

Respirando fundo, suas narinas zuniram com a falta de um idade e o ar incrivelm ente lim po do anticiclone que soprava do norte.

Olhando ao redor, pensou que existia algo fundam entalm ente fúnebre no m ês de novem bro. As coloridas folhas do outono estavam caídas e ressecavam no

chão, a gram a e a vegetação rasteira estavam m urchas e acinzentadas, e os alegres e falsam ente convidativos flocos de neve ainda tinham que cair para criar o m anto branco.

Era a transição m edíocre entre um a versão fabulosa e a seguinte.

Aquilo não era nada além de frio e vazio.

Ao girar em volta, sua visão aguçada se fixou num a estrutura de concreto sem nenhum atrativo, uns cinquenta m etros m ais adiante. Com um único andar, sem j anelas e apenas um a porta azul-escura, parecia algo que a prefeitura de Caldwell construíra com o propósito de tratar a água e posteriorm ente abandonara.

Ao dar um passo à frente, um galho se partiu sob seu pé com um ruído, e ela se deteve, virando para trás para se certificar de que não havia ninguém atrás dela. Maldição, deveria ter dito a Butch aonde ia. Porém , ele estava tão ocupado se preparando para a orientação dos novos recrutas que ela não quis incom odá-lo.

Tudo bem, disse a si m esm a. Sem pre haveria a Últim a Refeição.

Falaria com ele, então.

Cruzando a distância até a porta, suas palm as com eçaram a suar dentro das luvas, e seu peito ficou tão apertado que parecia que estava usando um corpete.

Deus, quanto tem po fazia que não vestia um desses?

Enquanto tentava calcular, pensou no tem po antes de conhecer Butch. Tivera

todo o *status*, m as não um a posição que alguém da *glymera* poderia desej ar. Na qualidade de noiva prom etida e não reclam ada de Wrath, filho de Wrath, não passava de um fruto proibido, um a bela m aldição, lastim ada e evitada nos eventos e nos festivais da aristocracia.

Contudo, seu irm ão sem pre cuidara dela, um a fonte de conforto na m aior parte do tem po silenciosa, m as m esm o assim leal. Ele odiara o fato de Wrath tê-

la sem pre ignorado a não ser quando precisava se alim entar e, no fim , esse ódio

levara seu irm ão a tentar m atar o Rei.

Com o se constatou m ais tarde, aquele seria apenas um dos vários atentados à vida de Wrath.

Ela se arrastava e sofria em sua infeliz existência, sem esperar m ais nada,

m eram ente desej ando poder viver a própria vida… até que num a noite conheceu

Butch na antiga casa de Darius. Seu destino m udara para sem pre ao ver o então hum ano parado na sala de estar, o destino lhe dando o am or que ela sem pre buscara, m as que j am ais tivera. No entanto, houve repercussões. Talvez com o parte do equilíbrio ditado pela Virgem Escriba, todo esse bem viera a um grande custo: seu irm ão acabou por expulsá-la de casa e de sua vida m om entos antes do

alvorecer de certa m anhã.

Que era o que acontecia quando a filha de um a das Fam ílias Fundadoras está

nam orando o que se acredita ser apenas um sim ples hum ano.

No fim , revelou-se que havia m uito m ais em Butch, claro, m as seu irm ão não ficara por perto tem po suficiente para saber disso tudo. E Marissa não se im portara. Teria assum ido o seu m acho de qualquer form a que ele se apresentasse a ela.

A não ser pela vez em que se deparara com Havers num a reunião do Conselho, ela, de fato, nunca m ais vira o irm ão desde então.

Isto é, até a noite anterior.

O engraçado é que ela não desperdiçara tem po algum pensando no que um dia tivera, onde estivera, com o vivera. Distanciara-se de tudo o que acontecera antes de seu com panheiro, vivendo apenas no presente e no futuro.

Agora, porém , ao passar pela soleira da nova clínica de ponta do irm ão, percebeu que aquela ruptura definitiva não passara de um a ilusão. Só porque seguim os em frente não significa que nos despim os de nossa história pessoal com o quem troca de roupa.

O passado de alguém é com o a própria pele: perm anece com você por toda a vida, tanto as proverbiais m arcas de beleza… quanto as cicatrizes.

No caso de Marissa, basicam ente as cicatrizes.

Muito bem , onde estava a cam painha? A recepção? Na noite anterior, entraram com a am bulância por um a entrada diferente… Mas Havers lhe

dissera para vir por ali se viesse se m aterializando.

– Veio se consultar com algum m édico? – um a voz fem inina perguntou por um alto-falante.

Sobressaltada, afastou os cabelos e tentou encontrar a câm era de segurança.

– Hum … Na verdade, não tenho hora m arcada. Vim ver…

– Não tem problem a, m eu bem . Entre.

Houve um som m etálico e um a barra surgiu na superfície da porta.

Em purrando-a, ela em ergiu num espaço aberto de uns 6 m etros de largura por 6 de com prim ento. Com luzes em butidas no teto e paredes de concreto pintadas de branco, parecia a cela de um a prisão.

Olhando ao redor, ficou se perguntando…

O facho verm elho do laser era largo com o a palm a da m ão, m as tinha a espessura de um fio de cabelo, no m áxim o, e ela o notou apenas pelo calor, e não por sua visão tê-lo percebido. Percorrendo-a dos pés à cabeça com lentidão, ele procedia de um canto à direita, de um m eio globo escuro afixado no teto.

– Por favor, siga em frente – a voz fem inina disse por outro alto-falante escondido.

Antes que Marissa levantasse a questão de não haver lugar para ir, a parede diante dela se partiu ao m eio e deslizou para os lados, desaparecendo para

revelar um elevador que se abriu silenciosam ente.

– Que chique – disse baixinho ao entrar.

O traj eto durou m ais do que o esperado e o elevador parecia se m over para baixo, por isso ela concluiu que não havia exagero em cham ar a construção de subterrânea.

Quando o elevador por fim parou, a porta se abriu novam ente e…

Trabalho, trabalho, trabalho, ela pensou ao sair.

Parecia haver pessoas por todos os lados, sentadas em cadeiras ao redor de um a TV de tela plana à esquerda, dirigindo-se a um a bancada de recepção à direita, m ovendo-se apressadas pela im ensa sala. Traj avam j alecos brancos e uniform es de enferm agem .

– Olá! Você tem hora m arcada?

Levou um instante para ela perceber que um a fêm ea uniform izada sentada atrás do prim eiro balcão se dirigia a ela.

– Ah! Não, desculpe, não tenho. – Aproxim ou-se e baixou a voz. – Sou *tuhtora* designada de um a fêm ea que foi transferida do Lugar Seguro na noite passada. Vim ver com o ela está passando.

No ato, a recepcionista ficou paralisada. Em seguida, os olhos percorreram Marissa de alto a baixo, com o o feixe de laser no andar térreo.

Marissa sabia exatam ente que narrativa estava se passando pela m ente da fêm ea: noiva não reclam ada de Wrath, hoj e vinculada ao *Dhestroyer* e, acim a

de tudo, a irm ã distanciada de Havers.

– Poderia avisar o m eu irm ão que estou aqui?

– Já estou ciente da sua presença – Havers disse atrás dela. – Eu a vi na câm era de segurança.

Marissa fechou os olhos por um breve segundo. E depois se virou para encará-lo.

– Com o está a paciente?

Ele se curvou de leve. O que foi um a surpresa.

– Não m uito bem … Por favor, venha por aqui.

Enquanto seguia seu j aleco branco em direção a um a pesada porta dupla fechada, tinha consciência dos m uitos pares de olhos sobre eles.

Encontros fam iliares eram divertidos. Ainda m ais em público.

Depois de Havers passar seu cartão por um leitor m agnético, as portas m etálicas se abriram para revelar um espaço m édico tão sofisticado e intenso quanto qualquer um im aginado por Shonda Rhim es:* quartos hospitalares repletos de equipam entos m édicos estavam agrupados ao redor de um espaço adm inistrativo central com enferm eiras, com putadores e vários tipos de suporte, enquanto três corredores partiam em direções diferentes para o que ela deduziu serem unidades de tratam ento especializado.

E seu irm ão adm inistrava tudo aquilo sozinho.

Se Marissa não soubesse do que o irm ão era capaz, ficaria m aravilhada com ele.

– Esta é um a instalação e tanto – observou ao seguirem em frente.

– O proj eto levou um ano, a construção m ais do que isso. – Ele lim pou a garganta. – O Rei tem sido m uito generoso.

Marissa lançou-lhe um olhar de surpresa.

– Wrath? – Com o se houvesse outro m onarca! Dã! – Quero dizer…

– Eu presto serviços essenciais à raça.

Foi poupada de sustentar a conversa por m ais tem po quando ele parou diante de um a unidade envidraçada que tinha as cortinas fechadas pela parte interna.

– Você precisa se preparar para isto.

Marissa olhou fixam ente para o irm ão.

– Até parece que eu nunca testem unhei o resultado de violência antes…

A ideia de que ele desej asse protegê-la de qualquer coisa àquela altura era ofensiva.

Havers inclinou a cabeça, desconcertado.

– Sim , claro.

Com um m ovim ento, ele abriu a porta de vidro e depois afastou as cortinas verdes claras.

O coração de Marissa gelou, e ela teve que com bater certa hesitação. Tantos tubos e m áquinas entravam e saíam da fêm ea que aquilo m ais parecia um film

e

de ficção científica, o com ando daquele fiapo de vida assum ido por funções

m ecânicas.

– Ela está respirando sem auxílio – Havers inform ou ao se inclinar e verificar

a leitura de algum a coisa. – Retiram os o tubo de traqueotom ia um as cinco horas

atrás.

Marissa se recom pôs e forçou os pés a se m overem até a cam a. Havers estivera certo ao alertá-la… Mas o que ela esperava ver? Vira os ferim entos pessoalm ente.

– Alguém … – Marissa se concentrou no rosto j udiado. Os hem atom as haviam descolorido o rosto ainda m ais, grandes faixas de roxo e verm elho m arcando as faces inchadas, os olhos, a m andíbula. – Alguém da fam ília… veio procurá-la?

– Não. E ela não tem se m antido suficientem ente consciente para nos dizer seu nom e.

Marissa se aproxim ou da cabeceira da cam a. Os bipes e os sussurros suaves do equipam ento pareciam altos dem ais, e sua visão estava nítida dem ais ao olhar para a bolsa de soro pingando constantem ente, e o m odo com o os cabelos castanhos da fêm ea estavam em aranhados sobre a fronha branca, e a textura da m anta azul sobre os lençóis.

Curativos em toda parte, pensou ela. E isso apenas nos braços e om bros

expostos.

A m ão pálida e delgada estava apoiada ao lado do quadril, e Marissa esticou a sua para segurá-la. *Fria demais,* pensou. A pele estava fria dem ais e não tinha a coloração correta: estava branca acinzentada, em vez de castanha dourada.

– Está voltando a si?

Marissa ficou confusa com o com entário do irm ão, m as logo percebeu que os olhos da fêm ea estavam trem elicando, as pálpebras inchadas se abrindo e fechando.

Inclinando-se na direção dela, Marissa disse:

– Você está bem . Está na clínica do m eu ir… na clínica da raça. Está segura aqui.

Um gem ido sofrido a fez se retrair. E depois houve um a série de m urm úrios.

– O que disse? – Marissa perguntou. – O que está tentando m e contar?

As sílabas foram repetidas com pausas nos m esm os lugares, e Marissa tentou

com preender o padrão, desvendar a série de palavras, apanhar o significado.

– Repita um a vez m ais…

De repente, os bipes ao fundo se aceleraram num alarm e. E Havers afastou a cortina e escancarou a porta, gritando para o corredor.

– O que foi? – Marissa perguntou, curvando-se m ais sobre o leito. – O que está dizendo?

Enferm eiras entraram apressadas, e um carrinho foi trazido. Quando alguém tentou se colocar entre ela e a paciente, Marissa sentiu vontade de lhes dizer que parassem , m as logo a agitação no quarto prevaleceu.

A conexão entre Marissa e a paciente foi rom pida, as m ãos das duas se afastaram , e m esm o assim os olhos da fêm ea perm aneceram fixos em Marissa,

m esm o quando m ais pessoas e equipam entos ficaram entre elas.

– Com ece as com pressões – Havers disse quando um a enferm eira subiu na cam a. – Carregue a m áquina.

Marissa recuou um pouco m ais, ainda m antendo contato visual.

– Eu vou encontrá-lo – ouviu-se dizendo em m eio à confusão. – Eu prom eto…

– Todos para trás – Havers ordenou. Quando a equipe se afastou, ele apertou um botão e a caixa torácica da fêm ea se arqueou.

O coração de Marissa batia forte, com o se tentasse com pensar o que fraquej ava sobre o leito.

– Vou encontrar quem fez isso com você! – ela exclam ou. – Fique conosco! Não desista! Nos aj ude!

– Sem pulsação – Havers anunciou. – Vam os repetir. Afastem -se!

– Não! – Marissa gritou quando os olhos da fêm ea se reviraram . – *Não*…!

Shonda Rhim es é roteirista, cineasta e produtora norte-am ericana, criadora, entre outras séries, do dram a m édico *Grey's Anatomy*. (N.T.)

Capítulo 5

AQUILO ERA… UM COQUETEL?

Enquanto Paradise entrava no ginásio que parecia ser tão grande quanto um cam po de futebol profissional, surpreendeu-se em ver *doggens* uniform izados segurando bandej as de prata repletas de canapés com as m ãos cobertas por luvas brancas, um bar m ontado sobre um a m esa com toalha adam ascada e m úsica clássica tocando ao fundo.

As sonatas de violino de Mozart.

Das que seu pai ouvia diante da lareira após a Últim a Refeição.

À esquerda, havia um balcão de inscrição, para onde, após um instante de aglom eração, todos os sessenta candidatos form aram um a fila diante de um a *doggen* com um sorriso contente estam pado no rosto e um laptop diante de si.

Não querendo parecer alguém que desej ava tratam ento especial, Paradise entrou na fila e esperou pacientem ente até inform ar seu nom e, confirm ar seu

endereço, ter sua foto tirada e seguir para o lado onde entregou o casaco e a m ochila.

– Gostaria de um canapé? – um *doggen* lhe ofereceu.

– Ah, não, obrigada, m as agradeço a gentileza.

O *doggen* se curvou até a cintura e abordou o m acho que estivera atrás dela na fila. Relanceando por sobre o om bro, cum prim entou com a cabeça o colega candidato, e o reconheceu dos festivais que a *glymera* organizara antes dos ataques. Com o todos os m em bros da aristocracia, eram prim os distantes, apesar de não ter convívio com ele nem com seus fam iliares.

Seu nom e era Anslam , se bem se lem brava.

Depois de retribuir o aceno, ele enfiou um canapé na boca.

Girando sobre os calcanhares, Paradise deu um a olhada nos equipam entos de ginástica espalhados pelo espaço aberto. Barras paralelas, barras sim ples, colchões para am ortecer as quedas, um cavalo de alças, *leg press*… ah, que bom , eles tam bém tinham um aparelho de rem o seco.

Pelo m enos não fracassaria num dos equipam entos.

Espiando por cim a do om bro, descobriu que m uitos dos recrutas pareciam se esquivar constrangidos dos *doggens*, com o se nunca tivessem visto criados antes.

Pey ton atacava os aperitivos com fervor… O que não era um a surpresa. E Axe, o assassino serial latente, estava na periferia de tudo aquilo, com os braços

cruzados diante do peito, os olhos inspecionando o cenário com o se talvez escolhesse suas vítim as.

Ficou se perguntando o que significavam todas aquelas tatuagens… E os *piercings*?

Tanto faz.

E, puxa, vej a só, parecia haver apenas um a única outra fêm ea até o m om ento. Considerando-se a expressão forte com o aço no rosto m agro, e os om bros am plos, ela provavelm ente seria m ais adequada ao program a do que boa parte dos m achos ali.

Esfregando as palm as úm idas nas coxas, Paradise desvencilhou-se de um a sensação de desapontam ento: aquele m acho, Craeg, que fora à casa de audiências atrás de um form ulário de inscrição, não estava no grupo.

Mas, convenham os, devia ser um a coisa boa. Ele se m ostrara um a distração absoluta no instante em que se aproxim ara da sua escrivaninha; e ela precisaria de toda a sua concentração para passar por aquilo.

Desde que aquela noite revolvesse em torno de algo além de canapés.

Onde estavam os Irmãos? , perguntou-se.

Um m ovim ento cham ou a sua atenção pelo canto do olho. Um dos m achos saltara no cavalo com alças e lentam ente girava a parte inferior do corpo em círculos enquanto os braços im pressionantes m antinham seu peso suspenso. O som das palm as batendo no couro form ou um a batida que rapidam ente

acelerou

m ais e m ais conform e sua velocidade aum entava.

– Nada m al… – m urm urou enquanto o tronco incrivelm ente forte lançava as pernas para fora e ao redor num borrão.

Ele não perdeu o com passo. Nem um a única vez. E quanto m ais ele girava, m ais convencida ela ficava de que deveria ter passado oito anos na academ ia, e não apenas oito sem anas. E se o restante dos candidatos fosse com o ele? Estava ferrada.

Mas, olhando bem , ela não parecia ser a única intim idada. A turm a inteira parara de passear para olhar para ele, hipnotizada pela excelência da atuação solitária naquele im enso ginásio.

Tum.

O som da porta se fechando fez com que ela olhasse por sobre o om bro… E arfou antes de se conter.

Lá estava ele, aquele por quem ela esperava, aquele que ela tinha esperanças de reencontrar.

Paradise afofou o rabo de cavalo, algum receptor ligado ao estrogênio enlouquecendo e fazendo-a regredir aos dezesseis anos, enquanto o m acho se aproxim ava do balcão de inscrição.

Mais alto. Ele era m uito m ais alto do que ela se lem brava. Mais largo tam bém – seus om bros esticavam a costura do m oletom do Sy racuse. Mais um a vez,

vestia calça j eans, diferente da anterior, m as tam bém com rasgos. O calçado era

um par puído e suj o de Nikes. Estava sem boné desta vez.



Lindos cabelos negros.

Devia tê-los cortado recentem ente, pois as laterais estavam tão batidas que ela via o couro cabeludo por baixo da penugem escura ao redor das orelhas e da nuca, e o topo estava curto o bastante para ficar espetado. O seu rosto… Bem , não devia ser de parar o trânsito para outras pessoas, o nariz era um pouquinho grande dem ais, o queixo, um pouco pontudo, os olhos, um pouco afundados dem ais para parecerem receptivos. Mas, para ela, ele era Clark Gable; era Marlon Brando; era o The Rock; era Channing Tatum .

Era com o se estivesse em briagada sem ter bebido, im aginou algum a quím ica dentro dela transform ando-o em algo m uito além do que ele era.

Inspirando fundo, tentou captar seu perfum e… E se sentiu um a perseguidora.

Bem , porque talvez *fosse* um a perseguidora.

Depois que tiraram a sua foto, ele se virou para o restante da turm a, os olhos varrendo o grupo, sem dem onstrar nenhum a reação. Ao longe, ela percebeu que a *doggen* que os recepcionara arrum ava seus pertences e partia, j untam ente a todos os outros criados, que provavelm ente se afastavam para voltar a encher as bandej as.

Mas será que ela se im portava com isso?

Olhe para mim, ela pensou olhando na direção do m acho. *Olhe para mim.…*

E foi o que ele fez.

Seus olhos passaram por ela, m as, em seguida, voltaram e ali se detiveram .

Quando um raio de eletricidade atravessou o corpo inteiro de Paradise, ela…

De repente, o ginásio ficou escuro.

Breu. Sinistro. Total.

De volta à clínica subterrânea de Havers, se Marissa não estivesse apoiada no vidro, teria caído.

Ainda m ais quando viu o irm ão puxar o lençol branco por cim a da expressão congelada da fêm ea.

Santa Virgem Escriba, não estava preparada para o silêncio da m orte… Para com o, quando Havers anunciou a hora do óbito, tudo e todos pararam , os alarm es silenciaram , os esforços cessaram , a vida acabara. Tam bém não estava preparada para a retirada do equipam ento que tentara m anter a fêm ea viva: um a um , os tubos no peito, nos braços, no abdôm en foram rem ovidos, assim com o os eletrodos do m onitor cardíaco. A últim a coisa que tiraram foram as faixas de com pressão ao redor das canelas finas.

Marissa acom panhava perplexa a m ovim entação das m ãos gentis das enferm eiras. Foram cuidadosas com a paciente na m orte assim com o haviam

sido em vida.

Quando a equipe se preparava para ir em bora, ela sentiu vontade de agradecer às fêm eas de roupas brancas e sapatos levem ente rangentes. Dar-lhes a m ão. Abraçá-las.

Em vez disso, ficou onde estava, paralisada pela sensação de que a m orte ocorrida não deveria ter sido testem unhada por ela. *Era a família que deveria estar ali*, pensou apavorada. Deus, onde encontraria a fam ília dela?

– Sinto m uito – Havers disse.

Marissa estava prestes a perguntar por que estava se desculpando com ela quando percebeu que o irm ão se dirigia à paciente m orta: estava curvado sobre o leito, um a das m ãos sobre o om bro inerte debaixo do lençol, as sobrancelhas franzidas por trás dos óculos de aro tipo casco de tartaruga.

Quando ele se endireitou e recuou, levantou os óculos e pareceu enxugar os olhos, ainda que, ao se voltar para ela, parecesse com pletam ente com posto.

– Cuidarei para que os restos dela sej am tratados adequadam ente.

– E isso significa…

– Que ela será crem ada de acordo com um ritual adequado.

Marissa concordou com um aceno de cabeça.

– Quero ficar com as cinzas dela.

Enquanto Havers assentia e am bos com binavam que ela apanharia as cinzas

na noite seguinte, Marissa estava bem ciente de que seu tem po estava se acabando. Se não se afastasse do irm ão, daquele quarto, daquele corpo, da clínica… acabaria desm oronando diante dele.

E isso sim plesm ente não era um a opção.

– Se m e der licença – ela o interrom peu. – Tenho que cuidar de alguns assuntos no Lugar Seguro.

– Sim , claro.

Marissa olhou para a fêm ea, notando sem pensar as m anchas verm elhas em alguns pontos do lençol, sem dúvida resultantes da rem oção dos tubos.

– Marissa, eu…

– O que foi? – ela disse com voz cansada.

No silêncio tenso que se seguiu, ela pensou em todo o tem po que passara furiosa com ele, odiando-o, em bora, naquele instante, não conseguisse reunir nenhum a dessas em oções. Apenas ficou ali parada diante de seu parente, aguardando num a postura que não era nem de força nem de fraqueza.

A porta se abriu e a cortina foi afastada. Um a enferm eira, que não estivera envolvida na tentativa de reanim ação da paciente m orta, inseriu a cabeça pela abertura.

– Doutor, estarem os prontos em quatro m inutos.

Havers assentiu.

– Obrigado. – Quando a enferm eira se afastou, ele disse: – Pode m e dar

licença? Eu preciso…

– Cuide dos seus pacientes. Pode ir. É o que você faz de m elhor, e é m uito bom nisso.

Marissa saiu do quarto, e depois de um instante de hesitação quanto a que direção tom ar, lem brou-se de ir pela esquerda. Era m ais fácil recobrar a com postura do lado de fora e m anter a m áscara no lugar ao retornar para a recepção, com todos os olhares fixos nela quando ela partiu, com o se a notícia tivesse se espalhado pelos funcionários. Estranho não ter reconhecido nenhum rosto. Isso a fez perceber m ais um a vez quantos haviam sido m ortos nos ataques,

e quanto tem po se passara desde que circulara pelo am biente de trabalho do irm ão.

E com o os dois, apesar dos laços sanguíneos, eram , essencialm ente, estranhos um para o outro.

Pegando o elevador para subir à superfície, desem barcou no recinto parecido com um a cela da construção superior e seguiu cam inho em direção à floresta. Ao contrário da noite anterior, a lua brilhava forte, ilum inando as árvores… e a ausência de qualquer estrada. Percebeu que, de fato, existiam entradas m últiplas para o com plexo subterrâneo, algum as para entregas, outras para pacientes que conseguiam se desm aterializar, e outra ainda para as am bulâncias.

Tudo isso logicam ente proj etado, sem dúvida segundo as diretrizes e influência

do irm ão.

Por que Wrath não lhe contara que estava aj udando Havers com tudo aquilo?

Pensando bem , isso não era da sua conta, era?

Será que Butch sabia?, perguntou-se.

Sinto muito.

Enquanto ouvia a voz do irm ão em sua m ente, sua raiva voltou m ultiplicada por dez, a ponto de ter que esfregar a queim ação que sentia no esterno.

– Águas passadas não m ovem m oinhos – disse a si m esm a. – Hora de voltar ao

trabalho.

No entanto, ela não parecia capaz de partir. De fato, a ideia de regressar ao Lugar Seguro fez com que quisesse seguir na direção oposta. Não poderia contar às suas funcionárias o que acabara de acontecer. A m orte da fêm ea era com o um a negação de tudo o que tentavam fazer debaixo daquele teto: interceder, proteger, educar, fortalecer.

Não. Não conseguiria ir direto para lá.

A questão era… Não fazia ideia de onde ir.

Capítulo 6

NA ESCURIDÃO TÃO DENSA quanto a de um túm ulo, Paradise só conseguia ouvir o próprio coração batendo forte atrás das costelas. Estreitando os olhos, tentou aj ustar a vista, m as não havia nenhum a fonte de luz em parte algum a:

nenhum brilho ao redor das portas, nenhum sinal lum inoso em verm elho indicando a saída, nenhum a luz de em ergência. O vazio era absolutam ente aterrorizante e parecia desafiar as leis da gravidade, a sensação de que talvez estivesse flutuando no ar apesar de seu peso perm anecer sobre os pés a confundia e a nauseava.

A m úsica clássica tam bém não tocava m ais.

Mas o am biente estava longe de estar silencioso. Ao forçar os ouvidos a não priorizar as castanholas dentro do peito, conseguiu ouvir m urm úrios, respirações, im precações. Alguns deviam estar se m ovendo um pouco, pois ouvia o farfalhar das roupas, os raspar dos calçados, com o barulho de fundo para sons vocais m ais proem inentes.

Eles não podem nos machucar, pensou. De m odo algum a Irm andade os feriria de verdade. Sim , claro, assinara um term o de consentim ento e de exoneração de culpa na parte de trás da inscrição – não que tivesse dado m uita atenção às letras m iúdas – m as, de toda form a, assassinato era assassinato.

Não se podia assinar um docum ento abrindo m ão do direito de perm anecer vivo.

Aquilo só podia ser a Irm andade fazendo a sua grande entrada. A qualquer m om ento. Isso m esm o, eles surgiriam debaixo de algum holofote, suas

silhuetas

destacadas com o as de super-heróis contra um fundo de fum aça, seu incrível arsenal dependurado nos corpos im ensos.

Aham .

A qualquer instante…

Enquanto a escuridão prosseguia, seu m edo deu as caras de novo, e era m uito difícil não ceder a ele e correr. Mas para onde ir? Tinha vaga noção de onde estavam as portas, o bar e o balcão de recepção. Tam bém se lem brava de onde aquele m acho, Craeg, estava – não, espere, ele tinha se m exido. Estava se m exendo.

Por algum m otivo, ela o sentia em m eio a todos os outros, com o se ele fosse algum tipo de farol…

Um a brisa passou pelo seu corpo, sobressaltando-a. Mas era apenas ar fresco.

Um a corrente de ar fresco.

Bem , isso excluía a possibilidade de um a queda de energia, se o sistem a de ventilação estava funcionando.

Ok, era ridículo.

E, evidentem ente, não era a única se frustrando ali. Outros praguej avam m ais, se m ovim entavam m ais, batiam os pés no chão, im pacientes.

– Prepare-se.

Paradise gritou na escuridão, m as se acalm ou ao reconhecer a voz de Craeg,

seu cheiro, sua presença.

– O que disse? – sussurrou.

– Prepare-se. É aqui que o teste com eça. Abriram um a saída, a pergunta é com o nos farão ir até lá.

Ela desej ou parecer tão esperta e calm a quanto ele.

– Por que sim plesm ente não voltam os pelas portas que usam os para entrar?

– Não é um a boa ideia.

Bem nessa hora, ocorreu um a m ovim entação coordenada na direção pela qual entraram , com o se um grupo tivesse se form ado, concordado com um a estratégia, e colocasse o plano em ação.

E foi nesse instante que ela ouviu os prim eiros gritos da noite.

Agudos, e evidentem ente de dor, não de surpresa, os sons horríveis vinham acom panhados de um zunido que ela não com preendia.

Às cegas, literalm ente, esticou a m ão e segurou Craeg… Só que pegou na extensão dura e plana do seu abdôm en e não no braço.

– Ah, Deus… desculpe, eu…

– Eletrificaram as portas – ele disse, sem com entar a gafe dela, tam pouco seu pedido de desculpas. – Podem os concluir que nada aqui é seguro. Bebeu o que serviram ? Com eu algum a coisa daquelas bandej as?

– Hum … Não, eu…

Da esquerda, ouviram o som inconfundível de alguém vom itando em m eio ao

caos. E dois segundos depois, com o um passarinho respondendo a um trinado da

sua espécie, outra pessoa com eçou a vom itar.

– Eles não podem nos fazer passar m al – ela disse de súbito. – Espere, isto é…

isto é um a escola! Não podem …

– Isto aqui é sobrevivência – disse o m acho com seriedade. – Não se engane.

Não confie em ninguém , ainda m ais se for algum suposto professor. E não tenha

esperanças de passar por isto, não por ser um a fêm ea, m as porque os Irm ãos vão

estabelecer um padrão tão alto que som ente dez de nós terão um a chance de

ainda perm anecer de pé até o fim da noite. Quando m uito.

– Não pode estar falando sério.

– Preste atenção – ele disse. – Ouviu isto?

– Os vôm itos? – O estôm ago dela se revolveu em em patia. – Difícil não ouvir.

Difícil suportar o cheiro tam bém .

– Não, o tique-taque.

– O que… – E foi aí que ela tam bém ouviu… ao fundo, o equivalente sonoro a

alguém se m ovendo atrás de cortinas, havia um tique-taque ritm ado. – O que é

isso?

– Não nos resta m uito tem po. O intervalo entre os ruídos está ficando cada vez

m ais curto. Boa sorte.

– Aonde você vai? – O que ela queria dizer era: não m e deixe. – Aonde…

– Vou atrás do ar fresco. É para lá que todos irão. Não toque nos aparelhos de exercício. E, com o j á disse, boa sorte.

– Espere! – Mas ele j á se afastara, um fantasm a sum indo na escuridão.

De repente, Paradise se sentiu com pletam ente apavorada, seu corpo trem ia incontrolavelm ente, as m ãos e os pés entorpecendo, suor frio se form ando em cada centím etro quadrado de sua pele.

Papai estava certo, pensou. *Não posso fazer isto. No que eu estava pensando…*

E foi nesse m om ento que tudo com eçou.

Do alto e de todos os lados, aconteciam explosões com o se o ginásio tivesse sido preparado para ser detonado. Os sons eram tão altos que seus ouvidos os registraram com o dor, não apenas barulho, e os *flashes* de luz tão brilhantes que ela passou de um a versão da cegueira para outra.

Gritando em m eio ao caos, ela levou as m ãos aos ouvidos e se abaixou, procurando cobertura.

À frente dela, viu pessoas no chão, algum as num agachado defensivo com o o seu, outras vom itavam , e j unto àquelas portas, pessoas se retorciam e abraçavam

a si m esm as apertado, com o se a dor fosse grande dem ais para perm anecerem de pé.

Só havia um a pessoa de pé se m ovim entando.

Craeg.

Nos *flashes* interm itentes, ela acom panhou seu avanço para o canto oposto.

Sim , parecia existir um a abertura, um a porta que ofereceria nada além de m ais escuridão… Mas devia ser m elhor do que ser explodido.

Deu um punhado de passos à frente, m as logo percebeu que aquilo seria um a cretinice. Correr. Ela precisava correr. E não havia nada detendo-a, e ela não queria ser atingida pelos destroços que caíssem .

Não toque nos equipamentos.

Levando-se em consideração o que acontecera com aqueles que tentaram sair pelas portas m etálicas? Só podia ser verdade.

Foi um grande alívio disparar adiante, porém ela teve que dim inuir o passo porque sua visão não conseguia acom panhá-lo; ela precisava esperar pelos *flashes* de luz. Era o único m odo de avançar com segurança.

Pense num a cam inhada desaj eitada. Tropeços, arrastos, escorregadas, ela com eçou a abrir cam inho em m eio ao barulho e à luz atordoantes, à am eaça à



sua vida, ao terror que a acom panhava.

Acabara de entrar no labirinto de equipam entos quando se deparou com a prim eira pessoa caída no chão. Era um m acho que gem ia e apertava a barriga. Seu instinto foi o de tentar aj udá-lo, m as conteve-se.

Isto aqui é sobrevivência.

Algo passou zunindo por sua orelha – um a bala? Estavam *atirando* neles?

Jogando-se no chão, foi deslizando pelo chão escorregadio de barriga, e depois foi avançando agachada em m eio ao trem endo caos.

Estava indo bem até chegar ao m acho seguinte que estava deitado se contorcendo, os braços agarrados ao abdôm en.

Era Pey ton.

Continue, disse a si m esm a. *Vá para a segurança.*

Enquanto outra explosão acontecia, bem do lado direito da sua cabeça, ela grudou a barriga no chão e gritou em m eio à confusão:

– Merda!

Enquanto Craeg, filho de Brahl, o Jovem , avançava pelo ginásio, surpreendeu-se com o fato de que deixar aquela fêm ea para trás o incom odasse tanto. Não a conhecia, não lhe devia nada. Ela era Paradise, a recepcionista da casa de audiências do Rei, aquela que lhe entregara o form ulário de inscrição im presso havia várias sem anas.

De que ele precisava por ser pobre dem ais para ter acesso à internet, quanto m ais a um com putador e um a im pressora.

Lá naquela sala, ela se m ostrara… deslum brante dem ais para que ele a fitasse.

E quando ficou sabendo que ela queria participar do program a? A única coisa que

lhe passou pela m ente era o que os hum anos poderiam fazer com ela caso a

apanhassem . Ou os *redutores*. Ou o tipo errado de vam piro.

Alguém tão linda quanto ela não estava segura neste m undo.

Entretanto, ela parecia ingênua quanto à severidade das provas que todos enfrentariam com o *trainees*. Os Irm ãos haviam orquestrado cada parte daquele am biente. Nada fora deixado ao acaso, e nada aconteceria a favor dos candidatos. Dizer a ela o que ela j á deveria saber pareceu-lhe o único m odo de aj udá-la de algum a m aneira, m as não poderia desperdiçar sequer um instante se perguntando o que podia ter acontecido com ela.

Precisava era se concentrar nos *flashes*.

Ainda que a princípio parecessem aleatórios, na verdade existia um padrão sutil neles, e assim com o os tique-taques antes que o show de barulhos e luzes com eçasse, os intervalos estavam ficando cada vez m enores; portanto, seu tem po estava acabando.

Não fazia ideia de qual seria a segunda fase, m as sabia m uito bem que era bom estar preparado para ela.

Pelo m enos nenhum deles m orreria.

Apesar da atm osfera de perigo, ele tinha a sensação de que a Irm andade não feriria nenhum deles de verdade. As “explosões” eram apenas m uito barulho e luzes: não havia destroços, nenhum a estrutura estava caindo, não havia cheiro de

fum aça. Do m esm o m odo, o que quer que estivesse fazendo m al às pessoas não

devia ser algo fatal. Os cam aradas deitados no chão não estavam num m om ento

feliz em suas vidas, claro, m as em m eio aos *flashes*, ele notou que os prim eiros a

caírem j á estavam ficando de pé.

Aquele era um teste, um teste elaborado e só Deus sabia quanto duraria e, pelo

andar da carruagem , a proporção de sucesso entre os candidatos devia ser ainda

m ais baixa do que aquela que dissera a Paradise.

Craeg parou e olhou para trás por um segundo. Não conseguiu evitar.

Contudo, não havia com o saber onde ela estava no m eio daquela confusão. A

luz não se sustentava por tem po suficiente e havia m uitos corpos ali.

Apenas siga em frente, disse a si m esm o.

Já fez isso antes, vai fazer hoje de novo.

Seguindo em frente, abriu seu cam inho ao largo dos equipam entos de

exercício. Não era um a boa ideia tentar se proteger atrás deles. De tem pos em

tem pos, ele via pelo canto dos olhos algum a pobre alm a tentar isso, só para

parecer ser eletrocutada, os corpos se retorcendo em ângulos esquisitos na luz

estroboscópica ao serem lançados para trás e caírem .

Desej ou m uito que ela tivesse lhe dado ouvidos.

Abaixando a cabeça e se m ovim entando com rapidez, acabou chegando à

porta de entrada do lado oposto. O cheiro de ar fresco era inebriante, um respiro que renovou as forças do seu corpo. Mas ele não conseguia enxergar o que havia do outro lado, e recrim inou-se por não ter dado razão ao im pulso de trazer um a lanterna consigo.

Ok, tudo bem , então nem ele m esm o im aginara que as coisas ali podiam ficar tão intensas.

– É por aí que tem os que ir.

Ao som daquela voz grave, ele olhou para trás, e ficou surpreso ao ver um a fêm ea parada tão perto dele. Não era a loira adorável, nem perto disso. Na verdade, aquela parecia sugerir que o term o “sexo frágil” era um grande equívoco de nom eação. Era quase tão alta quanto ele, m usculosa debaixo das roupas de ginástica e, pelo m odo com o o encarava direto nos olhos, ele entendeu

que ela era tão inteligente quanto forte.

– Craeg – apresentou-se, estendendo a m ão.

– Novo.

Com o esperado, o aperto de m ãos foi breve e forte.

– Agora vem isso. – Ela apontou para o vazio com a cabeça. – Por que diabos eu não trouxe a m inha lanterna?

– Acabei de pensar a m esm a coisa…

– Por aqui! – alguém exclam ou. – É por aqui!

Em m eio à luz forte, Craeg viu um grupo de três m achos disparando pela passagem , conduzido por um grandalhão que trazia um a expressão de triunfo antecipado no rosto, que Craeg tinha m uita certeza que não duraria m uito tem po

m ais.

Craeg sacudiu a cabeça e recuou um passo. Qualquer que fosse a m aneira de entrar ali, não seria em disparada. Pelo que sabiam …

Um … Dois… Três… O trio passou por ele e pela fêm ea, que havia parado ao seu lado.

De súbito a porta se fechou num baque forte. Em seguida, gritos do lado oposto.

Craeg olhou ao redor. Talvez outra saída fosse aberta? Ou talvez devesse pensar m ais am plam ente? Seria possível existir outra resposta…

Naquele instante, viu um par de cordas penduradas do teto uns nove m etros m ais à frente. Podia j urar que elas não estavam ali antes… Quem podia saber?

– Essa é a próxim a opção – com entou.

– Vam os lá.

Os dois se afastaram , correndo ao redor dos equipam entos, na direção das cordas antes que m ais alguém o fizesse. Não havia com o saber onde elas os levariam , não dava para enxergar tão alto, m as as luzes pipocavam com m aior intensidade, e não havia opção.

– Pedra , papel, tesoura para ver quem vai escolher antes – ela disse,

m ostrando o punho.

Ele fez o m esm o.

– Um , dois, três. – Craeg escolheu pedra; ela, papel. – Você escolhe.

– Ok.

Craeg segurou a da esquerda e puxou com tanta força que suas palm as arderam . Parecia ser forte o bastante. Mas e se estivesse errado? A queda seria bem longa, e não havia acolchoados em baixo.

Ele e a fêm ea avançaram lado a lado, segurando, puxando, usando os pés para prender a ponta solta que deixavam para trás ao subirem . E ela era quase tão rápida quanto ele, não que gastasse m uito tem po para m edir o seu progresso.

Para cim a, para cim a, para cim a… Até que os alto-falantes dos quais saíam os barulhos de explosão estivessem logo acim a da sua cabeça e as caixas de luz que

geravam os *flashes* brilhantes os cegassem logo adiante.

– E agora? – exclam ou quando estava a m enos de dois m etros do teto.

– Andaim es – ela gritou de volta, m udando de m ão na corda e apontando.

E lá estava algum tipo de passarela suspensa por fios de m etal. Olhando para baixo, rezou m ais um a vez para que a plataform a fosse forte o bastante para suportar o peso.

– Vou na frente.

– Pedra, papel, tesoura – ela gritou. – Um , dois, três.

Ele escolheu tesoura; ela, papel.

– Eu prim eiro – ele anunciou.

Só que a passarela ainda estava um tanto distante, m esm o quando ele chegou à sua altura. Segurando-se à corda grossa, usou a parte inferior do corpo para criar um m ovim ento pendular… que passou a um balanço com pleto. Seria necessária um a perfeita cronom etragem para fazer aquilo do j eito certo, teria que soltar as m ãos por, pelo m enos, um m etro e m eio em pleno ar, sem rede de proteção em baixo. E quem é que sabia o que encontraria ali quando aterrissasse?

Mais m etal com corrente elétrica correndo por ele?

Craeg avançou com a pelve um a vez m ais, ergueu os j oelhos e afastou o peso da passarela; em seguida, quando o m ovim ento o levou para a frente um a vez m ais, ele arqueou as costas e j ogou os pés adiante.

E, bem na hora certa, soltou a corda, desistindo da segurança que ela oferecia.

Pelo m enos, ele desej ou que fosse na hora certa.

Capítulo 7

– LEVANTA, PEYTON! LEVANTA… AGORA!

Quando Paradise perdeu a luta com seu instinto de sobrevivência e rolou o am igo – ou inim igo, ou que diabos fosse ele agora – de costas, praguej ou contra ele, contra si m esm a, contra a Irm andade, contra m ais ou m enos tudo que

fosse

um substantivo.

A nova posição não dem orou m uito. Quando ele voltou a vom itar, ela o em purrou de bruços de novo a fim de que não aspirasse o vôm ito.

Olhando ao redor, viu… tantos caídos no chão. Com o se fosse um cam po de batalha.

– Vou m orrer – Pey ton gem eu.

Nos recessos da m ente, Paradise notou que, apesar de os sons serem calam itosos, havia m ais ilum inação, os *flashes* surgiam m ais rapidam ente e perm aneciam por m ais tem po.

– Venha. – Paradise o puxou pelo braço. – Não podem os ficar aqui.

– Pode m e deixar… só m e deixe ficar aqui…

Quando Pey ton vom itou de novo e pouca coisa foi expelida, ela olhou para a extrem idade oposta do ginásio. Havia algum as pessoas paradas ao redor da abertura escura na direção que Craeg lhe dissera para tom ar.

– Pey ton…

– Vam os todos m orrer…

– Não, não vam os.

E foi um choque perceber que de fato ela acreditava nisso, que não fora apenas um a frase feita para dar falsas esperanças ao senhor Gostosão com problem as estom acais. A questão era que todo aquele barulho e aquelas luzes

não

provocavam nenhum escom bro, nenhum a fum aça, tam pouco poeira, nenhum a

estrutura estava pensa, nada de fato am eaçava o lugar e nem as pessoas ali dentro. Era um espetáculo de som e luzes, com o um a tem pestade de trovões ao longe ou um a produção teatral, e só.

Tam bém teve a sensação de que as luzes estavam m udando, e isso devia ter algum significado.

Provavelm ente um nada bom .

– Pey ton. – Agarrou seu braço e voltou a posicioná-lo de costas. – Levanta o traseiro do chão. Tem os que chegar ao canto.

– Não consigo… está m uito…

Sim , ela o esbofeteou. Não sentiu orgulho disso nem ficou satisfeita com o contato rude.

– *Levanta*.

Os olhos dele se abriram .

– Parry ?

– Com quem diabos você achou que estava falando? Tay lor Swift? – Ele suspendeu o torso do chão. – Fica de pé.

– Posso acabar vom itando em você.

– E eu não tenho problem as m ais sérios? Já deu um a olhada neste lugar?

Pey ton com eçou a balbuciar coisas sem sentido, e foi então que ela decidiu que j á bastava. Passando por cim a das pernas dele, segurou-o por debaixo das axilas e usou sua força recém -descoberta para andar para trás arrastando-o até colocá-lo de pé em seu par de Adidas.

– Paradise, eu vou…

Fantástico.

Agora, a parte da frente da roupa dela estava toda vom itada.

E ele estava tão cam baleante que andar em linha reta seria um desafio.

Correr? Nem sonhando.

– Que droga… – m urm urou, segurando-o ao redor da cintura e suspendendo-o do chão com o se fosse um a barra de pesos.

Pesado. Muito pesado para os seus om bros.

Agora era ela quem estava cam baleando. Era com o se estivesse tentando equilibrar um piano, situação piorada pelo fato de que o peso estava discutindo com ela e vom itando na parte de trás da sua perna direita.

Paradise com eçou a se m over, ignorando tudo a não ser o seu obj etivo de chegar até a m aldita porta do outro lado. A cabeça estava virada para um lado; o pescoço, tão tenso que ardia; o om bro, entorpecido pela falta de circulação; e as coxas j á trem iam pelo peso adicional sobre elas.

A tentação de se perder em todas as sensações físicas era forte, ainda m ais depois que elas ficaram m ais intensas e insistentes. Mas ela queria… Bem , ela

queria chegar à porta, ao ar fresco, ao fim daquela situação de com pleto caos. Então poderia respirar fundo, colocar o peso m orto reclam ante de Pey ton no chão e se sentar num a sala de aula lim pa e agradável.

Talvez partilhar algum as risadas com a Irm andade por ela ter passado pela pior parte e agora as aulas teóricas e de autodefesa poderiam com eçar.

Para conseguir continuar em frente, tentou se lem brar do aspecto das salas de aula que vira quando ela e os dem ais foram conduzidos a partir do estacionam ento. Tinham luzes fluorescentes e cadeiras e m esas posicionados ordenadam ente voltadas para a frente.

– Pare… – disse Pey ton. – Eu vou m orrer…

– Pode calar a boca e ficar parado? – disse ela num resm ungo.

– Eu vou…

Ah, pelo amor de Deus, ela pensou quando ele vom itou de novo.

Conform e avançava a duras penas e ofegava devido ao esforço, o labirinto de equipam entos de atletism o era um com pleto pesadelo, as diversas estações parecendo ter sido espaçadas e anguladas de m odo a dificultar a passagem , o contorno, a superação.

Ainda m ais com Pey ton dobrado sobre ela.

Sem falar nas tantas pessoas espalhadas pelo chão.

Toda vez que passava ao lado de alguém ou tinha que passar o pé por cim a de um a cabeça, m ão, pé ou perna, queria parar, perguntar se estavam bem , cham

ar

aj uda… enfim , fazer algum a coisa. O fato de não poder salvar ninguém a não ser a si m esm a e a Pey ton a fazia gritar internam ente, os pulm ões queim ando dentro do peito, um a estranha raiva m otivando-a.

Ficou procurando por sangue. Obsessivam ente.

Mas não havia sinais dele: nenhum a m ancha verm elha nas roupas, nada de fios rubros sobre a pele ou poças sobre as tábuas am arelo douradas do piso.

Tam bém não havia nenhum cheiro dele que lhe fosse perceptível, em bora houvesse diversos outros, nenhum deles agradável. Mas nada de sangue. E isso tinha que ser bom … Certo?

– Ahhhh! – ela berrou, ao sentir um a dor lancinante.

Nada é tão ruim que não possa piorar.

A dor no cotovelo esquerdo desestabilizou tudo, seu corpo se com portando com o um a m esa dobrável que teve um a perna chutada… e, bem com o um cesto

de frutas sobre um a superfície previam ente nivelada, Pey ton despencou no chão,

seus m em bros frouxos quicando com o se fossem m ações.

– Ai, m eu Deus – ela cerrou os dentes e agarrou o braço, m assageando-o onde a corrente elétrica a atingira.

Aproxim ara-se dem ais do aparelho de supino horizontal. E ao avaliar a quantidade de equipam entos que ainda tinha que ultrapassar, pensou: *Não*

consigo

fazer isso… não consigo…

– Consegue se levantar? – perguntou.

Pey ton respondeu de form a não verbal com m ais do que um *não*: foi um a afirm ativa enfática de que isso ainda não era m inim am ente possível.

Deus, com o ainda podia restar algum a coisa no estôm ago dele?

– Não consigo fazer isso – ela gem eu ao olhar ao redor e m assagear o cotovelo.

Enquanto seus olhos iam de um lado a outro, percebeu que estava procurando por aj uda, algum tipo de boia salva-vidas, um salvador. Devia existir alguém a quem poderia recorrer…

Pela segunda vez em sua vida, rezou à Virgem Escriba, cerrando os olhos com força, tentando encontrar as palavras certas contra a confusão ao fundo, os estrondos, os cheiros, as visões e os espasm os desordenados de adrenalina em seu

interior. De algum m odo, ela conseguiu suplicar à deidade da raça que enviasse alguém para por um fim àquilo, para cuidar de Pey ton, para resgatar todas as outras pessoas abatidas, para que todos saíssem daquele inferno…

Pare de perder tempo, um a voz interior com andou.

Foi um choque tão grande que ela se virou para trás, esperando encontrar alguém atrás dela. Não havia ninguém ali.

Talvez tivesse sido anunciado nos alto-falantes?

Pare de perder tempo! Vá!

– Não consigo levantá-lo de novo!

É melhor encontrar um jeito de fazer isso, porra!

– Não consigo!

É melhor fazer essa porra de uma vez!

– Ok, tudo bem , ok, tudo bem .

Murm urou essas palavras repetidam ente ao voltar a erguer Pey ton e recolocá-lo na posição anterior. A segunda vez que o suspendeu foi ainda m ais descoordenada que a prim eira, o corpo frouxo em partes que não aj udavam em nada, nada m esm o, m as Pey ton parecia estar recobrando as forças, e suas m ãos a seguraram pelo quadril.

Quando ultrapassou a parte dos obstáculos, estava ficando sem forças. Fez um rápido cálculo m ental para m edir a distância até a porta, acrescentando outros fatores com o o quanto o seu om bro estava se deform ando debaixo de todo aquele peso, e o fato de que, inconvenientem ente, precisava tanto urinar que sentia com o se alguém estivesse apunhalando o seu baixo ventre.

Passando a galopar, os pés deslizavam sobre o piso abençoadam ente desobstruído; quanto m enos chacoalhasse, m elhor para o passageiro que carregava e seu próprio corpo.

Espere um instante.

A porta estava fechada.

Ao chegar ao seu destino, franziu o cenho e forçou a visão a se focar nos instantes de ilum inação. *Merda*, a porta estava *fechada*. Mas não havia pessoas paradas j unto a ela apenas m om entos atrás?

Aproxim ando-se do painel, deixou Pey ton escorregar para trás e m al lhe deu um a olhada quando ele caiu esparram ado no chão.

O que acontecera com a m aldita porta?

Não havia m açaneta de nenhum tipo. Nenhum a dobradiça. Nenhum vidro para quebrar.

Girando para o outro lado, perscrutou o am biente… Jesus, havia cordas penduradas no teto, e duas pessoas penduradas nelas, subindo com um a velocidade que fez com que ela quisesse se sentar e desistir bem ali onde estava.

– Pey ton? – ela o cham ou ao inclinar a cabeça m ais para trás para acom panhar a subida daquele par. – Não vou conseguir te carregar num a daquelas ali.

Inferno, ela não achava que conseguiria arrastar o próprio peso por aquelas cordas flexíveis.

Aonde aqueles dois estavam indo? , perguntou-se quando eles sum iram de vista.

– Pey ton, vam os precisar…

Um a depois da outra, as longas cordas torcidas caíram no chão pesadam ente,

provocando um baque tão alto que ela pôde ouvir m esm o com todo o barulho ao

fundo.

Onde foram parar aqueles dois?

Esfregando os olhos, quis gritar. Em vez disso, cerrou os dentes e disse:

– Que diabos vam os fazer ag…

Um a corrente renovada de ar fresco fez com que voltasse a se girar. A porta

voltara a se abrir, revelando um denso vazio negro.

Com o se j á tivesse consum ido os outros recrutas e estivesse pronto para m ais

um a refeição.

Pey ton se esforçou para ficar de pé, lim pando o rosto com as m ãos trêm ulas.

– Consigo andar.

– Graças a Deus.

Ele olhou-a de relance.

– Te devo um a.

– Prim eiro, vam os ver se indo por aqui vam os parar em algum lugar.

– Vam os j untos. – Os olhos dele ardiam quando lhe ofereceu o cotovelo, com o

se eles fossem entrar num salão de baile, ela de vestido de gala, ele de sm oking. –

Não vou te deixar.

Paradise o encarou por um instante.

– Juntos.

Entrelaçando o braço no dele, não se surpreendeu quando ele a usou para se equilibrar. Ainda assim , aquilo representava um a incrível m elhora em relação ao antigo estado quase com atoso… a não ser pela náusea.

Avançaram ao m esm o tem po, pois a soleira era larga o bastante para deixar passar os dois…

A porta bateu atrás deles e apagou qualquer fonte de luz, e ela abriu a boca para gritar, m as conteve a saída do som . A sensação do chão escorregando debaixo dos seus pés voltou a acontecer, um a lição quanto à im portância da visão em relação ao equilíbrio e à orientação espacial de braços, pernas e tronco.

Ao seu lado, Pey ton ofegava.

Do nada, m ãos rudes a seguraram pelos cabelos, puxando-o com força. E ela desatou a gritar conform e o m edo a fazia se contorcer e se debater contra quem a segurava.

– Paradise!

Foram separados e algo foi colocado sobre a sua cabeça, prendendo-se em seu



pescoço. Forçada ao chão, suas pernas foram am arradas e depois usadas para puxá-la de costas. Debatendo-se, tentando chutar, respirar, perm anecer ainda que m inim am ente calm a o bastante para poder pensar, sentiu-se sufocar.

Sentiu com o… se fosse m orrer.

No alto do andaim e, Craeg descobriu do j eito m ais difícil que era m elhor se equilibrar, pois os choques que levava toda vez que seus braços encostavam em algo m etálico faziam seu coração acelerar e bloqueavam sua m ente por um a fração de segundo que ele não podia se dar ao luxo de desperdiçar.

E, naturalm ente, a m aldita plataform a era tão desequilibrada quanto um velhinho caquético, indo de um lado para o outro, balançando com o um bastão de basebol.

– Entre no ritm o! – gritou para Novo. – Siga m eus passos!

Mãos fortes o seguraram pela cintura.

– Tô contigo.

Passaram a andar a passos largos, rápidos, porém cautelosos, indo de um lado a outro, o calor das luzes e o grupo de pessoas abaixo fazendo-o suar. Esticando os braços, ele equilibrava a si m esm o e a ela, e os dois com eçaram a avançar num ritm o bom , dirigindo-se só Deus sabe para onde…

De repente, a passarela ficou estável, e isso foi um a notícia bem ruim . O que dava certo num a superfície instável não funcionou m uito bem na firm e, e os dois se m eteram num a série de choques elétricos que os m andou de um lado a outro, os corpos se chocando e depois voltando a acertar os apoios de m etal, só para receberem m ais choques. Os m úsculos com eçaram a se enrij ecer com cãibras

e

se recusaram a relaxar, os m em bros incapazes de seguir os com andos m entais.

– Cacete! – Craeg exclam ou ao tentar fazer o corpo parar de reagir ao

estím ulo.

– Mas que porra…? – Novo berrou.

Ou algo parecido.

Em pleno ar.

Em seguida, ele se viu caindo da beirada da qual não notara se aproxim ar,

um a queda livre que fez com que até ele berrasse a plenos pulm ões. Ao seu

redor, o ar se m ovia rápido, passando por suas roupas, agitando-as, correndo por

seus cabelos, pele do rosto e das costas, atordoando os seus ouvidos com um som

im pactante. Acabaria fraturando as pernas se caísse de pé, m as não havia tem po,

tam pouco distância – sequer um m otivo – para tentar am ortecer a queda que não

seria devastadora…

Splash!

Ele atingiu de lado um a inesperada superfície líquida, seu corpo sendo

capturado por aquele volum e de água lim pa e fria. O alívio por não ter acabado

com os dois fêm ures saindo pelo topo dos om bros durou pouco. Após tantos

choques elétricos, seus m úsculos torturados e hiperaquecidos im ediatam ente se

retesaram com cãibras, tudo se im obilizou, a ausência de gordura corporal transform ando-o num a âncora, não num a boia.

O choque da queda inesperada fez com que ele enchesse os pulm ões de ar, porém esse oxigênio não duraria m uito. Precisava retornar à superfície.

Com m ãos fechadas em garras e m obilidade em apenas um a perna, ele lutou e se debateu na direção que esperava que fosse para cim a. Não tinha absolutam ente nenhum a orientação visual, nada além do abism o negro que o consum iria caso não se salvasse.

A superfície da piscina, da lagoa, do lago, do que quer que aquilo fosse, surgiu inesperadam ente, sem aviso, surpreendendo-o da m esm a form a que antes, quando m ergulhara nela. Tossir e inspirar eram duas atividades m utuam ente excludentes, e ele teve que forçar seu prim ordial senso de sobrevivência a fim de

regular as reações espasm ódicas do diafragm a.

Cloro. Estavam num a piscina.

Não passou m uito tem po pensando nisso. A dor das cãibras era inacreditável: era com o se tivesse adagas cravadas nas coxas, nas nádegas, no abdôm en, e ele com eçou a afundar antes de recobrar o fôlego, e isso não seria nada bom .

Acabaria m orrendo assim .

Lutando contra os im pulsos do corpo, usou a m ente para sobrepuj ar o sistem a nervoso sim pático: inspirando um a enorm e quantidade de ar e prendendo depois

o fôlego, m exeu os braços para fora e para baixo, criando um a correnteza artificial que correu pelo seu tronco na superfície da água. Depois parou… cacete… *de se mexer*.

E deixou o ar dentro dos pulm ões ser o colete salva-vidas que não estava usando.

Não era um a boia perfeita. As pernas continuavam a afundar, e ele tinha que agitá-las de vez em quando para perm anecer à tona, m as era infinitam ente m elhor do que bater no fundo e se afogar.

De tem pos em tem pos, expelia o ar e voltava a inalar.

Não tinha certeza de quanto tem po aguentaria aquilo. Mas logo descobriria.

Deus… Seus m úsculos enrij ecidos eram um a tortura a suportar e, para se distrair, reviveu os m om entos no alto daquela passarela. Os Irm ãos eram brilhantes, concluiu. Ir do calor para aquele frio? Depois de todos os choques? Era um am biente planej ado, garantido para colocá-los exatam ente onde ele se encontrava: lutando contra as reações naturais do corpo a certos estím ulos e am bientes.

O que estaria acontecendo com todos os outros? , im aginou.

Onde estaria aquela fêm ea?

Não a que estivera com ele no alto… m as a outra? Paradise?

Enquanto a água obstruía os seus ouvidos, era com o aquele espetáculo de luzes no ginásio, obscurecendo e depois perm itindo estím ulos sensoriais. Ouvia a

agitação da água, tanto perto quanto longe… Muitos gritos e arquej os de outros na

piscina… ecos – deviam estar em um lugar am plo com um teto relativam ente

baixo e m uitos azulej os.

Libertando o ar nos pulm ões, im ediatam ente os encheu outra vez…

… e esperou pelo que viria em seguida.

Capítulo 8

– … UM PAR NA BOCA. Hora estim ada, quatro m inutos. Entrada desobstruída e

extrem idade direita da piscina…

Apertando o botão do fio que partia do fone de ouvido e descia pela lateral do

pescoço, Butch disse com tranquilidade:

– Entendi.

Ao cam inhar ao longo da beira da piscina, acom panhou os m ovim entos dos

candidatos na água com o auxílio dos seus óculos de visão noturna. Mais dois

haviam acabado de cair m ais à frente; am bos subiram à superfície e estavam

boiando, por isso estavam bem e relativam ente sossegados. Nem sem pre era

assim . Ele e Tohr tiveram que resgatar quatro candidatos, o que valia dizer que só

restavam três m achos com aquele novo casal ali.

Todos estavam longe da entrada B à direita. Muito bom .

Butch consultou o relógio. O tem po de quem ainda estivesse no ginásio

acabaria em seis m inutos. E tudo era apenas o preâm bulo para o que ele e seus Irm ãos se referiam com o Destino Final. Essa últim a parada term inaria ao nascer

do sol, portanto, era crítico para a m issão que o grupo passasse pelos testes iniciais com bastante tem po de sobra.

A clínica da doutora Jane e de Manny estava enchendo. As ervas em éticas suaves atingiram seu obj etivo, e tam bém aconteceram pequenos cortes, esfoladuras, distensões m usculares e queim aduras leves. Duas levas de desistentes j á estavam saindo da propriedade, e m ais se seguiriam .

Assim era a m eritocracia: as coisas tinham que acontecer bem rápido porque nem ele nem V. desperdiçariam tem po com alguém que não estivesse talhado para o program a.

– Já chegou a m inha hora? – Lassiter falou no aparelho auricular. – Nasci pronto para isso.

– Dentre tanta gente para ser im ortal – V. resm ungou –, por que você é um a delas?

– Porque sou m aravilhoooooso – o anj o caído cantarolou. – E faço parte da equipe…

– Não, não faz, não…

– … vivendo o sonho!

A cabeça de Butch com eçou a latej ar ainda m ais.

– Cala a boca, Lass. Não vou te aguentar cantando agora.

– Mas é do *Meu Malvado Favorito* – com entou o anj o. Com o se isso fosse adiantar algum a coisa.

– Fecha a m atraca – V. o interrom peu.

– Cala a boca. – Butch se controlou para m anter a voz baixa. – Tem os m ais quatro m inutos no ginásio. Eu te aviso quando…

– Estou ficando sem ar aqui, sabe – Lassiter reclam ou. – A m inha boia está desinflando.

V. praguej ou.

– É porque não quer ficar ao seu redor, assim com o a gente.

– Continue assim e vou com eçar a pensar que a nossa inim izade é m útua.

– Já não era sem tem po.

Está certo que Butch não estava se divertindo m uito arrastando idiotas encharcados para fora daquela piscina, m as, na boa: estava feliz da vida por não estar nos fundos da casa com aqueles dois discutindo.

– Fique aí, Lass – disse. – Manterei contato. E, V., pelo am or de Deus, vê se desliga o m aldito m icrofone del…

– Ai! Ei! Mas que porra, V…

E… foi assim que tudo ficou abençoadam ente silencioso.

Quando sua dor de cabeça am eaçou virar um a enxaqueca, Butch desej ou arrancar os óculos e esfregar as pálpebras, m as não desgrudaria os olhos

daqueles candidatos nem m esm o por um instante. A últim a coisa que o program a

precisava era que alguém acabasse seriam ente ferido, ou pior, m orto.

Além disso, j á estava bastante distraído por si só, m esm o com aquele aparato

na cabeça.

Havia algum a coisa errada com Marissa.

Ele próprio passara tem po suficiente com o um zum bi am bulante durante seus

dias de hum ano para reconhecer o entorpecim ento de preocupação pelo qual ela

passava.

A questão era que ela não lhe dizia nada de concreto. Toda vez que lhe

perguntava no que ela estava pensando ou se ela estava bem , ela lhe sorria e

vinha com algum a desculpa esfarrapada quanto a estar ocupada no Lugar

Seguro.

Indubitavelm ente isso era verdade, m as era o norm al. E nem sem pre ela

ficava com o esteve na noite anterior e durante o dia tam bém .

Talvez sim plesm ente precisassem de um a noite de descanso – e não só do

trabalho. A m ansão era um lugar m aravilhoso de se viver: a com ida, um a delícia;

a com panhia, ainda m elhor. O problem a era que não se tinha m uita privacidade.

A não ser quando se retirava para o próprio quarto, que no caso dele era um

espaço do tam anho de um a caixa de sapato com porta e paredes finas lá no

Buraco, nunca se estava verdadeiram ente sozinho. Introm issões aconteciam sem

aviso de qualquer um da equipe de em pregados, dos outros Irm ãos, das

com panheiras deles.



O irlandês católico de um a grande fam ília dentro dele adorava isso.

A sua porção de *hellren* preocupado não ficava tão entusiasm ada assim .

Precisamos de uma escapada romântica, pensou.

– Para onde vam os? – V. perguntou em sua orelha.

Merda, falara em voz alta.

– Não com você.

– Cara. Isso doeu. De verdade – foi a resposta curta.

– Marissa e eu precisam os…

– Se for educação sexual, eu podia j urar que vocês dois j á tinham descoberto tudo a esse respeito. A m enos que todos aqueles sons sej am vocês dois fazendo briga de polegares.

– Fala sério.

– Quer dizer que é origam i? Tá explicado, os cortes provocados pelo papel devem doer… quem haveria de im aginar, hein?

– Para.

– É o que a Marissa nunca diz.

– Não tem sido o caso ultim am ente – Butch replicou.

– Está com problem as?

– Não sei.

Houve um a longa pausa silenciosa.

– Tenho um a ideia.

– Estou aberto para…

– Foi isso m esm o que ela disse! – Lassiter se m eteu na conversa.

– V., pensei que você tivesse tirado o… – Os sons dos m achos se batendo no m icrofone fez com que ele arrancasse o fone de ouvido com um a careta.

Lassiter obviam ente estava levando a surra pela qual vinha im plorando e, em qualquer outra circunstância, Butch teria se j untado aos dois, e não para bancar o j uiz. Mas tinha coisas m ais im portantes com que se preocupar.

Ainda m ais quando dois novos convidados acabavam de chegar para a etapa líquida da festa.

Quando V. voltasse a falar, talvez Butch recebesse algum conselho que prestasse. Desde que seu m elhor am igo pensasse além do m undo das coleiras de espinhos, da cera de velas pretas e dos prendedores de m am ilos.

Merda.

Paradise se debatia contra quem a prendia pelos tornozelos, girando o tronco tal qual um peixe fora d’água no chão pelo qual era arrastada de costas, as m ãos

com o garras tentando se segurar. Dentro do saco ao redor da cabeça, a

respiração quente a sufocava, ou talvez ela tivesse sim plesm ente aspirado todo o

oxigênio.

Em resposta, o pânico se espalhou por todo o seu corpo, retesando-lhe os

m úsculos e transform ando o seu cérebro num a pista de alta velocidade para um a

vertiginosa sucessão de pensam entos que nem de perto a tranquilizavam ou

aj udavam . Um a parte sua queria cham ar Pey ton, m as ele não conseguiria salvá-

la. Tam bém o tinham pegado. Sua outra m etade antevia todo tipo de resultados

ruins.

O que vem depois? O que vem depois? Oquevemdepoisoquevem.…

O “depois” chegou sem dar aviso com o todo o resto: pararam de arrastá-la,

um a segunda pessoa se aproxim ou, segurou-a pelos om bros e a ergueu do chão.

Paradise berrou de novo dentro do saco e tentou se soltar. Im possível.

Seguravam -na com tam anha força que ela bem podia estar com tornos

prendendo-lhe a pele e os ossos…

Balanço.

Ela estava sendo balançada para a direita e para a esquerda, o m ovim ento

acelerando, com o se fosse ser lançada.

– Não!

Bem quando foi solta no alto do arco à esquerda, o saco lhe foi arrancado da cabeça. Duas incríveis inspirações e logo ela foi caindo, caindo, caindo, no m eio da escuridão pontuada por sons estranhos.

Splaaash!

Água por todos os lados. Entrando no nariz, na boca, envolvendo seu corpo. O instinto assum iu o com ando, seus sentidos autom aticam ente avaliaram que "para cim a" era a direção oposta à da que seguia afundando. Abrindo pernas e braços, descobriu que o que a prendia pelos tornozelos havia sido retirado.

Irrom peu à superfície com tanta força que seu corpo quicou com o um a rolha, e ela tossiu com tanta violência que quase perdeu a consciência. Em m eio a tudo aquilo, porém , conseguiu respirar… e logo se viu inspirando grandes quantidades de oxigênio, o sim ples luxo de conseguir respirar enchendo-a com um a gratidão que lhe levou lágrim as aos olhos. Isso não durou m uito. Em toda a sua volta, ouvia pessoas se debatendo na água, sons de tossidas, de respiração laboriosa, de m ãos e pernas se m ovim entando para que boiassem .

Quantos seriam ?

Aquela era a segunda parte?

Avançando na água, desej ou localizar Pey ton, m as não tinha certeza de que cham ar a atenção para si seria um a boa ideia. Pelo tanto que sabia…

– Paradise!

O som da voz de Pey ton estava próxim o e à direita.

– Aqui! – disse com voz estrangulada. – Estou aqui. Estou bem …

– Você está bem ?

– Estou bem aqui – disse um pouco m ais alto. – Estou bem …

Em seguida, sentiu um a m ão forte segurando-a pelo braço e puxando-a pela água.

– Aqui dá pé pra m im – disse Pey ton. – Deixa eu te segurar.

– Não preciso…

– Você tem que conservar suas forças. Isto é apenas o com eço.

Ele pareceu tão sensato, com o se o choque com a água o tivesse deixado sóbrio. Em seguida, as m ãos deslizaram pela sua cintura de m odo a girá-la de costas para ele.

– Te peguei – ele sussurrou.

Os braços dele a prendiam , e a sensação do corpo forte atrás dela a deixou tensa. Quando constatou que tudo o que ele estava fazendo era respirar para se recobrar tam bém , ela com eçou a relaxar um pouco, m esm o não conseguindo enxergar nada e sentindo suas pernas roçando nas dele.

Nunca antes estivera tão perto de um m acho.

Em bora, levando-se em consideração a situação em que se encontravam , aquele dificilm ente era o m om ento de pensar em tais besteiras; Pey ton não tinha

nada além de sobrevivência na cabeça.

Com um tênue alívio, relaxou contra ele, perm itindo-se ser am parada. Seus instintos perm aneceram em alerta m áxim o, m as, pelo m enos, seu corpo teve um a breve trégua; os batim entos cardíacos estavam se aquietando, aquela ardência horrorosa nos pulm ões se extinguindo…

Splash! Splash!

Dois outros candidatos – ou vítim as – bateram na água, porém bem longe dela, dando-lhe exatam ente a ideia de com o aquela piscina, ou lago, ou lagoa, devia ser grande. Não, não era um lago. A água era clorada.

Um a piscina. Estavam num a piscina subterrânea. Provavelm ente não m uito distante do ginásio, porque não fora arrastada por quilôm etros.

– O que vem depois? – ela perguntou.

– Não sei. Mas sei que vam os ficar j untos.

– Isso. – Ficou surpresa com o tanto que a presença dele a acalm ava, apesar de ainda não conseguirem enxergar nada, e ela não fazer a m ínim a ideia do que os atingiria em seguida…

Splash! Splash! Splash!

– Em quantos estam os aqui? – perguntou.

– Cinco acabaram de chegar. Então, som os pelo m enos sete.

– De sessenta? Deve haver m ais. – Com o ela podia fazer parte de um núm ero tão pequeno que chegara até ali? – Por certo, deve…

Mais quatro chegaram , um caindo perto deles, os outros três do lado oposto.

– Estou pesada dem ais para você? – perguntou.

– Para com isso.

Quando ele m udou as m ãos de posição, o corpo dela se m oveu na água, as costas pressionando a pelve dele. Ela não sentiu nada ali… Mas tam bém não saberia com que se preocupar caso ele estivesse excitado.

Outra pessoa m ergulhou na piscina.

E depois…

… um longo período sem nenhum acréscim o. Na verdade, devem ter sido apenas uns dois m inutos, m as lhe pareceram horas… dias.

O m edo continuou presente, m as com o nada o alim entava de im ediato, a ansiedade com eçou a canibalizar o seu lado racional, todos os tipos de loucura percorrendo sua m ente. E se aquilo não fosse um program a de treinam ento? E se

fosse algum tipo de… experim ento social? Um sequestro para extrair os órgãos…

ou um a tentativa de… puxa, ela não sabia.

Um a onda de terror a assolou. Não enxergava nada, o rugido em sua cabeça abafava os sons na piscina, e seu corpo estava cansado dem ais para processar o trem or que a afligia.

– O que vem agora? – ela gem eu.

– Eu…

Antes que Pey ton conseguisse responder, ela ficou ciente de que algo havia m udado ao redor deles. Os outros tam bém notaram , os corpos m ergulhados na água se im obilizando com o se tentassem avaliar o que estava diferente.

O nível da água estava descendo.

A superfície agitada da água estivera na altura dos seus om bros, m as agora j á lhe batia nos braços, depois nos cotovelos.

Seus batim entos voltaram a acelerar, um a tontura fazia sua cabeça rodar.

– O que vão fazer com a gente agora? – ela arfou.

A altura da água descendo… descendo… Até que seus pés bateram no fundo da piscina, com o os de Pey ton. Contudo, ela perm aneceu aninhada nos braços dele; pelo m enos, com o corpanzil dele por trás, ela tinha a retaguarda coberta.

Eu só quero enxergar, ela pensou na escuridão com pleta. *Pelo amor de Deus.… por favor, me deixem ver alguma coisa.…*

Num dos cantos, um a luz brilhante, quase ofuscante, surgiu.

Era tão forte que ela teve que suspender o braço contra aquele fulgor e, assim , conseguiu ver que sim , estavam num a piscina, um a m uito lim pa e com um a bela

borda azulej ada em azul e verde-claro. E lá estava Pey ton, com aparência cansada atrás dela. E os outros candidatos na água.

Afastando o cabelo m olhado do rosto, fez um a careta tentando focalizar…

Mas que…

– … porra é essa? – Pey ton term inou por ela.

Do lado oposto da piscina que ainda se esvaziava, um m acho im enso com cabelos loiros e negros entrou no espaço e, a princípio, ela pensou que ele tivesse levado um a ilum inação consigo. Na verdade, o corpo dele *era* a luz. Ele reluzia com o se fosse um a lâm pada incandescente viva, que respirava.

Mas a loucura era que aquilo não foi o que m ais a chocou.

Ele usava um a m áscara de m ergulho com *snorkel* acoplado afastada de seu belo rosto… um par de nadadeiras que estalavam sobre o piso m olhado e escorregadio conform e ele se aproxim ava da beirada… um traj e de banho em form a de estilingue rosa-choque… e um a boia infantil am arela e azul ao redor da

cintura.

Cada um dos quase m ortos encharcados na piscina o encarava com o se ele fosse o retorno do Messias num universo paralelo em que o Bob Esponj a se encontrava com Magic Mike.

Avançando até o tram polim , parou, dem orou-se para aj ustar a m áscara e o *snorkel* e pigarreou.

Depois de um punhado de “m i-m i-m i-m i” com o se estivesse se aquecendo para um solo, inspirou fundo e…

– Jerônim ooooo! – berrou e correu até a ponta.

Alçando voo na extrem idade, m anteve a boia firm e no lugar e executou um a

cam balhota prim orosa, acertando a água que baixava com o um a perfeita bola de

canhão que espalhou água até o teto.

Enquanto Paradise abaixava a cabeça para não ser atingida no rosto pelo

tsunam i, pensou: *ponto para a Irmandade.*

O que tinha esperado?

Com certeza tudo, m enos *aquilo*.

Capítulo 9

OS TÊNIS DE CRAEG chegaram ao fundo da piscina bem quando o… bem , sim , aquilo era um m acho… atingiu a água com um im pacto com o se um sedã tivesse sido j ogado ali. Depois que o dilúvio se acalm ou, o am biente se tornou uniform em ente ilum inado, pois a luz que em anava daquele corpo im enso ridiculam ente vestido criava um fulgor que transform ava a piscina olím pica num a lâm pada.

O cara era um a m istura de lutador profissional com brinquedo da Toy s “R” Us.

Mas Craeg não perderia nem um m inuto analisando aquela com binação.

Enxugando o rosto, prim eiro identificou as possíveis rotas de fuga: havia quatro ou cinco portas, incluindo aquela pela qual a figura com corselete inflável entrara, m as estava disposto a apostar que estariam todas trancadas. Nada no teto. Nas paredes. No fundo da piscina.

A segunda verificação era ver se havia “terceiros” participando da encenação.

Bingo. Na periferia, havia dois m achos im ensos vestidos de preto com as cabeças

cobertas com capuzes e usando óculos de visão noturna. Estavam bem arm ados, m as as arm as estavam guardadas… E pareciam estar m onitorando todos dentro da piscina com o se à procura de sinais de fraqueza ou de perigo.

A terceira avaliação foi para ver quem m ais havia conseguido chegar àquele estágio. Dez – não, doze… espere, treze estavam na piscina com ele, incluindo a fêm ea com quem caíra daquela passarela suspensa.

E a recepcionista loira, Paradise.

Em bora não estivesse sozinha.

Nada disso, ela estava recostada em um dos m achos, a m ão repousando sobre o braço protetor que a cingia pela cintura.

Dificilm ente um a surpresa. Fêm eas com o ela não ficavam sem alguém do sexo oposto por perto. Mariposas atraídas por um a cham a e baboseiras do tipo.

Craeg forçou os olhos a se desviarem do par. E isso funcionou, *talvez*, por um m inuto. Em seguida, viu-se avaliando o cara para um possível com bate, anotando

a altura do m acho, a força dos om bros, a determ inação em sua m andíbula.

Com o se os dois fossem se digladiar.

O que era insano, claro.

Não tinha direito algum sobre aquela fêm ea e, m ais precisam ente, a única

coisa com que tinha que se preocupar era cruzar a linha de chegada que o aguardava ao fim de tudo aquilo…

Luzes convencionais foram acesas ao redor do am biente, pondo um fim a todas as som bras, revelando todos os cantos que não escondiam nenhum a am eaça adicional.

Mas ele ainda não acreditava que tivessem term inado. Ele, por certo, não pararia se fosse um dos Irm ãos. Ainda havia m uitas pessoas de pé.

A porta na extrem a direita se escancarou com o se a tivessem chutado.

E foi então que a nova onda apareceu.

Um a um , um grupo de quase doze guerreiros m archou para perto. *A Irmandade*, concluiu ele. Aquilo só podia ser a Irm andade. Seus corpos eram gigantescos, apequenando até m esm o ele e, assim com o os dois guardas, tinham

m áscaras sobre os rostos e couro negro cobrindo-os das cabeças às botas.

Diferentem ente dos outros dois, traziam arm as nas m ãos.

Num *flash*, aquele que fizera a apresentação com os acessórios infantis desapareceu. E o restante da água foi tragada pelos ralos na parte m ais baixa da piscina.

Em toda a sua volta, candidatos estavam de pé, encharcados e relativam ente exaustos. Ele perm aneceu parado, assim com o Novo, que parecia pressentir, com o ele, que a situação se com plicaria.

Aquelas arm as eram um m au sinal.

Num clássico pensam ento grupal, os outros candidatos se j untaram , as pessoas na parte rasa recuando conform e os guerreiros avançavam ao longo da piscina, contornando a escadinha que estava escorregadia e que conduzia a nada a não ser concreto e poças.

Em seguida, aqueles m achos am eaçadores arm ados desceram para a piscina, os coturnos aterrissando com o trovões, o sacolej ar de seus coldres produzindo rangidos. Quando pararam , foi im possível determ inar em quem se concentravam , visto que suas cabeças estavam todas viradas para o grupo, m as os olhos perm aneciam cobertos.

Triangulando sua posição, Craeg concluiu que, naquele m om ento, fazer parte do grupo seria m elhor, por isso…

Um a um , os Irm ãos ergueram as pistolas, apontando diretam ente para os *trainees*. E, então, o m ais alto de todos deu um passo à frente, girando o cano num círculo preguiçoso à procura do seu alvo.

Pense num rebanho em pânico. Os candidatos se assustaram , correndo de um lado para o outro, esforçando-se para ficar atrás de alguém , escorregando, caindo. Uns dois se aj oelharam , debulhando-se em lágrim as e im plorando antes

m esm o que qualquer disparo fosse dado.

Craeg não faria nada disso. Se os *trainees* fossem alvej ados com algum tipo de

bala, não seria nada letal. Até então, haviam tom ado m uitas precauções. E estava

pronto para levar um a bala, se fosse necessário para seguir para a fase seguinte.

Que atirassem nele. Não tem ia a dor.



Aprum ando os om bros, encarou-os, e percebeu que provavelm ente existia

outro m otivo pelo qual ele parara. Mas de qualquer m odo se recusava a adm iti-lo.

Venha, com andou m entalm ente. *Aqui.*

Vem pra cá…

Mas não o queriam .

Não… eles foram em direção a outra pessoa.

Ela não, ele pensou. *Merda, Paradise não.*

– Ei – cham ou alto. – Ei, idiota!

Assim que aqueles m achos de negro entraram no am biente, Paradise

reconheceu os Irm ãos. Depois de ter passado tanto tem po trabalhando próxim a a

eles, conhecia seus cheiros, suas auras, e passara a considerá-los seus protetores,

quase pais para ela.

Não era o caso esta noite.

Ainda m ais quando desceram para a piscina j á seca, ergueram as arm as… e

um deles a escolheu com o alvo.

Rhage. Era Rhage quem m irava sua arm a nela e depois com eçou a avançar.

Sabia disso porque o corpo dele era m uito m aior do que o dos outros.

Não, pensou ela. *Você não pode fazer isso. O meu pai…*

Mas ele não hesitou. Veio direto na direção dela e de Pey ton, apontando a arm a, dedo no gatilho.

– Ei! Idiota!

Pelo canto do olho, viu que um dos recrutas dava um passo à frente e balançava os braços.

Era o seu m acho – isto é, aquele m acho. Craeg…

– Atire em m im ! Ei! Filho da puta! Atire em m im em vez dela.

E foi o que o Irm ão fez.

Sem desviar o olhar dela, o braço de Rhage virou para o lado e ele apertou o gatilho. Um a bala explodiu do cano.

Paradise gritou e tentou se soltar dos braços de Pey ton quando o caos se instalou, as vozes ecoando com o o alarido de m il pássaros assustados.

– Não! Meu Deus… Não!

– Cale a boca – Pey ton sibilou, m antendo-a firm e no lugar. – *Só fique quieta!*

Mas nem pensar. Quando Craeg caiu de j oelhos, ela se soltou e avançou na direção do Irm ão. Era o m esm o que um inseto se chocando no para-brisa de um carro, m as isso não era im portante. Sim plesm ente não toleraria que alguém fosse

ferido, ainda m ais aquele m acho. Estapeando, socando, ela segurou o cano da arm a com o se disso dependesse sua vida, tentando controlá-la. Fracassou. Antes de entender o que acontecia, estava de cara no concreto úm ido, presa na altura do pescoço e da lom bar. Virando o rosto, procurou freneticam ente o lado oposto da piscina para ver se Craeg ainda vivia.

O m acho estava no m esm o nível dela, contorcendo-se e apertando o que parecia ser sua coxa. A única outra fêm ea do grupo se agachou ao lado dele, afastou com força suas m ãos e inspecionou o ferim ento. Em seguida, com um puxão, tirou a cam iseta do cós e a despiu, expondo o tronco m usculoso e o sutiã esportivo preto. Com um rasgão, arrancou a bainha em toda a volta da base, produzindo um a tira de pano.

Am arrou um torniquete no alto da coxa dele com o se tivesse sido treinada para isso.

– Solte-a – Pey ton exigiu, referindo-se a Paradise. – Solte-a j á, porra.

– Ou o quê? – disse um a voz distorcida nos alto-falantes no teto, com o se alguém tivesse falado num m icrofone com um sintetizador acoplado.

Foi quando Pey ton perdeu a cabeça. Esforçando-se para virar o pescoço, ela teve um a visão inacreditável dele com pletam ente agressivo, socando Rhage, chutando, as presas arreganhadas enquanto tentava tirar o Irm ão de cim a dela.

Mas, de repente, ele não estava m ais sozinho. O m acho que dem onstrava m

uita

habilidade atlética no cavalo com alças se j untou a ele.

Tec! Tec!

Am bos foram alvej ados por outro Irm ão. Assim com o outros dois m achos que

tam bém tentaram se envolver. Nesse m eio-tem po, outros tentaram subir pelas paredes, usando as escadas de aço para sair da piscina… Só para serem eletrocutados e caírem para trás.

Um a porta se abriu.

Do alto, aquela voz anunciou:

– Qualquer um que desej ar sair agora pode fazê-lo. Nenhum m al lhes será causado. Isto pode term inar… agora. Tudo o que têm a fazer é correr para a porta.

Nesse instante, ela foi solta, pois Rhage saiu de cim a dela e se afastou.

Ela engatinhou para j unto de Pey ton, e rolou-o de costas de novo.

– É m uito ruim ? Onde foi atingido?

– No braço… Na porra do m eu braço.

Paradise arrancou a cam iseta e seguiu o exem plo da outra fêm ea, rasgando um a porção com as presas e am arrando a tira logo acim a do ferim ento sangrento no tríceps.

Encarou os Irm ãos.

– Vocês enlouqueceram ? Isto é um a escola, não um a guerra, caram ba!

– Pode ir em bora agora – sugeriu a voz no alto-falante. – Apenas prossiga até as escadas na parte rasa da piscina e liberte-se disto.

Um a onda de fúria cega a fez enxergar tudo branco, e antes que se desse conta, estava diante dos Irm ãos.

– Atirem em m im ! Vam os! Façam isso, seu bando de covardes m alditos!

Ela não fazia ideia de que diabos estava dizendo. Que diabos estava fazendo.

Nunca antes vira tantas arm as, m uito m enos se colocara deliberadam ente com o

alvo de tam anha artilharia, m as estourara e descobrira um a onda renovada de forças j unto à explosão.

Não que os Irm ãos parecessem se im portar. Apenas continuaram ali, sem se m exer, sem reagir, com o se não lhes desagradasse aguardar até que ela ficasse sem com bustível.

Com isso, ela se virou para os *trainees* que estavam desistindo.

– O que estão fazendo? Vocês precisam lutar! Isso é errado…

Nisso, a porta se fechou e o som inconfundível de um a barra sendo colocada em seu lugar ricocheteou pelo espaço.

– Agora, será pedido que vocês com pletem a Prim eira Noite – disse a voz do alto. – A últim a sessão com eça em três… dois… um .

Foi quando a luz passou de incandescente para o roxo azulado de um a luz

negra.

E tam bém quando a Irm andade abriu fogo sobre eles.

Capítulo 10

BALA DE BORRACHA DÓI PRA CACETE.

Quando o prim eiro dos incontáveis disparos atingiu Craeg no peito, ele rolou e ofereceu as costas em vez da sua parte frontal, m ais vulnerável. Abaixo da cintura, o único ferim ento verdadeiro era com o um a m arca de ferro em brasa em sua pele. No entanto, bem com o ele previra, o tiro habilidoso não provocara nada m ais que um a esfoladura na pele, de m odo que o torniquete era desnecessário. Mas não havia tem po de tirá-lo. Segurou a m ão de Novo e a puxou de barriga para baixo no fundo da piscina. Mantendo as cabeças abaixadas, afastaram -se, se arrastando para a parte com três m etros de profundidade da piscina.

Relanceando a vista para trás, descobriu que os Irm ãos, que se realinharam para bloquear as escadas da parte rasa da piscina, com eçaram a avançar com o se estivessem tocando o gado para o corredor da m orte de um abatedouro. Inferno, as escadas de m etal afixadas na parte m ais profunda da piscina, onde estava o tram polim , estavam eletrificadas, e aqueles guerreiros pareciam ter um estoque interm inável de balas de borracha. Mesm o que o im pacto se equiparasse

a picadas exageradas de abelhas por cim a das roupas, com m uitas delas o lim iar

da dor seria acionado a um ponto que o incapacitaria.

Virando-se novam ente, m ediu a velocidade do avanço dos Irm ãos.

Bastante rápido, o que lhe deixava com talvez uns sessenta segundos para encontrar um a saída.

– Desm aterialização – disse tanto para si quanto para quem estava perto para ouvir. – É a única chance.

Parando seu avanço, fechou os olhos e com eçou a respirar fundo. A prim eira visão que teve foi a da loira m agra atacando o absurdam ente im enso Irm ão arm ado.

Para defendê-lo depois de ele ter sido atingido.

– Pare – sibilou.

Controle. Precisava controlar a m ente e as em oções, concentrar-se e se desm aterializar para fora e para cim a. Foco… *foco*…

Dor em todo o corpo: na coxa e nos outros pontos em que fora atingido, os om bros, a coluna, o quadril. A cabeça latej ava. As costelas estavam sensíveis. O cotovelo ainda pulsava no ponto em que levara o choque no andaim e.

À sua volta, as pessoas estavam em pânico, choravam , praguej avam . Tropeçavam . Caíam .

E m ais daquelas balas, batendo nele. Em todos eles.

Quanto m ais ele tentava ignorar o m edo e o pânico, m aior se tornava o coro de

desconforto e de distração.

Precisava encontrar um a im agem alvo, um lugar para m irar a m ente.

Do nada, visualizou a recepcionista onde a vira pela prim eira vez. Estava sentada atrás de um a bela escrivaninha num a sala de estar m aj estosa. Tudo ali o intim idara: a seda nas paredes, os tapetes elegantes, o cheiro de lim peza… ela.

Mas ela não o tratara com o a escória que ele era. Erguera o olhar para ele, e seu coração parara de bater… e ela lhe dissera seu nom e.

Paradise.

A voz dela soara tão bela que ele não a ouvira m uito bem . E estragara tudo ao não apertar a m ão que ela lhe oferecera. O problem a foi que seu cérebro havia se congelado porque ela era tão…

O corpo se desm aterializou sem que ele tivesse percebido. Num m om ento, estava sofrendo, preso em sua form a corpórea… no seguinte, estava voando para longe da piscina. Sem nenhum destino em m ente, vacilou em pleno ar, com o nas prim eiras vezes em que tentara aquele truque após a transição, m as logo se controlou e proj etou sua form a para o canto oposto, contra a parede.

Ao reassum ir sua form a, Novo j á estava ali, alerta e pronta, m as m assageando um dos om bros, com o se estivesse esfregando um ponto dolorido ou avaliando se ele estava deslocado.

Um a um , quatro outros *trainees* m olhados saíram da piscina: o m acho atlético do cavalo de alça, aquele que parecia um assassino com *piercings* e tatuagens de um lado apenas do rosto e pescoço, o cara que estivera com o braço ao redor de Paradise e outro m acho alto e forte.

Não fazia ideia do que acontecera com …

A recepcionista foi a últim a a se m aterializar, e Craeg teve que desviar o rosto a fim de não exibir um a em oção inaceitável. Para se distrair, tentou ver o que estava acontecendo na piscina com os cinco que haviam sido deixados para trás…

Um a porta se abriu bem ao lado deles e um a raj ada de ar frio entrou, carregando o cheiro de ar livre.

O que quer que estivesse do outro lado estava escuro.

– Quem vai na frente? – Paradise perguntou.

– Eu vou – o m acho com aparência gótica respondeu. – Não tenho nada a perder.

Craeg franziu o cenho quando o súbito silêncio ao redor passou a parecer um m au presságio. Os tiros haviam cessado. O que poderia significar que aquela parte do teste se encerrava… ou que os Irm ãos estavam se preparando para voltar a atirar.

Não, eles não estavam m ais lá. Só restavam na piscina uns poucos *trainees*

descontrolados, figuras chorosas e encharcadas sentadas no concreto úm ido com as cabeças entre as m ãos ou com os corpos em posição fetal.

Merda. Onde estavam os Irm ãos?

– Vou com você – Craeg disse ao gótico.

Os dois eram os m aiores do grupo, os pontas-de-lança, por assim dizer. E, por m ais que ele tivesse entrado naquilo pensando em sobrevivência individual, estava com eçando a reconsiderar essa posição radical. Pelo m enos no curto prazo.

Se um ataque surgisse, dois eram m elhores do que um .

Novo disse:

– Eu fico na retaguarda.

O atleta se pôs ao lado dela.

– Tam bém posso cobrir.

– Vocês três – Craeg ordenou à fêm ea loira, ao… com panheiro dela? Melhor am igo? E ao outro m acho, um cara bem apessoado do tipo “carinha de bebê”. – No m eio.

Pelo m enos, desse j eito, não teria que se preocupar com ela.

Não que o estivesse.

– Vam os sair – disse Craeg.

Ele e o m acho durão foram para a soleira ao m esm o tem po, seus om bros com binados quase preenchendo o que no fim se m ostrou um túnel; depois que

estavam nele, um a luz bruxuleante distante passou a ser o rum o para qual seguiram lentam ente.

– Qual o seu nom e? – o gótico sussurrou.

– Craeg.

– Axe. Porra, cara, prazer em conhecê-lo.

Paradise esperou que qualquer coisa acontecesse quando seguiram com o grupo pelo túnel. Com prim ida, ansiosa, lenta e exausta, esperou que a desgraça seguinte acontecesse, algo os atacando, caindo sobre eles, derrubando-os.

Quando sim plesm ente saíram ao ar livre diante de um a fogueira, seus nervos abalados não sabiam com o processar a ausência de um ataque.

Mas o que o seu cérebro não conseguia m esm o entender era o fato de haver um a m esa preparada com garrafas de água m ineral, barrinhas de cereal e frutas fatiadas.

Tinha acabado? , pensou ao olhar ao redor para os pinheiros, as m oitas, as estrelas no céu.

– Estou m orrendo de sede – Pey ton disse, esticando a m ão para um a garrafa de Poland Springs.

O m acho do qual Paradise não conseguia desviar a atenção o deteve.

– Pode ser um a arm adilha – disse Craeg, aproxim ando-se.

– Você está paranoico.

– Experim entou a com ida antes? Gostou de vom itar?

Pey ton abriu a boca. Fechou-a. Praguej ou.

Craeg avaliou o cenário. Bateu de leve no chão com a ponta do tênis m olhado.

Avançou cautelosam ente, deslocando-se de lado e m eio agachado. Quando se

aproxim ou, inclinou-se e nivelou o olhar com as garrafas bem ordenadas.

Levantou a ponta da toalha de m esa e espiou em baixo.

Depois, pegou um a das garrafas devagar.

O coração de Paradise batia forte. Tam bém estava desidratada, m esm o depois

de ter engolido o que lhe pareceu ser m etade da água da piscina. Mas estava com

m edo de ser envenenada.

Deus, j am ais estivera num a posição com o aquela antes: consum ida pela sede,

diante da bebida, e ainda assim incapaz de pegar o que queria.

– Esta não está lacrada – Craeg anunciou.

Pegou outra. E m ais outra. Na terceira, o lacre se rom peu e ele abriu a tam pa.

Cheirou o conteúdo, deu um golinho.

– Esta está boa. – Passou adiante sem nem olhar e, assim que Pey ton a pegou,

Craeg voltou a inspecionar as outras, um a a um a, desprezando as j á abertas. Era

Pey ton quem as distribuía entre o grupo até que todos tivessem água.

Craeg guardou um a garrafa para si, m as não bebeu tudo, enfiando-a no cinto

da calça. Então, sem dizer nada, foi olhar as barrinhas de cereal, j ogando fora as

que estavam com a em balagem rasgada, dividindo as íntegras.

Paradise com eu m esm o sem estar com fom e porque não sabia quando pararíam de novo e quanto esforço ainda exigiriam na fase seguinte… e com ida era energia. A barrinha era um a m istura estranha de papelão, guloseim a de m entira e um a m assa grudenta, m as ela não se im portou com isso. Precisaria das calorias.

Nem que fosse apenas para ficar aquecida, pensou, quando sentiu um arrepio. Novem bro à noite e roupas m olhadas. Nada bom para a tem peratura corporal quando se está parado. Ou exposto aos elem entos por m uito tem po.

– O que fazem os agora? – perguntou para ninguém especificam ente e todos ao m esm o tem po.

Atrás deles, a porta da instalação se fechou e travou.

O assassino serial, Axe, disse arrastado:

– Tudo bem . Eu não estava a fim de outra dose de ação naquela piscina m esm o.

– Tem um a cerca lá adiante – a outra fêm ea disse, apontando para a esquerda.

– E ali – acrescentou o atleta.

– Aposto que está eletrificada – m urm urou Pey ton. – Tudo que era m etálico estava.

A dúvida foi solucionada quando alguém pegou um galho, j ogou-o no aram e e a coisa torrou, em itindo um a chuva de centelhas.

Explorando um pouco m ais, descobriram que estavam num a espécie de calha com apenas um a saída: direto em frente, em brenhando-se na floresta escura.

– Vam os j untos – ela disse, olhando além da luz alaranj ada da fogueira. – De novo.

– Odeio trabalho em equipe – resm ungou Axe.

– E eu estou *tão* anim ado em fazer isso com você – Pey ton replicou.

Sem falar m ais a respeito, os integrantes do grupo assum iram a m esm a form ação com binada antes da entrada no túnel. Partiram assim , deslocando-se em bloco, atentos para não se aproxim ar dem ais da cerca de aram e conform e ela se estreitava de am bos os lados.

Galhos se partiam debaixo dos tênis m olhados. Alguém espirrou. Um a brisa soprou de um dos lados e gelou o braço de Paradise.

Mas tudo isso m al foi percebido. Conform e avançava, seu corpo parecia um fio desencapado, a energia fluía por suas veias, os instintos aguçados e prontos para estím ulos de qualquer parte. Agora estava alerta para qualquer coisa anorm al, um estalo no chão que fosse alto dem ais, um a m udança do andar de Pey ton ao seu lado, um pio em um galho à esquerda… e tudo o que não conseguia encaixar de im ediato na categoria de não am eaça fazia seus m úsculos

nervosos e o cérebro vigoroso querer parar e avaliar. Ou sair em disparada.

E m esm o assim seguiram em frente. Em frente… Sem pre em frente.

O tempo está passando, ela pensou ao olhar para a posição das estrelas.

E continuaram , o grupo m altrapilho se arrastando, tropeçando, claudicando,

cada um deles m achucado de algum a m aneira, m as ainda assim determ inado a

ficar de pé.

Muitos quilôm etros depois – ou teriam sido cem ? – nada os atacara.

Mas ela não se deixava enganar.

Os Irm ãos voltariam . Tinham um plano com aquilo.

Ela só precisava ficar firm e, se m anter com o grupo e…

À frente, Craeg e Axe pararam .

– O que foi? – perguntou ao segurar o braço de Pey ton.

Aquele cheiro era… de fum aça?

– Voltam os ao início – Craeg respondeu baixinho. – Foi aqui que com eçam os.

Quando ele apontou para o chão, ela viu pegadas, as pegadas deles, na terra

fofa. Só que a m esa e a com ida e a água tinham sido rem ovidos… e a fogueira

fora apagada, o que explicava o cheiro. E a cerca fora colocada num a posição

diferente.

– Vão nos fazer andar em círculos? – Pey ton reclam ou. – Mas que porra…?

– Por quê? – Paradise perguntou, olhando para Craeg com o o líder de fato

deles. – Por que fariam isso?

Graças aos seus olhos terem se acostum ado à escuridão, ela conseguia

distinguir-lhe as feições fortes quando ele franziu o cenho e olhou ao redor.

Quando ele balançou a cabeça, ela sentiu um frio no estôm ago.

– O que foi? – perguntou.

A outra fêm ea respondeu:

– Eles vão nos exaurir. É por isso que…

O som de tiros surgiu da esquerda, outra saraivada de disparos ilum inando tudo com as explosões dos canos enquanto eles se chocavam uns com os outros, os corpos colidindo, as balas provocando pontos de dor no om bro e na perna de Paradise.

– Andem ! – Craeg exclam ou. – Apenas andem que os tiros passarão!

E ele estava certo. No instante em que com eçaram a se m over na direção de antes, tudo se calou e o silêncio reinou.

Não era preciso ser um gênio para descobrir que, caso parassem , seriam atingidos por outras daquelas balas de borracha.

Paradise inspirou fundo. *Aquilo não era tão ruim,* disse a si m esm a. O ritm o era

lento e constante, e ela gostava de cam inhar.

Claro que era m elhor do que levar um tiro.

Tudo term inaria bem .

Era m elhor do que a piscina. Melhor do que ser arrastada pelo chão com a cabeça coberta. Melhor do que as explosões no ginásio.

Só o que ela precisava fazer era por um pé diante do outro.

Para passar o tem po, concentrou-se no corpo de Craeg, à frente,

acom panhando os m ovim entos do corpo grande, dos om bros largos, o m odo

com o o quadril virava a cada passo dado. Quando o vento m udava de direção de

tem pos em tem pos, ela captava o cheiro dele e o considerava m ais gostoso do

que qualquer perfum e que j á sentira.

Quem era a família dele? , ficou im aginando. *De onde vinham?*

Teria uma companheira?

Interessante com o essa últim a pergunta provocou um a dor em seu peito.

Pensando bem , depois de tudo que passara nesta noite, não era de adm irar que

sua m ente e em oções estivessem todas confusas…

Eles deram voltas e voltas, até ela com eçar a reconhecer árvores, certos

galhos, até os pés form arem um a pista na terra, até que a m onotonia com eçasse

a afetá-la. Ninguém os atacava, nem atirava neles, ou saltava das árvores para

aterrorizá-los.

Não significava que isso não pudesse acontecer, m as quanto m ais nada

acontecia, m ais seu cérebro com eçava a se canibalizar, passando de

pensam entos aleatórios sobre Craeg para um pânico infundado, im agens do pai

e… preocupação quanto ao que se seguiria.

Olhando para o céu, desej ou saber o significado das posições das estrelas. Não

fazia ideia de quanto tem po se passara desde que chegaram ao ginásio, e até m esm o depois de terem saído para ali. Parecia um a vida desde que se registrara e tiraram sua foto. Mais tem po ainda desde que ela e Pey ton discutiram no ônibus. Mas isso, por certo, não era verdade.

Três horas? Não, isso era pouco. Cinco ou seis, estim ou.

A boa notícia era que isso teria que parar na aurora. O sol era inegociável m esm o para os Irm ãos e, evidentem ente, ninguém seria m orto ali. Sim , aquela situação com as arm as tinha sido horrível, m as as pessoas que levaram bala de verdade ainda estavam de pé, os ferim entos, obviam ente, superficiais, e o m esm o acontecera com aqueles que tinham com ido e bebido substâncias adulteradas.

Tantos haviam sido elim inados. Quando com eçaram , eram sessenta. Estavam reduzidos a sete.

E ela estava surpresa em se ver ainda ali. Na verdade, caso soubesse que a coisa toda term inaria com um a cam inhada pela floresta, tudo teria lhe parecido m uito m ais fácil.

Considerando-se com o poderia ter sido m uito pior, aquilo era m oleza.

Capítulo 11

UM A UM, TODOS ELES FORAM CAINDO.

O prim eiro a sair foi o m acho que ela conhecia dos eventos dos festivais da

glymera, um prim o seu m uito distante, Anslam . Depois de um tem po, ele com eçou a dim inuir o ritm o, os passos se tornando um claudicar que gradualm ente ficou m ais pronunciado, o corpo inteiro sendo afetado por ele. E logo ele sim plesm ente parou.

O grupo lhe ofereceu certo encoraj am ento, m as ele apenas sacudiu a cabeça e se sentou para afrouxar os cadarços dos Nikes.

– Chega para m im . Deixe que atirem . Não consigo m ais.

Mesm o na escuridão, ela conseguiu ver que havia sangue nas m eias brancas.

– Venha, Paradise – disse Pey ton, cutucando-a. – Tem os que seguir em frente.

Olhando para a floresta densa, ela se perguntou onde estariam os Irm ãos. O que aconteceria com ele.

Quando o grupo voltou a andar, ela os seguiu porque não queria desistir, e tam bém – m esm o tendo vergonha de adm itir – porque nunca fora m uito com a cara dele. Anslam tinha um a m á reputação com as fêm eas.

Não dem orou para que o próxim o desistisse. Em seguida, um depois do outro, todos desm oronaram . O problem a eram os pés. Ou as coxas. Ou os om bros. Um a um … todos foram ao chão, para o cam inho de terra m uito batido que eles form aram com suas incontáveis passadas. E Paradise sentiu a necessidade de aj udar a todos, especialm ente quando Pey ton com eçou a cam balear ao seu lado… e depois oscilar com o se j á não tivesse certeza do que havia diante dele.

No caso dele, o problem a foi resultado do vôm ito. O organism o tam bém rej eitara a água que ele consum ira, e a desidratação o fez delirar.

Com ele, ela não tinha com o não tentar, e puxou seu braço, procurando colocá-lo de pé quando ele caiu de j oelhos.

– … casa – ele balbuciou. – Vou para casa agora. Para a cam a… Com ida. Preciso… de com ida. Já estou em casa. Olha lá.

Foi assustador vê-lo apontar para a floresta à frente, os olhos absortos com o se de fato vissem a m ansão em que m orava.

E foi então que ela entendeu que não poderia forçá-lo.

– Venha – a outra fêm ea lhe disse. – Se ainda está de pé, tem que continuar.

Paradise fitou o par de olhos azul petróleo.

– Odeio isto.

– Nada acontecerá com ele. Lem bra, nenhum tiro… em ninguém do grupo que desistiu.

– Vá – ordenou Pey ton com um súbito foco. – Vou ficar bem .

No fim , ela não saberia dizer por que colocou um pé diante do outro de novo.

Talvez a ausência de introspecção fosse um sintom a da própria exaustão. Talvez tam bém estivesse delirante e seguiu o que restava do grupo porque seu cérebro os confundia com um “lar”, de certa form a.

Talvez seu corpo sim plesm ente estivesse no piloto autom ático.

E, algum tem po depois, só restavam dois.

A outra fêm ea, aquela com olhos azuis esverdeados, logo seguiu o que Paradise reconhecia agora com o sendo o padrão: prim eiro, dim inuiu o passo e com eçou a tropeçar, para, em seguida, parar de um a vez. Com o ela não desabou no chão, Paradise retornou, pensando que ainda haveria um a possibilidade.

– Não – disse a fêm ea, cortando qualquer conversa. – Vou ficar aqui. Continue você.

Paradise relanceou o único m acho que ainda avançava: Craeg ainda estava na liderança. Com o estivera o tem po inteiro.

Não parara para ninguém .

Não oferecera nenhum encoraj am ento.

Sim plesm ente m antivera o passo sem desvios nem distrações.

– Não desperdice seu tem po nem suas energias com igo – disse a fêm ea. – Tom ei m inha decisão. Já não sinto m ais m inhas pernas, e acho que m eu om bro está fraturado. Se consegue continuar andando, é o que precisa fazer. Está

cansada dem ais para m e carregar, m as m esm o que você pudesse, eu não seria um fardo para ninguém .

Os olhos de Paradise arderam por causa das lágrim as.

– Cara… que m erda…

A fêm ea teve que sorrir um pouco.

– Você vai ganhar esta.

– O quê?

– Vai. Você consegue, garota.

Ok, m ais alguém estava delirando, evidentem ente.

A fêm ea lhe deu um em purrão e acenou.

– Prove aos rapazes que não som os apenas iguais a eles, som os m elhores. Não m e desaponte.

Paradise m eneou a cabeça. Se alguém devia vencer a guerra dos sexos, a m elhor aposta seria a fêm ea diante dela.

– Vai. Você consegue.

Paradise estava praguej ando ao se virar e retom ar a cam inhada. Loucura.

Sim plesm ente um a insanidade.

Quando seus pés voltaram a se arrastar sobre o agora cam inho de terra batida, ela voltou a olhar para o céu. As estrelas estavam m ais brilhantes do que nunca, o que lhe dizia que a aurora ainda devia estar distante.

Por quanto tem po estavam cam inhando? E quanto m ais ainda cam inhariam ?

Àquela altura, Craeg estava bem distante. De tem pos em tem pos ela captava o cheiro dele na brisa, m as apenas de leve. Vencedores? Se fosse para apostar num vencedor, seria ele quem acabaria em prim eiro lugar naquilo tudo: ele era m ais forte e m ais resiliente – e ela tinha que acreditar, m esm o indo contra seus princípios éticos fundam entais, que aquela personalidade determ inada, o com prom etim ento inflexível consigo próprio o faria levar a m elhor em relação ao seu interesse com passivo pelo próxim o.

O peso carregado, quer fosse ele físico, m ental ou em ocional, tornava o andar m ais lento.

E, enquanto ela continuava a cam inhar, através do vento frio que j á não percebia, sentia a perda de cada um do pequeno grupo, e por todos os outros que sofreram antes, fosse no ginásio, ou na piscina…

Não, aquele m acho que seguia à frente seria o últim o candidato a perm anecer de pé.

Ao fazer a curva num trecho do percurso, avistou um a barreira m ais adiante. Estava um pouco distante, m as definitivam ente era um obstáculo no m eio do cam inho.

Não apenas um obstáculo.

Era… Craeg.

Seu cérebro acelerou, ordenando que ela se apressasse; seu corpo, contudo,

não conseguia responder à descarga de adrenalina. Mesm o quando seu cérebro apertou todo tipo de botão de alarm e, seu passo não se alterou; aquele arrastar dos pés e as guinadas do tronco perm aneceram inalterados pelo pânico.

Chegando perto dele, descobriu que ele caíra de cara no chão, com os braços esticados ao longo do corpo, com o se houvessem lhe faltado forças ou consciência para am ortecer o im pacto da queda. As pernas estavam frouxas, as pontas dos tênis voltadas para dentro.

– Craeg?

Quando foi se agachar, acabou caindo porque seus j oelhos recusaram -se a dobrar. E quando tentou rolá-lo de lado, as m ãos ficaram escorregando nas roupas dele, no om bro, no braço.

Ainda que talvez isso se devesse ao fato de ele pesar o dobro de Pey ton.

Só conseguiu virá-lo parcialm ente de lado e, Deus, ele estava tão pálido que seu rosto parecia o de um fantasm a. Pelo m enos estava respirando e, depois de um instante, seus olhos se abriram num a série de piscadas atordoadas.

Foi bizarro, m as seu prim eiro pensam ento foi o de oferecer-lhe a veia. Algo que não lhe ocorrera até então, m esm o quando Pey ton despencou.

O im pulso foi tão forte que ela levou o pulso à boca…

Ele a deteve, dando um tapa no braço dela.

– Não – ele conseguiu dizer com dificuldade.

– Você está sangrando. – Ela apontou para a grande m ancha verm elha nos

j eans dele. – Precisa se fortalecer.

Quando o olhar dele se prendeu no seu, um estranho tipo de visão em túnel reduziu o m undo inteiro a apenas os dois. A floresta ao redor, a construção na qual haviam enfrentado as provas, as dificuldades que am bos suportavam … Tudo desapareceu j untam ente com as dores e desconfortos em seu corpo e em sua m ente.

O olhar dele a lim pou. Refrescou-a. Energizou-a.

– Deixe-m e aqui – ele m urm urou, a cabeça indo de um lado para o outro no chão. – Vá em frente. Você é a últim a…

– Você consegue se levantar. Consegue continuar…

– Pare de perder tem po. Vai…

– Você tem que se levantar.

Ele fechou os olhos e virou a cabeça para longe dela, com o se estivesse pondo um fim àquela conversa.

– Isso é a sua sobrevivência. Sobrevivência significa que você continua, não im porta o custo, não im porta o sacrifício. Por isso, pare de gastar saliva, volte a ficar de pé e m exa-se.

– Não quero te deixar aqui. – E tam bém não queria analisar m uito de perto os m otivos pelos quais se afastara de Pey ton, m as parecia não conseguir suportar a ideia de abandonar aquele com pleto estranho. – Não vou te deixar aqui.

Os olhos dele se voltaram na direção dela e estavam furiosos.

– Que tal assim : não quero aj uda de alguém com o você, não quero ser resgatado por um a fêm ea burra… Um a fêm ea burra, fraca, desaj eitada que nem deveria ter tido perm issão para entrar neste program a, pra início de conversa.

Paradise caiu para trás no chão da floresta, um a dor ardente atravessando o seu peito. Só que ela balançou a cabeça.

– Não é nisso que você acredita de verdade. Não foi isso o que m e disse naquela noite em que nos vim os pela prim eira vez. Você m e disse para vir para cá m esm o quando m eu pai não queria m e deixar vir.

– Eu m enti.

– Está m entindo agora.

Ele voltou a fechar os olhos.

– Você não m e conhece.

Quando ele ficou em silêncio, ela sentiu um a onde enorm e de exaustão caindo sobre ela.

– Não, não conheço.

Olhando além dele para a trilha que seguia em frente, tentou se im aginar ficando de pé e voltando a andar… e não conseguiu. Em algum m om ento entre a últim a vez que estivera na vertical e aquele atual instante de bunda no chão,

sentia-se com o se houvesse ganhado uns trezentos quilos – e não só isso. Parecia

que alguém batera nos seus dois pés com um m artelo. E na cabeça tam bém . E nos om bros.

Paradise voltou a olhar para o cam inho de onde vieram . Pensara m esm o que um a cam inhada não seria tão ruim assim ?

– O seu lugar não é aqui – ela o ouviu dizer.

Paradise revirou os olhos.

– Estou entediada com essa linha de pensam ento. Se acredita m esm o nisso, não teria m e dado aquele conselho no com eço da noite.

– Senti pena de você. Tive dó.

– Então você tem coração.

– Não.

– Então, com o pode sentir pena de m im e de qualquer outro? – Quando ele apenas grunhiu, ela ficou bem ciente de que am bos eram indivíduos teim osos e insistentes, e que nenhum deles estava raciocinando direito. – Tudo bem , m e acom panhe… Se não tem coração, porque se deu ao trabalho de testar as garrafas de água para todos? As barrinhas de cereais. Não foi só por m im .

– Sim , foi.

Paradise ficou quieta. A cabeça dele estava virada para o outro lado, m as teve a estranha sensação de que acabara de dizer a verdade.

– Mas não passo de um a estranha para você.

– Já disse. Fiquei com pena. Os outros sabiam cuidar de si m esm os e um grupo dá segurança.

– Então espera. Qual dos dois você é: m isógino com um a consciência ou com panheiro de equipe apesar de eu ser um a garota? Você m uda de opinião que nem um político.

Ele grunhiu e levantou um braço.

– Você está fazendo a m inha cabeça latej ar.

– Acho que isso é culpa do teste de resistência. Não m inha.

– Pode ir em bora? Um pouco m ais desta conversa e vou ficar tão enj oado quanto o seu nam orado ficou.

– Meu nam or… Pey ton? Está falando do Pey ton?

Ok, estavam m esm o ali sentados conversando com o se nada m ais estivesse acontecendo?

Bem … *discutindo* com o se nada m ais estivesse acontecendo?

– Faça-m e um favor – disse o m acho. – Está vendo aquela pedra ali?

Ela olhou para a esquerda.

– Aquela? Do tam anho de um a geladeira portátil?

– Essa m esm a. Pode pegá-la e j ogá-la na m inha cabeça? Isso seria ótim o. Obrigado.

Paradise esfregou os olhos, depois abaixou as m ãos quando apoiar os braços nos j oelhos se tornou um esforço m uito grande.

– Qual o seu nom e com pleto? Se vou te m atar atendendo a um pedido seu, preciso saber o que escrever na sua lápide.

Aqueles olhos voltaram a se concentrar nela. Azuis da cor do céu. Eram de um incrível tom de azul.

– Que tal fecharm os um acordo? – ele m urm urou. – Você sim plesm ente m e deixa em paz aqui m orrendo e não vai ter que se preocupar com sangue nos seus sapatos, ou qual é o m eu nom e.

Paradise desviou o olhar.

– A terceira vez não é a da sorte.

– O quê?

Ela esperou que ele lhe dissesse a sua linhagem . Quando não o fez, ela deixou isso por conta da exaustão… e dos seus antepassados plebeus.

– Pode ir em bora agora, por favor? – ele sussurrou. – Por m ais que eu tenha "apreciado" esta nossa conversa, estou quase desm aiando… e quero acabar logo com isto. Preciso dorm ir.

– Você consegue fazer isto… Consegue continuar.

Ele não respondeu nem dem onstrou tê-la ouvido e, de m odo estúpido, ela sentiu com o se ele tivesse rej eitado um presente que ela tentara lhe dar. E isso não era arrogância?

– Então é isso… – disse, basicam ente para si m esm a.

Mais um a vez nada; contudo, ela não achava que ele tivesse desm aiado de verdade.

E então, assim com o fizera antes, ele falou quando ela não esperava:

– Chegou a hora de você resolver quem você é. Isso acontece em m om entos com o este. Você é alguém que desiste, ou alguém que segue em frente?

Mas eu sempre pararia para te ajudar, ela pensou consigo. *E ajudar ao próximo não é desistir.*

– Não quer descobrir quem m ais você é… além de um a recepcionista?

Ela franziu a testa.

– Todo tipo de trabalho é honrado.

– E talvez exista grandeza à sua espera, m as só se você se levantar e seguir em frente.

Deus, ela j á não sabia… m ais de nada àquela altura.

Com o calor da raiva se dissipando, sentiu um tam anho cansaço que parecia que ia desabar ali m esm o.

Quem sou eu?, perguntou-se.

Era um a boa pergunta.

E não fazia ideia de qual era a resposta. O que de fato *sabia*? Paradise, filha de Abalone, Prim eiro Conselheiro de Wrath, o Rei Cego, não era o tipo de pessoa

que ficava sentada ao lado de um desconhecido que não a queria por perto e que não pedia para ser salvo enquanto houvesse um a possibilidade de conseguir erguer o pé, andar m ais cem m etros, m ais um quilôm etro naquele desafio.

Baixou os olhos para Craeg. Assim com o com ela, as roupas dele estavam m anchadas de sangue, de suor, de terra, o cabelo estava duro por ter secado sem ter sido escovado, o corpo era um trapo largado de qualquer j eito.

– Cuide-se – disse ela ao se esforçar para se levantar.

Ele não respondeu. Quem sabe tinha realm ente desm aiado? Ou talvez só estivesse aliviado por ela finalm ente ir em bora. De todo m odo… não era da sua conta.

Quando foi avançar a perna direita, descobriu que tudo em seu corpo físico – da nuca até a coluna, das panturrilhas a todas as j untas e tudo no m eio – era um conj unto ardente de dor. Mas pôs um pé à frente. E repetiu. E fez de novo. E…

Não tinha a m enor ideia do que a fazia ir em frente. Não se im portava em vencer. Não fazia aquilo para provar a ninguém que estavam errados, ou que as fêm eas tinham valor. Sequer sabia se estava tendo pensam entos conscientes.

Paradise só continuou andando… porque era isso o que fazia.

Queim ação.

Algum tem po depois, ela só sentia queim ação: nas pernas e nos pés… nas entranhas e nos pulm ões… na garganta – Deus, a garganta pegava fogo –, no

crânio… no rosto.

Fogo ao redor dela, dentro dela, com o se as veias tivessem gasolina dentro delas e os m úsculos estivessem queim ando de dentro para fora.

Luzes brilhantes nos olhos tam bém .

Um a luz tão brilhante.

Brilhante dem ais.

Só que não estava am anhecendo. O céu ainda estava escuro. Pelo m enos ela achava que estava.

Bem de leve, um pensam ento surgiu em m eio à sua agonia. *Aquilo seria o Fade? Aquela iluminação, aquela dor, o calor?*

Teria m orrido de algum m odo?

Mas não se lem brava de ter m orrido. Sabem os quando m orrem os? Mas o que m ais poderia explicar aquela ardente agonia?

Andando… Ainda estava andando. Ou talvez o m undo estivesse se m ovendo debaixo dos seus pés e ela só estava parada sem se m exer? Era difícil determ inar.

Via tudo em dobro, a floresta se adensando de am bos os lados da cerca eletrificada, a trilha que seguia se bifurcando ao longe, de m odo que ela sentia que devia escolher tom ar a direita ou a esquerda, só que quando ela voltou a olhar havia um só cam inho outra vez.

Fogo… o Fade.

Não!, pensou atordoada. Deus, seu pai! Ah, aquilo era horrível. Abalone ficaria sozinho agora, sem ninguém m ais naquela im ensa m ansão Tudor, sem as suas duas fêm eas…

Paradise parou.

O cam inho à frente não estava m ais livre.

Ao se concentrar na barreira alta e sólida diante dela, a visão dupla se agrupou no que era um a representação m ais acurada da realidade… e ela viu que era um grupo de m achos.

Devia haver… um a dúzia, talvez m ais.

E todos estavam vestidos de preto, com capuzes escondendo os rostos e fortem ente arm ados.

A Irm andade a acolhia no Fade?

Isso não fazia sentido.

Ao vacilar sobre os pés, percebeu que eles se aproxim avam , andando num a densa form ação de corpos im possivelm ente grandes.

Corra! , um a voz interna com andou. *Corra! Isso é outro teste!*

Só que ela não tinha m ais forças. Nenhum a energia sequer para sustentar o pânico por m ais tem po do que aquele único pensam ento orientado para a ação.

Balançando no ar, pegando fogo por dentro e por fora, ela pensou: *que se foda.*

Violara algum lim ite de tem po, falhara naquele m ódulo, fracassara em qualquer

que fosse aquela parte do treinam ento e o j ogo se encerrava para ela. Não havia com o recom eçar, nenhum a m otivação estava ao seu dispor, quer interna ou externam ente. Mesm o se atirassem nela, se a picassem em pedacinhos, se a derrubassem e passassem por cim a… Não tinha nenhum espírito de com bate para lhes oferecer.

Então, esse era o seu fim , hein? Cara, seu pai ficaria furioso quando eles a m atassem .

Parando num m ovim ento coordenado, com o se funcionassem sob o com ando de um só cérebro, a Irm andade se deteve diante dela, e todos ergueram as m ãos.

Preparando-se para algo que fosse doer, ela…

Eles com eçaram a bater palm as.

Um a um , ergueram as m ãos grandes, batendo palm as enquanto a fitavam . E enquanto a rodada de aplausos continuava, tiraram suas m áscaras, revelando-se para ela.

– O que foi? – ela m urm urou. – Não estou entendendo.

Ou m elhor, foi o que ela teve a intenção de dizer. Estava sem voz, não lhe restava nada para m anifestar as palavras que sua m ente desej ava que em itisse.

Butch, aquele com o sotaque de Boston, avançou um passo.

– Parabéns – disse com firm eza. – Você é a *Primus*.

Paradise não fazia ideia do que aquilo significava. E não havia a m ínim a chance de pedir que ele repetisse.

Com o se alguém tirasse um com putador da tom ada… tudo ficou escuro para ela, entre um batim ento do coração e o seguinte.

Capítulo 12

ENQUANTO ESPERAVA DO LADO de fora da sala de exam es da doutora Jane, Butch apoiou a bunda na parede de concreto do corredor do centro de treinam ento e deixou a cabeça pender. De tem pos em tem pos, esfregava os olhos.

O que não aj udava m uito.

Na verdade, não aj udava nada. A cada piscada de olhos, ele via Paradise cam baleando no m eio da trilha que eles form aram na floresta para os *trainees*, parecendo ter saído de um a guerra, o cabelo todo em aranhado, suj eira no rosto, as roupas em farrapos, sangue nas m ãos. E quando ela conseguiu focalizar os Irm ãos, o olhar dela estava vazio com o um crânio oco; o corpo, um a confusão dissonante de m em bros desaj eitados, frouxos; seu espírito, alquebrado.

Maldição, não conseguia evitar visualizá-la com o na noite anterior, enquanto estivera term inando de aj eitar as coisas para seu pai na casa de audiências.

Im aculada, então. Desperta, alerta, feliz, ainda que nervosa com a possibilidade de a sua inscrição ser revogada pelo pai, pela Irm andade, pelo Rei.

Inferno, talvez devessem tê-la deixado de fora.

Mas não teria sido j usto.

A boa notícia, supunha, era que o program a proj etado por ele e por Vishous

dera resultado. O obj etivo fora reduzir a classe de sessenta candidatos a abaixo de dez alunos.

Tinham sete com quem trabalhar.

Todos os que chegaram ao traj eto na floresta estavam dentro.

Mas ele não podia dizer que se sentia bem com isso. Talvez se o últim o a resistir tivesse sido um dos m achos robustos… Com o Craeg, aquele líder nato, o

tipo de cara perfeito para a vida de soldado… Se ele tivesse ficado por últim o, Butch tinha quase certeza de que não estaria tendo um a crise de consciência agora.

Não que ele não acreditasse que as fêm eas pudessem dar conta do recado. Ele só…

A porta para a clínica se abriu, e V. surgiu. Quando o Irm ão im ediatam ente acendeu um dos seus cigarros, Butch se perguntou se o cara tam bém não estaria se debatendo com tudo o que fizeram . Não que o filho da m ãe um dia fosse adm iti-lo.

– Ora, isso foi divertido – disse o Irm ão com seu im perturbável ar soturno. – Podem os repetir am anhã?

– Ela está bem ?

– Está. – V. exalou ao guardar o isqueiro. – Desidratada. Pés m achucados. Esfolada em alguns lugares. Está sendo acom odada no quarto dos beliches por

Ehlena agora.

– Ainda está inconsciente? – Caralho, aquilo era bem ruim . Muito ruim .

– Indo e vindo. Não querem os que ela nos processe, certo?

– É.

Houve um a pausa.

– O que foi? Olha só, eu disse que ela vai ficar bem .

Butch só balançou a cabeça. Sem dúvida, considerando-se o seu passado

“sadom aso”, V. estava acostum ado a fêm eas – e m achos – acabados, e m esm o

assim se safando da situação sem problem as. Com o antigo detetive de

hom icídios, no entanto, Butch levava as coisas para um a direção diferente: ele

enxergava vítim as.

Revivia cenas de crim e com corpos de m ulheres destroçados com o carros

envolvidos em acidentes sérios. E, não, elas não saíam andando, não ficavam

“bem ”.

Pelo am or de Deus, ele se lem brava da im agem da própria irm ã ao olhar pela

j anela de trás do carro de seu assassino, para nunca m ais ser vista com vida.

Por isso, sim , as associações não eram as m esm as.

– Quer beber algum a coisa? – V. lhe perguntou.

Entenda-se: você está com a cara péssim a.

Butch pegou o celular. Enviara um a m ensagem de texto para Marissa assim

que levaram Paradise para dentro, m as não houve nenhum a resposta. Pelo visto, era um a noite ocupada para a sua com panheira.

– Tudo bem se eu der um a saída? – perguntou ao colega de quarto.

– Vai para a igrej a de novo?

Cara, aquele filho da puta o conhecia bem dem ais.

– Ainda faltam um as duas horas até o nascer do sol. – Deu um tapa no om bro do m elhor am igo. – Te vej o na Últim a Refeição.

Estava na m etade do cam inho até o escritório, onde ficava a entrada para o túnel, quando V. o cham ou.

– Você não fez nada errado hoj e à noite.

Butch assentiu. Depois olhou por cim a do om bro.

– Isso não significa que eu estej a contente por apresentar a guerra para um punhado de crianças.

– Ou nós fazem os essa apresentação, ou a própria guerra os encontrará em seus term os.

– É, isso é necessário, pode até ser para o bem deles. Mas não m e cai bem .

Quando seguiu em frente, sentia aqueles olhos duros e lím pidos de diam ante observando-o, e ficou contente por estar se afastando do cara e não indo ao seu



encontro. Vishous era bom dem ais em interpretá-lo, e ele desej ava tudo o que o estava desequilibrando só para si.

E, sim , era por isso que iria para a igrej a. Era o que bons m oços católicos e tem entes a Deus faziam quando estavam com as m entes fodidas.

Paradise despertou de repente, não apenas retornando à consciência lentam ente, m as sendo catapultada à total percepção, as m ãos batendo no que quer que estivesse deitada, o tronco se erguendo, os olhos se arregalando…

Estava pronta para qualquer coisa…

Exceto para o am biente lim po e bem -ilum inado repleto de beliches e absolutam ente vazio a não ser por ela.

– Mas que…

Ao olhar ao redor, o pescoço estalou, e isso abriu a com porta para todo tipo de sensações desagradáveis represadas: os pés latej avam , o quadril a m atava, as coxas estavam pegando fogo, tinha cãibra num a panturrilha, e seu estôm ago doía com o se tivesse levado um soco no abdôm en.

Virando as pernas para o lado do chão, descobriu que estava coberta por um a cam isola hospitalar e um roupão leve.

– Não se preocupe, você foi exam inada por um a m édica e por um a enferm eira.

Ela se virou na direção da porta.

– Pey ton?

Seu am igo estava m eio para dentro, m eio para fora da soleira, sem as roupas

suj as e com um roupão frouxo preso à cintura em seu lugar. Evidentem ente tom ara um banho, com era e bebera, e estava bem perto do seu norm al: a bela aparência, o sorriso sardônico, os olhos sensuais reavivados.

– Ou pode m e cham ar de Papai Noel. – O am igo avançou e lhe entregou um a xícara de café. – Afinal, eu lhe trouxe um presente.

– Espera, espera… Onde estam os? O que…

– Tom a. Beba isto. – Pey ton se sentou no beliche ao lado dela. – E antes que m e pergunte, não há nada aí além de duas colheres de açúcar e um pouco de leite. Lem bro com o você gosta.

– Que horas são? – Aceitou o café, só para ser educada. – Ai, m eu Deus, o m eu pai…

– Eu m esm o liguei para ele. Estam os no centro de treinam ento da Irm andade. Nós sete entram os no program a; você, em especial. Parabéns, Parry. Você conseguiu.

Ela franziu o cenho e deu um golinho. Depois gem eu.

– Ai, m eu Deus… Essa é a m elhor coisa que j á experim entei na vida!

Ele se levantou e se aproxim ou de um a m esinha lateral.

– Últim a Refeição, m inha senhora.

Quando ele aproxim ou um a bandej a com pratos cobertos, ela teve que se controlar para não esvaziar a xícara toda num gole só.

– Onde está todo m undo?

– Num refeitório ou sala de descanso bem aqui do lado. A m aioria está dorm indo. Pedi que a enferm eira te colocasse aqui por m otivos óbvios.

– Óbvios… – Ah, certo. – Obrigada.

– Pois é, sem acom panhante… Mas eu tenho te espiado a cada quinze m inutos.

Depois de tudo que passara naquela noite, sua virtude parecia a últim a coisa com que tinha que se preocupar. Mas não era possível se libertar desse tipo de educação de toda um a vida de um a hora para outra.

– Com a – ele disse. – Tudo fica m elhor depois que a gente com e.

Apoiou a bandej a ao lado dela na cam a e com eçou a tirar as tam pas. Um a olhada para as fatias de rosbife e para o purê e ela ficou fam inta.

Mas antes de avançar, teve que perguntar:

– Todos nós sete? Desde que a gente… sabe, saiu j unto? Todos nós?

– Axe, Boone, Novo, Anslam e Craeg.

Ela baixou o olhar ao escutar o últim o nom e.

– Então essa é a nossa turm a?

– Isso m esm o.

Pegando o garfo e a faca, ela gem eu quando se virou na direção do prato, e suas costelas em itiram um protesto do tipo O QUE VOCÊ PENSA QUE ESTá FAzENDO?

– Droga, não consigo m e m exer sem …

– Advil. Vou te trazer m ais. – Pey ton foi para a porta e parou. – Eu te devo

desculpas.

– Pelo quê?

– Por pensar que você não conseguiria fazer isto. – Olhou para ela. – Teve

razão ao brigar com igo no ônibus. Provou que eu estava errado. Lam ento m uito.

Paradise exalou fundo.

– Obrigada. Isso significa m uito para m im .

Ele assentiu.

– Venha para cá quando estiver pronta. Só estam os conversando para passar o

tem po.

– Ei, Pey ton? – ela o cham ou antes que ele pusesse a m ão na m açaneta.

– Oi?

– Pode m e fazer um favor?

– Manda ver.

– Não conte a ninguém … Você sabe, sobre quem eu sou. Não quero ser

tratada de m aneira diferente. Só quero ser com o todo m undo.

– Anslam sabe. Mas posso falar com ele e m andar ele ficar de bico fechado.

– Obrigada.

Pey ton olhou para o chão por um instante.

– Qualquer coisa por você.

Depois que ele saiu, Paradise com eu o quanto pôde, que, no fim , foi tudo o que

estava na bandej a, inclusive os pãezinhos frescos e as ervilhas. Term inou o café e

tom ou as duas garrafas de água que acom panhavam tudo. Depois claudicou até o

banheiro num dos cantos.

A chuveirada estava tão quente que ela se surpreendeu em ver que a tinta não escorria pelas paredes, m as, ah, delícia, seu corpo relaxou debaixo do j ato penetrante. As bolhas nos pés doíam , assim com o outros lugares aleatórios, a exem plo do cotovelo direito e do j oelho esquerdo que estavam , assim com o os om bros, ralados por algum m otivo. Não tinha im portância. Era o paraíso.

Pendendo a cabeça, deixou a água escorrer pela nuca.

Estava contente que Pey ton tivesse ligado para seu pai. Já estava quase am anhecendo, e não desej ava que o m acho se preocupasse, m as não estava pronta para falar sobre tudo o que acontecera. Precisava de tem po para pensar, para processar, para avaliar.

Havia xam pu ali. Usou-o sem olhar a m arca. O m esm o com o condicionador. E com o sabonete.

Quando saiu, sentiu-se m ais perto de ser ela m esm a, m as isso m udou quando olhou para seu reflexo no espelho sobre a pia.

Aproxim ando-se, observou suas feições com o se pertencessem a outra pessoa – e lhe pareceram desconhecidas. O rosto estava bem m ais m agro e, m esm o sem m aquiagem , seus grandes olhos pareciam sobressair sobre todo o resto,

com o num a criança.

– Quem sou eu? – sussurrou para seu reflexo.

Capítulo 13

A CATEDRAL DE SÃO PATRÍCIO EM CALDWELL era um a velha e im ponente senhora, erguendo-se do chão com o um testem unho tanto da m isericórdia de Deus quanto da habilidade do hom em em cim entar blocos de tij olos. Ao estacionar seu novo Lexus, Butch pensou que era m uito engraçado que, de todos os seus traços de hum anidade a terem sobrevivido após a transição para vam piro, o que m ais ficara arraigado fora a fé.

Era um católico m elhor agora do que fora quando era *Homo sapiens*.

Abaixando a aba do boné dos Red Sox, passou pela porta dianteira que, sozinha, era m aior do que a casa inteira em que crescera, no sul de Boston.

A catedral estava sem pre aberta, era um a Starbucks da espiritualidade, pronta para servir o que fosse necessário quando as alm as se sentissem perdidas e titubeantes.

Monsenhor, preciso de um "venti" de perdão, muito obrigado. E um bolinho que magicamente possa me dizer que porra está acontecendo de errado na minha vida.*

O segurança sentado num a cadeira no vestíbulo levantou o olhar da sua revista *Sports Illustrated* e acenou para ele. O cara estava acostum ado a vê-lo entrar

antes do am anhecer.

– Noite… – o guarda o cum prim entou.

– Tudo bom ?

– Bem . E você?

– Tam bém .

Sem pre a m esm a conversa, e a troca de sete palavras j á fazia parte do ritual. Cruzando o tapete verm elho grosso, Butch inspirou profundam ente e captou a tranquilidade do cheiro fam iliar de incenso, de velas feitas com cera de abelha, de lustra-m óveis de lim ão e de flores verdadeiras. Ao em purrar as pesadas portas de m adeira entalhada para entrar no santuário m aj estoso, não gostou de ficar de boné, m as tinha que esconder o rosto.

No entanto, sua m ãe teria um acesso – desde que a dem ência dela se ausentasse por tem po suficiente para que ela conseguisse entender algum a coisa.

O fato de ela ter m eio que enlouquecido fez com que abandonar o m undo hum ano fosse m uito m ais fácil. E, de tem pos em tem pos, ele e Marissa iam visitá-la, m aterializando-se no quarto da casa de repouso em Massachusetts porque sabiam que as lem branças não durariam .

Butch parou e inspirou fundo, o sangue bom beando, a pele pinicando. Girando, franziu o cenho ao ver um a figura solitária sentada num dos bancos de trás.

– Marissa?

Mesm o que sua voz não estivesse alta o bastante para ser ouvida, sua com panheira levantou a cabeça, pois sua presença fora percebida.

Apressando-se sobre o piso de pedra, entrou de lado na fileira em que ela estava, tentando não tropeçar nas pontas dos genuflexórios.

– O que está fazendo aqui? – ele perguntou ao perceber o cheiro das lágrim as.

Os olhos dela estavam m arej ados quando ele se aproxim ou, e ela se esforçou para sorrir, m as não conseguiu ir m uito longe.

– Estou bem , de verdade, eu…

Ele se sentou ao lado dela – despencou seria um a m elhor descrição –, e segurou suas m ãos frias. Ela ainda estava com seu casaco Burberry, e o cabelo estava em aranhado nas pontas, com o se ela tivesse ficado cam inhando ao vento.

Butch balançou a cabeça, o coração disparado.

– Marissa, você precisa falar com igo. Está assustando seu m aldito m arido.

– Desculpe.

Ela não disse m ais nada, m as se recostou nele, perm itindo que o corpo dele suportasse seu peso, e só isso j á era um a explicação: qualquer que fosse o problem a, não era culpa dele.

Butch fechou os olhos e a am parou, esfregando-lhe as costas.

– O que está acontecendo?

A história saiu aos poucos: um a fêm ea j ovem … o gram ado do Lugar Seguro…

brutalizada… a operação de Havers… a m orte inevitável… nenhum a identificação, nenhum a inform ação, nenhum a fam ília.

Deus, odiou que sua *shellan* preciosa tivesse sido exposta a toda aquela situação horrenda. Ah, e P.S., que aquele irm ão dela se fodesse, de verdade.

– E agora não sei o que fazer por ela. – Marissa em itiu um suspiro trêm ulo. – Eu só… sinto que não fiz o bastante para salvá-la enquanto ela estava viva e agora ela se foi… e sei que era um a desconhecida, m as não im porta.

Butch perm aneceu calado porque quis dar todas as oportunidades para a sua com panheira continuar falando. E, enquanto esperava, pensou que conhecia m uito bem aquele m aldito sentim ento de autorresponsabilização, ainda que indevida. Na época em que trabalhara para a divisão de hom icídios na Polícia de Caldwell, sentia exatam ente a m esm a coisa por cada um a das vítim as dos casos que investigava. Incrível com o com pletos estranhos podiam se tornar tão próxim os.

– É tão inj usto para ela. Isso tudo. – Marissa se voltou para a bolsa, tirou um lenço de papel e assoou o nariz. – E eu não queria te contar nada porque sei que estava m uito ocupado…

– Errado – ele a interrom peu. – Não existe nada m ais im portante do que você.

– Ainda assim …

Virou o rosto dela para si.

– Nada.

Quando ela voltou a chorar, ele enxugou seu rosto.

– Com o pode duvidar disso?

– Não sei. Não estou pensando direito. – Pressionou o lenço no nariz. – E vim para cá porque é aqui que você sem pre vem .

Muito bem , isso aqueceu dem ais o coração dele.

– Aj udou?

Ela deu um leve sorriso.

– Bem , isso acabou nos reunindo, não foi?

Acom odando-a ao seu lado, passou o braço ao redor dela e ficou olhando para as fileiras de bancos de m adeira encerada até aquele m agnífico altar com sua cruz dourada e a im agem de Jesus de seis m etros no crucifixo. Graças às luzes externas, os vitrais brilhavam nas grandes j anelas arqueadas que se estendiam até os contrafortes góticos lá no alto. E as capelas que honravam os santos brilhavam com as velas votivas acesas pelos visitantes da noite, as im agens de m árm ore representando a Virgem Maria, João Batista e os arcanj os Gabriel e Miguel oferecendo suas graças para quem precisasse.

Não queria que sua com panheira sofresse, m as estava tão aliviado por ela tê-lo procurado… Com o m acho vinculado, seu prim eiro instinto era sem pre o de proteger a sua *shellan*, e o retraim ento dela, m esm o tendo durado apenas um dia,

fora um a espécie de am putação.

– Etam bém nãoteconteiporcausadasuairm ã.

– O quê? – ele m urm urou, beij ando-a no alto da cabeça.

– A sua irm ã…

Butch enrij eceu, m as não pôde evitar. Mas, verdade, qualquer m ução àquela porção do seu passado bastava para que ele sentisse com o se alguém o tivesse eletrocutado com a bateria de um carro.

– Tudo bem – ele disse.

Marissa se endireitou.

– Não quis aborrecer você. Quero dizer, você nunca fala… hum , do que aconteceu com ela.

Olhou para as m ãos da fêm ea. Estavam se retorcendo nervosam ente no colo, transform ando o lenço de papel num a bolinha.

– Você não tem que se preocupar com igo. – Afastou o cabelo dela para trás dos om bros, acariciando os fios finos e m acios. – Essa é a últim a coisa que precisa fazer.

– Posso perguntar um a coisa?

– Qualquer coisa.

Quando ela não disse nada de im ediato, ele m oveu o rosto para a linha de visão dela.

– O quê?

– Por que nunca fala com igo sobre a sua vida antes de m e conhecer? Quero dizer, sei algum as coisas… Mas você nunca fala disso.

– Você é a m inha vida agora.

– Hum m .

– Onde quer chegar?

Ela olhou para ele e deu de om bros.

– Não sei o que estou dizendo. Só estou falando sem pensar.

A bolsa dela em itiu um *bing*!, e ela a colocou no colo. Enquanto pegava o telefone, ele a observou de m uito longe, apesar de estar sentada bem ao seu lado.

– É um a m ensagem do Havers – disse ela. – Os restos m ortais estão prontos para eu pegar.

Butch se pôs de pé.

– Vou com você.

Marissa o fitou.

– Tem certeza de que tem tem po?

Só o que ele pôde fazer foi sacudir a cabeça, desconsiderando a pergunta.

– Venha. Eu te levo de carro para o outro lado do rio. Ainda tem os um a hora inteira de escuridão.

Em bora Craeg estivesse relativam ente confortável num poltrona com assento

e braços estofados, tudo nele doía com tam anha intensidade que ele podia m uito

bem estar sentado sobre uns atiçadores de lareira. Parte disso era culpa sua.

Depois que fora trazido do cam po num a m aca, recusara os analgésicos que lhe

ofereceram após o exam e m édico. Contudo, aproveitara a com ida, o banheiro e

as bebidas.

Mas só. Desde que os seis foram levados até aquele côm odo/refeitório/sala de

descanso, com sua decoração de concreto e tapetes ao estilo dos dorm itórios

universitários, com TV e cozinha em butida, ele ficara à parte dos dem ais. Depois

de descobrir seus nom es, m antivera-se na periferia do grupo, ouvindo as histórias

deles sem dar nenhum detalhe sobre a sua.

Não que ele tivesse m uito para partilhar. Era o único que restava da sua fam ília

e não estava disposto a revelar lem branças pessoais sobre os ataques.

No que ele prestou atenção foram as escapadas daquele cara, Pey ton. O filho

da m ãe se levantava do sofá para dar um a espiada no quarto dos beliches a cada

dez segundos.

Por que o cara sim plesm ente não ficava lá?

Daquela vez, quando Pey ton enfiou a cabeça pela porta, houve um a troca de

palavras. Depois entrou lá e fechou a porta de vez. Quando o m acho voltou

depois de um tem po, foi até o cara cham ado Anslam e sussurrou algum a coisa.

O que quer que tivesse sido, Anslam concordou com um encolher de om bros e um aceno de cabeça.

Depois disso, Pey ton voltou a se sentar no m eio da sala.

Não m uito depois, Paradise saiu de lá. E, no instante em que passou pela soleira, todos olharam para ela, a conversa sobre *Tosh.0* parando por com pleto.

Craeg desviou o olhar dela, m ais por se ressentir pra cacete do fato de sua pressão subir e de seus batim entos cardíacos acelerarem só de ver aquela fêm ea.

Maldição, nenhum a daquelas pessoas era da sua conta. Principalm ente ela.

– Senhora e senhores – disse Pey ton. – Eis a nossa *Primus*.

– Não m e cham e assim – ela disse entre dentes antes que qualquer tipo de aplauso acontecesse. – Nunca.

– Por quê? – Novo a desafiou. – Você nos venceu. Durou m ais tem po. Devia estar orgulhosa pra cacete.

Ok, ali estava um a fêm ea por quem poderia se interessar – não que quisesse se envolver sexualm ente com ninguém naquele m om ento. Ainda assim , Novo era o

seu tipo de “dam a”: um a que sabia se virar num traj eto com obstáculos e, evidentem ente, era do tipo que prim eiro batia no agressor e só fazia perguntas depois que a m andíbula que ela quebrara estava consertada.

Novo tam bém ficava bem atraente com aquela cam iseta branca folgada da Hanes e aquelas calças de m édico pelas quais trocara as roupas suj as.

Tam bém não era o único a notar isso. Anslam , Axe e até o m aldito Pey ton ficavam secando-a intensam ente, não que ela parecesse se im portar ou sequer notar.

A recepcionista, por sua vez, sem dúvida devia estar acostum ada que todos a fitassem . Loiras com o ela nunca deixavam de cham ar a atenção.

O que tam bém as transform ava em alvos.

E, sim , foi nisso que ele pensou quando estivera diante da escrivaninha dela e sugerira que ela se inscrevesse no program a. Claro, um a fêm ea com o ela era protegida pelos m achos da sua fam ília, m as nem sem pre isso dava certo, não é m esm o?

Sua própria irm ã estaria viva hoj e se fosse verdade.

– … com a gente?

Craeg olhou para Novo.

– O que foi?

– Vam os procurar alguém para nos dar m ais algum a coisa para com er. Acabam os com o que havia na geladeira e nas prateleiras. Quer vir?

– Não.

– Então pego um pouco daqueles Oreos com recheio duplo para você. Você com eu todos.

– Você não precisa fazer isso.

– Eu sei – ela disse antes de se virar.

Cruzando os braços sobre o peito, fez um a careta ao enfiar ainda m ais a bunda na poltrona e esticar as pernas. Fechar os olhos. Era disso que precisava. E, ao ouvir a porta se fechar, suspirou.

– Não está com fom e?

Suas pálpebras se ergueram e ele virou a cabeça. Paradise ainda estava ao lado da porta do quarto com beliches, e parecia relaxada com o ele j á não se sentia, parada com os braços ao redor do corpo e as lapelas do roupão apertadas j unto ao pescoço.

– Não – ele respondeu, ríspido.

Merda, não havia m otivo para arrancar a cabeça dela.

– Quero dizer… Não. – Maravilha. Agora estava parecendo um idiota.

– Com o estão os seus pés?

– Bem . – Houve um a pausa, com o se ela estivesse esperando que ele lhe perguntasse o m esm o. – Olha só, por que você não vai com os outros…

– Não pode m e expulsar daqui, sabe?

Craeg saltou da poltrona e dim inuiu a distância entre eles. Invadindo seu espaço pessoal, ele se certificou de lhe dar bastante tem po para m edir exatam ente o seu tam anho.

– O que você estava dizendo? – ele sugeriu em voz baixa. – Ou está de saída?

Os olhos azuis dela se arregalaram .

– Está m e am eaçando?

– Apenas sugerindo um a realocação que será m elhor para nós dois.

– Por que *você* não sai?

– Cheguei aqui prim eiro.

– Porque você perdeu… Certo? Perdeu para um a garota… Não é? – provocou, cantarolando.

Craeg contraiu as m andíbulas.

– Não m e provoque, ok? A m inha noite foi tão longa quanto a sua.

– Foi você quem veio aqui com o um touro enfurecido. E eu sairia, porque, de fato, não gosto de você tanto quanto achei que gostasse. Mas a verdade é que os m eus pés estão doendo tanto que não consigo andar e sou orgulhosa dem ais para pedir um a cadeira de rodas.

Idiota.

Com pleto.

E absoluto.

Sim , era m ais ou m enos assim que ele se sentia ao baixar os olhos para os pés dela e vê-los descalços e vulneráveis em sua deplorável condição: profundos vergões verm elhos se destacavam nas laterais e no peito dos pés, e o direito estava tão inchado que não parecia pertencer ao fim daquela canela fina.

Fechou os olhos por um instante. *Afaste-se. Só volte para o seu lugar, camarada, e se sente, deixe que ela vá mancando para o sofá e se estique… ou volte para o*

quarto… ou crie asas e saia voando para longe do seu pobre traseiro.

Em vez disso, ele se viu afundando até o chão. Os dois j oelhos rangeram tão alto que foi com o se dois gravetos tivessem sido partidos na sala silenciosa, e as coxas e as panturrilhas gritaram com a m udança de posição.

– Parecem bem ruins – com entou com suavidade.

Não teve a intenção de esticar a m ão e tocar na pele. Não m esm o. Mas, de algum a form a, a m ão avançou e roçou de leve o peito do pé esquerdo dela, na única região que não estava verm elha.

Acim a dele, ouviu-a inspirar forte e, por algum m otivo, não confiou em si m esm o para olhar para ela.

– Eu te m achuquei?

Dem orou um pouco para ela responder quase sem voz:

– Não.

Ele deslizou as pontas dos dedos m édio e indicador com tanta leveza sobre o pé dela que m al conseguiu sentir-lhe o calor da pele.

O corpo de Craeg estrem eceu. E sua voz não estava tão firm e ao dizer:

– Odeio ver estas m arcas em você.

Ela devia ter outras em outros lugares. Contusões, arranhões, esfoladuras.

Queria tocar em todas.

Tocar em outras partes do corpo dela tam bém .

Aquilo era ruim, ele pensou. *Bom Deus, era muito ruim.…*

Seu desej o sexual estivera dorm ente por m uito tem po e a últim a coisa que precisava agora era que ele despertasse, ainda m ais naquelas circunstâncias. Ainda m ais com um a fêm ea com o Paradise.

Não é preciso ser da aristocracia para ser um a dam a. Mesm o as plebeias trabalhadoras poderiam ter padrões e se resguardar decorosam ente para um a vinculação adequada.

Que não se daria com o filho órfão de um colocador de pisos.

Ah, e evidentem ente ela era virgem .

A m aneira com o ela se continha lhe dizia isso. O m odo com o Pey ton, que obviam ente era um conquistador, respeitava o espaço dela tam bém lhe dizia isso.

Mas ele soube principalm ente por aquele ar suspenso, aquele “não” sussurrado.

Aquilo era m uuuuuito ruim .

O “venti” é um tam anho de bebida nas loj as Starbucks. (N.T.)

Tosh.0 é um program a de TV am ericano do gênero com édia criado pelo com ediante Daniel Tosh que tem com o foco vídeos virais da internet. (N.T.)

Capítulo 14

O CORAÇÃO DE PARADISE parecia ter saído de um ensaio de bateria, e as ondas de calor açoitando seu corpo eram tão fortes e reluzentes quanto um conj unto de cím balos.

Craeg estava no chão diante dela, seu grande corpo dobrado num a espécie de posição sentada bastante estranha, os m úsculos dos om bros esticando-se debaixo

da cam iseta branca e fina, a cabeça escura inclinada enquanto ele deslizava as pontas dos dedos com m uita leveza sobre o dorso do seu pé.

Mesm o exausta, ela sentia cada nuance do toque dele – e tam bém estava dolorosam ente ciente de estar nua debaixo do roupão e da cam isola hospitalar.

Caram ba… Deixe de lado as dores e os desconfortos. Agonia?

A única coisa registrada por seu corpo era um grande e indefinido potencial que ela não com preendia por com pleto, m as sobre o qual tam pouco era com pletam ente ignorante.

Aquilo era… atração sexual. Luxúria. Desej o.

Naquele exato lugar, naquele exato instante.

Atração quím ica im penitente, inclem ente, intransigente.

– Eu não deveria estar tocando em você assim – disse ele com suavidade.

Não, ela pensou. *Não deveria.*

– Não pare.

A cabeça dele virou num ângulo, e seus olhos se fixaram nos dela.

– Não é um a boa ideia.

Definitivam ente não era. Mas não era m esm o, certeza absoluta.

– Sinto-m e extasiada.

Craeg fechou os olhos e recuou um pouco.

– Preciso parar.

Mas ele não parou. Continuou deslizando o dedo pelo tornozelo dela, depois subiu pela panturrilha.

– Não estou vestida por baixo disto – ela disse num ím peto.

Com isso, ele pendeu a cabeça e esfregou o rosto com a m ão que não a tocava.

– Por favor, não m e diga coisas assim .

– Desculpe. Não sei o que estou dizendo.

– Percebi.

Enquanto o corpo dele estrem ecia, ela sussurrou:

– É por isso que você não gosta de m im ? Por causa desta conexão?



– É.

– Então você tam bém sente.

– Eu teria que estar m orto para não sentir – ele m urm urou.

– É sobre isso que tanto falam , não é? Essa necessidade.

Ele gem eu e oscilou, apesar de j á estar no chão.

– Não…

– Não o quê?

Craeg só sacudiu a cabeça, e afastou-se dela. Erguendo os j oelhos, apoiou os

antebraços neles e pareceu estar tentando se controlar. Depois de um instante, aj eitou pouco à vontade a pelve algum as vezes, com o se algo estivesse em perrado ali, ou preso.

– Não vou fazer isso com você – disse baixinho. – O program a de treinam ento é tudo o que tenho. É o único futuro para m im . Por isso, ficar aqui e m e sair bem não tem a ver com vaidade para m im . Tam bém não estou tentando provar nada para os m eus pais, e tam pouco sou um louco que quer sair lutando contra o m undo. Não tenho nada esperando por m im , literalm ente. Portanto, não vou deixar que nada nem ninguém fique no m eu cam inho.

– Não pode fazer os dois? – perguntou ela, m esm o sem ter certeza do que estava sugerindo.

Ah, pro inferno com isso. Ela sabia *exatamente* o que estava sugerindo: após ter sentido a m ão dele em seu tornozelo, ela queria saber exatam ente qual seria a sensação dela em todo o seu corpo.

– Não – ele repetiu. – Não posso fazer os dois.

Praguej ando, ele se esforçou para ficar de pé, as palm as cobrindo o seu quadril para se esconder enquanto ele voltava para o lugar onde estivera sentado antes. No entanto, ele não se sentou. Perm aneceu em pé, olhando para as alm ofadas com o corpo enorm e e tenso.

– Você não tem que m e proteger – ela disse.

Depois de um m om ento, ele olhou para ela por sobre o om bro, sua expressão m uito séria.

– Que se foda isso tudo. Estou protegendo a m im m esm o.

Enquanto Butch os levava de carro por cim a do rio Hudson, Marissa ficou olhando pela j anela ao seu lado. Os alicerces da ponte form avam um padrão ao recortar a vista da água abaixo, fazendo-a pensar no m ovim ento dos lim padores de para-brisa em baixa velocidade. Estavam tão no alto que ela não conseguiria dizer se havia ondas na superfície. Provavelm ente não. No que determ inar respeito às condições clim áticas, a noite estava m uito tranquila.

Por algum m otivo, ficava voltando no tem po, para a época em que se apaixonaram , provavelm ente porque seu cérebro não conseguia processar para onde estavam indo e, portanto, fugia para um a parte do seu passado quando reinavam as surpresas, as alegrias e a excitação.

Nada com o o prim eiro toque. Aquele prim eiro beij o. O m om ento em que se faz sexo pela prim eira vez, e você olha para o rosto acim a do seu e pensa: *não consigo acreditar que estamos mesmo fazendo isso!*

– No que está pensando? – Butch perguntou, apertando-lhe a m ão.

– Você se lem bra do nosso prim eiro beij o?

Seu com panheiro riu de leve.

– Nossa, claro. Foi na varanda do segundo andar da casa de Darius. Quebrei o

braço daquela poltrona de vim e.

Ela sorriu e olhou para ele.

– Quebrou m esm o, não foi? Não pensei que você fosse tão… forte.

Pela luz fraca do painel do carro, as feições dele estavam tão sensuais com o sem pre foram para ela. E Marissa as visualizou quando ele estava excitado, os olhos cor de avelã sem icerrados, o rosto ficando sério, o corpo im óvel antes de com eçar a se m exer.

– Quero fazer sexo com você quando chegarm os em casa – ela disse.

A cabeça dele se virou tão rapidam ente que o sedã oscilou na pista.

– Ora, vej a só. *Posso mesmo* dar um j eito de isso acontecer.

– Sinto-m e culpada por isso.

– Não se sinta. – O olhar dele prendeu-se ao seu. – Isso é m uito natural. Quer se sentir viva diante da m orte; não significa que não estej a triste pela m oça, ou que não fará j ustiça. Não são coisas m utuam ente excludentes.

– Você é m uito inteligente.

– Só tive m uita experiência em noites com o esta.

Relaxando no assento luxuoso, ela sentiu as sensações eróticas e fam iliares estim ulando o seu corpo… E se im aginou passando por baixo do braço dele, m exendo na braguilha e sugando-o enquanto ele continuava a dirigir.

Mas ele j am ais perm itiria que ela fizesse isso.

Além disso, quando chegaram à m argem oposta do Hudson, seus pensam entos

tom aram outra direção.

– Por favor, não o m achuque.

– Quem ? O seu irm ão?

– É.

– Serei um com pleto cavalheiro.

Ela relanceou na sua direção.

– Estou falando sério.

– Eu tam bém . – Deu um novo aperto na m ão dela. – Você não tem com o que se preocupar. Eu não faria isso com você, e isso faz dele um cara de m uita sorte.

Butch seguiu as instruções que foram enviadas a ela pelo celular sobre com o chegar lá de carro e, uns quinze m inutos m ais tarde, estavam sacolej ando num a estradinha de terra que serpenteava pela floresta. Desta vez, a entrada para o prédio era um a m odesta casa de cam po de dois andares, e havia um punhado de sedãs estacionados na passagem de carros pavim entada com pedras. Quando saíram , seguiram até a parte de trás do que parecia um a construção externa para tratores e equipam entos, m as que, na verdade, era o m esm o tipo de quiosque pelo qual ela passara antes naquela m esm a noite.

O procedim ento era o m esm o: identificação, entrada, escaneam ento a laser. Em seguida, um a parede cheia de ferram entas se deslocou, e estavam dentro de um elevador, descendo para dentro da terra.

– A construção disto deve ter custado um a fortuna – ela m urm urou quando am bos olharam para a fileira de botões num erados ao lado da porta. – Quatro andares subterrâneos? Uau.

– Precisava ser feito.

Ela o fitou.

– Espere, então você sabia desta clínica? Por que não m e contou?

Butch encolheu os om bros.

– Não queria te aborrecer m encionando o seu irm ão. – Olhou para ela incisivam ente. – Diga que Havers se com portou quando você esteve aqui antes.

– Sim , ele se com portou.

Seu com panheiro assentiu e aj eitou as elegantes calças pretas que vestia.

Com o sem pre, quando estava fora de serviço, seu *hellren* policial do sul de Boston estava vestido com algo saído do catálogo da Neim an Marcus, a cam isa branca engom ada e a j aqueta fina de cam urça tão caras quanto pareciam ser.

Ele tam bém cheirava bem , apesar de isso ser um a cortesia do arom a da vinculação e não causado por algum tipo de colônia – e o relógio Piaget e a pesada cruz de ouro que sem pre usava no pescoço eram sensuais sem exageros.

No entanto, ele tinha razão. Poderia m atar o irm ão dela apenas com as m ãos – e provavelm ente era o que queria fazer. Contudo, acreditava nele quando ele dizia que j am ais faria isso na frente dela.

– Ele é incrível com seus pacientes – ouviu-se m urm urar.

– Esse nunca foi o problem a dele.

Não, não era.

O elevador sacudiu ao parar, e eles saíram para um a área de espera m enor e m ais reservada que aquela em que ela estivera antes.

A recepcionista à m esa olhou prim eiro para Butch e dem orou-se o quanto quis, avaliando-o. Não que ele tivesse notado.

– Bem -vindos – ela cum prim entou. – O doutor sabe que estão aqui. Posso lhes oferecer café enquanto esperam ?

Ou talvez, quem sabe, algo m ais pessoal?, seu tom sugeria.

– Estam os bem , obrigado. – Butch segurou o cotovelo de Marissa e a conduziu para um a fila de cadeiras encostada na parede m ais distante.

Ao se sentarem lado a lado, ela ficou contente quando ele lhe segurou a m ão.

– Então, com o foi a prim eira noite do program a? – ela perguntou, tanto para m anter um a conversa quanto por se im portar.

As sobrancelhas dele se uniram .

– Foi boa. Ninguém se m achucou seriam ente. Sete conseguiram chegar até o fim . Vão passar o dia conosco, principalm ente porque não querem os que os pais deles os vej am tão abatidos. E tam bém é um a oportunidade para que o grupo se una. Vou dar a prim eira aula ao cair da noite, e depois eles poderão voltar para casa após o treino físico.

– Estou m uito feliz que tenha dado tudo certo.

– Verem os. Ei, lem bra da filha do Abalone, Paradise? Aquela que nos aj uda na casa de audiências?

– Ah, sim , ela é adorável.

– Foi a que m ais aguentou. Aquela garota tem determ inação.

– Abalone deve estar m uito orgulhoso.

– Ele ficará.

Silenciaram -se. Até ela voltar a falar.

– Eu acho que vou vom itar.

Butch de pronto se levantou, m as ela lhe deu um tapinha em seu braço.

– Não de verdade. É m ais um m odo de falar do que realm ente querer fazer.

– Quer voltar para o carro? Posso levar os restos m ortais para você.

Marissa sacudiu a cabeça.

– Não, ela é m inha. Até encontrarm os a sua fam ília, ela é m inha.

Butch passou o braço ao redor dos om bros dela e a puxou para perto.

– Prepare-se para que isso não m ude m esm o quando a devolver à fam ília.

– É assim que você… Quando você trabalhava, era assim que se sentia?

– Com cada um a das m inhas vítim as. – Exalou longa e profundam ente. – Para m im , isso nunca passava. Mesm o agora, quando não consigo dorm ir, vej o seus

rostos no teto acim a da nossa cam a. Lem bro-m e com o eram em vida e não

consigo m e esquecer de com o estavam ao m orrer. É um a m ancha no m eu cérebro.

Fitando-lhe o perfil, aquele perfil forte, belo e im perfeito, ela se conectou a todo o am or que sentia por ele.

– Por que não m e acorda para conversarm os quando se sente assim ?

O sorriso contraído dele tentava dim inuir a tensão.

– Você tam bém tem o seu trabalho.

– Sim , m as eu…

– Não é im portante. Já faz parte do passado.

Não se isso ainda o mantém acordado, ela pensou.

– Você e eu som os tão parecidos – ela m urm urou. – Nós dois guardam os nossos passados num a prateleira.

– Você faz soar com o se fosse um a coisa ruim .

Antes que ela conseguisse dizer algo m ais, a porta do lado oposto se abriu e um a enferm eira de uniform e branco se aproxim ou trazendo um a caixa preta que, absurda e inapropriadam ente, fez Marissa pensar num par de sapatos de salto alto Stuart Weitzm an que lhe foram entregues num a noite dessas. Era do m esm o tam anho.

Esperava que a caixa fosse m aior. Menor. Diferente.

Deus, ela j á nem sabia.

– Lam entam os a sua perda – disse a enferm eira ao estender a caixa para

Butch.

Marissa adiantou-se e a segurou. Pesava m enos do que im aginava que pesaria.

Pensando bem , só estava cheia de cinzas, não?

– Obrigada.

A fêm ea corou ante a quebra de protocolo. Com o Marissa era um a fêm ea de um a das Fam ílias Fundadoras, concluía-se que ela nunca entraria em contato com nada pertencente aos m ortos. No Antigo País, tal contato era visto com o m au agouro, especialm ente se a fêm ea estivesse grávida ou em idade fértil.

Mas que se dane isso.

– Havia algo m ais entre os seus pertences? – Marissa perguntou.

A enferm eira lim pou a garganta com o se estivesse tentando engolir a desaprovação e se engasgasse.

– Na verdade, havia algo. – Focou os olhos em Butch com o se esperasse que ele se prontificasse para que sua com panheira fosse sensata e razoável. – Hum …

Em seu benefício, Butch arqueou um a sobrancelha com o se não entendesse o que diabos a enferm eira estava pretendendo.

A enferm eira voltou a pigarrear.

– Bem , havia um a coisa. Foi o único obj eto pessoal que encontram os… Estava

preso no…

– No quê? – Marissa exigiu saber.

– Estava dentro do sutiã. – A enferm eira enfiou a m ão dentro do bolso do uniform e e puxou um a fita preta com um laço verm elho. – Tem certeza de que quer…

Marissa arrancou o obj eto da m ão da enferm eira.

– Obrigada. Vam os em bora agora.

Antes que qualquer outra coisa pudesse ser dita, ela foi em frente e apertou o botão com seta para cim a ao lado do elevador. Com o se ele os estivesse esperando para que saíssem o quanto antes, as portas se abriram e ela entrou. Butch, com o sem pre, estava logo atrás.

Enquanto subiam rum o ao piso térreo, ela olhou para o obj eto que apanhara da m ão da fêm ea.

– O que é isto? – perguntou, virando a peça de m etal preta na m ão. Havia um a borla de seda verm elha perdurada num buraco num a ponta e, na outra, um a porção pontuda e chanfrada parecida com algo que pudesse ser inserido num a fechadura. – Isto é um a chave?

Butch o tom ou em sua m ão e exam inou.

– Sabe, pode até ser.

Capítulo 15

ATÉ A CHEGADA DO PÔR DO SOL do dia seguinte, Pey ton j á decidira que não gostava de nenhum deles.

Vej a bem , não que ele se considerasse superior aos outros cinco *trainees*. É só

que havia algo de estranho em cada um deles.

Axe, um forasteiro com estilo punk/gótico que passava aquela im pressão “sim , entendem os que você é um cara durão”? Óbvio. O desgraçado estava a apenas um a faca de cozinha de distância de ser um assassino em série. Boone, o Adônis m usculoso? Tá bom , j á entendem os que você consegue andar sobre as m ãos e virar o quadril com o se ele estivesse atado ao pescoço com um a corda – m as quem se im porta com isso? Você está aqui para lutar, não para vestir um tutu e tentar a sorte no Cirque du Soleil. Anslam ? Nada além de m ais um perdedor dentro da *glymera*, que sequer pertencia a um a das Fam ílias Fundadoras. Irrelevante, e era um a surpresa que tivesse chegado tão longe.

Aquele de quem m ais desgostava, porém , era o tal de Craeg, em bora isso se devesse m ais por todos, inclusive Paradise, o tratarem com o se ele fosse o líder ungido do grupo.

Não que ele, Pey ton, estivesse atrás dessa posição, m as, ora essa… Ninguém fazia a m ínim a ideia ainda sobre onde estavam se m etendo. Não havia m otivo algum para ficarem cantando vitória assim tão cedo. E não era só isso que o incom odava no cara. Havia algo m ais naquele m acho, algo que ele não conseguia determ inar exatam ente. Um instinto seu, talvez? Um a sensação de am eaça?

Ele não sabia, m as pode crer que descobriria.

E, por fim , havia aquela fêm ea, Novo.

Esticado em sua poltrona na sala de descanso, Pey ton m aliciosam ente relanceava os olhos na direção dela com o quem não quer nada. Ela estava deitada no sofá à esquerda, as pernas m uito longas cruzadas na altura dos tornozelos, as m ãos entrelaçadas sobre a barriga com o se estivesse m orta. O cabelo era m uito escuro, bastante liso e preso num a trança firm e com o um a corda. A pele era dourada com o o m el, e ele nunca, em toda a sua vida, se deparara com um a fêm ea tão m usculosa.

Passara boa parte do dia tentando evitar ser flagrado m edindo-lhe os seios, principalm ente porque não tinha m uita certeza se ela lhe cortaria as bolas caso notasse.

Esfregando os olhos, desej ou tanto ter m aconha para fum ar que até chegava a trem er.

Talvez Paradise tivesse razão quanto ao abuso de drogas.

Mas, considerando-se tudo, a noite fora longa pra cacete, e o dia, estranho pra caralho. Depois que se certificara de que Paradise havia despertado e com era, o restante deles – exceto Craeg, O Grande Senhor das Presas, que era m elhor do que todos os outros – peram bularam pelas instalações, encontraram um *doggen* e

pediram m ais com ida. Quando retornaram , depararam -se novam ente com Paradise no quarto dos beliches dorm indo, e Craeg sentado num a poltrona com os olhos fechados.

Provavelm ente contem plando sua superioridade em relação a todos os outros. Àquela altura, sem trocar m uitas conversas entre si, cada um deles escolhera um lugar no côm odo de paredes nuas e recolhera-se sem conseguir dorm ir m uito, nem m uito bem . Por m ais que detestasse adm itir a fraqueza, ainda se sobressaltava ao m ínim o barulho estranho, a glândula adrenal hiperalerta, m esm o depois que a enferm eira que o exam inou ter lhe dito que o teste term inara e que nada m ais de natureza elétrica ou am eaçadora lhes aconteceria…

De repente, Paradise enfiou a cabeça para fora do quarto, com o se, talvez, esperasse ter sido deixada para trás.

Quando Pey ton abriu a boca para dizer seu nom e, captou o olhar de Craeg deslocando-se para ela… dando um a típica secada de cim a a baixo que os m achos fazem quando são uns trem endos filhos da puta.

Pelo am or de Deus, aquilo era o que ele fazia!

Mas antes que conseguisse latir para que o cara recuasse, a porta que dava para o corredor externo foi escancarada, e dois m achos im ensos entraram com o se fossem donos do lugar.

Irm ãos.

Pense em algo entrando em estado de alerta im ediato. Todos os seis *trainees* se levantaram de onde quer que estivessem sentados com o se alguém os tivesse

chutado na bunda. Próxim a à porta do quarto, Paradise se endireitou e fechou ainda m ais as lapelas do roupão.

O Irm ão à esquerda estava vestido com j eans e cam iseta preta, e bem possivelm ente era o ser vivo m ais largo que Pey ton j á vira, tirando um elefante.

Tam bém era tão belo que era necessário se perguntar por que a Virgem Escriba despej ara tanta gostosura num só cara, em vez de distribuí-la igualm ente entre m ilhares.

E, ao seu lado, havia um m acho um pouco m ais baixo com o porte de um buldogue, tom ando café e usando um agasalho dos Red Sox.

– A m iss aqui ao m eu lado é o Rhage – o cara de agasalho disse. – Sou o Butch. E nós j á sabem os quem diabos vocês são. São seis horas da tarde agora. Terão um a hora para o banho, vestir o uniform e que lhes será trazido para cá e com er. Depois disso, querem os que estej am perfilados no corredor. Quem chegar atrasado está fora do program a.

Butch?, Pey ton ficou se perguntando… *O nome do Irmão era* Butch *?*

Com o alguém do m undo dos hum anos…?

Espere um instante.

– Você é o *Dhestroyer*. – Pey ton ouviu-se dizer. – Puta m erda, eu sei quem você é. Está vinculado a Marissa, a irm ã de sangue do…

– Algum a pergunta? – Butch falou acim a dele. – Bom . Não achei m esm o que

houvesse. Um a hora. É só o que vocês têm .

Com esse encerram ento, o m acho se virou e saiu.

O Irm ão Rhage lhes deu um sorriso.

– Experim entem o lom bo. É bom pra cacete. E o cordeiro tam bém . Ah, e o purê de batatas. Esqueçam a salada. Desperdício de m astigadas. Até m ais.

Pelo m enos ele não parecia querer m atá-los, Pey ton pensou quando a porta se fechou um a vez m ais.

– Com o será esse uniform e? – Paradise disse.

– Isto aqui não é um desfile de m oda – Craeg ralhou.

Pey ton arreganhou as presas para o cara.

– Quer arranj ar problem a, idiota? Porque eu posso te arranj ar.

A cabeça de Craeg se virou para ele.

– Eu não estava falando com você.

Pey ton não se deu conta de que seus pés se m exeram , m as antes de perceber, estava com o nariz pregado ao do filho da puta.

– Vam os deixar um a coisa bem clara. Você não olha para ela. Você não fala com ela. E de j eito nenhum vai desrespeitá-la. Estam os entendidos?

Os olhos do m acho se desviaram para Paradise.

– Acho que o seu garoto é um pouco territorialista. Im porta-se de puxar as rédeas dele antes que ele se m achuque?

Eeeeeeeeeee foi assim que tudo com eçou.

Pey ton não tinha nenhum pensam ento consciente de ter partido para cim a do filho da puta, m as, assim que se deu conta, estava colado no m acho com o um a cam ada de tinta, os punhos socando, os braços agarrando, as pernas chutando. Nunca antes se envolvera num a luta, m as, por algum m otivo, seu corpo parecia saber o que fazer, não que ele próprio tam bém não estivesse tom ando um a boa sova. Craeg era m ais alto e m ais pesado, e seu alcance era com o o de Stretch Arm strong, * aqueles socos vindo de todas as direções, atingindo-o no rosto, no abdôm en, no peito.

Pessoas gritavam ao redor deles. Mobília foi derrubada. Ele se chocou contra a parede e depois retribuiu girando Craeg e o em purrando contra a porta que dava para o corredor com tanta força que a arrebentou, a m adeira se partindo quando os dois acabaram dando prosseguim ento à briga no corredor.

E continuaram a brigar.

Para quem estava quase m orrendo um as doze horas antes, Pey ton se viu cheio de energia.

Era com o assistir a algo saído do program a do *Maury*.

Ao seguir a briga até o corredor, Paradise vivia um a experiência extracorpórea. Metade estava envolvida naquele dram alhão, tentando segurar um braço, ou gritar, na esperança de conseguir que um deles a ouvisse. A outra m etade era da terra do “ai m eu Deus!”, porque não conseguia acreditar no

estava acontecendo bem diante dela, por causa dela.

Pey ton podia ser acusado de m uitas coisas, m as violência não fazia parte da lista.

E Craeg, bem , ela não sabia m uito a seu respeito, m as lhe parecia m uito m ais controlado do que aquilo.

– Parem ! – ela exclam ou. – Parem com isso!

Os corpos m asculinos colidiram contra a parede de concreto e um som horrível sugeriu que algo tivesse se quebrado em um deles – não, na verdade, fora um dos blocos de concreto. Nesse m eio-tem po, sangue j orrou do nariz de Pey ton, m aculando a parede branca de verm elho, e a cam iseta de Craeg se rasgou na m etade, revelando…

Ok, UAU. O cara era m agro, m as m uito definido, extensões de m úsculos surgiam nas laterais da coluna, os om bros se agrupavam e se soltavam a cada soco que ele dava, a cintura incrivelm ente estreita…

Certo, era inapropriado.

Mas *caramba*.

Voltando a si, avançou num a nova tentativa de segurar um deles e pôr um fim naquilo, e procurar apanhar o braço de Pey ton, porque toda aquela pele exposta era coisa dem ais com que lidar…

Novo a agarrou e a arrastou para longe bem quando ela seria atingida no rosto.

– Deixe-os – disse a fêm ea.

– Alguém vai se m achucar!

– Antes eles que você. – Novo revirou os olhos. – Machos são idiotas. Só estão lutando para ver quem vai dom inar. Pessoalm ente, eu prefiro resguardar m inhas forças para o trabalho de verdade, em vez de m e desgastar num a cretinice dessas.

Paradise arfou e praguej ou.

– Eles vão acabar sendo expulsos!

– Se forem , problem a deles.

Ao lado dos com batentes, Anslam gargalhava e batia palm as.

– Bate nele com o num a vadia, Pey ton!

Paradise encarou com fúria o m acho.

– Isto aqui não é um a rinha de galos, sabe?

– Um a ova que não é.

Acrescentando o nom e dele à sua crescente Lista de Idiotas, Paradise olhou para os dois lados do corredor. Ninguém vinha de parte algum a, m as dada a quantidade de portas, não dem oraria m uito…

Subitam ente, Craeg m udou de posição, segurando Pey ton pelos om bros, girando-o e em purrando-o contra a parede com o se tivesse a intenção de partir o concreto com o cara.

– Isso é loucura – um a voz m asculina com entou de m aneira arrastada.

Olhando para trás, ela viu Axe recostado na soleira da porta, os braços cruzados sobre o peito, a expressão com o de alguém que via tinta fresca secar na parede.

Paradise estreitou o olhar na direção dele.

– Você tem que parar isto!

Um a das sobrancelhas negras se ergueu.

– Tenho m esm o?

– Sim ! Eles vão acabar sendo expulsos!

– E isso m e afeta com o?

Ela deliberadam ente se conteve para não arrancar aquela expressão sardônica a tapas do rosto m eio coberto de *piercings*.

– Você gostaria que alguém te aj udasse.

– Eu não teria com eçado um a briga por sua causa. Sem querer ofender, m as te foder seria o m esm o que transar com um m anequim de um a loj a de departam entos. Você é bonita, m as seria com pletam ente inútil na cam a.

O queixo de Paradise despencou.

– Essa é a coisa m ais rude que alguém j á m e disse.

– Então a sua vida foi tão protegida quanto im aginei. E quer você se ofenda ou não, a verdade é o que é.

Virando-se para Boone, ela abriu a boca, m as ele balançou a cabeça, todo “eu

não”.

– O que vocês têm de errado, caram ba? – ela berrou.

Pelo m enos a briga parecia estar dim inuindo. Ah, não, ainda estava a todo vapor: Craeg agarrou a cintura de Pey ton e o j ogou no chão, os m achos se agarrando agora, no corpo a corpo, os pés descalços escorregando na pedra polida, as palm as estapeando.

E foi nessa hora que Rhage e Butch vieram correndo na direção do grupo.

Levando as m ãos à cabeça, ela esperou que a gritaria com eçasse. Se aquilo fosse rem otam ente parecido com o exército hum ano que ela ouvira m encionar e vira nos film es, provavelm ente todos eles seriam punidos. Talvez ela acabasse expulsa por ser causadora de problem as, m esm o não tendo feito nada além de um com entário nervoso.

Talvez apenas Pey ton e Craeg fossem punidos.

Depois que um ou am bos tivessem os gessos rem ovidos do corpo.

Com o o com bate sim plesm ente seguiu em frente, ela relanceou os olhos para os Irm ãos por entre os dedos. Os dois estavam parados m eio de lado, observando a ação, conversando baixo entre si. E depois Rhage assentiu… e os dois apertaram as m ãos.

Paradise olhou para os *trainees* e viu que todos tinham desaparecido para o interior da sala de descanso.

Foi um pouco depois disso que Pey ton finalm ente perdeu.

Um a cabeçada m al calculada fez com sua testa batesse diretam ente no piso de concreto. Nesse instante, houve um som horrível, com o o de um a bola de boliche

caindo num a pedra, e o corpo do cara ficou relaxado com o se seus ossos tivessem se liquefeito.

Craeg o afastou e se largou de costas no chão, arfando, tossindo, enxugando sangue dos olhos.

– Quanto foi m esm o? – Rhage perguntou a Butch.

– Cinco.

– Maldição, pensei que o m eu rapaz fosse fazer m elhor do que isso. – Rhage enfiou a m ão no bolso e tirou um a carteira preta. Tirando um a nota, bateu-a na palm a de Butch. – Dobro ou nada na próxim a vez que um deles com eçar.

Paradise se retraiu quando eles se viraram e se afastaram andando com o se nada tivesse acontecido.

– Vocês só podem estar de brincadeira – disse baixinho.

Queria cham á-los de volta e dizer que Pey ton ainda estava desm aiado no chão, m as, não, espere. Ele estava gem endo e virando de costas.

Pelo menos está vivo, pensou ao se aproxim ar dele.

– Que diabos há de errado com você? – ela exigiu saber. – Quer ser expulso?

Verdade que a am eaça disso seria m ais forte se seus dois professores tivessem

feito algo além de apostar na m aldita briga.

Os dois m achos a fitaram com olhos incertos. Deus, estavam em m ás condições tanto quanto na noite anterior, ou pior até. Inferno, os dois ficariam de olhos roxos, e o lábio de Craeg tinha um corte tão profundo que possivelm ente precisaria de pontos.

– Eu… estou bem – Pey ton m urm urou antes de cuspir sangue.

– É… – Craeg debochou. – Muito bem .

Que, por sua vez, saiu m ais com o um “buito bem ”, devido ao m achucado na boca.

– Digam -m e – ela ralhou –, quantos dedos eu estou m ostrando.

Esticando só o m édio, ela deu um tem po para que am bos focalizassem antes de m andá-los se foder. Depois se afastou pisando duro para encontrar alguém num uniform e de enferm agem … ou j aleco de m édico…

O único uniform e que cruzou seu cam inho foi o de alguém da lim peza.

Era bem verdade que o corredor precisaria ser lim po… E qualquer um com um a vassoura poderia com eçar varrendo aquele dois desperdícios de espaço que

criaram tanta confusão.

Brinquedo da Hasbro lançado nos anos 1970, um boneco de figura de ação, loiro e m usculoso, fam oso por sua capacidade de ter o corpo alongado. (N.T.)

Capítulo 16

VINTE E CINCO MINUTOS, dois pontos no lábio inferior e um lanche apanhado

da Prim eira Refeição m ais tarde, Craeg estava no prim eiro lugar da fila no ginásio j unto aos outros seis m em bros da turm a. Bem , na verdade, não no prim eiro lugar, m as m ais ou m enos de lado e um pouco para trás.

E tam bém estava m eio cam baleante.

A últim a coisa que seu corpo precisava era outra briga pra valer, sair no braço, m ano a m ano, m as não recuaria. E quanto ao Pey ton, o cham ado “não nam orado” de Paradise? Aham . Cerrrto.

Que se foda.

Ele, não ela.

A boa notícia era que ele estava num estado tão ruim quanto o seu; na verdade, Pey ton nem conseguia ficar de pé. Fora trazido para o ginásio sobre um a m aca tal qual um pedaço de carne.

Precisou de rodinhas.

Quem ganhou essa, vagabundo?

Ah, e nenhum deles fora expulso. Aparentem ente, a não ser por terem apostado no resultado, os Irm ãos não se envolveriam .

Um a das portas do ginásio se abriu e, desta vez, quando os Irm ãos Butch e Rhage entraram , estavam usando as m esm as calças largas de algodão e cam iseta que todos os outros usavam .

O Irm ão Butch não perdeu tem po ao pararem diante do grupo.

– Então, em face ao com bate May weather x Pacquiao* que acabou de acontecer, vam os com eçar com com bate direto em vez dos livros.

– Por favor, observem – Rhage disse com um sorriso – que seus uniform es são brancos.

– Isso porque OxiClean funciona m uito bem com m anchas de sangue, m as estam os preparados para usar água sanitária se for necessário.

Craeg engoliu um a im precação. Era só do que ele precisava.

– Vam os colocá-los em pares – Butch prosseguiu – e avaliar o quanto vocês sabem . Visto que um de vocês j á está na horizontal, ninguém terá que se preocupar em enfrentar o Holly wood aqui.

– Pessoalm ente, estou com vontade de chorar por causa disso – com entou Rhage. – Então, vam os colocar Novo com Boone; Axe, fique com Anslam . Isso faz com que restem Craeg e Paradise.

– Espere um instante – disse Craeg. – Não posso… Não vou fazer isso…

– Bater nela? Por quê? Por que não consegue levantar os braços? Não é problem a m eu.

Craeg se inclinou na direção dele e baixou o tom de voz.

– Não vou bater nela.

Rhage deu de om bros.

– Tudo bem , pode ter o traseiro surrado de novo.

Butch interveio:

– Na verdade, ele venceu aquela luta, lem bra? E tenho os seus cinco paus pra provar isso.

– Só porque o prodígio ali desm aiou por conta própria.

– Um a derrota é um a derrota de todo m odo. – Butch voltou a se concentrar em Craeg. – Mas o m eu Irm ão tem razão. Ou você se defende ou vai voltar para a sutura da doutora Jane. A escolha é sua.

Dito isso, ordenaram que se espalhassem pelos diferentes quadrantes do enorm e ginásio, e Pey ton foi levado para o lado.

Craeg viu os outros se afastarem , tentando pensar em um m odo de sair daquele enrosco. Engraçado, quando lhe dissera, no passado, que ela deveria entrar no program a para aprender a se defender, não levara em consideração o fato de que seria dele que ela teria que se defender.

Mesm o num a situação de “sala de aula”.

– E aí? – Paradise disse ao se aproxim ar dele. – Vam os ou não fazer isso?

– Vou esperar até que um dos m achos tenha term inado.

– Está falando sério?

Ele olhou-a de cim a, visto que era bem m ais alto.

– Não quero te m achucar.

– Você não abateu Pey ton com facilidade – ela m urm urou. – Acho que levou um a m eia hora, pelo m enos.

– Está m esm o se com parando com um m acho adulto? Ao cara que eu coloquei num a m aca?

– Ah, você tem razão. Isso não seria j usto. Porque, com parada a vocês dois, sou um m aldito gênio.

Quando apoiou as m ãos no quadril e o encarou, ele se perguntou que diabos m ais lhe diria? Não desej ava entregar a real razão: que ainda se lem brava do quanto a pele dela era m acia… de com o ainda conseguia visualizar aquele tornozelo delicado com parado à sua palm a… que conseguia im aginar tantas coisas que queria fazer com ela, das quais absolutam ente nenhum a envolvia qualquer traço de violência.

E todas essas coisas, absolutam ente todas, incluíam contatos com seus dedos, com seus lábios… com sua língua.

Craeg cruzou os braços diante do peito.

– Não vou lutar contra você.

– Então, se eu te der um soco, você não vai fazer nada.

Ele ergueu um a sobrancelha.

– Não estou preocupado em ser nocauteado.

– Ah, verdade?

– Não. Sem falar na sua m enor resistência, você não vai…

O que saiu da boca de Craeg em seguida foi um grito agudo que fez com que todos no ginásio se virassem para ver que diabos havia acontecido.

E ele bem que poderia ter-lhes contado, m as estava ocupado dem ais cobrindo as bolas com as duas m ãos e se dobrando ao m eio.

Ela o acertara com o j oelho na virilha.

Na virilha. Com o j oelho.

– Mas que porra! – ele ralhou. – Por que fez isso?

Ela pareceu tão surpresa quanto todos os dem ais. Mas logo se recuperou, segurando-o pelas laterais da cabeça, erguendo novam ente o j oelho, e acertando-lhe o rosto com tanta força que ele viu m ais estrelas do que luzinhas piscando em um a árvore de Natal dos hum anos.

Quando ele em itiu m ais um urro e caiu desequilibrado, ela uniu as m ãos, estendeu os braços e fez um sem icírculo am plo com o se fosse lançar um disco, apanhando-o direto na têm pora com força suficiente para fazer com que as pernas dele lhe faltassem e seu corpo caísse.

Bum! E lá foi ele ao encontro do tatam e azul.

Todos vieram correndo enquanto ela continuava parada de pé ao lado dele, pronta para o que viesse em sua direção, enquanto ele tentava se levantar do chão.

Em purrando as palm as no tatam e, ele ergueu a parte superior do corpo e olhou para ela.

– Você quer m esm o que eu faça isso.

– Você ainda não fez nada – alguém zom bou dele.

– Me diz um a coisa – outro interveio –, você m ij a sentado?

– Agora m ij a – respondeu outro.

Paradise apenas observava cada m ovim ento dele, cada m udança de posição, respiração e desvio de olhar. Mas não fazia a m ínim a ideia do que estava fazendo. Ele sabia disso pelo m odo com o as m ãos dela trem iam , e o fato de que

as costelas dela estavam se m exendo rápido dem ais para a atividade física que acabara de executar.

E ela tam bém estava um pouco excitada.

Ok, isso era um problem a. O arom a do sexo dela atiçou um a parte m uito m asculina dele, e fez com que ele desej asse que ela corresse, só para poder persegui-la e apanhá-la e colocá-la debaixo de si para poder possuí-la. Queria as unhas dela arranhando suas costas enquanto gozasse… e as presas reveladas pouco antes que ela sugasse da veia do seu pescoço.

A luxúria era tão forte que ele poderia transar com ela m esm o com pessoas assistindo e, com o se ela reconhecesse essa m udança nele, recuou um passo.

E logo ninguém m ais estava rindo e caçoando dele.

Butch se pôs no m eio dos dois.

– Devagar aí, grandão. Que tal se você m e atacar?

O Irm ão agachou-se num a posição de luta, os punhos erguidos diante do peito,

os olhos estreitados.

Mas Craeg não estava interessado no m acho. Olhou por cim a daqueles om bros de m am ute para Paradise, que o fitava com um a expressão inescrutável no rosto.

Desta vez, quando um soco veio em sua direção, Craeg entrou no m odo de com bate com pleto, algo que não acontecera com Pey ton. Com o outro *trainee*, dera cerca de sessenta por cento do que tinha a oferecer, refreando um pouco da sua força porque tivera m edo de m atar o m erdinha, ou provocar algum dano perm anente e, com isso, ser expulso do program a. Agora? A im paciência da sua excitação cortou todas as am arras quando ele entrou no com bate corpo a corpo, abaixando-se, socando, desviando de novo, batendo. O Irm ão Butch era perversam ente ágil, im piedosam ente poderoso, sublim em ente treinado.

Nada parecido com Pey ton.

E conform e a briga se estendia, com troca de chutes, desvios e pegadas, m ais pessoas se aproxim aram para observar, até que houvesse um a m ultidão de dez, quinze, vinte pessoas no ginásio.

Uns quinze m inutos depois, adagas foram j ogadas para eles.

As facas de cabo negro e lâm inas prateadas afiadas voaram vindas sabe lá Deus de onde. Butch apanhou a sua no ar. Craeg pegou a outra. Enquanto, davam a volta num círculo, procurando brechas nas respectivas defesas, balançando as

arm as de um lado para o outro, avançando, recuando, o risco aum entava. Butch não estava com a respiração m inim am ente alterada. Craeg, por sua vez, ofegava com o um filho da puta, e tam bém suava.

O prim eiro j orro de sangue aconteceu quando Craeg calculou m al um arco em apenas um m ilím etro e levou um corte na face. Quando errou de novo, com eçou a pingar no om bro. Na terceira vez, foi cortado na coxa.

Foi então que percebeu que o Irm ão avançava com apenas sessenta por certo da sua capacidade. A precisão nos cortes disse a Craeg que seu oponente sabia m ais do que ele, era m ais forte do que ele, e estava preparado para avançar de pouquinho em pouquinho até a vitória baseada no volum e de sangue acum ulado.

Mas Craeg não desistiria. Não ainda, de todo m odo. Não até que não conseguisse m ais ficar de pé, não conseguisse enxergar nem se m exer.

A sua força de vontade não aceitaria nada m enos do que isso.

Paradise reconheceu de im ediato que aquela luta era algo com pletam ente diferente do que aquele rolam ento desaj eitado e enlouquecido de pouco antes no

corredor. De fato, quando com Pey ton, Craeg estivera se refreando por algum m otivo; não m ais. Sua coordenação ao enfrentar Butch com os punhos e depois, ah, Deus, com aquelas adagas, lhe disse, e a todos os outros no ginásio, que ele era um lutador incrível, capaz de m uita força, equilíbrio, flexibilidade e poder.

Foi o bastante para que o corpo inteiro dela se acendesse com o um painel de

com ando.

E, não, por m ais que respeitasse o lem a de Novo no qual “as fêm eas podem fazer tudo o que os m achos fazem ”, ficou claro para ela que não poderia lidar com o que Craeg dem onstrava agora. Ele a teria nocauteado com apenas um daqueles socos potentes. Ou arrancado sua cabeça da coluna. Ou fraturado um a das suas pernas com um a sim ples torção.

Não que ela não pudesse aprender as técnicas de defesa e contra-ataque, ela só não as conhecia agora. E ele, de fato, estivera preparado para atacá-la: quando ele se agachara e arreganhara as presas, ela recuara – m esm o assim , por algum m otivo m uito estranho, não sentira m edo dele. O que era um a loucura com pleta. Ele tinha uns cinquenta quilos a m ais do que ela, e estava atrás de sangue.

Portanto, sim , o que era totalm ente insano? Subitam ente desej ara correr, m as não m uito rápido. Queria que ele tivesse ido atrás dela, apanhado-a no ato… e… Bem , foi com o voltar para aquele m om ento que partilharam na sala de descanso.

Mas, Jesus, não sei com o lidar com ele, pensou ao observá-lo se m over. E não só em com bate: qualquer fêm ea que fizesse um m acho com o aquele persegui-la não acabaria com apenas um beij o no fim da corrida. Não seria só deixar pegar na m ão, receber um a prom essa solene de vinculação e depois um a conversa

com seu pai onde o tal pretendente tim idam ente pediria a sua perm issão.

Aquele não era o tipo de m acho refinado para o qual se esperava que entregasse sua virgindade na noite de vinculação diante da Virgem Escriba e da fam ília.

Não, ele era um anim al com apenas um a quantidade m ódica de sensatez.

E o m odo com o ele a encarara naquele instante sugerira que qualquer racionalidade que pudesse ter cedera ao puro instinto.

Deveria ter medo dele, voltou a dizer a si m esm a.

Em vez disso, desej ou que ele a apanhasse…

Em toda a volta, a m ultidão em itiu um chiado quando Craeg levou m ais um corte, desta vez no m eio do peito. Ele j á estava sangrando em diversos lugares, o uniform e todo m anchado de verm elho com o sangue que pingava do queixo, por causa do corte na face, da coxa, do peitoral.

Outro golpe da adaga do Irm ão o pegou no om bro oposto. Depois, na lateral do pescoço. Na outra coxa, no abdôm en, nas costas.

– Pare – Paradise disse baixinho. – Pare de atacá-lo.

Mas cada vez que a adaga m aligna de Butch o cortava, Craeg voltava em busca de m ais, voltando ao ataque um a vez após a outra, até estar escorregando nas poças que provocava no tatam e azul, com seu uniform e j á todo verm elho, grudado ao corpo.

Ele não cedia.

E Butch não lhe deu m ole a não ser por não m atá-lo.

– Craeg! Pare! – ela gritou porque não conseguiu se conter.

Cobrindo a boca com a m ão, sentiu o coração voltar ao m odo pânico quando ficou im aginando se ele continuaria até perder sangue em dem asia para que não houvesse m ais retorno.

– Craeg! Isso é loucura!

Mas ele seguiu em frente, até com eçar a vergar sobre os j oelhos, a se j ogar em vez de avançar, a cam balear quando recuava. Agora com eçava a ficar descuidado.

Deus, ele estava pálido dem ais.

– Pare!

Do seu lugar, na m aca, Pey ton se soergueu e gritou:

– Craeg! Qual é, cara… Ele vai acabar te m atando.

Sussurros de desconforto foram trocados entre os *trainees*, m as não entre os Irm ãos que foram lá assistir ao espetáculo. A equipe m édica, em com paração, não parecia m uito extasiada; contudo, quando a m édica loira deu um passo à frente para intervir, o Irm ão Vishous m eneou a cabeça e reteve-a ao seu lado.

Craeg caiu pela últim a vez quarenta e dois m inutos, e m uitos litros de plasm a, m ais tarde.

Ele sim plesm ente desabou de j oelhos, oscilou por um instante… e caiu de cara

num a poça de seu próprio sangue. Exatam ente com o fizera na trilha, na noite anterior.

Paradise correu na direção dele, m as Rhage a segurou pelo braço e a conteve.

– Não. Perm ita-lhe sua honra.

– Do que está falando? – ela sibilou.

Rhage apontou com a cabeça para os dois com batentes.

– Observe.

Butch parou de pé ante o m acho caído por um m om ento, dando a oportunidade para que Craeg voltasse a se levantar. Quando não o fez, o Irm ão esperou que ele

erguesse o olhar.

Na palidez de m orte daquele rosto, olhos desfocados se esforçaram na direção do Irm ão. Mas quando, por fim ele conseguiu enxergar bem , Butch passou a adaga para a outra m ão… e abriu um corte fundo na m ão preferencial.

Enquanto Paradise arquej ava, o Irm ão estendeu a palm a para Craeg, que, sabe-se lá onde, subitam ente encontrou forças para esticar o braço e aceitar o que lhe era oferecido.

O Irm ão ergueu Craeg do chão… e o abraçou.

– Bom trabalho, filho. Estou orgulhoso de você.

Craeg piscou os olhos rapidam ente, com o se eles estivessem se enchendo de lágrim as. Depois pareceu perder a luta contra as em oções ao fechar as

pálpebras, baixando a cabeça e afundando no abraço do Irm ão.

– E é assim – disse Rhage em voz alta, num tom de aprovação – que se faz.

Referência à Luta do Século de boxe ocorrida em 2 de m aio de 2015 entre os lutadores Floy d May weather Junior e Manny Pacquiao. (N.T.)

Capítulo 17

SENTADA À SUA ESCRIVANINHA no Lugar Seguro, Marissa tinha todo tipo de

tarefa a fazer: arquivos de pacientes para ler, docum entos de entrada para aprovar, contas a processar. Em vez de cuidar de qualquer um a dessas tarefas, sim plesm ente estava sentada em sua poltrona, olhando para aquele pedaço de m etal escuro com a borla verm elha.

Depois que ela e Butch retornaram para casa, ela m ostrara a espécie de chave

estranha para alguns dos Irm ãos, e nenhum deles reconhecera o obj eto ou conseguira nom eá-lo com precisão. Depois Vishous acessou a internet em busca de um a im agem que se assem elhasse ao obj eto, e não encontrou nada.

Quando por fim se recolheram , ela se sentira tão exausta que adorm ecera no instante em que a cabeça encostara no travesseiro.

Mas não ficara assim por m uito tem po.

Seus olhos se abriram por volta das três da tarde, e ela ficou deitada de costas, olhando para a escuridão enquanto Butch ressonava baixinho ao seu lado.

Foi bem com o seu *hellren* lhe descrevera. Im agens daquela fêm ea passaram pelo teto, um a m ontagem de fotos que lhe levou lágrim as aos olhos. E o m ais triste era que a vontade de chorar só piorara ao pensar nela e em Butch.

O que era loucura.

Não havia nada de errado entre eles. Ele não poderia tê-la apoiado m ais, levando-a à clínica de Havers, ficando ao seu lado enquanto ela tentava entender que espécie de chave era aquela, sendo com preensivo com tudo o que ela sentia.

– Estou perdendo a cabeça – disse.

– É para isso que estou aqui.

Marissa levantou rapidam ente a cabeça.

– Mary … Oi… Desculpe, eu estava falando sozinha. Estou um pouco confusa agora.

A *shellan* de Rhage entrou e fechou a porta do escritório.

– É, fiquei com essa im pressão. Repeti seu nom e um as três ou quatro vezes e você não m e ouviu.

Marissa se recostou, afastou o cabelo para trás dos om bros e forçou um sorriso.

– O que posso fazer por você?

– Pode conversar com igo. – A fêm ea se sentou na cadeira diante da escrivaninha. – Estou preocupada com você.

– Ah, Deus, não perca sequer um segundo com isso. Tem os pessoas aqui seriam ente necessitadas da sua aj uda…

– Boas sam aritanas com o você e eu têm problem as em executar os nossos trabalhos se não conversam os sobre os casos com plicados. Isso é um fato. Eu tam bém gostaria de enfatizar que sou sua am iga.

No silêncio que se seguiu, Marissa não m encionou todo o trabalho burocrático que foi incapaz de fazer porque sua cabeça estava m uito confusa. E depois m anteve silêncio sobre o dia que passara insone. E, por fim , não disse nada a respeito do estranho distanciam ento entre ela e Butch…

– Não consigo tirá-la da m inha cabeça – ela disse num rom pante.

De im ediato, lágrim as surgiram e ela praguej ou ao puxar um lenço de papel da caixinha.

– Não quero falar sobre isso.

– Eu sei – Mary disse com suavidade. – Confie em m im , tenho m uita experiência pessoal sobre não falar. Não é um a boa estratégia.

– Ah, pare com isso, você é a pessoa m ais centrada e realizada que conheço. Você m erece dez num a escala de zero a dez no quesito satisfação.

– Você só conhece um a parte da m inha vida, Marissa. Não m e conheceu antes. E eu ainda m e esforço, com o todo m undo.

Marissa enxugou os olhos e teve que com bater a vontade de chorar abertam ente.

– Com o consegue lidar com isso?

– Com o esforço? Converso com as pessoas. Converso com Rhage. Escrevo.

– Não… com o desligam ento.

– Com o assim ?

Marissa gesticulou com o lenço de papel na m ão.

– Estou falando coisas sem sentido. Esqueça…

– Está se referindo ao fato de que um a vida term inou para m im e outra com eçou quando conheci Rhage?

Deus, seu coração estava acelerado sem m otivo algum .

– Sim . É exatam ente disso que estou falando.

Mary cruzou as pernas e m ordiscou o lábio inferior e, enquanto dem orava um tem po para com por seus pensam entos, Marissa estudou seu rosto harm onioso, o

cabelo castanho recém -cortado num estilo chanel, a sua aura de tranquila confiança.

Sim, Marissa pensou, *Rhage estava certo.* A fêm ea era linda, não de m aneira ostentosa com o um a m iss, nada parecida com as m odelos angulosas e anoréxicas, e tam pouco fazia a linha da garota banal e apagada. Mary era com o o brilho de um fogo controlado no m ais intenso dos invernos, caloroso, reconfortante, cativante e ilum inador.

Não era de adm irar que o Irm ão a adorasse.

Com um suspiro, Mary disse:

– Acho que para m im foi diferente porque eu estava m orrendo, por eu saber que estava partindo… Mesm o eu não sabendo que o câncer havia voltado, eu m e preparara para o dia em que m e diriam que ele voltara. Por isso, m e distanciei. Peguei m inha bagagem m ental e em ocional, peguei m inha passagem e estava pronta para partir. Quero dizer, m inha m ãe havia m orrido, eu não estava ligada a ninguém m ais no planeta… Não havia nada para m im ali; portanto, não havia nada para deixar para trás… Isso faz algum sentido?

Marissa pensou na noite em que seu irm ão a expulsara de casa por estar com Butch.

– Se bem entendo a questão – disse Mary –, esse não foi o seu caso. Foi?

Marissa teve que desviar o olhar.

– Não, não foi. Voltei para a casa que eu e Havers com partilhávam os certa

noite, pouco antes do am anhecer, e ele… – Agora, suas lágrim as se em poçavam

e caíam apressadas, um a depois da outra, sobre a blusa, seu casaquinho.

Enxugou-as antes de continuar. – Todas as m inhas coisas tinham sido em baladas.

Ele m e disse que pouco se im portava para onde eu iria, só m e queria fora de

casa. Colocou dinheiro… – Ela teve que lim par a garganta. – Ele colocou

dinheiro sobre um a das côm odas. Era com o se não quisesse sequer m e tocar.

Fungando, puxou da caixinha outro lenço de papel e assoou o nariz.

– Guardei o dinheiro. Ainda tenho aquelas notas de cem dólares. Às vezes,

quando m e deparo com elas na gaveta, penso: por que m antê-las? Por que eu,

ah… pelo am or de Deus. – Puxou um terceiro lenço. – O que há de errado

com igo? Essa garota está m orta, e não consigo encontrar a fam ília dela ou quem

a m atou… E cá estou eu sentada reclam ando do idiota do m eu irm ão, o que não

é nenhum a novidade. Isto é ridículo.

– Isso é um traum a passado – Mary observou sensatam ente.

– Estou irritando a m im m esm a.

– Bem , j á parou para pensar no que de fato aconteceu na noite passada?

– Está brincando? Não há espaço para outra coisa na porcaria da m inha

cabeça.

– Não, o que quero saber é se *pensou* a respeito.

– Se o que quer dizer é que tive que ver um a fêm ea m orrer diante de m im , e que a m orte dela é um desperdício trágico de vida que eu, pelo visto, sou im potente para corrigir, sim , claro que pensei.

Mary m eneou a cabeça.

– Com todo o respeito, não está entendendo onde quero chegar. Ontem à noite, pela prim eira vez desde que Havers rom peu o seu relacionam ento com o único parente de sangue que você tem , você foi forçada a depender da aj uda dele. Não conseguiria salvar aquela garota, então teve que procurar seu irm ão e ter esperanças e rezar para que ele fizesse o certo com ela.

– Entretanto, foi o que ele fez – Marissa soltou um forte palavrão. – Quero dizer, ele foi incrível com ela.

– E fez com que você se sentisse com o, considerando-se com o ele a tratou m al?

Eeeee, um a deixa para m ais lágrim as.

– De fato, pensei nisso. Quando fui vê-la pouco antes de ela m orrer.

– Eis o que sei que é verdade: podem os enterrar o passado o quanto quiserm os, podem os usar m ilhares de distrações, algum as saudáveis, outras nem tanto, m antendo tudo soterrado, m as quando algo não é processado, isso volta, absoluta e com pletam ente, para nos m order nos calcanhares. Você teve um a vida difícil

antes de se apaixonar, e foi sem dúvida um im enso alívio deixar tudo para trás e recom eçar do zero. Mas não há com o fugir do que veio antes. Lem bre-se, Marissa, carregam os conosco todas as idades que tivem os em cada m om ento de nossa vida. Carregam os tudo conosco com o um a bagagem . Cedo ou tarde, esse assunto com o seu irm ão acabaria vindo à tona. A vida é assim .

Marissa voltou a enxugar os olhos.

– Estou tendo problem as para m e conectar com Butch agora.

– Claro que está. Foi ele o m otivo do rom pim ento.

Marissa recuou.

– Não, espere um instante. Ele tem sido m ais do que bom para m im …

– Não é questão de culpa, Marissa. Você estava num cam inho, ele entrou na sua vida, agora você está em outro. Não o estou j ulgando, nem dizendo que ele fez algum a coisa errada… Estou sim plesm ente declarando um fato.

Por algum m otivo, ela se lem brou de ter ficado acordada enquanto deixava Butch dorm indo. Isso j am ais teria acontecido um ano atrás.

O que faço?

Você não vai gostar do que vou dizer.

Sinto que nada pode piorar as coisas.

Você vai ter que fazer as pazes com o seu irm ão.

Marissa fechou os olhos.

– Jam ais conseguirei perdoá-lo.

– Fazer as pazes não significa absolvê-lo das coisas ruins que ele fez. E, com toda a honestidade, ele não é o único com quem você tem assuntos pendentes. A *glymera* a tratou de m aneira horrível, a sua posição na aristocracia era insustentável, e Wrath foi um m erda real – e digo isso com todo o m eu am or. Você sofreu um a quantidade im ensa de dor e rej eição que, a princípio, a sufocou, porque era a única m aneira de sobreviver, e depois deixou de lado porque finalm ente se libertou ao ter a chance de se sentir bem com a sua própria vida. – Mary acenou para toda a papelada sobre a m esa. – Se quer voltar a ser produtiva, vai ter que rem exer no passado, entrar em contato com os seus sentim entos, e sair renovada dessa em preitada.

O lenço de papel núm ero quatro saiu da caixa com um estalo, m as ela acabou por não usá-lo. Apenas o revirou nas m ãos.

– Não quero esquecer aquela garota. Não quero que isso sej a som ente a m eu respeito.

– Ninguém disse que você teria que parar de tentar descobrir quem ela é e fazer-lhe j ustiça. Apenas não use a situação com o um a desculpa para varrer tudo

para baixo do tapete novam ente. Essa estratégia é de curto prazo e não resolve nada, pois, da próxim a vez que o assunto surgir, e irá, vai ser ainda m ais difícil, porque você tam bém reviverá tudo a respeito dessa garota. Vej a, é assim que as

pessoas ficam paralisadas. Elas acum ulam , acum ulam e acum ulam , os gatilhos

continuam aparecendo e as cam adas ficam se sobrepondo, até que o fardo fica

pesado dem ais e elas cedem sob esse peso.

Marissa ficou virando e revirando o lenço.

– Você está certa.

– Eu sei.

Depois de respirar fundo, Marissa olhou por cim a da m esa.

– Posso te dar um abraço?

– Fala sério! Claro!

As duas se levantaram , e Marissa deu a volta na m esa para abraçar a fêm ea

m ais baixa. O abraço que recebeu foi firm e e forte, e ela voltou a chorar.

– Você sem pre está perto quando preciso de você – Marissa se em ocionou. –

Te am o dem ais para expressar o que sinto.

– É para isso que servem os am igos. – Mary se afastou. – E você vai fazer o

m esm o por m im algum dia.

Marissa bufou e revirou os olhos.

– Duvido m uito disso.

– Confie em m im .

– Estou tão confusa.

– Não, você é hum ana. – Mary se corrigiu. – Desculpe, força do hábito. Você

está viva e está se esforçando, e é linda por dentro e por fora. E eu tam bém te am o.

– Ainda não sei bem o que fazer agora.

– Reflita. A solução vai surgir. Lem bre-se: perdoar não é esquecer, esconder-se não é um a estratégia de longo prazo e as distrações não são suas am igas. Enfrente isso, e saiba que estou aqui para te aj udar, ok?

Depois que a fêm ea se foi, Marissa voltou para a cadeira do escritório e se sentou novam ente. Por algum m otivo, seus olhos estavam fixos no telefone… Naquele da m esa, não no seu celular.

O passado. Seu irm ão. Butch. A garota. A *glymera*.

Mary estava certa. Havia m uitas coisas que ela evitava.

Para com eçar, ela podia atacar o que lhe parecia m enos assustador. Ou, talvez, o m ais factível, que tal?

Pegando o aparelho do gancho, m exeu em seus papéis e apanhou o recado em papel cor-de-rosa que lhe fora entregue duas noites antes. Discando para o núm ero local, tirou os brincos de pérola e se recostou no espaldar da poltrona.

Um a criada atendeu, deixou-a esperando e logo um a voz festiva e fem inina disse:

– Ah! Olá! Estou tão contente que tenha ligado.

Marissa cerrou os dentes.

– Vou fazer. Cuidarei dos preparativos para o festival.

– Ah! Mas que m aravilha! Isso é absolutam ente…

Enquanto os lugares-com uns se arrastavam , Marissa fechou os olhos e ouviu a voz de Mary em sua cabeça: *você vai ter que fazer as pazes com o seu irmão*.

Ah, *Deus*, ela pensou. Não fazia ideia do que aconteceria, m as, m aldição, de festas ela entendia.

Com ece pequeno. Depois ataque as coisas grandes.

Capítulo 18

PARADISE DESTRONCOU O DEDO quando foi bloquear um golpe da parte carnuda da palm a executado por Rhage. Tivera a intenção de desviar e se defender usando o antebraço com o ele lhe ensinara, e o resultado foi que acabou recebendo o golpe com os dedos abertos.

– Cacete! – exclam ou ao se afastar am parando o m achucado.

– Deixa eu dar um a olhada – disse o Irm ão.

– Aiaiaiaiai. – Ok, estava parecendo um a garotinha, com o é que podia doer tanto? – Deus!

– Parry, deixa eu ver.

Ela esticou o braço, e as m ãos grandes, agora m uito gentis, exam inaram o que lhe pareceu um a versão absurda do seu dedo m édio.

– O que aconteceu com ele? – ela perguntou, m esm o sabendo a resposta.

– Venha, vam os para a clínica.

Enquanto era conduzida pelo ginásio, ela olhou de relance por cim a do om bro.

Anslam estava dando um trem endo trabalho para Boone, o que a surpreendeu.

Pey ton estava sentado, aplicando gelo no om bro, e olhou de lá para ela com o se

quisesse saber que diabos estava acontecendo. Novo e Axe rodeavam -se

m utuam ente, enquanto o Irm ão Tohr lhes passava instruções.

– Você vai ficar bem – Rhage a encoraj ou ao abrir a porta pesada para ela. –

Vai voltar daqui a pouco.

Ela respondeu com um “aham ” ao chegarem ao corredor, pois sabia que ele

tinha razão. Contanto que não olhasse para o dedo, a dor não seria tão ruim assim .

– Vocês só vão ter m ais um a hora hoj e, depois vam os liberá-los – o Irm ão

disse ao chegarem a um a das portas vaivém da clínica. – E am anhã terão aulas

teóricas boa parte do tem po.

Outro “aham ” por parte dela e:

– Craeg j á foi em bora?

– Ainda está sendo tratado.

A sala de exam es era azulej ada do teto ao chão, repleta de arm ários de aço

inoxidável, equipam entos m édicos que pareciam ter custado um a fortuna e todo

tipo de tela de com putador. No centro, havia um a im ensa m esa debaixo de um

lustre com lâm padas suficientes para transform ar a m eia-noite em m eio-dia

num terreno de m uitos hectares.

Um m acho hum ano alto, de cabelos escuros, se voltou do que lhe pareceu ser a im agem de um j oelho num a chapa de raio-X. Com a típica roupa azul dos m édicos e um j aleco branco por cim a, ele parecia m uito grande, m uito largo…

m as nada vam piresco.

– Ei, o que tem os aqui?

Paradise recuou um passo. Não pôde evitar.

– Sim , sou um daqueles caras – disse o hom em , revelando dentes brancos sem presas proem inentes. – Mas sou legal, prom eto.

Rhage se aproxim ou e deu um apertão no om bro dele.

– Grande cirurgião. Cara fantástico. Tragicam ente, um eficiente j ogador de pôquer, m as, pelo m enos, um a droga na sinuca. Apresento-lhe o doutor Manny Manello.

– Então, o que tem os aqui?

– Dedo destroncado – inform ou o Irm ão.

Am bos os m achos – bem , o m acho e o hom em – olharam para ela.

Paradise pigarreou e teve a intenção de dizer algo a respeito do dedo, m as, em vez disso, soltou:

– Nunca vi um hum ano antes assim tão de perto.

O doutor Manello sorriu, estendeu os braços e deu um rodopio lento.

– Não m uito diferente de você. E j á fui à casa de audiências algum as vezes

enquanto você estava trabalhando.

Ela não o notara, provavelm ente porque estivera tão concentrada no trabalho, e cercada por m uitos outros vam piros.

– Não tive a intenção de desrespeitá-lo – ela sussurrou.

– Não m e ofendi. Minha reação foi m uito pior quando fiquei sabendo da existência do seu povo, confie em m im . – Quando ela o fitou com surpresa, ele deu de om bros. – Lem bre-se de que, na m inha cultura, os vam piros são os m alvados. Você sabe, presas, sugadores de sangue, todas essas coisas do Halloween.

Ela avaliou suas feições e se surpreendeu em constatar que ele era belo; e tam bém parecia inteligente. Nem um pouco parecido com um rato sem cauda.

– Ele m e operou doze vezes – Rhage interveio.

– Treze. Cuidam os do seu om bro na sem ana passada.

– Esqueci. – Quando Paradise fitou o Irm ão, ele encolheu os om bros. – Perdi a conta. A parada é dura.

Inspirando fundo, Paradise esticou a m ão m achucada.

– Isso vai doer? Isto é, o que precisa fazer com ele, vai doer?

O doutor Manello sorriu novam ente e pegou o que lhe era oferecido com o m ais suave dos toques.

– É um prazer te conhecer, Paradise. Não se preocupe, vou cuidar m uito bem de você.

E foi o que fez, de fato.

Depois que Rhage voltou para a aula, o doutor Manello tirou um raio-X,

m ostrou a ela que não havia nada fraturado, anestesiou a área e puxou o dedo de

volta ao seu lugar.

– Não vai precisar usar a tala por m uito tem po – ele inform ou, ao encapsular o

dedo num a placa m etálica acolchoada que ele firm ou com tiras adesivas de um a

espécie de gaze. – Vocês se curam tão bem … Isso ainda m e surpreende.

Quando ele recuou, ela deu um a espiada no trabalho dele.

– Muito obrigada.

– Você está dispensada pelo resto da noite. Você e Pey ton podem esperar

j untos na área das m acas.

Houve um a batida na porta à esquerda.

– Entre – ele disse e se aproxim ou de um contêiner verm elho onde deixou as

luvas cirúrgicas azuis. – Sei que j á conheceu nossa enferm eira, Ehlena. – O

hom em fechou a cara ao ver a expressão séria da fêm ea. – Ele ainda está

recusando?

A enferm eira fechou a porta atrás de si antes de responder.

– Ele m andou a Escolhida em bora.

O doutor Manello praguej ou baixinho.

– Não darei alta a ele se não se alim entar.

– Estão falando de Craeg? – Paradise perguntou. – Ele…

O hom em sorriu e falou com ela:

– Term inam os por hoj e. Por que não volta ao ginásio? Falta pouco para serem liberados.

– Posso alim entá-lo – disse ela num rom pante. – Se ele precisar, posso alim entá-lo.

Mas. Que. Diabos. Estava. Fazendo.

Com o filha de um a das Fam ílias Fundadoras, não podia dar a sua veia a *ninguém*. Jam ais. Isso estava reservado som ente ao seu com panheiro. Caso ela m esm a precisasse ser alim entada, teria que ser feito na com panhia de um m acho da fam ília e m uitas testem unhas.

Caso fizesse isso por ele, seria sem elhante a perder a virgindade antes da noite do acasalam ento.

– Tudo bem – disse o doutor Manello. – Nós cuidam os disso.

Paradise foi levada até o corredor, e quando a porta se fechou atrás de si, ela os ouviu falando com vozes sussurradas.

Volte para o ginásio, disse a si m esm a. *Vamos. Simplesmente volte para a aula…*

Olhando ao redor, descobriu que estava só no corredor, ninguém nem ia nem vinha, não havia nenhum a passada, nenhum a voz.

Deveria m esm o se j untar aos outros.

Só que, assim que form ulou tal pensam ento, seus pés se viraram para a esquerda e a afastaram do local em que o com bate estava sendo ensinado. Indo até a porta seguinte, pressionou o ouvido na porta fechada e aguçou a audição.

Respirando fundo, captou o cheiro de Craeg.

Ele estava ali dentro.

Certo, precisava m esm o voltar para…

A m ão em purrou a porta um tantinho e ela espiou ali dentro. E lá estava ele, deitado, entre lençóis brancos no im enso leito hospitalar que, diante de seu tam anho, parecia pequeno para ele. Seus olhos estavam fechados, e a respiração, superficial. A pele estava… não m uito diferente daqueles lençóis, a não ser pelos

incríveis hem atom as no rosto, na garganta… em todo ele. E tam bém havia os curativos que cobriam os cortes de adaga.

Entrando no quarto, forçou a porta a se fechar m ais rápido, e esperou que ele olhasse na sua direção.

– O que foi? – ele disse sem abrir os olhos.

Aproxim ou-se da cam a, e se questionou se um dia ficaria perto daquele m acho sem que seu coração disparasse.

– Por que não está se alim entando? – ela inquiriu.

– Por que está m e incom odando?

– Recusou um a Escolhida?

– Por que não está na aula?

– Eu m e m achuquei. Não posso ficar lá.

Isso fez com que a cabeça dele se virasse e ele abrisse os olhos.

– Você está bem ?

– Eu até poderia te deixar ver, m as seria indelicado te m ostrar o dedo m édio.

– Você m e chutou no saco, lem bra? Acha que estou preocupado com o seu dedo?

– E tam bém não seria a prim eira vez. Acho que o m ostrei para você e para Pey ton no corredor.

– Depois do golpe nas bolas, a m inha m em ória ficou um pouco enevoada.

Ela queria se sentar na beirada da cam a, m as estava assustada com o que proporia.

– Você pode sugar da m inha veia, de verdade.

Craeg a encarou por um m om ento.

– Posso fazer um a pergunta?

– Claro.

– Você nasceu num a fam ília de salvadores? Isso está no seu sangue ou algo assim ? Porque nunca conheci um a chata insistente com o você antes, e esse lance de Madre Teresa não pode ser com portam ento aprendido. O m undo é ruim

dem ais para isso.

– Não vão te liberar para voltar para casa.

– Não podem m e m anter aqui.

Ela gargalhou.

– É da Irm andade que estam os falando. Tenho quase certeza de que ninguém sai daqui sem a perm issão deles.

Ele grunhiu e se calou.

– Vam os, vai fazer com que se sinta m elhor. – Ela esticou o pulso esquerdo. – E fará com que eu m e sinta m enos culpada por… bem .

– Eu recusei um a Escolhida, sabe.

Paradise revirou os olhos.

– Você tem o j eito m ais estranho de ser um cretino quando se sente am eaçado. Você veio de um a fam ília de cretinos ou o m undo m alvado o ensinou a se proteger dessa m aneira?

– O m undo m alvado m atou a m inha fam ília. Dois m orreram na m inha frente.

Portanto, sim , acredito que sej a com portam ento aprendido.

Paradise baixou o braço e o olhou.

– Sinto m uito. Eu não…

– Além do m ais, não tem m edo de que eu faça algum a coisa que não deveria?

– Com o é que é?

– Você viu o que aconteceu quando m e forçou no ginásio. Sabe exatam ente do que estou falando.

Paradise sentiu o corpo com eçar a esquentar, e foi nesse instante que ela deveria, pelo m enos para si m esm a, confessar que viera até ali para oferecer a veia porque queria m ais daquilo… o que quer que fosse aquilo… com ele.

Aquela conexão. Aquela… descarga elétrica.

Aquele ardor sexual.

E se existia um m odo garantido de obtê-lo, era oferecendo a veia a um m acho fam into. Ela podia ser virgem , m as não era tão ingênua assim .

– Gosta de brincar com fogo, garota? – ele grunhiu. – Porque se continuar a olhar para m im assim , vou te reduzir a cinzas.

Ela sabia, sem ter que abrir os lábios, que estava sem voz. Portanto, em resposta, sim plesm ente ofereceu o pulso sem nada dizer.

Quando ele não o tom ou, ela aum entou as apostas levando-o à boca e rasgando a pele com as próprias presas.

Funcionou.

Quando o cheiro do sangue se espalhou pelo ar, os olhos dele reviraram , o corpo arqueou debaixo do lençol fino que o cobria, o quadril se proj etando, as pernas alisando a cam a.

– Tom e o m eu pulso – ela disse baixinho. – Isso vai te aj udar.

A m ão dele disparou e a agarrou pelo antebraço, atraindo a veia para si. Mas

antes de atacar, ele a fitou com olhos selvagens.

– Você vai precisar gritar pedindo socorro.

– Por quê? – ela sussurrou.

– Faça isso agora. Cham e alguém .

Só que ele não esperou que ela respondesse. Puxou-a para si, e depois, com um rosnado feroz, cravou as presas na pele dela, ainda que Paradise j á tivesse aberto um acesso para ele. Quando ele com eçou a sorver em grandes goladas, ela sentiu um a descarga erótica percorrer todo o seu corpo. Abrindo a boca a fim de respirar, apoiou a outra m ão na cam a e se sustentou, tentando se segurar para não se j ogar sobre ele. Sua m ente não estava m ais presente, ela j á não passava de puro instinto, e seu corpo sabia exatam ente o que queria: pele nua contra pele nua, a parte m ais m asculina dele em seu centro… bom beando… gozando.

Foda-se a sua virgindade.

Literalm ente.

E ele pensava da m esm a form a. Enquanto se alim entava, os olhos percorriam o rosto dela, o pescoço, os seios – e algum a coisa estava acontecendo debaixo do lençol, o quadril se m exendo, o tronco se arqueando, a expressão sofrida dele com o se o desej o fosse tanto que chegava a doer.

Não, ela não pediria aj uda.

O que, claro, era absolutam ente insano, m as não parecia im portar. E bem de

leve, no fundo de sua m ente, ela percebeu que era por isso que o ato da alim entação era tão m onitorado para as fêm eas da sua classe: ela definitivam ente não pediria aj uda. Não queria porque não tinha interesse algum em deter coisa algum a do que aconteceria em seguida: aquele m om ento sensual e selvagem não tinha nada a ver com o fato de ela ser de um a Fam ília Fundadora. Não tinha nada a ver com a m ansão na qual m orava com o pai, tam pouco com o dinheiro em todas aquelas contas bancárias. Não tinha nada a ver com posição social e *status*.

Era franco, era sincero, algo apenas entre eles dois.

E isso tornava tudo… belo.

Porque era verdadeiro.

Capítulo 19

NÃO ERA DE SE ADMIRAR que o nom e dela fosse Paradise.

Enquanto Craeg sorvia grandes goladas da fonte m ais incrível que tivera em toda a sua vida, ele só conseguia pensar em com o o nom e dela era apropriado.

Bem … não foi *só* nisso que ele pensou.

Seu corpo despertou à velocidade da luz graças à força que ela lhe fornecia, aquele vinho encorpado descendo pela sua garganta e se em poçando no estôm ago antes de ser lançado em todas as direções com o um fogo restaurador: por debaixo da sua pele castigada, dentro dos ossos doloridos, ele com eçou a se

encher de forças.

E com tal força surgiu um a necessidade corrosiva e opressiva.

Debaixo do lençol fino, despertou um a ereção tão dura quanto aço e tão com prida quanto sua perna – prova de que o golpe firm e dela não o castrara. E, entre suas orelhas, o cérebro se aferrou à ideia de penetrá-la com a m esm a tenacidade com que suas presas estavam grudadas na veia dela.

Contudo, ele era ligeiram ente m ais decente do que poderia im aginar.

Em vez de rasgar as calças dela ao m eio e forçá-la a m ontá-lo, ele se obrigou a ficar exatam ente onde estava – porque isso a m antinha exatam ente onde estava.

No entanto, sua pelve parecia não ter recebido esse m em orando.

Com investidas poderosas, ele se esfregou ao encontro do lençol e da m anta, cada m ovim ento oferecendo um resvalar tentador que era suave dem ais, deixando-o apenas com pletam ente louco, cada recuo m ais desesperado do que o anterior.

E foi nesse m om ento que a m ão com eçou a coçar para se envolver.

Sem chance. Mesm o que Paradise não adm itisse, a não ser que tivesse um a arm a apontada para sua cabeça, ele sabia que ela j á havia cruzado m uitos lim ites. Se com eçasse a se m asturbar? Ela acabaria tendo um belo espetáculo para contar para quem quer que fosse o pai dela – m esm o que tocar um azinha

fosse m uito m elhor do que penetrar fundo em seu sexo até que ela visse estrelas.

Que era o que ele de fato desej ava fazer.

Maldição, por que tinha que se sentir atraído por um a m enina com portada?

– Você pode – ela com eçou a dizer. Houve um a pausa e os olhos dela se desviaram por sobre o om bro com o se ela estivesse se certificando de que a porta ainda estava fechada. – Você pode fazer o que quiser.

Ele franziu a testa em m eio à sede de sangue, tentando entender o que ela queria dizer.

– Estou vendo onde está a sua m ão. Não sou idiota.

Craeg tentou m enear a cabeça, m as não conseguiu porque sua boca não estava interessada em rom per o contato.

Paradise assentiu.

– Tudo bem … vá em frente. Cuide de você.

E foi então que a luz se fez em sua m ente. Ela queria que ele…

Por um a fração de segundo, sua consciência se negou veem entem ente, m as os olhos dela estavam tão firm es nos dele, j unto ao arom a da excitação que em anava dela, e o efeito não durou m ais do que a form ação das palavras.

Sim , senhorita, com o quiser.

Em briagado pelo sabor dela, distendido pelo rastro da luxúria, com o corpo abatido e a m ente im plodida, ainda lhe sobrou um pouco de j uízo para trancar

cada um a das portas do quarto, inclusive do arm ário. Não m anteria as pessoas afastadas por m uito tem po, m as certam ente por tem po suficiente para que a virtude dela não se perdesse por com pleto…

Peyton.

Quando o nom e do outro m acho surgiu em sua m ente, ela franziu o cenho com o se tivesse lido sua m ente.

– O que você disse?

Então devia ter falado em voz alta, m ais ou m enos.

Craeg afrouxou sua pegada o bastante para dizer com clareza:

– Pey ton.

– Já lhe disse, não há nada… Deus, não, nunca. Ele é com o um irm ão para m im .

Olhando-a, concluiu que ou ela estava sendo com pletam ente sincera e dizia a verdade que conhecia, pois, de fato, não tinha ideia de que o cara a desej ava, ou era a m elhor atriz fora de Holly wood e estava fazendo j oguinhos com ele.

Inspirando, não captou nenhum cheiro de subterfúgio, e logo pensou nas m aneiras de Pey ton, no seu sotaque perfeito e no seu relógio caro. Ele podia ser um verdadeiro aristocrata e, nesse caso, de m odo nenhum se prenderia a longo prazo com um a recepcionista.

E, aparentem ente, o filho da m ãe era honrado o bastante para não lhe dar falsas esperanças. E fora bem -sucedido porque ela acreditava na farsa, m esm o

quando ele agiu de m odo possessivo na sala de descanso.

Talvez Craeg não tivesse que odiá-lo tão intensam ente.

– Não existe nada entre m im e Pey ton – ela repetiu. – E nunca existirá.

Era o bastante para a sua palm a.

Em seguida, sua m ão livre desapareceu debaixo do…

Gem eu e se arqueou ao se segurar. Dim inuindo o ritm o da fricção, descobriu-se querendo prolongar aquele m om ento entre eles. Queria dela sexo *e* sangue.



E, ao que parecia, naquele breve instante, teria um pouco dos dois.

Contudo, seria a prim eira e única vez que isso aconteceria.

Havia algo de inevitável naquilo.

Foi o pensam ento que se repetiu na m ente de Paradise quando ela baixou o olhar para observar a m ão de Craeg se m over debaixo do lençol. Ele tocava a si m esm o, o trem endo corpo se retorcendo em ângulos estranhos conform e galgava as ondas de prazer.

Entretanto, por m ais inevitável que parecesse, tam bém havia m uito de inesperado.

Não im aginara que se sentiria tão… poderosa. Estava com a distinta im pressão de que, por m aior que ele fosse, por m ais forte que fosse, ela estava no com ando

ali. Tudo o que quisesse dele, que necessitasse dele, ele lhe daria, faria por ela,

encontraria para ela.

Depois que term inasse o sexo.

Os olhos de Craeg estavam pesados e cheios de desej o enquanto ele a fitava com aquele rosto surrado. Os m úsculos rij os do pescoço e do peito pareciam a ponto de estourar a pele. E o cheiro dele se espalhava num bram ido de algo picante e delicioso.

E então ele com eçou a gem er.

Deus, desej ou que fosse a sua m ão ali em baixo. Nunca fizera nada parecido antes, m as, puxa, não parecia ser tão difícil subir e descer daquele j eito… A questão era que a sua m ão boa estava grudada no rosto dele, e a m achucada com o dedo na tala não conseguiria segurar nada naquele m om ento…

Subitam ente, Craeg soltou o pulso dela e em itiu um som com pletam ente anim alesco, nem um pouco civilizado. Em seguida, a m ão livre agarrou os lençóis ao lado do quadril dela e os retorceu. O peito se estufou um a vez, duas…

Ele voltou a se arquear, desta vez com um gem ido… e depois o quadril dele se levantou, e m ais um a vez, grunhidos selvagens escaparam da boca dele enquanto os olhos se concentravam no seu rosto.

A im obilidade que se seguiu foi tão surpreendente quando o restante da cena.

Depois do que pareceu um a eternidade, o corpo dele relaxou e ele se largou no

colchão, fechando os olhos, a respiração entrecortada, o suor reluzindo no peito.

– Lam ba… – ele m urm urou.

– O quê? – Deus, a voz dele estava rouca. – O que você disse?

– Você está… sangrando…

Paradise olhou para o pulso. Ele estava certo. As feridas m últiplas estavam apenas parcialm ente fechadas. Erguendo o braço, ela sugou…

O gem ido suave que se m anifestou nele a fez parar.

O olhar sensual estava concentrado nos seus lábios.

Só que ele se desviou.

– Você precisa ir em bora.

– O quê?

– Você ouviu. Vá em bora.

Paradise exalou quando um a onda de raiva expulsou toda a luxúria que vinha sentindo com a eficiência de um a escavadeira.

– Por que você está sem pre m e dispensando?

– Porque não creio que você vá gostar de alguém entrando no quarto com o ele está agora.

Ela olhou ao redor. Ok, tudo bem , havia um a pequena quantidade de sangue sobre o lençol perto da boca dele, m as, fora isso, não havia nada fora do lugar.

– Não há nada…

– Está cheirando a sexo aqui – ele m urm urou. – Acabei de gozar em tudo aqui

e, se alguém passar por aquelas portas, esse alguém vai saber que foi por sua causa. Parta com um pouco da sua virtude, sim ?

Paradise uniu as sobrancelhas quando ficou de boca aberta.

– *Como é que é?*

– Acabam os por aqui. – Ele deu de om bros. – Você m e pediu para bater punheta. Atendi ao seu pedido e você conseguiu ver com o um m acho fica quando goza. Por isso, nós dois conseguim os um a coisa com esta sessão. O que esperava agora, um pedido de com prom etim ento?

A dor a perpassou pelo peito e ela ficou m om entaneam ente sem ter o que dizer. E depois as únicas coisas que surgiram em sua m ente envolviam as palavras “vai” e “à” e “m erda”.

Afastando-se do leito, aprum ou os om bros. Quando se aproxim ou da porta que dava para o corredor, surpreendeu-se em ver que estava trancada. Não a trancara.

Talvez ele tivesse.

Quem se im portava, porra?

Quando Paradise a destrancou, relanceou os olhos por sobre o om bro.

– Não posso fingir ser sofisticada, ou m undana em relação ao sexo, m as sei m uito bem que a necessidade de dim inuir os outros quando nos sentim os am eaçados é a m arca de um covarde, não de um herói. Descanse bem . Nos verem os am anhã… se você resolver aparecer.

Saindo, deixou que a porta se fechasse sozinha e avançou alguns passos, alguns m etros… m etade do cam inho até o ginásio.

Tinha a intenção de seguir em frente.

Seus pés se recusaram a cobrir o resto da distância até a aula.

Praguej ando, recostou-se na parede de concreto, cruzou os braços diante do peito e ficou olhando para as pedras polidas que form avam o piso… depois para as luzes em butidas no teto… e as portas, as m uitas, m uitas portas. Ao longe, ouviu os gritos advindos de onde o treino de com bate continuava. Tam bém havia o zunido am biente do sistem a de ventilação. Depois de um instante, seu estôm ago roncou, lem brando-a de que as calorias que consum ira na rápida Prim eira Refeição há m uito haviam sido absorvidas.

Aquela fora a sua prim eira experiência sexual.

E, enquanto estivera acontecendo, fora m aravilhoso, excitante, m ais que provocante.

Contudo, Craeg arruinara tudo. Com apenas um punhado de frases, acabara com tudo e fez com que sentisse vergonha de si m esm a…

– Desculpe.

Virando a cabeça, ela se retraiu.

– O que está fazendo fora da cam a?

Craeg se arrastara para fora do quarto, parecendo depender m ais do sustento

do apoio para o acesso intravenoso do que das suas pernas para se locom over. No

entanto, esteve determ inado a ir atrás dela, e Deus bem sabia que ele j á provara

que iria em frente até cair.

Andando na direção dele, ela levantou as palm as para detê-lo.

– Você precisa voltar para…

– Olha só, eu… – Lim pou a garganta. Coçou debaixo do nariz m esm o não

havendo nada ali. Esfregou um a sobrancelha e depois rem exeu na cam isola

hospitalar. – Não posso ser ninguém m ais do que sou agora. Talvez, em outra

época, se algum as coisas não tivessem acontecido… Talvez eu tivesse forças

para aparar algum as das m inhas arestas. O problem a é que não tenho essa força

sobrando dentro de m im agora. E não existe nada de m uito caloroso e acolhedor

aqui dentro. – Apontou para o centro do peito, o acesso de soro dependurando-se

diante dele. – Não estou dizendo que estou certo ou que tenho orgulho de m im

m esm o. Só estou dizendo com o as coisas são. E é tudo o que posso lhe dar: hoj e,

am anhã… na sem ana que vem . É só o que tenho a oferecer para qualquer um .

Ao fitá-la, seus olhos estavam firm es e graves.

E não havia dúvida na voz m elancólica e nas palavras cuidadosam ente

escolhidas.

No silêncio que se seguiu, ela pensou no que disse sobre as pessoas a grande

escritora e oradora hum ana May a Angelou: quando um a pessoa lhe m ostra quem ela é, acredite nela na prim eira vez.

Ou algo sem elhante.

– Se quer um m acho, fique com aquele seu garoto, o Pey ton – ele continuou. – Você é tão espetacular que existe um a possibilidade de ele acabar deixando de lado essa cretinice da *glymera*. E, olha só, você não seria recepcionista a vida inteira. Eu não poderia, j am ais, lhe oferecer o que ele pode, m esm o que a m inha

personalidade dê um a guinada de 180 graus.

Enquanto ele continuava a falar, suas palavras não foram totalm ente com preendidas. Só no que ela pensava era no quanto era inj usto que ela finalm ente tivesse encontrado um m acho pelo qual se sentia atraída precisam ente na hora errada e precisam ente no contexto errado para qualquer desenlace significativo. E havia aquela coisa dele de “eu sou um a ilha”, que ela queria cham ar de idiotice, m as que, de fato e infelizm ente, podia ser verdade.

– Ok – disse ela, por fim . – Obrigada por ser franco.

Houve um a pausa constrangedora, com o se ele esperasse algum protesto da parte dela, algum a dem onstração de indignação, talvez algum as palavras ásperas.

Mas logo ele abaixou as pálpebras, com o se não quisesse que ela enxergasse o que havia por trás dos seus olhos.

A m ão que não estava no suporte do soro se levantou para o rosto dela, m as ele logo a abaixou e sacudiu a cabeça.

– Tenho m uitos arrependim entos na vida. Da próxim a vez que se perguntar se alguém se im porta com você… saiba que está na m inha lista.

Craeg se virou e m ancou de volta para o seu quarto hospitalar.

Ela o observou até quase chegar à porta e desaparecer.

O orgulho tornou im portante que ela se afastasse prim eiro.

Procurando se fortalecer, Paradise seguiu para o ginásio, para a aula, para o aprendizado e o autoconhecim ento. Afinal, assim com o ele, seu futuro residia no

centro de treinam ento. Não em algum sonho com um m acho desconhecido que nunca se concretizaria por tantos m otivos.

Capítulo 20

DUAS HORAS MAIS TARDE, Paradise entrou no ônibus para saírem do centro de treinam ento. Só havia um , visto que só restavam seis deles, um a vez que Craeg não recebera alta m édica para voltar para casa.

Olhando para o outro lado do corredor, deparou-se com os olhos de Pey ton.

Ele estava esticado num dos bancos, as costas apoiadas na lateral de vidros escurecidos, as pernas estendidas, cruzadas na altura dos tornozelos.

Parecia-lhe que um a eternidade tinha se passado desde que discutiram no traj eto de ida na noite anterior.

Você está bem? , ele articulou com os lábios.

Ela assentiu e o im itou: *E você?*

Ele deu de om bros, fez um a careta ao se aj eitar no banco e fechou os olhos.

Ninguém estava conversando.

Diversas fileiras à sua frente, Boone estava sentado com a cabeça pensa, um par de fones de ouvido am parando suas orelhas, afastando-o do m undo. Ele não parecia encontrar um a m úsica de que gostasse, porque apertava a tela do iPhone a cada poucos segundos, deslizando pela lista de artistas antes de serem rej eitados. Anslam estava adorm ecido do lado oposto a ele. Novo estava m ais perto do m otorista, olhando pelas j anelas através das quais nada se via.

Axe estava bem no fundo, resguardando-se.

De tem pos em tem pos, Paradise m udava de posição, e se descobriu im itando Pey ton ao fazer caretas de dor. Estava exausta, dolorida em todo lugar, preocupada com o que a noite seguinte lhes traria em form a de testes.

Tam bém ficava pensando no que acontecera no quarto hospitalar de Craeg. E no que fora dito entre eles no corredor.

– Pare com isso – disse para si m esm a.

Reviver tudo não m udaria o resultado e, se fosse honesta consigo era o que queria. Teria sido m aravilhoso ser livre para explorar aquele tipo de conexão. Mas não havia chance de isso acontecer.

Na esperança de se distrair, olhou para a m ochila de couro Bally que entregara à *doggen* quando se inscrevera no program a. Lem brava-se exatam ente o que havia ali dentro: barras de proteína, m eias extras, um a m uda de roupas, além de calcinhas e sutiãs, sua carteira, seu celular, um a foto dos pais num porta-retrato dourado. Tam bém se lem brava vividam ente de ter guardado todas aquelas coisas, as gavetas que abrira em seu closet, as escolhas que levara tanto tem po para decidir, os itens que queria ter levado, m as que decidira deixar em casa.

O m ais perturbador… era que nada daquilo m ais parecia lhe pertencer.

Parecia pertencer a um a espécie de irm ã m ais nova sua ou algo assim , um a parente m ais j ovem que se parecia com ela de longe, m as que, de perto, era totalm ente diferente.

Pey ton pousou os pés no chão e avançou com o tronco por m eio do corredor. Desta vez, quando se sentou ao seu lado, ela ficou grata.

– Você não m e parece bem – observou ele com suavidade.

A preocupação am eaçou a represa que refreava as suas em oções, m as ela sustentou o m uro no lugar por tem er se descontrolar diante dos seus colegas de sala.

Prim us *o cacete*, pensou ela.

– Não sei… – Balançou a cabeça quando as palavras saíram . Não era o que ela teve a intenção de responder. – Na verdade, estou bem .

– A noite passada foi bem intensa. Difícil de atravessar.

– Conseguim os – ela m urm urou. – Viva nós!

– É…

Quando seu am igo voltou a ficar circunspecto, olhando para o apoio de cabeça do assento à sua frente, ela só conseguia im aginar no que ele estava pensando: o acesso de vôm ito, o saco ao redor da cabeça, a piscina… a cam inhada m ais longa de suas vidas.

A briga com Craeg.

– Com o está se sentindo? – ela perguntou. – Me parece m elhor.

– Vou precisar m e alim entar.

Ao esfregar o rosto com o se tentasse im pedir m ais lem branças da escola, ela sentiu um a pontada de culpa, porque, ao contrário de Craeg, a quem sentira um a im ensa pressa de oferecer a veia, aj udar seu am igo não era a prim eira coisa que lhe vinha à cabeça.

Além disso, não sabia se conseguiria fazer aquilo com Pey ton… se ele tivesse o m esm o tipo de reação que Craeg tivera.

Não que ela fosse irresistível para os m achos, m as porque, talvez, aquele tipo de luxúria fosse apenas um subproduto da alim entação, e ela não desej ava cruzar esse lim ite com a am izade em questão.

– Mandei um a m ensagem para o m eu pai. – Pey ton deu um tapinha no bolso do casaco. – Ele vai m andar alguém para m im . Vai ser a prim eira vez que não faço sexo ao tom ar um a veia. – Franziu o cenho e relanceou os olhos para ela. – Desculpe. Inform ações dem ais.

Sobre o que ele estava falando? Ah, certo.

– Tudo bem . Não estou ofendida.

"Informação demais", isso?, ela pensou. O que era inform ação dem ais de verdade era aquilo que ela e Craeg fizeram na clínica. Ou m elhor… o que ele fizera a si próprio.

Desviou o olhar só para garantir que o rubor que sentia nas faces não seria notado.

– Você está diferente – ele observou.

A declaração fez com que a cabeça dela se virasse de repente.

– Com o assim ?

– Não sei. Talvez sej a porque eu m e lem bre com o se saiu bem .

Quando ele a fitou, ela entendeu que ele iria se desculpar de novo e, sem pensar, inclinou-se e o abraçou.

– Obrigada por isso…

Um a sequência de solavancos e um a notável dim inuição na velocidade fez com que ela se afastasse.

– Já chegam os?

Pey ton sacou o celular e olhou as horas.

– Já faz quarenta e cinco m inutos que partim os. Acho que chegam os, sim .

O *doggen* que dirigia anunciou no alto-falante que tinham chegado, de fato, ao destino. Um a um , levantaram -se, form ando um a fila, e desceram do ônibus.

A noite estava fria, bem fria e, por algum m otivo, ela pensou que se a cor azul tivesse um cheiro, seria o que estava em seu nariz enquanto inspirava o ar revigorante e seco.

Virando-se para os outros quando o ônibus partiu, viu que todos estavam parados no descam pado, com o se ninguém soubesse bem com o proceder.

Anslam foi o prim eiro a se despedir, ainda que apenas de Pey ton, e depois se foi. Axe não falou com ninguém antes de se desm aterializar.

– Até am anhã, então – Pey ton m urm urou ao olhar para Novo e Boone.

Antes de desaparecer, aproxim ou-se dela.

– Vou ligar para você daqui a um as duas horas. Espero que atenda esse telefone.

– Pode deixar.

– Que bom .

Com um breve sorriso, assim , do nada, ele sum iu.

Paradise disse algum a coisa para os outros, não sabia bem o quê, e eles responderam algo que ela tam bém não ouviu direito.

E depois colocou a m ochila no om bro e desapareceu, desvanecendo num a

confusão de m oléculas que, de certa form a, com binavam com seu estado m ental

e em ocional m uito m elhor do que sua form a corpórea.

Ao regressar para seu corpo no j ardim diante da m ansão do pai, perm aneceu onde chegou e observou a m agnífica fachada da im ensa propriedade ao estilo Tudor. Luzes internas brilhavam , a ilum inação am anteigada atravessando as j anelas com treliça em form a de diam antes, criando a ilusão do brilho de um a lareira. De tem pos em tem pos, na abertura entre as cortinas de seda, ela via um *doggen* passar, carregando um a bandej a de prata, um espanador de plum as, um arranj o de flores.

O vento soprava forte, e quanto m ais ela ficava sobre a gram a am arronzada e congelada, m ais o vento penetrava em sua j aqueta, nas roupas, em sua pele.

Ela e o pai m oravam na propriedade há m uito tem po, e não havia um côm odo sequer que ela não conhecesse de cor, m esm o os escondidos.

No entanto, naquela noite a m ansão se parecia com os obj etos que trazia na m ochila: pertencente a outra pessoa.

Era surpreendente… com o um a j ornada que com eçava e term inava em sua cidade natal, e não necessariam ente dem andou que ela m udasse de endereço, a distanciasse tão com pletam ente de sua vida.

Quando com eçou a estrem ecer, forçou-se a andar para a frente. Eram quase duas da m anhã, e por m ais que isso a fizesse sentir culpa, estava m uito contente

por seu pai ainda estar trabalhando na casa de audiências. Sim plesm ente não tinha forças para lhe contar tudo sobre os seus “estudos”.

Mais especificam ente, ela ainda não processara nada daquilo, por isso era cedo dem ais para explicar a experiência para qualquer um .

Chegando à porta de entrada, esticou a m ão na direção da cam painha. E se deteve.

Sério?, pensou. *Vai apertar a campainha da sua própria casa?*

Contudo, sentiu-se um a estranha ao pressionar o indicador no leitor de digitais que destrancava a porta.

Adentrando no calor, fechou a pesada porta atrás de si e inspirou fundo algum as vezes. Não havia nenhum a sensação de calm a ao olhar ao redor, para as conhecidas pinturas a óleo e os tapetes orientais. Em vez disso, sentiu um desconforto esquisito…

– Senhorita! Retornou! – Quando o m ordom o, Fedricah, apressou-se na sua direção, era só sorrisos, e ele se curvou tanto que a testa quase lim pou o chão com o um esfregão. – O que posso lhe providenciar? Gostaria de um a refeição – não, um banho. Pedirei a Vuchie que…

– Por favor, não. – Ela estendeu as palm as quando a decepção o acom eteu de tal form a, seu rosto desabando, que parecia que ele ia falar na altura da gravata borboleta. – A Irm andade nos alim entou m uito bem e, sinceram ente, só preciso

m e recolher. – Palavras, ela precisava da com binação correta de palavras ali. – Por favor, poderia dizer ao m eu pai que tudo foi um a m aravilhosa experiência de

aprendizagem … Diga-lhe que estou m uito bem e que, na verdade, fui aceita no program a. Estam os fazendo tarefas na sala de aula. É tudo m uito seguro.

E as duas últim as coisas, tecnicam ente, não eram m entira. Rhage lhe disse que na noite seguinte estariam em sala de aula, e ninguém se ferira seriam ente.

– Ah, sim , claro, senhorita! Ele ficará tão feliz! Não acredito que ele tenha dorm ido durante o dia, m as, por favor, toque a cam painha se precisar de algo. Estam os sem pre à sua disposição.

– Farei isso, prom eto. Obrigada.

Escapou rapidam ente pelas escadas, um m edo irracional de que o pai chegasse m ais cedo fazendo com que se apressasse para o quarto. Quando se fechou lá, olhou para a cam a de dossel, para os tapetes bordados com ponto cruz e para as antiguidades…

… e desej ou m uito ter ido repousar num quarto lim po e anônim o de um hotel.

Aproxim ando-se da cam a, sentou-se sobre o colchão hiperm acio e deixou a m ochila aos pés. Depois apoiou as m ãos nos j oelhos e encarou a parede.

Craeg não era a única coisa em que pensava. Mas havia m uito dele em sua m ente.

Cara. Agora que estava ali escondida, sentia-se presa…

Quando o celular com eçou a tocar, ela fez um a careta. Indubitavelm ente, Fedricah ligara para o pai no instante em que ela subira, e a dúvida era se seria pior deixá-lo cair na secretária eletrônica… ou tentar forçar qualquer coisa próxim a do norm al pelo telefone.

Mais tarde não seria m uito m elhor, então ela decidiu: se não falasse com ele agora, era capaz de ele bater à sua porta assim que entrasse em casa. E, assim , teria que enfrentá-lo cara a cara.

Pescando o iPhone na m ochila, franziu o cenho ao ver o desenho de um a folha de cinco pontas de m aconha na tela.

– Pey ton?

– Oi. Não consegui esperar duas horas. Estou sofrendo de um sério caso de nervosism o.

Mesm o que ele não conseguisse vê-la, ela assentiu com a cabeça.

– Eu sei. Eu tam bém .

Quando houve um a pausa, esperou até que o barulho costum eiro da m aconha sendo acesa surgisse. No entanto, som ente m ais silêncio.

Depois de um instante, ele disse:

– Sinto com o se tivesse ficado afastado um a década.

– Tam bém m e sinto assim .

– Nem estou a fim de fum ar. Dá pra im aginar um a coisa dessas?

Ela se curvou para trás até encostar a cabeça no travesseiro.

– Talvez sej a bom .

– Só m ais um a coisa no m eio de toda essa estranheza, sabe? – Ouviu um

barulho, com o se ele tam bém estivesse se deitando. – Ok, qual é a daquele tal de

Axe? Quero dizer, você viu ele quando ele estava lutando contra…

E enquanto seu am igo se lançava em todo tipo de com entários, Paradise

fechou os olhos e inspirou profunda e lentam ente.

Engraçado, foi assim logo após os ataques. Os dois conversando noite adentro,

unidos pelo telefone, um a conexão invisível aberta entre eles que, apesar de tudo,



era m uito tangível.

Ele era seu único am igo, ela se deu conta.

E se sentiu m uito grata por terem superado a briga entre eles – e tam bém a

prim eira noite do treinam ento.

De repente, as coisas j á não pareciam m ais tão estranhas.

– Caram ba, sou boa nisso – Marissa disse ao se recostar e olhar para a pilha de

cartões de 13 por 18 centím etros diante dela.

Levara horas, m as conseguira gerar, pelo com putador, um a centena de

convites coloridos para o Festival Dançante do Décim o Segundo Mês. Sim , teria

sido m uito m elhor se os m alditos tivessem sido im pressos em relevo, m as

estavam sem tem po: só restavam catorze dias para o evento em sua obrigatória prim eira lua cheia de dezem bro, por isso ninguém estaria em posição de reclam ar de algum as m edidas apressadas.

O próxim o passo era endereçar os envelopes, e Mary e Bella j á tinham se oferecido para aj udá-la com isso na m ansão. Depois, Marissa conversaria com Fritz a respeito dos preparativos das com idas e perguntaria por aí a respeito de alguns m úsicos tradicionais do Antigo País para lidar com a questão.

Ah, que a Santa Virgem Escriba abençoasse Abalone. O m acho concordara em deixá-los usar o salão de baile de sua propriedade. Era um a opção m uito m elhor do que a alternativa de usar a casa do velhote e da cavadora de ouro. O casal abrigara um a reunião secreta do Conselho para conspirar contra Wrath, por

isso de m odo algum a Irm andade voltaria para lá a m enos que estivesse m unida

de um arsenal de lança-cham as. E, de qualquer form a, não acreditava que Butch

ficaria m uito feliz por ela passar algum tem po debaixo daquele teto em particular.

Portanto, convites. Local. Com ida. Entretenim ento.

Estava cuidando de tudo, m as não se enganava. Sabia m uito bem o porquê de ser ela a organizadora do evento, e não era pela sua com petência: as pessoas que se em penhavam naquilo vinham tendo dificuldade para atrair a *glymera* desde

todo o dram a em torno da eleição dem ocrática de Wrath. E com o não havia nada que os aristocratas gostassem m ais do que um escândalo, o que poderia ser m ais divertido do que vê-la em ação na festa?

A sua presença faria com que o percentual de aceitação ao convite subisse até o teto.

E isso era engraçado. De um a m aneira perversa, ela estava ansiosa para desfilar com a cabeça erguida diante do bando de tubarões, e pelo m enos Butch não teria que lidar com aquela asneira toda. Estaria ocupado trabalhando e ensinando. Além do m ais, ele não tinha paciência para aquele tipo de festa.

Ela reviveria sozinha aquele m om ento de sua vida.

Consultando o relógio, percebeu que eram três horas. Norm alm ente, esperava até as quatro para voltar para casa, m as se ela e as fêm eas pudessem finalizar todos os convites antes que todos se recolhessem , então Fritz poderia levá-los ao correio hum ano e eles seriam recebidos no dia seguinte.

Com rápida eficiência, guardou os convites e os envelopes na bolsa LV Neverfull que Butch lhe dera um tem po atrás e desligou o com putador.

Sua sensação de satisfação não durou m uito.

Depois de se despedir das suas funcionárias e desculpar-se por se ausentar antes da hora, saiu da ala Wellsie e se desm aterializou para a m ansão. Enquanto esperava que a porta interna do vestíbulo fosse aberta, voltou a se preocupar com aquela fêm ea.

Ainda nenhum a novidade quanto à “chave”. E nenhum e-m ail fora enviado aos endereços eletrônicos do Lugar Seguro ou à casa de audiências a respeito de algum a fêm ea desaparecida. Nada nos grupos sociais fechados da m ídia. Nenhum telefonem a ou m ensagem de texto.

Mas a fam ília dela deveria ter dado pela sua falta, não?

Fritz, o am ado m ordom o, abriu a porta com um am plo sorriso.

– Senhora, com o tem passado?

Fodida, obrigada.

– Estou m uito bem e você? – Sacudiu a cabeça quando ele se adiantou para pegar sua bolsa. – Pode deixar, cuido disso. Você viu…

– Estam os prontas! E Mary está a cam inho!

Marissa olhou para a arcada da sala de bilhar. Bella, Beth e Autum n estavam j untas, com taças de vinho branco e canetas bico de pena nas m ãos.

– Estam os prontas para escrever – anunciou Bella. – E depois solicitam os um serviço especial para a Últim a Refeição, porque vam os subir à sala de proj eções para um a sessão de cinem a.

– *Magic Mike xxl* acabou de ser lançado em DVD – Beth cantarolou. – Tem os a obrigação m oral de apoiar as belas artes, m esm o que apenas as hum anas.

– Não assisti ao prim eiro – m urm urou Autum n. – Ouvi dizer que a pelve dele é destroncada. É verdade?

Beth se adiantou e pegou a bolsa de Marissa.

– Venha, você parece estar necessitada de um a noite só de m ulheres. Pay ne e Xhex vão se j untar a nós. Assim com o Corm ia, Lay la, a doutora Jane e Ehlena.

Vam os todas ficar j untas… Já era hora.

Por um a fração de segundo, Marissa se sentiu culpada por se deixar apoiar pela am izade que lhe era oferecida. Parecia… tão frívolo quando pensava em tudo o que não conseguia fazer pela fêm ea desconhecida.

Bella se inclinou na sua direção.

– Dissem os aos m achos que eles não podem entrar. Basicam ente porque se virem Channing Tatum no telão…

Beth term inou por ela:

– … vam os ter que redecorar a sala de proj eções depois que tiverem destroçado o lugar.

– Voltem os à pelve desconj untada – Autum n se j untou a elas. – Quero dizer, com o ele anda?

– Muito bem , am iga. – Quando Bella respondia à com panheira de Tohr, passou o braço pelos om bros de Marissa. – Mas m uito, m uito bem m esm o.

Enquanto Marissa se deixava arrastar para a sala de bilhar – onde os frascos de tinta tinham sido dispostos nas m esinhas auxiliares e j á havia um a taça de vinho separada para ela – com eçou a piscar rápido. Parte da sua em oção era porque

aquela fêm ea que m orreu j am ais teria nada daquilo de novo, isso se tivesse tido a

sorte de ter boas pessoas cercando-a enquanto estivesse viva.

A outra parte era um a gratidão tão grande que seu peito m al conseguia conter

a em oção.

– Senhoras – disse ela, passando o braço pela cintura de Bella. – Vam os acabar

logo com esse endereçam ento, para poderm os passar para a parte do

desnudam ento.

Capítulo 21

– DESCULPE… VOCÊ DISSE QUE elas estão fazendo *o quê*?

Enquanto falava, Butch olhava para o grupo apenas de m achos ao redor da

m esa da sala de j antar da m ansão. Nenhum dos seus irm ãos ou quaisquer dos

soldados estava gargalhando ou conversando em voz alta. O grupo de tristes

perdedores só estava sentado diante de pratos degustados até a m etade e de

intocados copos de vodca, bourbon e uísque com o um a m atilha de *basset hound*

que perdeu seus antidepressivos.

Não era o que esperava encontrar ao chegar tarde para a Últim a Refeição.

Quando Marissa lhe m andara um a m ensagem de texto avisando que

trabalharia com as fêm eas num a coisa, pareceu-lhe um a boa ideia cuidar de uns

assuntos dos *trainees*.

Não contara com aquele funeral só porque as senhoras estavam entretidas num proj eto.

– Oi? – cham ou-os. – Perderam a audição j unto com as bolas ou algo assim ?

Wrath inalou fundo com o se fosse anunciar a notícia de um a m orte na fam ília.

– Estão tendo um a noite de film es.

Butch revirou os olhos e se sentou na sua cadeira. Sim , era um pouco estranho não se sentar com Marissa ao seu lado, m as, pelo am or de Cristo, não era m otivo para se entupir de Prozac. Além disso, estava contente que a sua m ulher tivesse am igas na casa…

– Estão assistindo a *Magic Mike* – alguém inform ou.

– É algum film e infantil? – Recostou-se quando Fritz depositou um prato repleto de cordeiro diante dele. – Obrigado, cara… Obrigado e, ah, eu adoraria um a bebida. Pode m e trazer Lagavulin com gelo…

Butch parou de falar quando percebeu que a m esa inteira o encarava.

– O que foi?

– Nunca ouviu falar do film e *Magic Mike*? – Rhage perguntou, intrigado.

– Não. – Recostou-se quando seu drinque lhe foi servido. – Obrigado. É um tipo de Barney ?

– É um a história de *strippers* – Holly wood rebateu.

Butch franziu o cenho e abaixou o copo dos lábios.

– Com o é que é?

V. veio da despensa com um saquinho cheio de tabaco, um pacote de papel de seda e um a carranca com o se alguém tivesse lhe arrancado as pilhas do seu brinquedo sexual predileto.

– Nus – Vishous m urm urou ao se sentar onde Marissa deveria estar. – De bunda de fora. E são hum anos. Cristo, é com o ser hum ilhado por um a m atilha de cães.

– De tanga – outro deles ralhou. – Cães de tanga.

Butch, dessa vez, seguiu tom ando seu drinque, sorvendo o ardor, acolhendo o calor em seu íntim o. Ok, era um pouco surpreendente descobrir que ainda estava bebendo m esm o com o copo vazio, m as, ora, tinha m uito no que pensar. De certa form a, o fato de sua *shellan* estar assistindo a um film e com suas am igas, m esm o que ele envolvesse um pouco de nudez, não era grande coisa.

Por outro lado, desej ou encontrar a caixa de força e interrom per o fornecim ento de luz daquela parte da m ansão.

Depois botar fogo no DVD. E no telão.

E levar sua com panheira para casa só para lhe m ostrar todos os truques que sabia a m ais do que um atorzinho qualquer de… Deus, de *tanga*?

– Está tudo bem – ouviu-se dizer ao gesticular para que o *doggen* voltasse a

encher o copo. – Isto é, em prim eiro lugar, elas nos am am . Segundo, não deve ser um film e censurado nem nada as…

– Aparece um a bom ba peniana – Lassiter disse com um sorriso largo, com o se estivesse aj udando. – E em ação. Vocês sabem , o pau enfiado lá dentro, sendo bom beado e tal…

Vishous desem bainhou um a adaga de algum lugar e apontou a coisa para a cabeça do anj o caído.

– Continue a falar assim e eu corto o seu cabelo. De olhos fechados.

Lassiter gargalhou.

– Aham , que sej a, grandão. Pensei que tivesse m ais confiança para não dar tanta im portância a um a coisa à toa com o essa. Você é tão inseguro assim ?

– Quer ver alguém inseguro? – V. perguntou. – Vou te m ostrar…

– Ok, j á basta – Butch interferiu. – Deixa pra lá, V. Está tudo bem , um a m aravilha… Elas só estão se divertindo. O que há de errado com isso? Não é com o se elas fossem ir pra cam a com o cara.

– Tem certeza? – Lassiter sorriu. – Você não acha que elas vão fantasiar sobre…

O grunhido coletivo que ribom bou da Irm andade foi tão alto que conseguiu agitar os cristais do enorm e candelabro penso sobre a m esa. E o anj o caído era um idiota, m as não era burro.

Movendo-se devagar, com o se m últiplas pistolas estivessem apontadas para

ele, levantou as m ãos num ato de subm issão.

– Desculpem . Tanto faz. Vou parar antes que esse inconform ism o constrangedor de vocês m e m ate.

– Sábia decisão – Butch com entou secam ente. – Não que eu não pudesse te dar um soco agora m esm o. Ainda que não por causa deste assunto especificam ente.

Lassiter voltou a com er, enfiando a com ida na boca.

Os outros Irm ãos não foram tão rápidos em deixar o assunto de lado, os olhos estreitados e as presas expostas ainda m irados no anj o boquirroto.

– Vam os, rapazes, está *tudo bem*. – Butch cortou um a fatia de cordeiro e enfiou na boca. – Hum m m . Delícia.

Na verdade, estava com gosto de papelão, m as ele fingiu que estava gostando. Mas não por m uito tem po.

Dois m inutos depois, em purrou o prato quase cheio e aninhou o segundo copo de uísque na m ão.

– Mas é verdade. Elas deveriam ter um pouco de independência. Não precisam ficar grudadas na gente, com o se tudo girasse ao nosso redor. Já era hora que fizessem algum a coisa por elas. Mesm o. Isso é ótim o.

Ao seu lado, V. acendeu um gordo cigarro enrolado à m ão.

– É m esm o? Gosta da ideia da Marissa olhando para as partes de outro m acho pelado?

– O film e não é censurado. – Quando sua voz grasnou, ele lim pou a garganta. – Quero dizer, não deve ser… Não, não pode…

– Dei um a olhada – Rhage m urm urou. – Elas estão com os DVDs, provavelm ente estão assistindo à versão com pleta, sem cortes.

– Então os *strippers* não são circuncidados? – Lassiter levantou as m ãos antes que os grunhidos se elevassem . – Jesus, caras, vocês são *tão* sensíveis.

Butch sacudiu a cabeça e decidiu que o anj o estava por conta própria.

– Tá, tudo bem , então tem uns rodopios… Um sacolej o ou dois de peitorais. Não é m otivo pra tanta preocupação. Fritz, pode m e servir m ais um a dose aqui?

O m ordom o se apressou em pegar o copo vazio.

– Alguém de vocês gostaria de sobrem esa? Tem os sorvete e *petit gâteau* caseiros.

Butch relanceou os olhos para Holly wood.

– O que m e diz, cara?

Quando Rhage apenas girou o seu refrigerante de gengibre no copo, Butch praguej ou e disse a Fritz:

– Este aqui vai querer um pouco, m esm o que ninguém m ais queira.

– Traga a sobrem esa – Rhage disse em voz alta.

Fritz curvou-se com o copo de Butch na m ão.

– Claro, senhor. Servirei um prato e trarei…

– Não. Quero a sobrem esa inteira. Todo o bolo e todo o sorvete.

Eeeeeeeeeee foi assim que Holly wood acabou com um a plateia m elancólica de sabe-se lá quantas testem unhas enquanto consum ia quinze bolinhos de chocolate e dois litros de sorvete de crem e.

Foi com o assistir a tinta secando, só que sem aquele cheiro quím ico e a sala ficou com a m esm a cor de antes.

A boa notícia foi que a bebida estava funcionando, entorpecendo a m ente de Butch, tornando seu corpo tanto dorm ente quanto excitado.

– Pode m e trazer m ais um ? – pediu ao *doggen* de passagem que retirava o últim o prato suj o de chocolate. – Muito obrigado.

Quando seu copo lhe foi devolvido, afastou a cadeira da m esa.

– Vou indo. Tenho trabalho a fazer.

E, sem querer ofender, m as ficar ali às voltas com aquele tipo de vibração só o estava deixando m ais deprim ido. Um pouco m ais e ele com eçaria a entrelaçar a

corda da forca.

Saindo da sala, parou no enorm e vestíbulo. Olhou escada acim a. Tentou visualizar a sua Marissa cobiçando um ator de roupa íntim a.

– Não. Tudo bem . Que bom pra ela.

Pegou o telefone e acessou as m ensagens. Hesitando, pensou em lhe m andar algum a coisa, sabe, só para ela se lem brar de que…

Uau.

Na sua época de hum ano, j am ais teria se im portado com essa bobagem toda.

Marissa não era apenas o am or da sua vida; era um a fêm ea de valor que j am ais

o trairia. E, *qualé*, ela não tinha se registrado num hotelzinho barato com o cara,

pelo am or de Deus… Estava se divertindo com as am igas assim com o ele fazia

com seus am igos.

Aquilo era ridículo.

Ele *não* era do tipo cium ento…

O som de coturnos se aproxim ando fez com que ele olhasse por sobre o

om bro. Era Rhage, e o Irm ão estava segurando um copo de sal de frutas na m ão.

Holly wood ergueu o olhar para as escadas. E podia apostar que ele estava

pensando exatam ente a m esm a coisa que Butch.

– Vou subir – o cara anunciou.

– Não, não, não, espera aí. – Butch o segurou pelo braço im enso e o apertou. –

Você não pode ir entrando lá.

– Por que não?

– É a noite só das garotas.

– Então ponho um vestido.

– Porra, Rhage. *Tá falando sério*?

Os próxim os a sair foram V., John Matthew e Tohr. E todos, inclusive Wrath – e

até m esm o Manny, que, apesar de todo o seu sangue hum ano, estava bem ali ao

lado de todos os outros com caras de cachorro abandonado.

– Não vam os subir lá – anunciou Butch. – Vam os j ogar um pouco de sinuca,

ficar bebaços, falar de todas as m ortes que causam os no ataque a Brownswick.

Vam os ter um a noite divertida pra cacete… Ou dia, sei lá em que porra estam os

agora. Agora recolham suas bolas do chão e vam os com eçar a nos com portar

com o hom ens.



– Ele tem as m anhas. Só estou dizendo.

Quando a doutora Jane falou, a plateia cativa que estava tão concentrada no

telão m urm urou em com pleta aquiescência.

Pay ne deu m ais um dos seus assobios lupinos, que eram a sua m arca

registrada.

Xhex praguej ou e j ogou m ais Milk Duds* para a im agem , gritando:

– Vam os lá, m eu filho, vai com tudo!

Marissa riu de novo. Não sabia dizer o que era m ais divertido: o film e ou a

com panhia. Provavelm ente a com panhia. Apesar de ter que adm itir que não era

nada m au olhar para aqueles hum anos.

E logo outra onda de gritos e incentivos se ergueu.

Deus, não conseguia se lem brar da últim a vez em que rira com tanta vontade. Havia algo em ficar apenas na com panhia das m eninas que tornava as piadas piores e m elhores ao m esm o tem po, e as risadas ficavam m ais altas, as tolices m ais estúpidas.

No fim , tudo isso era um a coisa m uito bonita.

Tam bém a fazia se lem brar de que era m aravilhoso ser aceita por ser exatam ente quem era, sem expectativas externas depositadas sobre ela, nenhum a cobrança para a qual ela não tivesse se voluntariado para botá-la para baixo. Nenhum j ulgam ento, apenas am or.

Além disso, aquela quantidade de hom ens que eram quase tão sensuais quanto o seu m acho? Não era nenhum problem a.

Quando a cena final term inou e os créditos com eçaram a rolar pela tela, elas bateram palm as com o se os atores pudessem ouvi-las lá da Califórnia.

– Pode m e ensinar a assobiar desse j eito? – algum a delas pediu a Pay ne.

– É só colocar os lábios ao redor dos dedos e assoprar – a fêm ea explicou.

– Isso não é um a fala de um film e? – alguém perguntou.

– Será que vão fazer o terceiro film e…?

– Magic Mike Grandão…

– Mas antes terem os que assistir ao prim eiro e ao segundo com o preparação… Tem os um a tradição a m anter.

– Alguém assistiu recentem ente ao *Nove Semanas e Meia de Amor*…?

– O que é isso…

Um a a um a, levantaram -se das cadeiras acolchoadas e se espreguiçaram na luz fraca da sala sem j anelas, as costas estalando, os om bros relaxando a tensão. E engraçado, Marissa sentiu um a necessidade de interrom per os com entários e dizer algo profundo e significativo só para agradecer o m om ento partilhado. Mas as palavras certas não surgiram .

Em vez disso, disse sim plesm ente:

– Ei, podem os fazer isso de novo?

Pensando bem , talvez fosse exatam ente o que ela queria dizer.

E, vej am só, o pessoal da frente estava em total acordo: os gritos de alegria foram tão altos quanto nas cenas de dança, e a ideia de que aquele m om ento especial não seria algo único a fez sentir um a pontada de alívio.

– Acho que vam os precisar de um a m aratona do Chris Pratt. *Guardiões da Galáxia* – sugeriu Beth.

– Ele é o cara que tem um irm ão? – Bella perguntou.

– Não, esse é o Hem sworth – outra respondeu.

Encabeçando a fila de partida no corredor central, Marissa am assou a em balagem vazia de Milk Duds e a atirou na lata do lixo. De repente, percebeu que m al podia esperar para ver Butch, e não por causa de todas aquelas cenas dos corpos sem inus. Sentia saudades dele, o que era ridículo, considerando-se que

nenhum dos dois fora a parte algum a.

Seguindo para a porta ao lado do expositor de vidro de doces, estava sorrindo ao em purrar a porta e…

– Bom … Deus… – deixou escapar ao se retrair.

O corredor de fora estava apinhado com os m achos da casa, os Irm ãos e os lutadores, e Manny, sentados no chão com as costas encostadas nas paredes, as pernas esticadas, erguidas, cruzadas nos j oelhos ou nos tornozelos.

Ao que tudo levava a crer, bastante bebida estivera envolvida, pois garrafas de vodca e de uísque estavam espalhadas no chão, copos nas m ãos ou sobre as coxas.

– Isso *não é* tão patético quanto parece – seu Butch enfatizou.

– Mentiroso – V. m urm urou. – Claro que é, porra. Acho que vou com eçar a tricotar.

Conform e as fêm eas foram saindo atrás dela, cada um a dem onstrou surpresa, descrença, e depois deleite pervertido.

– Sou só eu que acho – um dos m achos se queixou – ou acabam os de executar um a castração em m assa aqui?

– Acho que isso basicam ente resum e a um a situação de m erda – um dos outros concordou. – Vou usar calcinha debaixo das calças de couro daqui por diante. Alguém m e acom panha?

– Lassiter j á usa – V. disse ao se pôr de pé e se aproxim ar de Jane. – Oi.

Seguiu-se um m om ento de reunião.

Enquanto os outros casais se reencontraram , Butch sorriu para Marissa enquanto ela se aproxim ava dele, estendendo o braço para levantá-lo do chão.

Quando se abraçaram , ele a beij ou na lateral do pescoço.

– Deixou de m e am ar agora? – ele m urm urou. – Porque estou preso nas suas



rédeas?

Ela se entregou ao abraço dele.

– Por quê? Por ter sofrido enquanto eu assistia a um film e obsceno com as m eninas e que, no fim , nem era tão obsceno assim ? Na verdade, acho isso… prepare-se… bem bonitinho da sua parte.

– Ainda sou m uito hom em .

Ao esfregar o corpo no dele, ela em itiu um som de agrado ao sentir a sua ereção.

– Hum m m … acho que é m esm o.

Com seu cheiro de vinculação bram indo, Butch segurou sua fêm ea pelo cotovelo e a conduziu pela ala dos em pregados. A não ser por V. e Jane, todos os outros tinham um a distância m ais curta a cobrir do que eles. O Buraco ficava do outro lado do pátio, m as j á era dia e isso significava que teriam que descer todas

as escadas, passar pelo túnel e pela passagem subterrânea para chegar ao quarto deles.

Ele não aguentaria tanto tem po.

Não m esm o.

O prim eiro quarto vago com algum a privacidade que encontraram foi o de um dos criados, que estava desocupado, com as cortinas puxadas, um a cam a de solteiro sem lençóis e um a trava de latão m uito útil.

Butch não se deu ao trabalho de acender as luzes; sim plesm ente atraiu sua fêm ea para j unto de si e a beij ou com ardor enquanto batia a porta com um chute e fechava a trava com o um profissional.

– Preciso tanto de você – grunhiu.

– Estou aqui – ela disse ao encontro da boca dele.

Perfeito pra cacete, seu pau rugiu dentro das calças. Seguindo suas ordens,

Butch a fez retroceder para a cam a, sentou-a e se aj oelhou diante dela. Ao inalar

profundam ente, com eçou a rir.

– O que foi? – ela m urm urou, com as pálpebras pesadas e absolutam ente com estível.

– Você está excitada.

– Claro que estou.

– Não estava quando saiu da sessão de cinem a.

– Por que estaria? Aquilo foi só um a boa dose de entretenim ento com as m eninas. Com o ir ao m useu, sabe? Você aprecia a arte, m as não a levaria para casa.

– Então, ainda sou o seu sabor predileto?

– Você é o m eu *único* sabor.

Ora, ora, se isso não inflou seu peito, seu pau e seu ego. Revelando as presas, ele disse:

– Era disso que eu estava falando…

– Ficou m esm o com ciúm es? – ela perguntou. – Por causa de um film e?

– Sim .

A risada que escapou dela foi tão gostosa e relaxada, um som de tanto contentam ento, que ele desej ou que ela e as m eninas se j untassem de novo, até para verem hum anos sensuais rodopiando na tela, se era o necessário para sua com panheira relaxar dessa m aneira. Entenda-se, ele não escreveria nenhum a carta de fã para aquele tal de Channing Tatum , m as estava m ais do que agradecido por aquelas fêm eas e aquela am izade.

Qualquer um , qualquer coisa que cuidasse da sua *shellan* tinha seu selo de aprovação.

Voltando ao que interessava, afastou as pernas de Marissa e fez seu tronco cair no colchão. Tinha m uitos planos que envolviam ficar com ela por um as belas duas horas, m as seu pau não aguentaria tanto tem po assim .

Precisava estar dentro dela. Agora.

Concentrando-se em abrir suas calças, deixou-a nua da cintura para baixo num

m ovim ento de puxar rápido e eficiente ao longo das pernas adoráveis. E logo as

palm as estavam percorrendo suas panturrilhas, suas coxas. Com um gem ido, ela

se abriu ainda m ais, com o se o desej asse com o m esm o ardor que ele, revelando

seu sexo intum escido… e foi nesse m om ento que ele perdeu a cabeça.

Revelando a ereção, foi direto para o centro dela, sem preâm bulos, sem

prelim inares… Estavam , os dois, m ais do que prontos.

– Marissa – ele grunhiu ao penetrá-la, deslizando para dentro, a sensação ao

m esm o tem po fam iliar e revigorantem ente eletrizante.

Praguej ando num a expiração, recuou e o quadril assum iu o com ando,

enterrando, enfiando, bom beando… e ele adorou o m odo com o ela se segurou ao

seu pescoço, aos seus om bros.

– Tom e m inha veia – ela ordenou.

As presas dele j á estavam alongadas, e ele as expôs num sibilo. Atingido seu

ponto predileto, do lado esquerdo, ele sugou com profundidade, bebeu com

firm eza, em bebedou-se com o sabor dela assim com o com o sexo.

No entanto, ele não aguentaria por m uito m ais tem po. A coisa estava ficando

m uito intensa, rápida dem ais, e ele a reposicionou para penetrá-la m ais fundo…

e agarrou o seu quadril, enterrando-se, m ovendo-se com o um pistão em seu corpo, balançando tudo com tanta ferocidade que a arm ação de m etal da cam a bateu na parede e as m olas do colchão fino form aram um a sinfonia com os rangidos.

Ouviu-a gozar, era esse o seu obj etivo, ouvir aquele nom e com um e nada sofisticado explodir com ím peto no ar perm eado pelo sexo – e desej ou parar só para sentir os espasm os rítm icos do interior dela. Contudo, parar j á não era m ais

possível. Suas bolas estavam contraídas e quentes, a pelve fazendo m ovim entos autom áticos de m odo que não poderia deter aquilo, assim com o não poderia conter as batidas do seu coração, e seu pau era um a bizarra com binação de torpor com hipersensibilidade…

Butch gozou com tanta força que enxergou um a explosão de fogos de artifício, e m esm o quando ej aculava, sabia que não estava perto do fim .

Continuou cavalgando-a, m udando de posição um a vez m ais, arqueando-se sobre o corpo dela até que seu peso apoiou-se nas pontas dos pés e nos braços que

o suspendiam para que não a esm agasse.

Mais fundo ainda. O que era im pressionante.

Não tão bom para a cam a, que com eçou a deslizar pelo chão.

Mas, pensando bem , não havia com o parar. Por isso, sim plesm ente se m oveu com ela, até a m oldura se encaixar no canto oposto.

Aquilo sim é que era um ponto de apoio.

Perfeito. Pra. Cacete.

Butch prosseguiu bom beando, o corpo agindo por vontade própria, as sem anas – bem , talvez, se fosse sincero, os m eses – sentindo-se afastado dela desaparecendo com o se ele estivesse apagando aquele distanciam ento sutil com seus m ovim entos.

Muitos orgasm os. Do tipo exagerado e fantástico que deixa o rosto transtornado, e você vai acabar dolorido ao despertar, e as coisas ficam m uito, m ais m uito grudentas m esm o ali em baixo.

Quando, por fim , term inaram , ele despencou em cim a dela. Teve a intenção de rolar de lado, para que ela conseguisse respirar com m ais facilidade. Teve m esm o. Ah, se teve.

Rolar de lado agora seria algo bom .

Aham .

Em três… dois…

… um .

Só que ele não deu conta do esforço. Sentia com o se alguém tivesse estacionado um Hum m er em sua coluna.

Marissa deslizou as m ãos pelos seus braços, para cim a e para baixo. – Você foi *incrível*.

Ele tentou levantar a cabeça. Descobriu que o m esm o m aldito do Hum m er

deixara um trator sobre sua cabeça.

– Não, você foi. – Ou, pelo m enos, foi isso o que ele quis dizer. O que saiu da sua boca foi a fala de um a vítim a de derram e.

– Não… você foi. – repetiu.

– O quê?

Só o que ele conseguiu fazer foi rir e, de repente, ela tam bém estava rindo… E foi nesse instante que ele se forçou a seguir o program ado e sair de cim a da pobre fêm ea. Ela o acom panhou, e logo se rem exeram a fim de conseguirem se deitar direito na cam a. Com os corpos em anando trem endas ondas de calor, estavam quentes, bem quentes, m esm o sem cobertas.

– Eu te am o, Butch – ela declarou.

Na densa escuridão, ele sabia que ela o fitava, e adorou isso. Queria a atenção total dela, ansiava por ela, necessitava dela para confiná-lo num nível patético e de com pleto castram ento. Mas j am ais exigiria algo assim dela – e, para um filho da puta im paciente com o ele, estava m uito, m as m uito disposto a aguardar que acontecesse. Deus, que ela lhe tivesse dado isso livrem ente? Seu am or e sua atenção eram um a dádiva que, com o ela, ele j am ais se cansava de receber. Fechando os olhos, sentiu o quanto ela o am ava. E engraçado, às vezes, quando se está há tanto tem po com um a pessoa, casado com ela, m orando com ela, m om entos com o aquele eram tão m aravilhosos e m ágicos com o no incrível

instante em que o “eu te am o” é dito pela prim eira vez.

– Nossa, eu tam bém te am o.

O beij o que lhe deu foi suave e gentil, e não por estar exausto. Porque, na verdade, se ela estivesse apta para m ais um a rodada, ele seria m ais do que capaz de chegar lá. Não, beij ou-a com cuidado porque o vínculo em ocional entre eles um a vez m ais estava forte com o um cabo de aço e delicado com o um a folha de gram a.

Com um toque suave, ela passou as pontas dos dedos pelo peito dele. – Já desej ou que eu fosse diferente?

– Não é possível. Não se pode m elhorar a perfeição. E não, nunca desej ei.

– Você é tão gentil.

– Isso é um a coisa que nunca foi dita a m eu respeito.

– Bem , você é gentil para m im . – Houve um a pausa. – Posso pedir a sua aj uda?

– Eu ficaria louco se não o fizesse.

Deixa para um a longa pausa, de m odo que ele se m oveu de lado para apoiar a cabeça sobre a m ão. Agora sim ele desej ou que houvesse m ais luz no quarto do que a nesga debaixo da porta perm itia.

– O que foi?

– Bem , sei que está ocupado com o centro de treinam ento…

– Pare. Vai m esm o fazer isso? – Ele franziu o cenho m esm o que ela provavelm ente não estivesse enxergando. – Vai sugerir que existe algum a coisa m ais im portante do que você?

A im precação que ela em itiu foi um a espécie de derrota.

– Pode m e aj udar a encontrar quem m atou aquela fêm ea? Quem ela era, o que aconteceu com ela, quem fez aquilo com ela?

Ele não hesitou.

– Sim , posso. Seria um a honra.

O suspiro de alívio dela foi outro elogio do tipo que ele j am ais se cansaria.

– Obrigada – ela m urm urou.

– Eu ia m e oferecer, m as quis respeitar o seu espaço.

– Não posso deixá-la num túm ulo sem nom e.

– Isso não vai acontecer. Vou cuidar do assunto. – Mais um a vez, seu rosto franziu na escuridão. – Porém , você precisa saber de um a coisa.

– Do quê?

– Não sou do tipo que deixa pra lá.

– Ah, eu sei. Você e eu vam os fundo até descobrirm os tudo.

Butch sacudiu a cabeça.

– Não é isso que quero dizer. A raça dos vam piros não possui um a força policial. Não existem cadeias…

– Existe um a colônia penal a oeste em algum lugar. Pelo m enos costum ava

haver. Não sei bem o que aconteceu com ela…

– É o que estou falando. Não existe um procedim ento real ou consequências para crim es dentro da raça. Não há com o punir os culpados ou lidar com as falsas acusações. Wrath voltou a realizar as audiências e aj udou em alguns casos de conflito, m as ele é tanto o j úri quanto o j uiz. O que dá certo até nos depararm os com hom icídios e crim es graves no sistem a. E eles virão. É um fato nas sociedades, quer se tenha presas ou não.

– Então, o que você está dizendo?

A voz dele dim inuiu para um rugido.

– Se eu descobrir quem fez aquilo com um a garota indefesa? Não vou ser capaz de deixar isso pra lá sem represálias. Entende o que digo?

Milk Duds são doces de caram elo cobertos com chocolate. (N.T.)

Capítulo 22

EREÇÃO. POTENTE.

No anoitecer seguinte, enquanto Craeg ressurgia de um sono tão denso que era praticam ente sólido, tinha algo grosso arm ado entre seus quadris: deitado de lado, tendo rolado para a sua posição predileta em algum m om ento, a m ão estava a poucos centím etros do pau e, por trás das pálpebras cerradas, im agens de Paradise se desenrolavam com o um a apresentação de slides calculadas para deixá-lo excitado, m antendo-o assim até que gozasse.

Sim , claro, sua consciência se opunha, m as era um a batalha fadada ao fracasso.

No entanto, não se m asturbaria ali na cam a. A enferm eira entrava a cada quinze segundos, e conhecendo bem a sua sorte, ela escolheria o m elhor m om ento para entreabrir a porta para ver se ele ainda respirava.

Preparando-se para se levantar, ele…

Não teve absolutam ente nenhum a dificuldade para se m exer, virar as pernas na cam a e para se por de pé. Na verdade, sentia-se com o se tivesse dorm ido por um m ês.

Puxa.

O sangue de Paradise, claro. E isso fez com que a tem esse um pouco, por algum m otivo.

Fio a fio, ele se desconectou dos diversos equipam entos e das bolsas de fluidos e, quando um alarm e disparou, ele apertou os botões do m onitor até que a coisa se calasse. Depois foi para o banheiro, ligou o chuveiro e fechou-se ali dentro, im aginando que a enferm eira, que sem dúvida viria correndo com o se a casa estivesse pegando fogo, veria por si só que ele tinha se levantado e estava bem .

Com o im aginado, ouviu um a batida à porta do banheiro bem quando ele despia o avental hospitalar e entrava debaixo do j ato.

– Craeg? – ela o cham ou. – Está tudo bem ?

– Está. Já vou tom ar banho para depois com er.

– Que bom . Mas tom e cuidado, está bem ? Precisa de aj uda?

Ele baixou os olhos para a enorm e ereção protuberante em seu quadril.

– Não. Acho que consigo m e cuidar sozinho.

– Ok, m as sabe onde está o botão de em ergência, não sabe? Avise se sentir tontura.

– Pode deixar. Obrigado.

Aguardou um instante para ver se realm ente havia sido deixado em paz.

Quando constatou que tudo estava tranquilo, que não ia haver nenhum a outra pergunta, pegou o sabonete, m as não foi para o pau e as bolas. Passando a barra pelo peito e om bros, pelo pescoço e rosto, pelas pernas e pés, deu um a oportunidade ao corpo de desistir daquela brilhante ideia.

Nada disso. Na verdade, a sensação das bolhas sobre a pele o fez pensar no instante em que esteve aj oelhado diante de Paradise, afagando-lhe a pele delicada.

A parte do xam pu tam bém não aj udou em nada. Conform e o ar dentro do banheiro se tornou denso devido à um idade e ele ficou sem ter m ais o que lavar, reconheceu a derrota, pôs um fim à negociação, resignou-se ao inevitável.

– Ah, que se foda… – gem eu ao segurar o m em bro.

Apoiando um a m ão na parede de azulej os, inclinou-se até a testa encostar no antebraço. Masturbar-se foi bom dem ais… Não conseguia se lem brar, na

verdade, de que bater punheta fosse assim tão incrível antes… Era… o paraíso. Ou Paradise, m elhor dizendo.

Com m ais força, m ais rápido, até ele abaixar o outro braço e apertar as bolas com um a ligeira torção…

Num a série de espasm os, seu pau se avolum ou em sua m ão e ele ej aculou na parede do chuveiro um a vez e depois outra.

Quando, por fim , relaxou, praguej ou repetidas vezes.

Depois de tudo pelo que passara, por que isso agora? Por que sua cabeça estava tão fixa naquela fêm ea *agora*?

Só podia ser o estresse, disse a si m esm o. A atração era apenas reação ao estresse pelo qual passava, um buraco de m inhoca no qual se concentrar só para não im plodir.

Saiu do box. Largou a toalha. Havia lâm ina de barbear, desodorante tam bém , e um pente para seus cabelos, m esm o curtos com o estavam .

Merda, precisava de roupas.

Saindo do banheiro…

Encontrou um par de calças folgadas e um a cam iseta sobre a cam a, assim com o um par de tênis de corrida que, sim , eram do tam anho certo. Distraído, ficou im aginando quantos conj untos havia para cada candidato. A coisa toda de altura/peso/núm ero de calçado fizera parte do processo de inscrição, m as m esm o

assim …

Alguns m inutos m ais tarde, saía pela porta, descia pelo corredor e entrava no refeitório.

Im agine abundância. A prim eira coisa que viu foi um a m esa com com ida suficiente para alim entar um exército. Pratos em pilhados, prontos para serem cheios, guardanapos adam ascados enrolados ao redor de talheres de prata, e o "bar" tinha praticam ente todo tipo de bebida não alcoólica que se podia im aginar,

inclusive um a m áquina de m ilk-shake.

Evidentem ente, os Irm ãos estavam refinando as coisas conform e elas avançavam .

– Nada disso foi adulterado – um a voz m asculina disse atrás dele.

Craeg girou e ergueu os punhos com o se fosse ser atacado. O Irm ão Butch estava sentado num a m esa de canto, as pernas apoiadas num a cadeira desocupada, com ida no prato ao seu lado. Com m ovim entos cuidadosos e precisos, ele levou um a garfada de ovos m exidos à boca sem derrubar nada.

– Vá em frente – ele disse enquanto m astigava. – Sirva-se e sente-se com igo. Não vou te ferrar.

Craeg assentiu um a vez e avançou pela m esa. Não se intim idou ao se servir; não fazia ideia do que os aguardava, m as im aginava que estocar energia seria o m elhor m odo de se preparar para a noite.

Escolhendo um a cadeira a duas da de Butch, tinha um a boa visão da porta, algo que frequentem ente se via buscando: descobrir sem pre um a rota de fuga. Foi assim que sobreviveu depois que os assassinos passaram pela sua casa.

– Olha só, não vou fazer rodeios – disse o Irm ão antes que Craeg aproxim asse o garfo dos lábios.

Maravilha. O cara planej ara aquilo, sabendo que Craeg estava na casa e provavelm ente com eria cedo.

Abaixando as sobrancelhas grossas, Craeg se esqueceu da com ida e se concentrou na porta.

– O que foi?

– Acho que você precisa ficar aqui no centro de treinam ento.

– Com o é que é? – Desviou o olhar para o Irm ão. – Eu tenho um canto m eu.

O cara abaixou as botas no chão e se m oveu para ficarem frente a frente.

– Sei onde você m ora.

Algo naquele olhar franco o assustou, por isso fez de conta que com ia.

– Bem , não m enti quanto ao m eu endereço.

– Não é seguro.

– Estou lá desde os ataques.

– Aquele prédio m al tem encanam ento. E não há proteção contra o sol.

– Fico no porão.

– Um incêndio daria um fim nisso rapidam ente, colocando-o num a posição de

escolher entre incineração pelas cham as ou pela luz do dia.

Craeg cortou um a salsicha ao m eio e enfiou um a m etade na boca.

– Não vou m e m udar.

– Aqui você tem com ida e água. E um a boa cam a para deitar. Tam bém não precisa pagar aluguel.

– Não preciso de caridade. – Ok, agora estava com eçando a se irritar. – Vim aqui para aprender a lutar, não para que vocês fiquem orgulhosos de si m esm os.

Butch se inclinou.



– Acha que vam os lim par a sua bunda toda vez que for ao banheiro? Mesm o, acha que é isso o que querem os?

– Olha só, não preciso…

– Idiota – Butch se esquentou. – No próxim o ano, vam os investir algum as centenas de m ilhares de dólares em vocês, sem cobrar nada. Acha que querem os que isso vire fum aça só porque o seu orgulho está todo inflado? Não se trata de caridade e não é negociável. Hoj e, depois da aula, eu vou levá-lo de carro até a sua casa, esperar você em pacotar as suas coisas e depois irei trazer a sua m iserável carcaça para cá, ou pode ir se foder. É assim que vai ser, m eu chapa.

Craeg praguej ou com vontade, m as em pensam ento.

Pense em alguém te segurando pelas bolas.

– Tudo bem – concordou num m urm úrio.

Butch lhe deu um tapa no om bro.

– E para te m ostrar que não guardo ressentim entos por você ter se com portado com o um idiota, vou te colocar num quarto com um a boa TV, internet e um

calendário com fotos do Rhage só para você ter algum a coisa bonita pra ficar olhando.

Dito isso, o Irm ão se levantou da m esa, levando o prato ainda cheio consigo. Assim , a “refeição” dele só servira para m ostrar que era seguro com er.

– Te vej o na aula – Butch disse, parado à porta depois de deixar o prato na pia.

– Sala de aula hoj e. Bom bas, sistem as de detonação, com o desarm ar. Coisas divertidas.

Sozinho, Craeg pendeu a cabeça entre as m ãos.

Planos, ele tivera planos sobre tudo aquilo.

Mas que porra.

– E, em seguida, o que aconteceu?

Enquanto o pai fazia a pergunta servindo-se de m ais m arm elada em sua torrada, Paradise tentou form ular m ais um a m entira. O que, levando-se em consideração que só tivera duas horas de sono e ainda estava se recuperando fisicam ente de tudo, era o m esm o que tentar abotoar um a cam isa no escuro.

– Hum … – Partiu um pedaço do croissant e espalhou geleia de m orango. – Bem , depois que nos apresentam os, houve um a espécie de coquetel. – Vôm itos. –

Ficam os no ginásio para conhecer uns aos outros. – Quase fom os eletrocutados no escuro. – Fom os nadar. – Um a festa de afogam ento. – No fim , fom os cam inhar. – Marcha m ortuária *à la* Dickens. – E depois todos passaram por um

exam e físico. – Ressuscitação cardíaca. – A noite foi longa, por isso nos pediram

para ficar. – Quase m ortos e m al respirando. – E foi só.

Maravilha. Baixara o Pinóquio nela.

Seu pai assentiu.

– A Irm andade foi m uito gentil em m e telefonar, assim com o Pey ton.

Disseram que você se saiu m uito bem , que foi a prim eira da turm a.

– Eu m esm a fiquei surpresa com isso.

E ainda se sentia perdida em sua própria casa. Sentada com o pai nas m esm as

cadeiras de sem pre, debaixo do m esm o lustre de cristal, com os m esm os pratos,

xícaras e pires de porcelana, sendo observada pelos m esm os retratos a óleo dos

ancestrais, ela se sentia com o se estivesse num hotel agradável, decorado com o

um castelo, com um a equipe m uito bem treinada que conseguia antecipar todas

as suas necessidades… e que estava num a terra estrangeira.

E tam bém havia o seu pai… Deus, o seu pai.

Enquanto Abalone estava acom odado à cabeceira da m esa com prida e

lustrosa, seu belo rosto reluzia de alívio e orgulho – principalm ente alívio – e isso

só fazia com que ela se sentisse pior. O fato de que as suas m entiras estavam

conseguindo o efeito desej ado, distanciavam -na ainda m ais dele… Além disso,

havia a cam ada extra de culpa.

Que não era causada pelo treinam ento.

Era im possível não lem brar e se obcecar com o que fizera com Craeg, e com o que ele fizera a si m esm o. Um a parte sua ficava repassando cada nuance da experiência, cada contato visual, todos os sons, os cheiros… a expressão no rosto dele quando…

Ok. Ela não pensaria *naquilo* à m esa de j antar.

No que pensaria? Deus, por m ais que odiasse adm itir, preocupava-se que aquele interlúdio, m esm o que fosse único, a tornasse inadequada aos olhos da *glymera*. Claro, ainda estava sexualm ente pura, m as sua veia fora m uito bem usada e isso levara… àquela certa… exibição, se é que se podia cham á-la assim , por parte de Craeg.

De fato, odiava o fato de desperdiçar sequer um pensam ento com aqueles preconceituosos filhos da m ãe, m as, sentada ali j unto ao pai, era um fardo inevitável.

Não se podia deixar de lado toda um a educação tão rapidam ente.

Ainda m ais quando pensava no que seu pai desej ava para a sua vida.

– Paradise?

Ela voltou ao presente e sorriu.

– Desculpe, o que disse?

– Acho que j á colocou bastante geleia aí, m eu bem .

Paradise olhou para baixo e viu que tinha colocado m etade do pote num pedaço de croissant do tam anho do seu polegar. A doçura verm elha escorria no seu prato, pela faca, em sua m ão.

– Que boba que eu sou. – Com eçou a lim par tudo. – Então, com o foi a sua noite?

Felizm ente, ele com eçou a falar do trabalho e sobre o grande baile que se aproxim ava, dentre outras coisas, e ela conseguiu prestar atenção o suficiente para assentir nos m om entos adequados.

O que os Irm ãos farão conosco hoj e? E com o agiria com norm alidade perto de Craeg?

Trinta m inutos m ais tarde, j á vestira o uniform e, arrum ara a m ochila e estava saindo pela porta da frente, desm aterializando-se até o ponto de encontro. O ônibus j á estava estacionado no terreno arborizado, e a porta dobrável dianteira se abriu assim que o m otorista a viu.

Subindo os três degraus, afrouxou o casaco e encarou os olhos do grupo. Novo estava relaxada, com fones nos ouvidos e o iPhone diante dela. Boone, a m esm a

coisa. Axe dorm ia no fundo de novo, sem dúvida sonhando com coisas que ela esperava que ficassem apenas na cabeça dele. Anslam digitava no celular, provavelm ente atualizando seu *status* no Facebook, indicando um relacionam ento

sério com o Porsche que seu pai acabara de lhe dar por ter entrado no program a.

E Pey ton esfregava o rosto com o se isso fosse despertá-lo.

– Ei – ele disse quando ela se aproxim ou.

Quando ela se sentou no banco do lado oposto do corredor, ele virou de lado, se encostou nas j anelas escuras e esticou as pernas.

– Está pronta? – ele perguntou.

– Acho que poderia responder com m ais certeza se soubesse o que nos aguarda.

Ele grunhiu.

– Ok. Mudando de assunto. Adivinha o que fiquei sabendo?

Pey ton era a fonte de todo tipo de fofoca, sem pre fora. Foi ele quem lhe contou sobre o novo brinquedinho estacionado na garagem da fam ília de Anslam ,

e sobre o últim o escândalo envolvendo um a prim a de segundo grau que m entira

aos pais sobre onde vinha se hospedando na cidade, e a história de um a fêm ea casada com um velhote que recebia levas de m achos no chalé de hóspedes em sua propriedade.

Mas essa últim a devia ser um exagero.

– O que foi? – Pelo m enos a conversa fiada desviaria seus pensam entos sobre seu reencontro com Craeg. – E capriche nos detalhes, se puder. Esta viagem vai levar no m ínim o m eia hora.

– Tenho outras histórias. Não se preocupe.

– Ainda bem . – E isso apesar de terem passado horas conversando ao telefone durante o dia. – Eu te disse, ultim am ente, que eu te am o?

– Sim , m as se quisesse provar isso de verdade, faria a tatuagem que com entam os.

– Não vou tatuar um a foto sua na m inha bunda.

– Mas assim , quando você passasse por m im , eu teria algum a coisa bonita para olhar.

– Não se eu estivesse de calças. Ei, eu não deveria ficar ofendida com esse seu com entário?

– Olha só, sinto m uito, Parry, m as loiras com corpos perfeitos e lindos olhos azuis não chegam a parte algum a neste m undo. É bom você ir logo se acostum ando com a ideia.

Ela j ogou a cabeça para trás e deu um a gargalhada.

– Ok, ok, vam os à sua história.

– Um prim o m eu de terceiro grau m e disse que o Festival Dançante do Décim o Segundo Mês vai ser realizado no salão de bailes do seu pai. Por que não m e contou, caram ba?

– Fiquei sabendo disso tam bém – Anslam disse, erguendo o olhar do seu iPhone.

Paradise relanceou a vista ao redor. Boone e Novo não conseguiriam ter

ouvido nada, e Axe estava fora do ar. Abaixando a voz, ela disse:

– Pey ton, você tem que m aneirar nesse tipo de assunto, lem bra?

Seu am igo estalou as j untas das m ãos.

– Desculpa. Mas estam os praticam ente sozinhos… E a novidade é quente.

Quer ir com igo? Ou m elhor, posso gozar com você da festa? – Ele lhe lançou um

sorriso radiante. – Isso te pareceu m alicioso?

Paradise o encarou, m as não se ofendeu.

– Você é um porco. Mas, sim , por favor, sej a m eu acom panhante. Vou

precisar de você para suportar a noite.

– Serei o m elhor acom panhante do m undo. Bem , pelo m enos grande parte da

noite. Talvez até as duas da m anhã. Mas vou beber até cair. Só quero te avisar

antes. É o único j eito de eu conseguir aguentar até a m adrugada.

Paradise se inclinou na direção do corredor e ergueu a palm a.

– Bate aqui.

Quando as m ãos se chocaram , ela agradeceu a Deus por pelo m enos poder ir

com um am igo.

Capítulo 23

MALDITA BRITNEY SPEARS.

Sentado no fundo da sala de aula, Craeg só conseguia pensar no vídeo idiota de

“…Baby One More Tim e” de um m ilhão de anos atrás. Vira a m aldita coisa

som ente um a vez, quando um prim o m ais velho, j á passado da transição, o assistia com um a fascinação que ele não com preendia. Durante todo o tem po, Craeg ficava se perguntando por que algum a hum ana sem graça, em idade escolar, com trancinhas, saia plissada e m etade da barriga aparecendo, seria interessante para alguém .

Agora? Entendia perfeitam ente.

– … o explosivo prim ário deste detonador é um a m istura de azida de chum bo, estifanato de chum bo e alum ínio, e vocês têm que colocar a m istura aqui, na carga explosiva, que neste caso é de tetril. – Quando Boone levantou a m ão, o Irm ão Tohrm ent assentiu. – Sim ?

– Existem outros tipos de detonadores prim ários?

– Boa pergunta. Existe o diazodinitrofenol, e você tam bém pode usar fulm inato de m ercúrio m isturado com clorato de potássio. Mas preferim os a prim eira opção aqui na Irm andade.

A aula prosseguiu com Tohr, com o ele lhes pedira que o cham assem , ensinando o básico da fabricação de bom bas, e Boone, o levantador de m ão da sala, interrom pendo de tem pos em tem pos com outra “boa pergunta”.

Se o cara não fosse tão bom no corpo a corpo, e bastante “na dele” fora das aulas, nunca criando caso com ninguém , ele seria apontado com o o babaca da classe.

Nesse m eio-tem po, Craeg executava aquele vai e vem entre o lado esquerdo e

o direito do cérebro, e deduziu que a rotulação de partes analítica e criativa devia estar certa: seu lado analítico estava conectado à frente da sala de aula, na bancada com prida de produtos quím icos em suas variadas form as, recipientes e frascos, e na lousa repleta de rabiscos e diagram as.

O lado “criativo”, ou “o vadio repositório m asculino de gatas de parar o trânsito”, continuava desviando seus olhos para Paradise. Ela estava sentada à frente dele, num a m esinha m ais à direita e, ao contrário dele, não parecia outra coisa além de com pletam ente concentrada: estava inclinada para a frente, atenta a ponto de parecer obcecada pelas inform ações dadas, anotando coisas no seu bloco de notas.

Metade do cabelo dela estava puxado para trás, preso num nó frouxo por um a



espécie de elástico preto grosso, e ela usava o m esm o tipo de uniform e folgado m eio Tai Chi Chuan que todos eles usavam . Mas, porra, ela bem que podia estar

usando um biquíni fio dental com todas aquelas ondas loiras descendo pelos om bros e seios…

Pare com isso.

Nem fodendo, sua libido retrucou.

Fantástico. Agora estava distraído *e* discutindo consigo m esm o. Se processasse m ais algum dado na sua cabeça, era capaz que seu cérebro derretesse nas

proporções do acidente nuclear em Three Mile Island.

E lá estava ele voltando a encarar a garota.

A raiz do problem a era, tirando os orgasm os que teve no chuveiro, a nuca dela.

Aquela porção de pele devia ser tão suave quanto a do pé.

Só podia.

Mudando de posição na cadeira, disfarçadam ente pôs a m ão debaixo da m esa e se rearranj ou. Maldição. Precisava m esm o se dom ar.

E, m esm o quando seu olhar se desviou para Tohr e o falatório sobre bom bas, teve a fantasia de levantar do seu lugar, se aproxim ar dela por trás e deslizar os lábios em toda a extensão de pele pálida entre a linha dos cabelos e o colarinho daquela cam iseta folgada…

– Craeg?

– O quê? – ele guinchou para Tohr. Pigarreando, tentou m ais um a vez com um tom de voz um pouco m ais m asculino. – Isto é, pois não?

– Venha até aqui e nos dê um passo a passo sobre tudo que foi dito.

Craeg relanceou a vista para baixo, im aginando que tipo de tenda revelaria a todos, caso se levantasse. Topo alto, três picadeiros. Circo padrão Barnum & Bailey. Isso m esm o.

E foi nesse instante que sentiu que Paradise olhava para ele, e seu pau saltou com força suficiente para que seu quadril se proj etasse.

Beleza. Tinha quase certeza de que não era esse tipo de detonação que o

professor tinha em m ente.

– Craeg?

Enquanto um a pausa desconcertante parava tudo na sala de aula, Paradise tom ou coragem e olhou por cim a do om bro.

Estivera dolorosam ente ciente de onde Craeg escolhera se sentar dentre todos os lugares da sala de aula, a ponto de quase pegar um espelhinho na bolsa e colocá-lo num ângulo em que pudesse vê-lo olhando para o professor. O que seria loucura. Tinha bastante certeza, pelo seu discurso “não você, não agora” que ele lhe dera na noite anterior, que não estava perdendo seu tem po pensando nela; por essa razão, pareceu-lhe particularm ente ridículo que ela desperdiçasse sequer um nanossegundo com o cara se isso não estivesse relacionado ao treinam ento.

Além disso, ele não fizera nada para atrair as atenções para si.

Na contram ão dos outros *trainees*. Boone fizera um m onte de perguntas, com eçando com “por que não posso usar o m eu laptop para fazer anotações?”. O que levou o Irm ão Tohrm ent a responder: “Porque o barulho do teclado m e faz querer sacar m inha pistola. Está com vontade de experim entar vazam ento craniano hoj e?”. Culm inando com a pergunta de dois segundos antes que, francam ente, aj udava a turm a.

Boone era o inteligente da sala.

Axe ficou basicam ente na dele, m ãos entrelaçadas, cenho fechado, sem escrever nada, m as a aura som bria do cara significava que m esm o que ele não dissesse m uita coisa, não havia com o não notar a sua presença. Novo tam bém não falava m uito, m as, quando o fazia, todos prestavam atenção. E Pey ton, lógico, era quem fazia um a piada ou outra de vez em quando.

Todavia, era o silencioso e carrancudo Craeg que cham ava a atenção de Paradise.

E, a propósito, não conseguia entender por que ele não se levantava. Era m ais do que apenas não se colocar na vertical. Estava sentado ali com o um cervo hipnotizado pelos faróis de um carro, encarando a lousa com o se tivesse se esquecido de com o se levantar de um a cadeira.

– Craeg? – Tohr o cham ou novam ente. – Separou-se da realidade? Tirou um as férias de m im ?

Pey ton se pôs de pé.

– Deixa eu tentar – disse ele, saindo de trás da m esa e passando por trás da bancada de elem entos quím icos, em direção à lousa. Quando pegou um pedaço de giz, olhou para o Irm ão. – Pensei que essa coisa tivesse sido proibida na virada

do século!

– Prefere que eu use o seu rosto para escrever na lousa? – Tohr sugeriu.

– Você tem perm issão para se dirigir assim aos alunos?

– Você luta bem o bastante para m e im pedir?

Pey ton sacudiu a cabeça.

– Não. Nem perto disso.

– Resposta inteligente, filho. Você vai se sair bem . – Tohr lhe deu um tapa nas costas. – Por que não salva o seu colega tím ido e nos m ostra o que sabe?

Paradise olhou para baixo de novo e leu o que havia anotado. No com eço da noite, fora difícil entrar na sala de descanso onde todos se j untaram e tentar agir de m aneira natural perto de Craeg. Ele, por sua vez, pareceu-lhe m eio perturbado por sua presença, ou a de qualquer outro. Não sustentou contato visual com ninguém e pronunciou, no m áxim o, três palavras.

Foi com o ela esperava. Todavia, considerando-se a quantidade de energia que precisava em pregar só para respirar com norm alidade perto dele, aquilo lhe pareceu inj usto.

Adm oestou-se, tentando voltar ao presente. Precisava se concentrar no treinam ento. Não apenas seria m ais apropriado, com o tam bém m ais produtivo, o m otivo pelo qual se encontrava naquela sala de aula – e tam bém provavelm ente a enlouqueceria m enos.

Ela quase foi bem -sucedida em seu obj etivo.

Duas horas m ais tarde, deixaram que se levantassem para esticar as pernas e

ir ao banheiro. Teve a intenção de ir ao banheiro fem inino sozinha, m as Novo se

aproxim ou e andou com ela pelo corredor.

– Im porta-se se eu perguntar um a coisa? – a fêm ea quis saber quando

em purrou a porta e a segurou aberta para que Paradise entrasse antes. – É um a

pergunta pessoal.

– Hum … Tudo bem . – Escolheu um dos cinco reservados, abaixou as calças e

se sentou, e tentou não se concentrar no fato de que um a praticam ente

desconhecida estava prestes a fazer xixi no m esm o lugar em que estava. – O que

é?

Você consegue, incentivou sua bexiga.

Novo, naturalm ente, não teve nenhum a dificuldade. A fêm ea provavelm ente

não tinha dificuldade com nada.

– Já transou com fêm eas?

Paradise virou a cabeça para a parede do reservado num ím peto. Seu prim eiro

pensam ento? Merda, é m elhor subir as calças. Não vam os conseguir nada aqui.

– Eu te choquei? – a fêm ea perguntou com um a gargalhada antes de dar a

descarga.

Houve o som de algo m etálico se abrindo e depois o de água corrente.

– E aí? – Novo a instigou.

– Hum … – Paradise olhou ao redor com o se as paredes de m etal cor de

pêssego ou o teto branco, ou quem sabe o piso cinza pudessem aj udá-la.

– Então isso é um não. – Outra gargalhada. – Não estou surpresa.

Por um instante, Paradise pensou em sustentar um a fachada só para m anter a frieza que Novo parecia ter em abundância. Mas, assim com o a distração na sala de aula, não era o m otivo pelo qual estavam ali.

– Na verdade, nunca transei com ninguém .

– É, im aginei isso tam bém .

Paradise franziu o cenho.

– Então por que perguntou?

– Gosto de ter razão.

Encarando os azulej os cinzentos do piso, Paradise pensou: “Ah, que diferença faz?”.

– Mas você sim ? Com fêm eas, quero dizer.

– No passado. E m achos. Am o quem eu am o. As partes não têm im portância para m im .

– Uau.

A voz de Novo ficou afiada.

– Não há nada de errado com isso, sabia?

– Não, eu não… Não estou criticando, nem j ulgando. Só acho…

– Que é suj o e im oral, certo?

Paradise pensou em todas as restrições por ela ser um a aristocrata. E depois

im aginou com o seria ser sim plesm ente quem ela era e o que ela era, sem desculpas, nem concessões.

– Não – disse. – Acho de fato incrível.

E, quem poderia im aginar, dito isso, conseguiu fazer o que tinha ido fazer ali. Depois de dar a descarga, abriu a porta e ficou surpresa, ante o silêncio prévio, por a fêm ea ainda estar perto das pias.

O rosto dela estava atento, com o se quisesse avaliar a expressão de Paradise. Paradise enfrentou os intensos olhos azuis esverdeados sem hesitação ao se aproxim ar para lavar as m ãos na água m orna e sabonete com fragrância de lim ão.

– Na verdade, invej o você – viu-se m urm urando ao conferir o próprio reflexo no espelho.

Nenhum a m aquiagem e as luzes fluorescentes não eram um a boa com binação quando não se dorm e quase nada em quarenta e oito horas – depois de ter passado por um a tortura organizada.

– Por que você não faz o que tem vontade? – a fêm ea perguntou.

– Com o é que é?

– Se gosta de garotas.

– Ah, não. – Pensou na sua reação a Craeg. E depois se deliciou com algum as im agens m entais da m ão dele se m exendo debaixo do lençol. – Não, não. Gosto

de m achos.

Novo deu de om bros e se endireitou.

– Dá na m esm a. Por que você não faz o que tem vontade?

Paradise encarou o reflexo e pensou em sua linhagem .

– É um a história longa e entediante.

– Histórias longas que as pessoas não querem contar nunca são as entediantes.

Ante a m udança do tom , Paradise desviou seu olhar. Novo estava olhando para a porta do banheiro, o corpo forte enrij ecido, as m ãos apertando a beirada da bancada da pia com tanta força que as j untas estavam brancas.

– O que aconteceu com você? – Paradise sussurrou.

Novo despertou do “transe” e voltou ao presente.

– Nada que ainda sej a im portante. Vam os para a sala de pesos agora, correto?

– Foi o que disseram ?

– Foi.

Paradise devia estar prestando atenção em Craeg ao sair da sala.

– Estou m eio distraída.

– Você está bem . Jogue um pouco de água fria no rosto. Vai te aj udar…

Sem pre dá certo com igo.

Paradise observou a fêm ea sair… e depois abriu a torneira de água fria.

Podia tentar.

Talvez isso tam bém esfriasse a sua libido.

Capítulo 24

SENTADO À ESCRIVANINHA NO ESCRITÓRIO DE TOHR, Butch levantou a

com prida chave de m etal pela ponta em que estava a borla verm elha… e deixou-a cair no m ata-borrão. A gravidade a fez cair com um sólido *tum*. Com um a im precação, pegou-a, suspendeu-a pela outra ponta… e deixou que ela caísse. E m ais um a vez. De novo.

– Você está pronto?

Levantou o olhar para Tohr, que se inclinara para dentro pela porta de vidro.

– Estou, sim . Quem vai m andar prim eiro?

– Axwelle. Im aginei que seria bom com eçar a avaliação com quem tem m aior probabilidade de ser considerado um sociopata.

– Perfeito. – Virou-se para o com putador, apertou alguns com andos e acionou a câm era escondida. – Tire-o da academ ia.

– Entendido.

Quando a porta de vidro se fechou, Butch viu seus dedos m exendo na chave com borla um a vez m ais. Não quis contar a Marissa, m as para ele e para V. estava bem claro o que era aquela coisa. O problem a? Quando nada apareceu na internet, V. foi atrás das suas conexões no subm undo vam pírico… m as nada veio

à tona nos clubes e grupos de sexo.

Um a chave para fazer você entrar e m andar ver. Por assim dizer.

Costum eiram ente, Butch se perguntaria se as pessoas não estariam escondendo algum a coisa ou m entindo, m as V. era um m em bro legítim o do m aravilhoso m undo das perversões; além do m ais, o Irm ão não se furtaria em usar um pouco

de força para extrair inform ações, caso fosse necessário.

Mais um m otivo para os dois serem próxim os.

Por isso, o que m ais aquilo podia ser? Onde m ais ele poderia…

O som de um a batida no vidro fez com que ele levantasse a cabeça e gesticulasse.

– Oi, cara. Venha, sente-se.

Quando Axwelle entrou, o cara fez um m ovim ento com o se estivesse acostum ado a enfiar as m ãos nos bolsos dianteiros dos j eans, m as não pôde seguir o im pulso com aquele uniform e folgado.

– Posso ficar de pé?

– Não. – Butch apontou a cadeira do lado oposto da m esa. – Sente-se. E isso não é um a sugestão, é um a exigência.

Tinham que garantir que o rosto do *trainee* ficasse de frente para a câm era no canto superior atrás dele.

Axwelle – ou Axe, com o se apresentava – cruzou os braços sobre o peito e sentou-se na cadeira.

– O que foi?

– Só quero conversar um pouco com você. Para te conhecer m elhor. – Butch franziu o cenho e curvou-se para a frente em sua poltrona. Depois suspendeu a chave pela borla verm elha. – Reconhece isto?

– Não.

– Então por que seus olhos se fixaram nela?

– Porque está na sua m ão, e você não está segurando m ais nada. E tam bém porque não tem nada sobre a m esa.

Butch segurou a borla entre o polegar e o indicador e deixou que o obj eto balançasse com o um pêndulo, de um lado a outro.

– É o único m otivo, certo?

– Pareço alguém que se ocupa com chaves?

– Com o sabe que é um a chave?

Os olhos quase tão am arelos quanto os de Phury se fixaram nele sem vacilar.

– O que m ais pode ser?

– Diga-m e você.

– Pensei que isto aqui seria para m e conhecer m elhor. Que porra essa coisa que pode ser um a chave tem a ver com o m eu traseiro?

Butch estudou o rosto do garoto, procurando por indicadores. Hum . Sabe, sem as tatuagens e os *piercings*, ele até poderia ser bonito. E tam bém podia ser um bom j ogador de pôquer, considerando-se a m áscara im passível que apresentava.

Axe aproxim ou o rosto da chave.

– Ainda estou olhando para esse troço. Está adiantando algum a coisa pra você?

Butch dem orou-se o quanto quis antes de m udar de assunto. Um a coisa a respeito de m entirosos… O silêncio e a im obilidade eram as m elhores arm as para enfrentar suas m entiras, e ele ficou procurando por tiques nervosos, piscadas, repuxadas.

No fim , sorriu.

– Já viu alguém m orrer?

Aquilo não estava na lista de perguntas feita por Mary para que ele avaliasse o estado psicológico de um *trainee*. Mas ele era bom nessa coisa de im proviso.

– O que está sugerindo?

Pensar em sua Marissa chorando por causa daquela fêm ea o deixou m ais agressivo que um touro, m as ele afrouxou um pouco.

– Só estou perguntando. – Desviou o olhar para a chave para dar ao m acho um pouco de “espaço pessoal”. – É um a m aneira de te conhecer m elhor, não? Para quebrar o gelo, que é com o cham am quando duas pessoas vão a um encontro às cegas e têm que sustentar um a conversa.

– Quer saber se j á m atei alguém .

– Essa não foi a pergunta, foi? Perguntei se j á presenciou um a m orte.

Quando não houve nenhum a resposta por um tem po, Butch levantou o olhar. Axe não estava m ais olhando para a chave. O cara estava com o olhar vidrado e

perdido no espaço vazio entre os dois.

Te peguei, Butch pensou.

Suavizando a voz de propósito, m urm urou:

– Quem era, Axwelle?

– Não m e cham e assim .

– Por quê? É o seu nom e, não?

– Não atendo por ele.

– Por quê?

Um olhar raivoso fuzilou Butch.

– Porque não, tá bom ?

– Tudo bem , voltando à Dona Morte. Conte-m e a história.

– Vá se foder.

Em qualquer outra circunstância, Butch teria avançado sobre a m esa e

agarrado o filho da m ãe pelo colarinho por esse tipo de com portam ento, m as seu

obj etivo era m uito m aior ali.

– Hum m m – foi só o que ele disse.

Axe se largou com tudo no assento da poltrona, e voltou a cruzar os braços.

Quando os om bros se avolum aram , foi difícil não aprovar a m ontanha form ada

por todos aqueles m úsculos. Força bruta sem cérebro e total ausência de traços

psicóticos, contudo, não lhes faria bem algum .

– Posso ir agora? – Axe perguntou.

– Não, filho, não acredito que possa. E antes que fique todo nervosinho, vou deixar claro que este m aravilhoso tem po j untos que estam os com partilhando é o prim eiro de pelo m enos três sessões.

– Você é terapeuta?

– Porra, não, está brincando? – Gargalhou. – Orgulho-m e da m inha pequena porção de loucura, pra ser sincero.

Afinal, ele era verdadeiram ente religioso, depositando sua fé e o curso de sua vida de livre e espontânea vontade nas m ãos de um sistem a de crenças que não era concretam ente verificável. E isso era loucura, certo?

Pensando bem , o fato de a religiosidade enriquecer sua essência m ortal, centrá-lo e dar-lhe significado m esm o depois de ter sido “transform ado” num a espécie diferente era prova suficiente para ele.

Encolhendo os om bros, disse:

– A única form a de você sair deste escritório é m e contar o que aconteceu. Assim que o fizer, estará livre para voltar para a academ ia e levantar quantos quilos quiser até seus j oelhos não aguentarem m ais ou você com eçar a vom itar.

Você m al pode esperar, concorda?

Craeg achou que ficar sentado atrás de Paradise na sala de aula era tortura?

Aquilo não se com parava a vê-la fazendo barra suspensa.

Do outro lado do tatam e, e acom panhando o ritm o dos pesos dos equipam entos, Paradise suspendia o corpo de m aneira perfeita até que o queixo chegasse à barra e depois soltava… Subia… e descia. Os j oelhos estavam dobrados em paralelo ao chão, o traseiro estava dolorosam ente contraído (para ele, não para ela, evidentem ente), e o tronco em total controle, da pelve até os om bros.

Toda vez que ela chegava à parte inferior, os seios se delineavam na cam iseta folgada que todos eles usavam …

– Cacete – resm ungou ao se encostar no banco e segurar a barra acim a da cabeça.

Suspendendo duzentos quilos do suporte de ferro, abaixou o peso até o peitoral e em purrou para cim a com o se a coisa tivesse insultado sua falecida m ãe.

– Quer um apoio? – Novo perguntou.

Quando ele só grunhiu de volta, ela se posicionou atrás da cabeça dele, m antendo as m ãos pouco abaixo da barra quase se curvando.

– Três… – Ela contou. – Mais dois. Um … ótim o. Você conseguiu.

Quando o aj udou a guiar a carga de volta ao apoio, ele largou os antebraços sobre o peito e inspirou fundo.

Novo alinhou a vista com a dele.

– Acho que você precisa de um a pausa.

– Porra, nem pensar.

– Não, estou falando sério.

– Consigo pelo m enos m ais um as quatro séries.

– A sua resistência não é o que m e preocupa. – Com isso, seus olhos deslizaram até o quadril dele. – Não que eu não estej a apreciando a vista. Só não sei bem o que o alvo virginal das suas atenções vai achar disso.

Craeg levantou a cabeça. Depois se sentou rapidam ente.

Novo riu.

– Pois é, por que não vai cuidar disso e volta m ais tarde?

– Cacete – sibilou ao se levantar.

Marchando pela academ ia, relanceou a vista para o Irm ão Vishous.

– Preciso ir ao banheiro.

Vishous sorriu, som brio.

– É, precisa.

Abrindo cam inho até o corredor, im aginou se todos tinham notado sua ereção.

A única boa notícia? Paradise parecia alheia. O que significava que ou ela era incrivelm ente boa em esconder em oções, o que ele duvidava, ou ela não fazia a m ínim a ideia desse seu pequeno problem a, que era o que ele esperava.

E, nesse caso, ele era ainda m ais sem noção.

Em purrou a porta do vestiário m asculino com tanta força que teve que segurá-la para que não ricocheteasse em sua cara.

– Não, não, *não*.

Andando com as m ãos no quadril, percebeu que nunca deveria ter tom ado da veia dela. A troca de sangue criara um a espécie de conexão entre eles de form a que ele estava ciente de cada m ovim ento que ela fazia em todos os m om entos…

E sabe com o isso era registrado?

O Cara Alegrinho ficava todo anim ado com a possibilidade de ela lhe estender a m ão.

Isso. Jam ais. Aconteceria.

Mais passos. Mais xingam entos.

Ainda duro.

– Porra do caralho! – exclam ou.

Sim, por favor, seu pau respondeu de pronto.

Por um instante, todo tipo de fantasia passou pela cabeça dele: bater na coisa com um livro pesado, deixar cair um bloco de cim ento em cim a dele. Portas de carro, m artelos, toras…

Aquilo não podia estar acontecendo. A parte m ais difícil no treinam ento para se tornar um soldado sob a tutela da Irm andade e vingar a sua fam ília… não podia ser um a fêm ea loira. Recusava-se a acreditar nisso.

Não era possível…

Com outro espasm o debaixo do uniform e, a ereção parecia estar rindo dele.

Encarando o quadril com raiva, berrou:

– Fique quieto, idiota.

Capítulo 25

BUTCH OBSERVOU CADA UM DOS MOVIMENTOS do garoto. Desde a série

de contrações m usculares sob o olho esquerdo de Axe até a coceira no queixo e o

estalar do pescoço no fim .

– Conte-m e, e eu te deixo ir – repetiu.

Cara, aquilo era m uito m ais fácil de fazer do que quando trabalhava para a

Polícia de Caldwell. Direitos de Miranda?* Ah, até parece. Encarceram ento

involuntário? Blá-blá-blá. Coerção?

Bem , na verdade, ele praticava coerção j á naquela época.

De fato, relem brou o dia em que aquele garoto, Billy Riddle, atacara Beth

antes de ela despencar no m undo dos vam piros, levando Butch com ela. Cara,

gostara de verdade de quebrar o nariz do m erdinha no piso de linóleo da sala de

em ergência. Hum … Tecnicam ente não fora coerção, porque não estivera atrás

de respostas. Fora sim plesm ente revide pelo bastardo ter atacado um a m ulher

absolutam ente inocente num beco para tentar estuprá-la com um am igo.

Sim , claro, porque era realm ente possível lidar com um anim al do tipo sem lhe

encostar um dedo…

Maldito.

Voltando a se concentrar em Axe, Butch m urm urou:

– Estou esperando.

Axe deu de om bros.

– Bote-m e pra fora do treinam ento, faça o que quiser… m as eu não lhe devo satisfações. Você não vai conseguir um pedaço da m inha alm a… Não fez por m erecer.

Parecia lógico, Butch pensou. E era exatam ente o que diria se estivesse sentado naquela cadeira.

Inclinou-se para a frente.

– Cedo ou tarde, antes da sua aprovação final, você vai ter que m e contar.

– Por que se im porta com essa m erda?

– Não m e im porto.

Ora se isso não fez com que o cara arregalasse os olhos.

– Então por que você tá m e perguntando, porra?

Butch plantou os cotovelos na m esa, abriu as m ãos em leque no ar e agitou-as com o quem diz: está na cara.

– Preciso saber com o você vai lidar com isso quando se deparar com a m orte outra vez. É por isso. E um a form a de avaliar um com portam ento futuro é conhecer o com portam ento passado. O que vocês vão vivenciar aqui no treinam ento não é nada com parado ao m undo lá fora. Precisa estar preparado para situações em que não haverá tem po para pensar, quando tudo o que você

vai ter para salvar a sua vida e as vidas das pessoas com quem está lutando são os

seus instintos e a sua vontade de viver. Garanto que, quando chegar a esses

m om entos, a últim a coisa que vai querer é travar. Quanto m ais exposto ao

traum a, m ais endurecido vai ficar e m ais seguro vai estar. É um a equação de

m erda, m as é a m aldita verdade.

Os olhos de Axe baixaram para as m ãos.

– Volte para a academ ia – Butch ordenou. – Pense nisso. Saiba apenas que

você não tem todo o tem po do m undo. Não vam os desperdiçar…

– Eu m enti.

– O que disse?

O m acho durão, gótico e degenerado inspirou lentam ente.

– Não vi ninguém m orrer. Não sei… com o é. Não sei qual a sensação de

assistir a isso.

A m udança de postura, da m áscara de hostilidade para um a profunda tristeza,

foi surpreendente, m as era assim que sem pre acontecia. Quando alguém cedia,

decidia revelar tudo, tornava-se um a versão diferente de si m esm o, provando

que autopreservação e revelação eram proposições m utuam ente excludentes.

– Então por que você está aqui? – Butch sussurrou. – Conte-m e… Por que nos

procurou?

– Não sei.

– Sim , sabe, sim .

Butch discretam ente verificou se o celular estava no m udo e se o telefone do escritório estava desligado. E quando Tohr reapareceu do outro lado da porta de vidro, m ostrou-lhe a palm a, e o Irm ão recuou.

– Por que está aqui, Axe?

Os m inutos se arrastaram e os pequenos ruídos do escritório pareceram baixar de volum e ainda m ais em sinal de respeito pelo que se passava ali.

– O m eu pai era um zé-ninguém – disse o rapaz com voz rouca. – Não fez nada da vida dele. Era só um carpinteiro para a nossa raça, sabe? Trabalhava com as m ãos, era um artesão. Minha m ãe não quis m ais nada nem com ele, nem com igo… Foi em bora antes da m inha transição. Pouco se fodeu com a gente. Mas o m eu pai, ele ficou. E sem ele, eu teria acabado nas ruas ainda pré-trans, e nós dois sabem os quanto tem po eu teria durado. – A cabeça m etade tatuada e de cabelos escuros sacudiu de um lado para o outro devagar. – Não fui… bom , sabe? Nunca fui. Mas acho que ele não foi em bora porque não havia m ais ninguém .

Butch não se m exia, não produzia um som . Caso interrom pesse, era capaz que o m acho se lem brasse de que estava falando, em vez de revivendo sua vida pregressa interiorm ente.

Ficou bem claro que rum o a conversa estava tom ando.

– Gosto de ecstasy. Gosto de coca. Gosto… de coisas barra-pesada. Há dois anos, m e m eti num a farra. Fiquei sum ido por um a sem ana. Um a noite, o m eu pai tentou falar com igo pelo celular. Me deixou três m ensagens. Eu estava tão drogado que fiquei irritado com ele. – A voz grave falhou. – Fiquei… irritado.

Quando Axe parou de falar, a tristeza em seu rosto era arrasadora.

– O que você fez, filho? – Butch perguntou com suavidade, porque não conseguiu se conter.

Axe pigarreou algum as vezes. Esfregou debaixo do nariz com o se as lágrim as que refreava estivessem incom odando aquele ponto.

– Apaguei as m ensagens. – Algum as tossidelas. – Apaguei… todas as m ensagens sem ouvir.

– E depois?

– Eles o m ataram . Os *redutores*. Ele estava trabalhando em um a das casas atacadas de um aristocrata. Ele estava… m orrendo quando m e deixou as m ensagens de voz. – Axe balançou a cabeça. – Olhei a lista de cham adas quando descobri o que tinha acontecido e cheguei a essa conclusão.

Butch fechou os olhos por um segundo.

– Sinto m uito, filho.

– Não fiquei sabendo assim que aconteceu… Acho que o filho de um dos outros trabalhadores foi lá e encontrou todos… O cara, quem quer que tenha

sido,

cuidou… de tudo. Quando finalm ente voltei pra casa – uns três dias depois, sabe?

– havia um bilhete afixado na porta. Alguém ligara lá pra casa e deixara recados,

e com o ninguém retornou as ligações, eles colocaram … colocaram o bilhete.

– Brutal. Pra cacete.

– Guardei o bilhete. – Axe fungou e balançou a cabeça. – Ainda tenho o papel

que deixaram . Os restos ainda estão na propriedade… Acho que a casa está nas

m ãos dos hum anos agora…

– Você os quer de volta?

– Não sei. Não. Acho que não. Só m ais um a m aneira de ser um m au filho,

não?

– Onde está a sua m ãe?

– Fiquei sabendo que ela se m udou, se casou com um ricaço e está

aproveitando a vida. Não sei… Não estou nem aí. – Quando ele levantou a

cabeça de repente, seu rosto voltara à expressão anterior, abafando todas as

em oções da m esm a form a que expulsam os um invasor. – Então, não. Nunca vi a

m orte de perto. Essa é um a virgindade que não perdi. Posso ir agora?

Butch sentia que deveria dizer algo profundo. Mas o que Axe queria m esm o,

m ais do que qualquer palavra de apoio, era sair.

– Sim . Pode.

A cadeira rangeu desagradavelm ente quando raspou no piso de concreto ao ser em purrada com força para trás, e Axe logo disparou para a porta. Antes de abri-la, porém , parou. Olhou por cim a do om bro.

– Com o ela é?

– A m orte? – Quando o outro assentiu, foi a vez de Butch inspirar fundo. – Tem certeza de que quer saber esse tipo de m erda?

– Você disse que eu precisava da exposição.

Touché, ele quis dizer. Em vez disso, Butch visualizou o m acho voltando para a casa m odesta em que m orava sozinho e bebendo até cair, ou cortando os pulsos. Ou m orrendo de overdose. Ou pulando de um a j anela.

Não seria um a conclusão precipitada, considerando-se o tam anho da dor que havia por baixo de todas aquelas tatuagens e m etais.

– Quero que se m ude para cá. – Butch esfregou o grande crucifixo de ouro através da cam isa. – Craeg vai ficar conosco, você tam bém precisa.

– Epa, preocupado que eu m e enforque no chuveiro?

– Exato. – Quando Butch o fitou por cim a da escrivaninha, as sobrancelhas castanhas do cara se ergueram de novo. – Você vai ficar aqui, Axe. É m ais seguro, você estará protegido e poderá se concentrar no que precisa fazer.

Claro que haveria discussão. Caras com o ele sem pre…

– Ok. Mas vou precisar de um a ou outra noite livre de vez em quando para… Você sabe.

Interessante, Butch pensou. Então o pobre FDP tinha consciência, em algum nível, das m erdas que passavam pela sua cabeça… e estava com m edo.

– Precisa afogar o ganso, é? – Butch com entou.

– É.

– Não te culpo. E pode com binar com algum dos *doggen* pra te levar de carro e depois te trazer. Não será um problem a.

– Então… Com o ela é?

Butch se calou e viu algum as cenas – im agens horríveis e repulsivas – repassando em sua m ente. Por um instante, perguntou-se se deveria seguir essa linha com o garoto, m as reconheceu que a verdade era algo que precisava ser dito, m esm o se fosse terrível. *Especialmente* se fosse terrível.

E precisava ser revelada para qualquer um que quisesse se envolver naquela guerra.

Se Axe não conseguisse dom inar seus dem ônios, a pior coisa que podia ser feita para o bem de todos era lhe entregar um a adaga e um a arm a e o m andar para os becos de Caldwell.

Butch deu de om bros.

– Eu era um detetive de hom icídios na polícia dos hum anos – não pergunte –, por isso vi m uitas m ortes. Respondendo à sua pergunta, depende de quanto tem po

antes aconteceu e com o aconteceu. As m ais recentes… ainda m ais as

violentas… podem ser um a sangreira só. Partes do corpo não gostam de ser

cortadas, apunhaladas ou cerradas em seções, e expressam sua raiva vazando

sangue por todo o lugar. Santo Deus, som os constituídos por uns setenta por cento

de líquido ou algo em torno disso? Você aprende que isso é um a m aldita verdade

quando chega a um a cena fresca. Poças de sangue. Pingos. Esguichos. E

tam bém as roupas m anchadas, tapetes, lençóis, paredes, pisos… ou, se é algo

externo, a terra, o concreto, o asfalto. E tam bém tem o cheiro. Sangue, suor,

urina, outras m erdas. Essa m istura de fedores im pregna o nariz por horas e horas.

– Balançou a cabeça de novo. – Nos casos m ais antigos… o cheiro nauseabundo

é pior do que a suj eira. Mortes por afogam ento, por causa do inchaço, são

sim plesm ente horrendas. E se o gás ali preso se solta? O m au cheiro te faz

desm aiar. E sabe, não sou m uito fã dos queim ados tam bém . Quero dizer, você

até poderia pensar que não som os diferentes dos outros m am íferos. Carne assada

é carne assada e ponto. Mas nunca vi um hom em adulto vom itar seu café da

m anhã diante de um filé m al passado. – Butch voltou a se concentrar no m acho.

– Quer saber o que eu m ais detestava?

– Quero.

Apontou para a cabeça.

– O cabelo. O cabelo… Deus, o m aldito cabelo, ainda m ais se fosse de um a m ulher. Em aranhado com sangue, terra, pedriscos… todo desgrenhado e torcido, esparram ado sobre a pele acinzentada. Quando não consigo dorm ir à noite, é o que eu vej o. Eu vej o os cabelos. – As m ãos autom aticam ente com eçaram a se esfregar. – É preciso usar luvas, sabe… para que suas digitais não fiquem em nada, não deixem nenhum vestígio seu para trás. No com eço elas eram de látex, m ais tarde passaram a ser de borracha nitrílica. E, às vezes, ao m anusear um corpo, o cabelo grudava nas luvas… e era com o se ele quisesse m e pegar, sabe? Com o se… se pudéssem os nos contam inar com a m orte de algum a m aneira. –

Balançou a cabeça. – Aquelas luvas eram finas pra cacete. Não funcionavam .

Axe franziu o cenho.

– Por que tinha que usá-las, então?

– Não, não, elas funcionavam com as digitais, entende? Mas eu sem pre deixava um a parte m inha para trás com todos aqueles cadáveres. Cada um deles… tem um pedaço m eu.

A começar com a minha irmã, ele pensou. E, para ser bem preciso, ela pegara a m aior parte dele.

Houve um silêncio dem orado.

– Você esteve no m undo hum ano? – Axe perguntou. – Quero dizer… você faz

parecer que era…

– Sim , um tem po atrás. Agora… sou outra coisa. – Butch pigarreou. – Vá em frente. Pode sair. Precisa se exercitar. Você, eu e o Craeg vam os pegar as suas coisas, e talvez aj ude se você estiver no carro com aquele cabeça-dura. Acho que vou ter que lutar para im pedi-lo de pular do carro e sair correndo.

– Tranquilo. Tudo bem .

– Lam ento m uito pelo seu pai. E ele não era um zé-ninguém . Cuidar de você fez com que ele contasse.

Axe se virou e parou de novo, com o se estivesse tentando se fortalecer. Em seguida, em purrou a porta e saiu para o corredor, logo desaparecendo.

Quando a porta de vidro voltou a se fechar silenciosam ente, Butch ficou olhando para a frente. Não tivera a intenção de revelar tanto para o m acho. Nunca falava disso com ninguém .

Apoiando a cabeça nas m ãos, inspirou fundo algum as vezes… e rezou a Deus para que nenhum a das outras entrevistas fosse com o aquela.

Nos Estados Unidos, aquilo que é dito a um suspeito no m om ento em que ele é detido pela polícia (“Você tem o direito de ficar calado…”). (N. T.)

Capítulo 26

PARADISE FINALMENTE DEIXOU OS PÉS caírem no tatam e, m as continuou

com as m ãos na barra. Seus pulm ões ardiam , os om bros e os bíceps gritavam , e

havia um fio de suor descendo pelas suas costas por baixo do sutiã esportivo. O m ais legal, porém , era que tinha descoberto que a sensação de tontura passaria rápido, e logo poderia com eçar outra série.

Relanceando os olhos na direção de Pey ton, viu que ele estava na esteira e ficou im pressionada. Corria com o um m orcego saído do inferno, o corpo estava

em perfeita form a, a cabeça erguida, os olhos desfocados, porém alertas. Nunca o rotulara com o um atleta, m as, pensando bem , ele só se dedicara a levantam ento de tragadas.

A pergunta era, onde estava…

– Ei.

Quando Novo se aproxim ou, Paradise sorriu.

– Bom trabalho com aquelas abdom inais. Fez quantas, um as quinhentas?

– Na verdade, foram 582. Escuta só, o Craeg acabou de sair. Parecia m eio perturbado. Pensei que talvez você pudesse aj udá-lo com o problem a dele.

Paradise foi para a porta, m as parou.

– Não sei… Quero dizer, eu m al o conheço.

– Alguém de nós conhece? E tenho quase certeza de que é com você que ele quer falar.

– Por quê?

– Ah, é só um palpite.

– Hum … Ok, obrigada.

Seguindo para a saída, voltou o olhar para o Irm ão Tohrm ent.

– Posso ir ao toalete um instante, por favor?

– Pode ir, Paradise.

Saindo para o corredor, olhou para a direita e para a esquerda, esperando encontrar Craeg andando de um lado para o outro ou sentado no chão. Nem sinal dele. O corredor estava deserto.

Seu corpo arej ou-se com eficiência à m edida que ela seguia até o vestiário m asculino. Inspirando, captou o cheiro do m acho… E, sentindo um a salpicada de algo m ais, bateu à porta de m etal.

– Craeg?

Quando não obteve resposta, em purrou um pouco a porta e não viu nada a não ser um a parede de concreto. Prosseguindo, ela cam inhou até chegar a um espaço am plo onde se situavam todos os arm ários. Uau. Tinha dez vezes o tam anho do vestiário fem inino, m as sem os sofás e os lugarzinhos confortáveis para se sentar e arrum ar o cabelo e a m aquiagem . Presum indo-se que fosse necessário.

Cara, estava tão nervosa que ficava dizendo tolices para si m esm a.

Aquele era outro nível.

– Craeg? – cham ou um pouco m ais alto.

Ouviu o som de água corrente. Num a pia, não no chuveiro, e pigarreou.

– Craeg!

– Mas que porra!

E depois m ais im precações até ele vir m archando de outra seção dentro do vestiário. Água escorria do rosto dele e das m ãos, a cam iseta estava m olhada no colarinho.

– O que está fazendo aqui? – ele exigiu saber, passando a palm a pelo cabelo m olhado, alisando-o para trás.

Deus, os olhos dele eram incríveis, tão fundos e de um azul m uito claro. E os om bros dele eram tão am plos. E o peito…

– Novo disse que você precisava de aj uda.

– Novo disse o quê?

– Ela m e disse que você…

– Não, não. – Cortou o ar com a m ão com o se estivesse apagando a pergunta.

– Por que ela… – Craeg parou. Depois resm ungou algum a coisa parecida com "vou chutar o traseiro dela".

– Por quê? – Paradise franziu o cenho. – Você está bem ? Precisa se alim entar um pouco m ais ou…

– Não. – Ele apontou um dedo para ela. – E nunca m ais com você. Nunca.

Paradise se retraiu.

– Com o é que é?

– Você m e ouviu. – Sacudindo a cabeça e andando de um lado para o outro num círculo fechado, ele se concentrou no piso de azulej os. – Agora, pode m e dar licença e sair daqui…

– Tenho tanto direito de estar aqui quanto vo…

Ele a encarou.

– Você está no vestiário m asculino. Portanto, a m enos que tenha crescido um a vassoura em você da noite para o dia, na verdade você *não* tem tanto direito quanto eu.

Ela abriu a boca. Fechou.

Estava para sair quando ele se virou na direção dela.

E foi nesse instante que ela viu qual exatam ente era o "problem a" dele.

Na m esm a hora, seu corpo reagiu. Ele parou de pronto e olhou para ela, e ficou m uito, m as m uito claro que percebera a sua excitação.

Um a derrota curiosa, um a que parecia absolutam ente contrária à personalidade dele, form ou-se em seu rosto e pendeu seus om bros.

Fitaram -se por m uito tem po.

– Você não precisa dizer nada – ela sussurrou. – Sei que não quer nada disso. Sei que a hora é péssim a. Sei… que a últim a coisa que qualquer um de nós precisa é de um fator com plicador. Mas passei o dia inteiro pensando em você. E

o que de pior pode acontecer? Os nossos corpos querem … o que querem .

Dessa vez, quando a m ão dele afastou os cabelos, estava trem endo. Da parte dela, eram as pernas que trem iam , os braços, o tronco. O conj unto todo, com o diriam .

Craeg aproxim ou-se dela devagar, com o se lhe desse tem po para que m udasse de ideia, que recuasse, que saísse. Isso não aconteceria. Ficou exatam ente onde estava, inclinando a cabeça para trás para poder encontrar os olhos dele.

– Se eu te beij ar – ele rosnou –, não vai ter volta. Posso não te foder aqui, agora m esm o. Mas eu vou te com er por trás na prim eira oportunidade que surgir.

Ela ficou com a sensação de que ele falava com tam anha vulgaridade para que ela reconsiderasse e, por um a fração de segundo, foi o que ela fez, m as não por ele ter usado a palavra com eçada com “f”. Isso só a excitou ainda m ais.

Não, a sua consciência bem treinada pela *glymera* se apresentou e berrou, toda aquela m oralidade e expectativa e as regras se apressando em sua cabeça, am enizando a luxúria. Se perdesse sua virgindade para qualquer um , seria um problem a, m as oferecê-la a um plebeu? Estaria m aculada pelo resto da vida. Não poderia se vincular a ninguém . Um a fonte de vergonha para seu pai, sua linhagem , sua classe.

Por outro lado, tirando alguém com o Pey ton, ela tinha quase certeza que, de qualquer form a, nenhum m acho “apropriado” a iria querer depois de ela ter

passado por aquele program a do centro de treinam ento. Mesm o que nunca lutasse na guerra, aquele tipo de aprendizagem não era condizente com a educação de salão de baile que as fêm eas deveriam receber.

A solução, supôs, era j am ais se vincular.

Quando esse pensam ento a acom eteu, um alívio intoxicante atravessou-lhe o corpo todo, um a sensação de estado de espírito renovado tão poderosa que ela sentia um a necessidade de pular – e foi nessa hora que ouviu a voz de Novo dizendo:

Por que você não faz o que tem vontade?

Enfrentando o olhar sensual de Craeg, m aravilhou-se em ver que a solução m ais fácil era, de algum as m aneiras, a m ais difícil. Mas, se nunca se vinculasse a um com panheiro, então estaria livre para tom ar suas decisões de um m odo antes inim aginável.

E foi com base nessa força que ela tom ou sua decisão.

Paradise recuaria.

Pairando acim a da fêm ea, Craeg sentiu isso em seus ossos. Apesar de sua excitação, ela recobraria a sensatez e os pouparia de m uitas dores de cabeça. Ela o m edira da cabeça aos pés, aquele seu corpo im enso e a ereção violenta, e entenderia que não desej ava com plicações nem o estresse…

Com um a elegância de m ovim entos que o aterrorizou, ela levantou as m ãos e as colocou sobre seus om bros… – não, sobre os peitorais, porque não era tão alta assim . Quando ela inclinou a cabeça ainda m ais para trás, ele ficou m om entaneam ente atordoado com a perfeição com que as horríveis luzes fluorescentes em butidas no teto atingiam as feições delicadas e os fios loiros que escapavam do cabelo preso e as linhas da clavícula.

– Beij e-m e, então – ela disse.

Nos recessos de sua m ente, Craeg ouviu o som de dois cam inhões se chocando de frente.

Cacete. Não havia volta.

Praguej ando, fechou os olhos. Cam baleou. Percebeu que aquilo estava m esm o para acontecer.

Voltou a abrir os olhos e esticou a m ão para tocar nela. De repente, teve um m om ento desconcertante, com o se não soubesse m uito bem onde colocar as m ãos. Nos om bros dela? Na lateral do pescoço? No rosto?

O sexo em sua vida sem pre fora rude e rápido, o tipo de m erda que se faz com um a hum ana ou fêm eas vam piras que não se im portam para quem abrem as pernas. Paradise era o oposto de tudo isso, e esse era o problem a. Por m ais que a desej asse, queria agir corretam ente com ela.

Ora, ora, vej a só quem , de repente, tornou-se um cavalheiro?

Com as m ãos trêm ulas, acabou am parando o m axilar dela com as pontas dos

dedos e, quando seus lábios se abriram , ele inclinou a cabeça de lado e dim inuiu

a distância entre as bocas.

Quase.

Com um m ero m ilím etro de antecipação separando-os, ele sussurrou:

– Últim a chance.

– Estou esperando.

Então, beij ou-a.

O gem ido que ele em itiu foi um a com binação de apetite extrem o e subm issão

e, lá no fundo de sua m ente, tornou-se vagam ente ciente de que havia um novo

cheiro perm eando o ar, um a parte intrínseca ao calor entre eles, m as tam bém

um a revelação.

Tanto faz, ela era suave e doce, hesitante e forte. Tudo o que ele im aginara que

seria.

Esfregando a boca sobre a dela, estendeu a língua e abriu cam inho para

dentro. E foi nesse m om ento que toda aquela baboseira de se refrear voou pela

j anela – com um ím peto, envolveu-a nos braços e a puxou com força para j unto

do seu corpo, deixando que ela o sentisse… Inclusive no quadril, onde, apesar dos

dois orgasm os que provocara a si m esm o num a das baias antes que ela entrasse,

ele estava em ponto de bala.

Ah, Deus, ela era tão m enor do que ele, m as seus seios se pressionaram contra seu peitoral, e ela m udou o peso do corpo, apoiando-se nele…

Ele sabia que era ela quem estava no com ando.

Beij aram -se longam ente, e não chegava nem perto de bastar, m as algum alarm e interno disparou bem alto para interrom per aquele rugido do seu desej o pelo sexo dela.

Recuando, sentiu um a onda de orgulho m asculino atravessá-lo ao vê-la corada, a boca aberta, a respiração entrecortada.

Tentou pensar em quando a encontraria sozinha, com o poderiam ter algum a privacidade, onde poderia ser.

– Qual o núm ero do seu telefone? – perguntou com voz gutural.

Depois que ela lhe disse, olhou ao redor.

– Você precisa anotar?

Até parece. Os sete núm eros estavam tatuados no seu cérebro.

– Eu te ligo. – Outro m otivo, além do m aldito sol incinerador, pelo qual estava grato por se m udar para ali: ele não tinha telefone. – Às sete da m anhã.

– Para m arcarm os de nos encontrar? Não posso sair durante o dia. O m eu pai m e m ataria… E não tenho com o sair às escondidas. Ele saberia na m esm a hora.

É, ele se lem brava com o era viver com um a fam ília num a casa pequena.

Craeg a beij ou na boca um a vez. Duas.

– Apenas atenda ao telefone.

– Estou contente que queira conversar.

– Não estou atrás de conversa. – Deixou seu olhar cair do pescoço para os seios. – Vou te ensinar algum as coisas.

– Com o o quê?

Dobrando-se na cintura, ele esfregou o nariz na garganta dela.

– Sabe a dor que está sentindo agora? Essa no m eio das suas pernas?

– Sei… – ela sussurrou.

– Vou te m ostrar com o cuidar dela sozinha. E você vai m e fazer gozar quando eu ouvir o som disso. – Endireitou-se e recuou um passo, apontando para a saída com a cabeça. – Vá. Antes que alguém te encontre aqui dentro.

Não havia m otivos para pôr a vaga dela em risco. Não existia nenhum a regra quanto a não se confraternizarem que ele tivesse lido no form ulário de inscrição, m as fala sério… Era m elhor m anter *aquilo* em segredo.

– Vai lá – ele repetiu quando ela não se m exeu.

Ela sim plesm ente ficou ali com os olhos arregalados e repletos de excitação.

Merda, ele só conseguia pensar em tom á-la ali m esm o, naquele instante, de pé, com as pernas dela segurando-o pela cintura, seu pau enterrado tão fundo nela que ele teria que lutar para não desm aiar.

– *Vá, Paradise.*

Por fim , ela se virou. Pouco antes de ela fazer a curva na partição de concreto antes da porta, ele grunhiu:

– Atenda ao m aldito telefone.

– Pode deixar – ela disse. – Assim que ele tocar.

Agora sozinho, Craeg fechou os olhos. E ficou se perguntando com o é que conseguiria aguentar até lá.

Capítulo 27

TRÊS HORAS MAIS TARDE, Craeg estava sentado no banco do carona de um Hum m er. Quase caindo para fora da j anela seria um a m elhor descrição. Enquanto Butch o levava j unto com Axe para fora da garagem subterrânea do centro de treinam ento, Craeg estava dobrado na direção do para-brisa, tentando com preender o borrão do cenário.

– O tem po está ruim ? – Axe perguntou do banco de trás.

– Não – o Irm ão respondeu quando chegaram a um enorm e e elaborado sistem a de portões, algo saído do *Jurassic Park*, com um a altura de seis m etros de concreto e im ensas barras de m etal e barricadas com eletricidade percorrendo-as.

Sim , porque a Irm andade j á provara com o adorava coisas chocantes.

Craeg sacudiu a cabeça.

– Cara, vocês não vacilam com a segurança, não é m esm o?

– Não.

Conform e progrediam em m eio ao terreno densam ente arborizado,

aproxim aram -se de um a série de pontos de controle que foram ficando cada vez

m enos dificultosos e tecnológicos. O últim o não passava de algo que se

encontraria num a fazenda abandonada, um a coisa instável e “velha” m ontada ali

j ustam ente com o propósito de parecer isso m esm o.

Tão inteligente.

Quando Butch por fim saiu em um a clareira e virou à esquerda num a estrada

pavim entada, o estranho borrão na paisagem m agicam ente sum iu. Mas o

estranho era que a visão de Craeg se focalizara, m as seu senso de orientação,

não. Estariam indo para o oeste? O leste?

– Sabe onde m oro, claro – Axe m urm urou.

Butch lançou um olhar seco pelo espelho retrovisor.

– Não, claro que não.

O traj eto para sabe-se lá onde durou 45 m inutos, e só o que Craeg percebeu da

viagem era o pouco que conhecia de Caldwell. Tendo passado sua vida pré-trans

em casa com a m ãe, não tivera m uitas oportunidades de sair depois da transição,

porque os ataques aconteceram apenas seis m eses depois. Após a carnificina,

depois que testem unhara a m ãe e a irm ã m orrerem e seguira em frente para

descobrir em prim eira m ão com o fora a m orte do pai, passara por um período de intensa loucura… para, em seguida, sossegar num esquem a entorpecido de trabalho que pagava suas contas e possibilitava que ele encontrasse um abrigo longe da casa dos pais.

Não retornara lá desde que acertara tudo, enterrando as fêm eas da sua linhagem j unto com os restos de seu pai, que ele trouxera da casa dos aristocratas.

Deus, seu pai. Am ara o cara. E descobrir que o m acho de tanto valor m orrera porque um punhado de tipos da *glymera* o trancaram para fora do quarto seguro, j unto com todos os criados e trabalhadores de lá?

E as pessoas se perguntavam o m otivo de ele odiar aqueles desgraçados cheios da grana.

– Quer que a gente espere aqui, Axe? – Butch perguntou.

Craeg voltou ao presente e viu que tinham parado diante da casa de João e Maria. Foi a única com paração que conseguiu arranj ar. Sob a ilum inação dos faróis do Hum m er, o chalé era singular com o um cartão postal, todo branco com um teto pontudo e arabescos de m adeira sob o beiral tão intrincado quanto um a renda.

– Você… – Craeg disse sem esconder a surpresa – cresceu *nisso* aí?

– Foi. – Axe abriu a porta. – Algum problem a?

– Deixa pra lá, a gente vai entrar com você – Butch anunciou ao desligar o m otor. – Só porque quero dar um a olhada nos figurinos Hum m el.

Craeg ia ficar no SUV, m as depois desistiu; afinal, caram ba, o que m ais tinha para fazer para passar o tem po?

Axe os levou até a porta lateral, que destrancou com um a chave de cobre.

Quando entrou, um alarm e disparou, m as não durou m uito porque ele o silenciou

inserindo um a sequência num érica num teclado afixado na parede.

Quando o cara acendeu as luzes, só o que Craeg conseguiu fazer foi piscar com o um a vaca.

– Santa Maria, m ãe de… – Butch m urm urou.

– Ele achava que ela ia voltar, tá bom ? – Axe ralhou ao j ogar as chaves sobre um a m esa enorm e e espetacular. – Ele fez isso para a m inha m ãe.

Craeg nunca antes vira tantas rosas verm elhas e cor-de-rosa em sua vida: as paredes da cozinha acolhedora estavam cobertas do teto ao chão com um papel no qual flores e galhos verdes, de onde aparentem ente cresciam , predom inavam .

E, vej a só, o acortinado sobre a alcova e ao redor das j anelas da pia da cozinha seguiam exatam ente o m esm o padrão.

– Fiquem aqui – Axe m urm urou. – Já desço com a m inha m aldita m ala.

As passadas firm es do cara ressoaram pela casa, as trovoadas subindo para o segundo andar e depois ressoando pelas vigas acim a.

– Olha só esse trabalho na m adeira – observou Butch, ao passar a m ão na m oldura entalhada ao redor da porta. – Incrível.

Craeg foi até a m esa entalhada e se sentou num a cadeira delicada que o fez desej ar não ter com ido tanto na Prim eira Refeição. Olhando para todo aquele



trabalho artesanal, nas m olduras e portas, nos arm ários e até no peitoril das j anelas, pelo am or de Deus, descobriu que tudo form ava um desenho orgânico que ecoava as trepadeiras do papel de parede, retorcendo e se virando com elegância e beleza ao redor das instalações e entradas e saídas. Com um a cam ada de verniz clara, o bordo, pinho, ou sabe-se lá que m adeira seria aquela, tudo reluzia com o apenas a m adeira m ais nobre poderia.

– O restante dos côm odos só pode ser assim tam bém – Butch disse ao se inclinar para fora da cozinha. – Pois é. Isto é um a obra de arte…

Axe reapareceu com um a m ala de lona preta e um a m ochila.

– Próxim a parada…

– O seu pai fez tudo isso? – Butch perguntou.

– Fez.

– Caralho, ele era m uito m ais do que um m ero nada.

– Podem os ir agora?

– Espere – Craeg interrom peu. – O seu pai era carpinteiro? O m eu era instalador de pisos.

– É?

Houve um a pausa onde os dois cravaram o olhar um no outro.

– Ele m orreu em Endelview? – Craeg perguntou, dizendo o nom e da propriedade que fora atacada naquela noite horrenda.

A expressão som bria de Axe ficou ainda m ais sinistra, de m odo que suas tatuagens pareceram ainda m ais am eaçadoras.

– Foi.

– O m eu tam bém . – Craeg perscrutou o rosto do m acho, perguntando-se quanto ele sabia do que se passara lá. Merda… Foi terrível perceber que m anuseara o corpo do pai do cara. No entanto, outra pessoa se encarregara de notificar os parentes sobreviventes. Seu trabalho term inara ali. – Noite ruim .

– Foi. – Axe pigarreou e desviou o olhar. – Então, podem os ir?

– Não – interveio Craeg. – Fiquem aqui enquanto vou até a m inha casa. Já volto com as m inhas coisas.

– Então não vai levar m uita coisa – Axe com entou.

Craeg se levantou e seguiu para a porta.

– Não possuo m uita coisa.

O Irm ão o cham ou bem quando ele colocou o pé no degrau dos fundos.

– Se não voltar em vinte m inutos, estará fora do program a.

– Eu sei – m urm urou. – Eu sei.

Quando o ônibus freou para parar, Paradise pegou sua m ochila e se preparou

para sair do banco.

– Então, você vem para a m inha casa? – Pey ton perguntou quando se levantou.

– Ainda tem os um as duas horas, pelo m enos, e Anslam vai lá para m atar o tem po com igo.

Abaixando a cabeça só para que ele não notasse o rubor em seu rosto, fingiu procurar o celular, m esm o sabendo exatam ente onde ele estava, no bolso da sua

parca.

– Quero ir para casa para quando o m eu pai chegar.

– Eeeeeeee isso só vai acontecer quando am anhecer – ele observou ao colocar os óculos de lentes coloridas. – Daqui a um as duas horas.

Tá, tudo bem , m as não im portava que horas eram , ela não adm itiria que só o que queria fazer era ficar observando os ponteiros do relógio até que o grande estivesse no doze e o m enorzinho no sete.

– Desculpa, tenho um as coisas para fazer. Você m e liga? – Merda, na verdade, ela não queria que ele ligasse, não naquele dia. – Quero dizer…

– Tudo bem . – Pey ton virou-se para Anslam . – Pronto para um as tragadas?

O outro m acho sorriu de form a irritante.

– Hoj e e sem pre.

Quando os dois prosseguiram pelo corredor, ela balançou a cabeça e se levantou. Algum as coisas deviam estar voltando ao norm al. E, engraçado, com

todo o estresse do treinam ento, não podia culpar Pey ton por querer fugir para se sentir bem . Talvez fosse isso o que estava fazendo com Craeg?

Com pulsões… O m odo com o se sentia perto daquele m acho, quando ele olhava para ela, tocava nela, beij ava-a, era tão incrível que ela bem podia ficar viciada naquela sensação, sem falar na contagem regressiva das horas. O problem a era que aquilo não era algo que podia ser com prado, com o m aconha, ou sorvete, ou vinho. Era um a entidade separada e independente e, interessante, o

fato de ele ter escolhido ficar com ela, m esm o que só pelo telefone, fazia parte do barato.

Ele a estava escolhendo. Dentre todos no planeta…

Paradise parou no m eio do corredor. Algo tinha caído no chão e ela apanhou com o rosto franzido. Era um a foto, um a foto antiga tirada com um a Polaroid, daquele tipo que tem um quadrado brilhante no m eio e borda branca nas laterais,

um a delas m aior para poder segurá-la e escrever nela.

A im agem estava tão borrada que era indecifrável, um a coisa verm elha com riscas ou faixas rosadas.

– Fala sério, Pey ton… – m urm urou.

Só Deus sabia o que ele fazia quando estava loucão. Sabia que tentara um as coisas loucas e psicodélicas e outras m uito esquisitas. Coisas, é claro, com as quais ele se deliciava contando-lhe tudo depois.

Com a im agem na m ão, foi para a saída, agradeceu ao m otorista *doggen*, e depois abriu a boca para cham ar o am igo. Mas ele j á devia ter se desm aterializado com Anslam , por isso guardou a foto da colcha dele, ou do tapete, ou do roupão, ou do m aldito Martini dele no bolso.

– Aj udou Craeg com o problem inha dele? – Novo perguntou das som bras.

Paradise se virou quando o ônibus foi em bora, os pedriscos reclam ando sob o pneus.

– Você m entiu.

– Será m esm o? – A fêm ea sorriu sob o frio luar. – Não acho, não. Eu estava certa, não estava? Ele precisava de você e só de você.

Corando, Paradise se lem brou do corpo de Craeg j unto ao seu, a excitação dele pressionando seu ventre.

"Probleminha" é que não era mesmo, pensou. Nada disso. Era grande, grosso e…

– E então? – Novo insistiu.

– Isso não é da sua conta.

– Tão pudica, tão reservada. Mas tudo bem . Fico feliz que vocês tenham se divertido. É assim que a vida tem que ser. Deduzi que vocês nunca iriam ficar j untos sem aj uda.

Paradise teve que rir.

– Você não m e parece do tipo casam enteira, Novo.

– Estou am pliando m inhas habilidades. – A fêm ea levantou os om bros fortes debaixo da j aqueta de couro. – É por isso que estam os todos aqui, não?

Por um a fração de segundo, Paradise se viu tentada a convidar a fêm ea para a sua casa. Nunca tivera um a am iga de verdade. Na aristocracia, a sua posição social determ ina com quem você pode ser vista. E Deus bem sabia que nenhum a das prim as com quem podia j ogar conversa fora lhe era m uito interessante. Além disso, não se podia confiar nelas. Fêm eas com o aquelas com petiam por um grupo reduzido de m achos altam ente desej áveis, o que as tornava tão letais quanto um cardum e de piranhas.

Era o program a *The Bachelor* m ultiplicado por m il.

Além disso, Novo m eio que sabia de Craeg, e isso fazia com que Paradise sentisse que tinha m enos a esconder… E a fêm ea parecia ser sensual o bastante para ter algum a experiência no departam ento da sedução. Talvez m uita. Abrindo a boca, Paradise…

Lem brou-se de onde m orava.

– Te vej o am anhã – m urm urou.

– Não está irritada com igo, está?

– Não, nem um pouco. – Quando corou de novo, ficou contente por estar tão escuro e pela copa da árvore que obstruía boa parte do luar. – Na verdade, estou até agradecida.

Novo deu de om bros m ais um a vez.

– Descanse bem . Te vej o am anhã.

Paradise levantou a m ão.

– Tchau.

Quando ficou sozinha, deixou a cabeça pender para trás e fitou as estrelas.

Depois aproxim ou a m ochila do peito e a abraçou, desm aterializando-se.

Voltando à sua form a no gram ado, no exato ponto da noite anterior, desej ou se sentir m enos forasteira em território fam iliar.

Eeeeeeee a resposta ainda era um grande e contundente não.

Avançando até a porta da frente, sentiu-se tão distanciada com o na noite anterior. Desta vez, porém , a separação estava ligada a Craeg.

Sabe essa dor que está sentindo agora? Essa no meio das suas pernas? Vou te mostrar como cuidar dela sozinha. E você vai me fazer gozar quando eu ouvir o som disso.

Só a lem brança da voz grave e rouca dizendo aquelas palavras transform ou seu corpo num a fornalha, a ponto de ela querer tirar a parca apesar da baixa tem peratura. Ao m esm o tem po, porém , ela olhou para todas aquelas j anelas reluzentes e quis vom itar. A ideia de que estaria ao telefone, provavelm ente nua,

enquanto um m acho que o seu pai não aprovaria lhe passava instruções passo a passo? No quarto em que ela crescera? Enquanto o pai estava na casa? Fêm eas

com o ela não deviam …

– Que se foda – resm ungou ao com eçar a andar até a porta.

A vida era curta dem ais, e Craeg era gostoso dem ais para ela perder tem po se sentindo culpada quando, levando tudo em consideração, não estava fazendo nada de errado.

Lembre-se, disse a si m esm a. *Você nunca vai se vincular. Você é livre.*

Capítulo 28

– EU MENTI.

Quando Axe falou, Butch olhou da ponta oposta da cozinha de flores e trepadeiras. O m acho estava apoiado na bancada do fogão, os braços cruzados diante do peito, a cabeça pensa de m odo que havia grandes som bras onde deviam estar os olhos.

– Sobre o quê?

Dem orou um pouco para Axe responder; enquanto isso, ficava passando o dedo na fileira de aros negros do lado externo da orelha.

– Sobre a chave. No escritório.

Com isso, Butch ficou totalm ente alerta, m as sem dem onstrar.

– É m esm o? Por quê?

Axe esfregou debaixo do nariz, e Butch guardou esse sinal para futura referência.

– Onde você a conseguiu? – o cara perguntou.

– Um am igo m e deu. – Até parece que ele ia contar o lance todo da fêm ea m orta antes de usar isso a seu favor. – Um bom am igo.

– Elas não podem ser partilhadas, supostam ente. Vai contra as regras.

– Então, se eu for lá, vou m e m eter num a encrenca? – Butch perguntou seguindo um palpite.

– Não sei. Depende da noite. Se estiver usando um a m áscara, pode se safar. Nunca levei ninguém , m as a política é que se pode levar um convidado quando se adere às regras. E você tam bém tem que assum ir a responsabilidade pelo convidado se ele não o fizer. É assim que se é expulso.

– Há quanto tem po faz parte disso?

– Desde antes dos ataques. Foi lá que estive quando… você sabe, quando tudo aquilo aconteceu com o m eu pai. Os hum anos, eles nunca souberam , e ainda não sabem , quem eu sou. Existe todo tipo de gente esquisita lá. Acham que eu poso de vam piro.

– Quando foi a últim a vez em que esteve lá?

– Há três ou quatro noites. Eu não sabia com o seriam as coisas no program a de treinam ento. Im aginei que seria m inha últim a vez por um bom tem po.

Isso foi m ais ou m enos na m esm a época em que a garota fora encontrada no gram ado do Lugar Seguro.

– O que você curte? – Butch revirou os olhos. – E antes que im agine que estou

cantando um aluno, saiba que sou um m acho vinculado perfeitam ente feliz com



um a fêm ea que eu sei que é m uita areia para o m eu cam inhãozinho… Isto aqui é

só pra passar o tem po até que, sei lá qual o nom e dele, volte.

O rosto de Axe relaxou um pouco, a postura tam bém .

– Gosto de subm etê-los.

– Hom ens ou m ulheres?

– Am bos.

– Você e o V. se dariam m uito bem . Apesar de o cara agora tam bém estar só

com um a fêm ea agora. – Butch esticou os braços acim a da cabeça até a espinha

estalar. – Quando vai de novo?

– Quando será a nossa próxim a noite de folga?

– Você pode m e levar e m e m ostrar o lugar? Só para eu não envergonhar o

cam arada que m e em prestou a chave?

– Você não disse que é feliz com a sua com panheira?

Butch lançou um olhar do tipo “não sej a burro”.

– Gosto de olhar, idiota. Não é traição se você não envolver suas m ãos, sua

língua ou o seu pau.

Axe assentiu com o se respeitasse essa lógica.

– Posso te levar. Mas só num a noite m ascarada. Se você m eter os pés pelas

m ãos ou se acovardar, não quero que te rastreiem até m im .

Butch rem em orou certa noite com Vishous, a noite quando certas revelações foram feitas depois que Butch fizera… certas coisas que precisavam ser feitas para o seu m elhor am igo.

– Sei cuidar de m im m esm o – disse secam ente. – Não se preocupe.

O som de passos pesados nos degraus da porta lateral anunciou a chegada de Craeg.

– Que rapidez – Butch m urm urou quando o m acho entrou só com um a sacola de lona puída.

– Eu disse que não tinha m uita coisa – Craeg respondeu.

Marissa chegou cedo em casa porque estava com dor de cabeça. Não, não era do tipo de enxaqueca que Trez tinha, apenas um a dor insistente atrás dos olhos que dificultava a sua concentração, a leitura de qualquer docum ento e im possibilitava que ela focalizasse a tela do com putador.

Subindo os degraus da entrada principal da m ansão, descobriu o que havia de errado: pulara a Prim eira Refeição e trabalhara enquanto o lanche da m eia-noite fora servido no Lugar Seguro.

– Que burra – disse ao entrar no vestíbulo e olhar para a câm era de segurança.

Quando a trava foi liberada, entrou no enorm e átrio e sorriu para Fritz.

– Lam ento m uito perturbá-lo, m as poderia m e arranj ar algum a coisa para com er?

O *doggen* ancião j untou as m ãos e só faltou desm aiar, com o se ela lhe tivesse dado um bilhete prem iado da loteria ou o m elhor presente de aniversário que se poderia ganhar.

– Ah, senhora, sim ! Posso lhe providenciar ovos e torradas? Um sanduíche? Sopa? Algo m ais substancial…

Ela deu um a risada.

– Surpreenda-m e!

– Im ediatam ente! Sim , sim , agora m esm o!

A velocidade com que ele partiu e saltitou sugeriu que ele ainda tinha m uitos séculos pela frente, o que era m uito bom …

– Olá, belezura…

Ela se virou para a sala de bilhar. Lassiter estava recostado na arcada, com um balde de pipoca na m ão, um a daquelas im ensas cobertas com m angas com estam pa de leopardo cobrindo cerca de setenta por cento do seu tronco, os braços longos e as pernas nuas aparecendo debaixo da barra.

– Olá… – Franziu o cenho quando foi acom etida por um pensam ento. – Está vestindo algum a coisa debaixo disso?

– Claro que estou. – Jogou um a m ão cheia de pipoca na boca. – Quer ver TV com igo? Agora estou vendo um m onte de reprises do *MacGyver*, m as estou disposto a ser flexível.

Marissa abriu a boca para dizer não, m as logo m udou de ideia. Faria seu lanchinho e esperaria Butch term inar seus assuntos no centro de treinam ento. Mandara um a m ensagem para dizer que estava saindo m ais cedo do trabalho, e ele respondera dizendo que chegaria em 20, 30 m inutos no m áxim o.

– Claro.

– Legaaaaaal. – O anj o se endireitou. – Você é chegada em que quando o assunto é TV?

Quando ele se virou, ela soltou um grito.

Porque estava olhando para a bunda desnuda dele.

– O que foi? – ele perguntou, todo preocupado.

Cobrindo os olhos, ela disse:

– Você disse que estava vestido!

– Com um suporte atlético, oras.

Nesse instante, Fritz apareceu ao lado dela com um a bandej a carregada com tantos pratos que ele bem podia estar alim entando Rhage.

– Hum … – Marissa esfregou as sobrancelhas, aquela dor de cabeça voltando com força total.

– Ela vai com er aqui – Lassiter avisou. – E, sim , Marissa, vou vestir m eus m alditos j eans.

– Obrigada, m enino Jesus… – m urm urou ao entrar na sala de j ogos.

Enquanto Fritz acom odava a bandej a no bar à esquerda, Lassiter vestiu as

Levi’s e se largou num dos enorm es sofás de frente para a gigantesca tela plana acim a da lareira.

– Para a sua inform ação, se eu ficar assado, a culpa será sua.

Ela se aproxim ou e se sentou num dos banquinhos forrados.

– Para a sua inform ação, o m eu com panheiro está para chegar a qualquer instante. Portanto, acabei de te salvar de um as chicotadas no traseiro.

Lassiter apontou o controle rem oto e sintonizou na grade de program ação.

– Pfuuu. Tanto faz. Consigo enfrentá-lo num a boa.

– Duvido.

– Na verdade, não tenho nada de m elhor para fazer o resto da noite. Acha que ele vai querer brigar? Eu até estou precisando m e exercitar.

Marissa riu ante o som esperançoso ao se recostar e dar espaço para que Fritz retirasse os *cloches* sobre os pratos e descrever, com a precisão e a elegância de um garçom do Nobu, o que estava servindo.

– Muito obrigada – m urm urou ao pegar o garfo e provar o arroz pilaf. – Hum m m .

Não com eria nem m etade de tudo aquilo, m as isso não parecia aborrecer o m ordom o. De fato, para ele, a alegria de servir era a m aior satisfação em seu trabalho.

– Ai, m eu Deus – Lassiter com entou, sentando-se em pertigado. – Não consigo acreditar.

– O que foi? E se for um a m aratona do *Beaches* de novo, pode esquecer. – Ela esfregou o centro do peito com a m ão livre. – *Não vou* assistir ninguém m orrendo, m esm o que em duas dim ensões.

Já tivera m ais do que o suficiente disso. Santa Virgem Escriba, e se não conseguissem descobrir nada a respeito…

– É *Melrose Place*. Am o esse episódio. É quando a Kim berly tem um acesso psicótico.

– Espera um pouco, ela não foi sem pre psicótica?

– Sim , bem , m as este é quando ela arranca a peruca e você vê a cicatriz. Um a das cenas m ais significativas e de grande influência na história televisiva, com certeza.

– E eu achei que, sei lá, fosse a chegada do hom em à Lua ou algo assim .

Lassiter desviou o olhar para ela.

– Espera, os ratos sem cauda chegaram à Lua? Tá de brincadeira, né? Eles nem conseguem decidir as horas, o relógio fica indo pra lá e pra cá a cada estação. Sem falar nas bobagens quanto à saúde, com a isto e você viverá m ais, não, esqueça isto, pois vai te m atar. Exageros na internet. Pregadores e políticos ignóbeis. E ainda nem com ecei a falar dos buracos no asfalto. Por que não consertam as ruas?

Marissa j ogou a cabeça para trás e gargalhou.

– Você sequer dirige. Ou se im porta com essas coisas.

O anj o caído deu de om bros, os *piercings* dourados e a corrente brilhando com o a luz do sol com o m ovim ento.

– Só estou repetindo o que eles ficam dizendo nos telej ornais.

Marissa balançou a cabeça e sorriu. E estava para perguntar o que m ais ele fazia além de tom ar sol ao m eio-dia quando não havia nenhum a nuvem , e ocupar espaço no sofá diante da TV, m as, nesse instante, seus olhos viraram para ela, e estavam m uito sérios. Quando o olhar retornou para a tela, ela percebeu que ele captara o seu estado de hum or e estava se esforçando para anim á-la.

– Você é gente boa, Lass – disse com suavidade. – Sabia disso?

– Sou m uito m ais do que bom . Sou m aravilhoooooso – ele cantarolou. – Isso quer dizer que posso reservar um a dúzia do m eu calendário para você?

Se outra pessoa na casa tivesse dito isso, ela teria achado que se tratava de um a piada. Mas, ele?

– Não, não pode. Nem sei com o eles são, m as a resposta é não.

– Tudo bem , m eia dúzia – ele rebateu. – Só custam cinco pratas. Tenho que cobrir os custos de im pressão. A boa notícia? Não tenho custo com o fotógrafo, eu m esm o tirei as fotos com m eu pau de selfie.

Ela abaixou um a garfada de frango de volta no prato.

– Você fez m esm o um calendário com fotos suas.

– Por que achou que eu estava sem calças?

– Lass. Fala sério. Você tirou fotos nuas…

– Suporte atlético. Lem bre-se que eu estava com um suporte atlético. Fiz a de dezem bro j unto à lareira. Sou tão quente que isso foi até estúpido.

Marissa passou os olhos pela sala e estrem eceu perante a quantidade de lugares em que ele provavelm ente colocara o traseiro nu antes de se sentar diante da lareira com o fogo aceso.

– De onde veio essa ideia?

Ele revirou os olhos.

– Quantas noites m ais tem os este ano? Preciso pegá-las de volta do Kinko's antes de 31 de dezem bro.

Do nada, veio-lhe à m ente a im agem de um pobre hum ano num a das franquias da FedEx tendo um a visão e tanto de um anj o caído praticam ente nu.

Sem aviso, ela disparou a gargalhar com tanta intensidade que lágrim as rolaram pelos olhos. Do tipo bom de lágrim as.

E enquanto ela se entregava à ridicularidade do anj o, Lass só ficou sentado no sofá, assistindo *Melrose Place* com um sorriso sorrateiro e tranquilo em seu rosto

lindo e enlouquecedor.

Que anjo magnífico ele era, Marissa pensou. Um anj o com pleto.

Capítulo 29

ENQUANTO EMERGIA DA PORTA cam uflada sob a grande escadaria da

m ansão, o único pensam ento de Butch era encontrar a sua com panheira.

E o som da risada dela serviu tanto de localizador instantâneo com o fonte de alívio de alta octanagem . Ela estivera tão distraída após despertar depois de um dia de sono inquieto, o peso do que lhe passava na cabeça lhe dando a aparência de alguém que andasse por aí arrastando um piano de cauda. Mas ele lhe prom etera que faria de tudo para descobrir algo a respeito da garota e estava louco para lhe contar que tinha um a pista.

Atravessando o m osaico representando um a m acieira em flor, entrou na sala de bilhar e…

Lassiter levantou as duas m ãos lá de onde estava, reclinado no sofá. – Já coloquei as calças. Fui um bom garoto.

As presas de Butch am eaçaram descer e seu lábio superior estrem eceu.

– Com o é que é? E pense bem antes de explicar isso. Você j á está ultrapassando os lim ites.

Marissa sorveu um gole do copo de água.

– Foi tudo m uito inocente.

– Estou fazendo um calendário nu – com eçou o anj o caído.

– Ele estava com um suporte atlético.

– Tudo foi feito com um pau de selfie.

Enquanto os dois falavam ao m esm o tem po, Butch sentiu a necessidade súbita de cobrir os ouvidos, fechar os olhos e com eçar a cantarolar um lá-lá-lá-lá.

– Sabem do que m ais, tudo bem . Estou bem assim sem saber de nada.

Um a das palhaçadas de Lassiter, com certeza. O filho da m ãe tinha a habilidade de transform ar as coisas com uns e m undanas num a loucura.

Era um dom .

Era só perguntar ao anj o caído. Ele lhe contaria.

– Pode nos dar licença um m inuto – Butch disse ao se encam inhar para Marissa e lhe dar um beij o na testa. Deus, o cheiro dela era m uito bom em seu nariz e, uau, com o é que um a fêm ea fazia com que calças e um a blusa causassem o efeito de um vestido de noite? – Tenho que falar com a m inha garota.

– De j eito nenhum , estou assistindo a *Melrose*.

– Isso não foi um pedido, anj o.

– Algo errado? – Marissa perguntou ao lim par a boca num guardanapo de linho. – Alguém se m achucou no treinam ento?

Ele puxou um banquinho e se sentou ao lado dela.

– Lass, você está de saída.

– Porra nenhum a.

Butch fez um a careta e odiou fazer a oferta:

– Você pode usar o sofá do Buraco.

– Vai m e fazer trocar de canal quando descerem para lá?

– Você sai agora se eu disser que não?

– Está dizendo não agora?

Pelo am or de Cristo, Lassiter seria perfeitam ente capaz de ficar rebatendo perguntas até o nascer do sol, ou até que um a das partes desistisse por desidratação ou exaustão.

– Sim , estou dizendo não.

– Espera, isso quer dizer que posso assistir *Melrose* ou não? A dupla negativa m e confundiu…

– Jesus Cristo! Vai de um a vez!

Lassiter estava resm ungando quando se pôs de pé.

– Quantas vezes tenho que dizer que esse *não* é o m eu nom e?

– Preciso de um drinque. – Enquanto o anj o saía, Butch voltou a ficar de pé e foi para trás do bar. Servindo-se de um a dose de Lagavulin, não fez rodeios porque sabia que a sua *shellan* não quereria isso. – Então, acho que tenho um a pista.

– Tem ? – Ela abaixou o garfo. – O que é? Com o conseguiu?

Ele colocou dois cubos de gelo no copo e lhes deu um banho de cor âm bar.

– Aquele pedaço de m etal é um a chave que perm ite a entrada em um clube privativo som ente para hum anos.

– Ah, m eu Deus, se conseguirm os um a lista dos sócios, talvez possam os encontrar o nom e dela.

Bem, não é um clube de campo, meu amor, ele pensou ao tom ar um gole.

– Com o descobriu isso? – ela perguntou.

– Um dos *trainees* frequenta o clube. Ele vai m e levar lá o m ais breve possível.

Só preciso ver com os outros Irm ãos com o serão as próxim as noites. Acho que,

se eu conseguir m udar algum as aulas, posso estar livre na sexta.

– Então nós vam os! Isso é incrível! – Quando ele ficou im óvel com o copo na

m etade da distância até os lábios, Marissa franziu o cenho. – Por que está olhando

para m im assim ? Butch. Sério. Eu vou com você.

Ele m eneou a cabeça e prosseguiu tom ando um gole.

– Não, eu cuido disso. Não se preocupe, eu te conto tudo assim que descobrir…

– Eu vou com você.

Quando deu um a bela olhada no ângulo em que estava o rosto dela, Butch

apoiou o copo de uísque escocês no balcão.

– Marissa, esse é o tipo de lugar em que você sequer deveria passar pela

frente, quanto m ais entrar nele. É um clube de sexo.

– E daí?

Ele piscou.

– Am or, não é…

– Preciso te lem brar do que fizem os depois do film e? Quatro vezes?

– Marissa.

– Butch – ela insistiu.

Para não soltar um palavrão, ele j ogou o resto da bebida garganta abaixo e se serviu de outra dose.

– Você não vai conseguir enfrentar algo assim . Haverá pessoas transando em todo canto, fazendo coisas estranhas um as com as outras. Não vai dar certo.

– Ou talvez você não consiga lidar com o fato de eu estar num lugar desses.

Ele revirou os olhos. Não pôde evitar.

– Você não sabe o que está dizendo. Ou com o é um lugar desses.

Marissa dobrou o guardanapo com cuidado, em pequenos quadrados precisos, depois o deixou ao lado do prato praticam ente intacto.

– Bem , vam os descobrir isso quando eu estiver lá, não é m esm o?

– Não vou te levar lá. Isso não está aberto a discussões.

– Sim , você vai. – Ela deslizou do banquinho e pegou a bandej a. – E se eu descobrir que foi sozinho? Vou considerar isso um a traição da m aior ordem para

o nosso relacionam ento – e *isso* não está aberto a discussões.

Ele tentou visualizá-la ao lado de um casal vestido com látex preto levando no traseiro de gêm eas de seios gigantescos vestindo dildos cor de rosa com binando.

– Marissa. Não vou ter tem po pra ficar segurando a sua m ão – disse com rispidez. – O m eu foco será m e encaixar no lugar para descobrir quem são os funcionários e tentar encontrar as pessoas certas para abordar e interrogar.

Distração não vai aj udar aquela pobre garota m orta.

– Não *ouse* vir com essa desculpa para cim a de m im . Estou bem ciente do

m otivo de irm os a esse lugar, e eu gostaria de enfatizar que você é o m eu *hellren*,

não o m eu *tuhtor*. Portanto, guarde essa asneira de *paterfamilias* e abra um frasco

de valium antes de irm os, se isso for preciso. Não sei com o deixar isso m ais claro: eu vou com você e vou te aj udar a desvendar isso tudo. – Ela se inclinou para a frente. – Um a novidade para você: só porque eu tenho um par de ovários, não significa que eu não tenha um cérebro, ou o direito de pensar por m im m esm a.

No silêncio que se seguiu, só o que ele conseguiu fazer foi m exer a cabeça de um lado para o outro. As palavras que tinha na ponta da língua não aj udariam em nada, e ele não conseguia acreditar que estavam discutindo de novo.

E ele que pensava que tinham apertado o botão de *restart* na noite anterior.

– Ou é isso o que o preocupa? – ela o desafiou.



– O quê?

– Que eu possa gostar.

Com essa granada caindo aos seus pés, ela saiu pisando firm e, de cabeça erguida, om bros para trás, um a m ontanha de “viva com isso” fortalecendo sua espinha.

Apoiando as palm as na bancada de granito, ele se inclinou sobre os braços e tentou sufocar um grito de frustração.

Pelo m enos a garrafa de Lag ainda tinha três quartos do seu conteúdo.

Ele bem que precisaria.

Pey ton exalou um a coluna de fum aça e deixou a cabeça cair no travesseiro.

– Tom a.

Passando o bagulho para Anslam , fechou os olhos e sentiu-se flutuando m eio

m etro acim a do corpo. A conhecida sensação de alívio fez com que se lem brasse

de que Parry provavelm ente tinha razão: ele provavelm ente precisaria não fazer

m ais isto. Mas, caram ba, depois das duas noites que acabara de ter?

Precisava de um a folga.

Foda-se, ele *merecia* um a folga.

– Então, m e diz aí o que acha de todos eles – perguntou.

O som de Anslam exalando exatam ente com o ele foi com o alguém rindo no

m esm o ponto de um film e, ou apreciando a m esm a gostosa refeição.

Cam aradagem era algo m uito bom .

– O Boone é legal – disse o cara. – Axe é esquisito pra cacete. Do tipo “dane-

se o m undo”, com aquelas roupas pretas e cabelo espetado e aquelas bostas de

tatuagens.

Pey ton aguardou que o cara continuasse.

– E quanto a Novo?

– Ela é gostosa pra cacete.

Por algum m otivo, m esm o concordando, não gostou da ideia de Anslam

pensar assim , ou pior, ficar excitado com ela.

– Não sei – m urm urou Pey ton –, ela é legal.

– Você viu quando ela fez aquelas abdom inais? Não consigo acreditar que foi o Boone que ficou segurando os pés para ela. Eu queria ter tido aquela porra de vista.

– Ela vai te quebrar ao m eio. – Ainda que, se aquilo continuasse assim , era capaz de ele m esm o cuidar do assunto. – Além disso, não sei se ela gosta de m achos.

– Eu m udo a opinião dela – Anslam disse num tom baixo. – Eu consigo endireitá-la, porra se consigo…

– E quanto ao Craeg? – Pey ton o interrom peu.

– Ele é o cara que a gente tem que vencer. Sem ofender a Paradise, m esm o ela tendo chegado em prim eiro naquela noite, o Craeg provavelm ente vai até o fim .

– É… – Pelo m enos nisso os dois concordavam , sem suscitar atritos entre eles.

– Quem você vai levar para o baile na casa do pai dela?

– Agora, ninguém . Gosto de m anter m inhas opções em aberto. Ei, antes de a gente dorm ir, dá pra com er algum a coisa?

Pey ton abriu os olhos e olhou para o antigo relógio Cartier em sua m esinha de cabeceira.

– Sim . Claro. Só m e deixa ligar pra Paradise prim eiro. Só pra garantir que ela chegou em casa em segurança.

– Tem certeza de que vocês dois não tão de rolo?

– Nada disso. Som os só am igos.

– Eu ia gostoso nela.

Pey ton se virou com tudo e encarou o cara.

– Segura a tua onda e lim pa a boca pra falar dela.

Anslam balançou a cabeça e levantou as palm as.

– Você tem assuntos não resolvidos com ela, am igo. Não se engane.

Que sej a.

Pegando o celular, ligou para um núm ero da lista de cham adas recentes e

esperou que ela atendesse. Enquanto tocava, olhou seu quarto. A m ansão dos pais

era nova, com grandes j anelas arqueadas na parte dos fundos que davam para

um j ardim . Com pé-direito alto e belo trabalho de carpintaria, ele sem pre

pensara naquele quarto com o sendo arej ado, m esm o com todas aquelas

antiguidades com as quais sua m ãe forçava todos a conviverem , quer gostassem

delas ou não…

– Alô!

Franziu o cenho.

– Parry ? Tudo bem ?

– Ah. – Houve um a pausa. – É você.

– Quem m ais estava esperando ligar?

– Hum , ninguém . Minha tia. A m inha… a prim a dela. A prim a da m inha tia. Você não o… quero dizer, a conhece.

– Andou fum ando? – Ele sorriu. – Porque, se andou, você precisa largar esse cachim bo e ir dorm ir.

– Não, não andei não. Mas você andou. Consigo saber pela sua voz.

– Com o?

– Está m ais rouca do que o norm al.

Por um a fração de segundo, ele se perguntou se ela achava isso sexy ou não. Voltando à realidade, disse:

– Só queria saber se você tinha chegado bem em casa. O seu pai j á está com você? Ele j á deve ter saído do trabalho.

– Sim , sim , fizem os a Últim a Refeição j untos. Agora j á estou no quarto.

– Anslam e eu em baçam os nossas m entes. – O cara levantou o polegar do lado oposto da cam a. – Vam os nos encher de carboidratos e dorm ir. Vai ser fabuloso.

De todo m odo, estou feliz que estej a bem .

– Não com a m uito sorvete. Isso te deixa inchado e depois você reclam a no dia seguinte que perdeu a sua cinturinha.

– Nunca fiz isso.

– Mesm o? Tem certeza?

– Tudo bem , tudo bem – m urm urou.

– E preciso te lem brar do incidente com a m assa de cookies?

Pey ton gem eu.

– Eu podia j urar que caguei m eus órgãos internos.

– Isso m esm o. Ainda acho que você pode ser intolerante à lactose. É só algo em que pensar. Te am o.

Ele relanceou os olhos para Anslam e não quis repetir as palavras na frente do cara.

– Eu tam bém . Te vej o am anhã…

– Ei, espera, escuta… Encontrei a sua foto.

– A m inha o quê?

– Fotografia. No ônibus. Caiu da sua m ochila ou bolso ou algo assim .

– Eu não tinha nenhum a fotografia para perder, doçura. Mas obrigado por pensar em m im , e se ela for de algum a fêm ea nua, posso tirá-la das suas m ãos sem cobrar nada. Porque sou um trem endo bom sam aritano.

Ela riu.

– Não. Não sei o que é a im agem , na verdade. Pensei que você a tivesse deixado cair, m as acho que m e enganei. É um a foto antiga, de Polaroid.

– Um a Polaroid? Jesus, isso é velho m esm o.

– Tudo bem , fico com ela até alguém dar pela falta. Tenha um bom dia. E você não devia estar fum ando esse treco.

– É o que você vive m e dizendo. Bom dia pra você tam bém , garota.

Assim que encerrou a ligação, esticou o braço e o colocou o celular ao lado do relógio.

– Essa é um a fêm ea e tanto.

– Do que ela estava falando? Um a foto?

– Não sei. Um a Polaroid que ela encontrou no ônibus. – Sentou-se. Levantou-se. Tentou andar. – Uau. Essa bateu forte. Vam os para a cozinha pelos fundos, assim ninguém nos vê tropeçando e cam baleando.

Capítulo 30

ENQUANTO ANDAVA DESCALÇA EM SEU quarto de um lado para o outro, Paradise tom ou cuidado para não fazer barulho, avançando na ponta dos pés para

só depois apoiar os calcanhares, em bora, levando em consideração as batidas fortes do coração, estava surpresa por pessoas da m argem oposta do rio não o ouvirem .

Parada rápida. Espiada no relógio.

Seis e cinquenta e oito. Ou talvez cinquenta e nove, era difícil ser precisa com aquele relógio antigo sobre a m esinha de cabeceira, ainda m ais dali, do outro lado do quarto.

Esfregando as m ãos suadas na calça j eans, adiantou-se e olhou o celular. Deliberadam ente o colocara virado para cim a, e ficou ali, encarando a tela escura. Colocara a cam painha no m udo, m as ele vibraria quando Craeg

telefonasse.

A qualquer segundo.

De verdade.

Franzindo o cenho, inclinou-se e “despertou” o celular, só para ter certeza de que não deixara passar nada. Claro que isso equivaleria a alguém não perceber um outdoor de neon em seu quarto. Nada. Nenhum a cham ada perdida. Tam bém nenhum a m ensagem de texto.

Só para ter cem por cento de certeza, inseriu a senha e foi para a lista de cham adas.

Nada m esm o.

Deus, aquilo era horrível. Sentia-se parada num parapeito, olhando lá em baixo, sem nada em que se segurar. O que era loucura, e sinal de que suas glândulas adrenais estavam dem asiado preocupadas com possíveis am eaças à sua segurança pessoal. Pelo am or de Deus, não perderia um braço ou um a perna caso ele não telefonasse com o prom etera. Ela ficaria perfeitam ente bem .

E, caram ba, ele sequer estava atrasado ainda.

Deixando o celular de lado, voltou a andar.

O que não durou m uito tem po. Dois m inutos m ais tarde, j á estava de volta ao celular.

Nada.

Virando as costas para o aparelho, irritou-se consigo m esm a. Ali estava ela,

tentando ser independente e autônom a, bancando a revoltadinha ao rej eitar todas

as tolices da *glymera*, m as, m esm o assim , estava preocupada se um m acho iria

ou não telefonar, sendo que aquilo provavelm ente seria um a cham ada sexual só

para ele se aliviar.

Puxa, se isso não era um a declaração de fem inism o da sua parte.

Além disso, j am ais tivera um orgasm o antes. O que o fazia acreditar que

conseguiria…

O som da vibração que reverberou ao lado da cam a fez com que ela corresse

tanto que acabou derrapando no tapete.

– Alô! – exclam ou enquanto ainda recuperava o equilíbrio.

Houve um instante de silêncio. Então aquela voz grave, aquela deliciosa voz

m asculina, disse em seu ouvido:

– Em que parte da casa você está?

Ela olhou ao redor.

– No m eu quarto…?

– As luzes estão acesas.

– Sim …? – Engraçado, evidentem ente ele fazia as perguntas e ela respondia,

m as, na verdade, era o oposto. Sentia com o se ela estivesse fazendo as perguntas.

– Vá para a cam a. Apague as luzes.

– Tudo bem . – Aproxim ou-se da porta e apertou o interruptor, depois atravessou o quarto, subiu no colchão alto e se livrou dos sapatos num chute. – Está escuro.

Pense num breu.

Craeg em itiu um som , algo que ela não conseguiu identificar, e a experiência foi incrível. Com as luzes apagadas, foi com o se ele estivesse bem ao seu lado.

– Você acabou com igo na sala – ele disse num tom gutural.

– Por quê?

– Não consegui parar de olhar para você. Fiquei olhando para a sua nuca. – Aquele som de novo, e ela percebeu que era um m eio-term o entre um ronronado e um grunhido… evidentem ente, ele j á estava excitado. – Tenho essas fantasias de m e aproxim ar por trás de você e inclinar a sua cabeça. Depois desço as m ãos pelo pescoço… depois dentro do seu uniform e… até seus seios.

Os olhos de Paradise se fecharam por vontade própria.

– Ai, caram ba… Tem , é?

– O tem po todo. Por que acha que não consegui m e levantar do m eu lugar hoj e?

Ela teve um a im agem dele congelado no fundo da sala, sem nenhum a expressão no rosto, o corpo im enso todo tenso.

– Do que está falando?

– Eu estava duro. E teria aparecido.

O corpo de Paradise se arqueou quando ela visualizou com o estaria a frente daquela calça frouxa, toda esticada sobre a grande extensão rígida.

– Preciso m e sentar na frente para não te ver tanto. – Quando ela riu, ele gem eu. – Faz isso de novo.

– O quê?

– Essa risada. É sexy pra cacete. – Quando ela obedeceu, ouviu um farfalhar de roupas. – Você j á se tocou, Paradise?

Teve um a breve im agem de Novo, tão segura, tão sensual, tão confiante. E pensou em m entir.

– Não.

– Tenho tocado em você, na m inha cabeça, desde que voltei para cá.

Mais im agens dele trem eluziram no fundo escuro do seu quarto: lutando contra o Irm ão com honra; levantando pesos; olhando para ela naquele vestiário…

– O que está vestindo? – ele disse num suspiro.

– É com o se você estivesse aqui com igo.

– Estou. O que está usando em cim a?

Ela abaixou o olhar no escuro e não viu nada.

– Estou com um a cam isa com botões na frente.

– Não a tire – ele gem eu. Ou talvez aquele fosse outro ronronado. – Enfie a

m ão por dentro do colarinho.

Pareceu-lhe a coisa m ais natural do m undo fazer o que ele dizia, e a sensação das pontas dos dedos sobre a pele em itiu um trem or pelo seu corpo.

– Está usando sutiã?

– Estou.

– Consegue sentir as alças? Estão quentes pelo contato com a sua pele, certo?

– Sim – ela sussurrou.

– Desabotoe o prim eiro botão. Faça isso por m im . Agora desça m ais… O m am ilo está rij o contra o boj o?

Quando obedeceu, teve a intenção de responder, m as j á arquej ava e a m ente estava inoperante. Mas ele não pareceu ligar para o silêncio.

Craeg riu, o som som brio e grave eletrizando-a.

– Quero a m inha boca aí. Quero levantar o olhar e ver você arfando quando eu te lam ber, te sugar.

Para um m acho de poucas palavras, ele sabia m uito bem encadeá-las.

– Fico pensando naquilo na clínica – ela se ouviu dizer. – Na sua m ão debaixo do lençol. Lem bro-m e exatam ente de com o foi, ela subindo e descendo…

– *Caralho*…

– … Até você…

– Rasgue a sua cam isa.

– O quê?

– Rasgue a m aldita coisa do seu corpo – ele ordenou. – Abaixe a porra do celular e rasgue a cam isa ao m eio!

Botões. Por toda parte.

E, caram ba, com o foi bom , o tronco se arqueando para a frente enquanto ela



arreganhava a blusa, os botões não oferecendo nenhum a resistência, diante da força com que executou o m ovim ento.

Voltando a cair no colchão, apanhou apressada o celular, levando-o à orelha outra vez, e logo o ouviu respirando m ais profundam ente, m as logo ele se conteve.

Num tom controlado, com o se tivesse cerrado os dentes, exclam ou com andos para que ela colocasse as m ãos sob os boj os do sutiã, esfregasse os m am ilos para

sentir os seios inchados e depois se livrasse de vez da coisa. Ela não hesitou, e ficou atordoada ao sentir os próprios dedos explorando a pele suave, as pontas túm idas, criando faíscas de eletricidade e de calor que ecoavam direto em seu âm ago. E, durante o tem po todo, ele falava naquela voz aveludada, instruindo-a de form a determ inada, apesar da carga erótica de tudo aquilo, fazendo com que sua expectativa aum entasse lenta e inexoravelm ente. Quanto m ais alto ela se erguia, m ais quente, m ais m olhada e m enos preocupada ficava com o seu recato

e toda a baboseira relacionada às dam as, e m ais desej ava aquilo que ele lhe

dava.

Mas conseguiu se conter o suficiente para ficar calada. Mesm o querendo gritar o nom e dele, a ideia de que um *doggen* ou seu pai tentassem abrir a porta do quarto por terem ouvido algo levaria a um tipo de conversa da qual ela não conseguiria se safar.

– E agora…? – ela gem eu.

Na escuridão do quarto que lhe fora designado, Craeg estava ficando louco.

Com pletam ente. O centro de treinam ento poderia estar pegando fogo ou ter sido atingido por um terrem oto que ele não teria interrom pido aquela ligação.

Não fazia ideia de com o era o quarto de Paradise, onde ficava a cam a, em quantos travesseiros ela estava recostada, ou a cor da colcha. Mas tinha um a im agem m ental bem clara de com o ela estava, toda esticada e se contorcendo, a cam isa rasgada pensa nas laterais do corpo, o sutiã básico e sem frescuras aberto e os seios expostos.

Os m am ilos pequenos, rij os, prontos para a sua boca.

– Consegue m e sentir em você? – ele perguntou exigente.

– Sim … – ela arquej ou.

Bom , pois era hora de descer. Mas não nele m esm o. Ele tivera que parar de m anipular o pau, porque quando o fazia, chegava m uito perto do orgasm o e isso

em perrava seu cérebro. Mais do que tudo, m ais do que ele m esm o chegar ao ápice, ele queria que ela se satisfizesse.

Porque eles só teriam aquilo. Não tinha nenhum a intenção de tirar a virgindade dela, e se desej ava m anter aquela resolução, então tinha que colocar um a distância intransponível entre seus corpos nus: o telefone seria o único m odo seguro de garantir isso. Ela continuaria sendo considerada respeitável depois disso, porque se m asturbar era m uito diferente de um Neandertal com o ele penetrar seu sexo até gozar um as duas dúzias de vezes, roubando esse privilégio do m acho que um dia a desposaria.

Contanto que não ficasse sozinho com ela por m uito tem po, conseguiria honrá-la, e não tinha se enganado, a atração entre eles estava desenfreada, m as e depois que o treinam ento term inasse? Depois que tudo acabasse, presum indo que am bos chegassem ao fim ?

Cam inhos separados. Mesm o que de tem pos em tem pos acabassem trabalhando j untos.

No fim das contas? Não havia um futuro dom éstico para lhe oferecer. Ainda m ais depois que ele com eçasse a trabalhar no seu real propósito com todo aquele treinam ento: vingança. Sobre os aristocratas que perm itiram que seu pai m orresse nas m ãos dos inim igos.

Não descansaria até que o sangue deles estivesse em suas m ãos.

– Vá descendo os dedos pela barriga – ordenou. – O que você encontrou?

– O cós da m inha calça j eans.

– Desabotoe.

– Sim …

Houve um barulho e ela voltou a falar:

– E agora?

– Desça o zíper.

Outro barulho. Durante o qual ele se im aginava abrindo-lhe a calça, afastando as laterais do zíper, descendo a boca para pressionar um beij o sobre a calcinha de renda. Ou, provavelm ente, de algodão.

– Tire os j eans. Fique de calcinha.

Mais barulhos, os sons chegando abafados e distantes em seu ouvido.

Debaixo do lençol fino que lhe cobria o corpo, não conseguiu se conter e deu um a ou duas bom beadas no pau. Mas quando a cabeça com eçou a queim ar com o se fosse explodir, teve que se segurar.

Cerrando os dentes, disse:

– Ponha a m ão entre as coxas, afaste as pernas… Faça isso.

Quis se aliviar, m as desej ou m ais. E ela tam bém : o gem ido que em itiu fez com que ele chegasse ao lim ite, o pau no ponto, só esperando o contato de sua m ão para seguir com a program ação.

– Esfregue – ele gem eu quando a ereção se ergueu debaixo do lençol, j atos

quentes aterrissando sobre o abdôm en enquanto ele gozava. – Ai, caralho, Paradise, esfregue por cim a da calcinha… – Quando ela soltou um gritinho, ele soube, m esm o em m eio ao próprio orgasm o, que ela tam bém estava chegando perto. – Por baixo… Já por baixo, sinta a um idade, o calor… Sinta… Ai, cacete…

É tão suave…

Ela arfava, e depois pronunciou “Craeg” com o se o nom e dele tivesse saído rasgando sua garganta.

– Im agine a m inha boca em você… Aí.

Foi nessa hora que ela gozou. E ele de novo, enquanto a ouvia inspirar fundo e exalar, entrem eando gem idinhos deliciosos, sons suplicantes chegando-lhe através da conexão telefônica.

O sim ples som do orgasm o dela provocou o seu terceiro. E o quarto.

– Continue – ele disse rouco –, sinta a m inha língua te lam ber, m eus lábios te sugando…

Algum tem po depois, quando por fim term inaram , só o que fizeram foi respirar j untos.

Por algum m otivo insano, ele se pegou desej ando estar ao lado dela para abraçá-la – ou algum a m erda assim . Não sabia. Só o que sabia era que sentia essa necessidade ardente de ter certeza de que ela estava bem depois do que se passara.

Agora, os quilôm etros que os separavam pareciam algum tipo de castigo.

– Você está bem ? – ele perguntou rouco.

– Hum … Sim … Estou.

Quando ouviu o contentam ento na voz dela, tam bém com eçou a sorrir, e ainda bem que estava sozinho no escuro, pois devia estar parecendo um com pleto idiota.

– Você é linda – ele se ouviu dizer. – É incrível. Sim plesm ente incrível.

Ela soltou um a gargalhada.

– Você é bobo.

– Dificilm ente. Nasci sem senso de hum or.

– Mesm o?

– É. Sou o m acho m ais sem graça que conheço, nunca entendo as piadas.

– Sabe… Pensando nisso, acho que nunca te vi rindo.

– Pode esperar sentada. – Estendeu a m ão para o criado-m udo, abriu a gaveta e tirou o m aço de cigarros e um isqueiro Bic que com prara na volta para o centro

de treinam ento. – A propósito, eu fum o.

Só depois do sexo, quase explicou. Mas não queria enfatizar que j á estivera com outras, por algum m otivo.

Virando a cabeça de lado para segurar o telefone com o om bro, rem exeu no m aço para abri-lo e puxar um bastão cancerígeno. O isqueiro em itiu um chiado

quando se acendeu, e ele teve um close-up do punho quando aproxim ou a cham a

do rosto. Aquela prim eira tragada bastou para que ele gem esse de novo, e m anteve o cigarro entre os lábios enquanto tateava às cegas dentro da gaveta para encontrar o cinzeiro, que colocou sobre o peito nu.

– É um vício – disse com o se tentasse se desculpar. – Mas, pelo m enos, os vam piros não têm câncer.

Assim que com binara aquilo com ela, com eçou a planej ar com o conseguiria os cigarros para fum ar depois do sexo. Algo não m uito rom ântico de sua parte. Não que estivesse procurando rom ance, lem brou a si m esm o.

– Então por que você não sorri, Craeg…

Na superfície, a pergunta/afirm ação, ou o que quer que aquilo fosse, poderia ser levado na boa, na brincadeira, m as o tom sério dela o fez desconsiderar essa interpretação de cara.

E talvez tenha sido o estado de relaxam ento pós-orgasm o que o fez responder a verdade, em vez de desligar, que era o que ele deveria ter feito.

– Quantas pessoas você perdeu nos ataques? – ele sussurrou.

– Sete prim os – ela respondeu com tristeza. – Som os apenas m eu pai e eu, e tivem os m uita sorte.

– Perdi a m inha fam ília im ediata. A m inha m ãe e a m inha irm ã estavam em casa com igo. O m eu pai estava trabalhando. Encontraram o endereço da nossa

casa na habilitação hum ana falsificada dele depois que o m ataram . Foi assim que

nos encontraram . – Ele tragou de novo. – Então, é por isso que eu não sorrio.

– Eu sinto m uito.

– Eu tam bém . – Mais um a coisa que ele não teria dito em outra circunstância.

– Eu não consegui salvá-las. Minha m ãe e m inha irm ã.

– Ai, m eu Deus…

Ele deu de om bros.

– Perdi sangue dem ais. Os *redutores* invadiram nossa casa e eu desci as

escadas quando ouvi o barulho. Atacaram -m e, pensaram que eu estivesse m orto,

por isso m e deixaram pra lá. Até hoj e não sei com o sobrevivi. Usaram facões.

Perm aneci consciente tem po suficiente para ouvir a m inha m ãe gritar para que a

m inha irm ã fugisse… E depois as duas m orreram … m ortes horrendas. – Quando

ela engoliu em seco de em oção, ele sacudiu a cabeça. – Inform ações dem ais.

Desculpe.

– Eu realm ente… sei que dizer isso não é o bastante, m as é só o que posso

dizer: eu sinto *muito*.

– Obrigado.

– Com o sobreviveu? Alguém … veio te resgatar?

– Despertei num a poça do m eu próprio sangue pouco antes do am anhecer. Eu

estava tão fraco… Mal consegui fechar a porta da frente antes que o sol m e

incinerasse. Rastej ei… pela casa, sabe? E encontrei-as… Foi… foi bizarro… Ver

as duas caídas sobre o linóleo, sangue por todos os lados, a pele pálida… as duas

tentaram se alcançar. A m inha m ãe estava com a m ão… – Teve que parar para

lim par a garganta. – A m inha m ãe estava estendendo a m ão na direção da m inha

irm ã, que tentava alcançá-la. Os olhos das duas estavam abertos… Não sei.

Depois de ter visto aquilo? Algum a coisa dentro de m im despertou. É só o que sei

dizer. E foi quando tudo com eçou. Foi aí que eu resolvi que algum dia, de algum a

m aneira, eu encontraria um m odo de entrar na guerra contra a Sociedade

Redutora. É a única m aneira de eu prosseguir neste planeta sem querer estourar

os m iolos. – Ele riu duro. – Bem , tam bém resolvi que odeio os aristocratas,

em bora essa resolução só tenha chegado um as duas noites depois disso.

– Por que… – ela titubeou. – Por que odeia a *glymera*?

Capítulo 31

ENQUANTO PARADISE ESPERAVA POR UMA RESPOSTA, seu coração

voltava a bater forte, e ela teve que acender a luz. Envolvendo as pernas com a

colcha cor coral e fechando a blusa, dobrou os j oelhos com força e esperou.

Dem orou um pouco para que Craeg lhe respondesse.

– A prim eira coisa que fiz quando recuperei um m ínim o de forças foi tentar

encontrar o m eu pai na m ansão em que ele estava trabalhando. Quando cheguei lá, a situação era m ais ou m enos parecida com a da m inha casa. Sangue e corpos

por todos os cantos, m as tam bém pilharam a residência, levando quadros, prataria e esse tipo de coisa. Alguns dos cadáveres foram incinerados por terem ficado expostos a fachos de luz solar. Aqueles que estavam m ais no interior da casa ainda estavam intactos. Encontrei m eu pai… no quarto em que ele estava instalando o piso de m ogno. E sabe o que m ais encontrei? A porta aberta do m aldito quarto do pânico no qual a fam ília proibiu ele e os dem ais criados e funcionários contratados de entrarem .

– O que… o que está querendo dizer?

– Que a fam ília que m orava ali, os *aristocratas* que viviam ali, procuraram abrigo num quarto reforçado e não deixaram nenhum dos em pregados entrar. Ficaram trancados do lado de fora, e por isso foram assassinados – eu vi a porta aberta, e as pegadas no sangue do m eu pai e dos seus colegas conform e a fam ília

saiu, fugindo pouco antes do am anhecer ou no entardecer seguinte. – Outra pausa. E depois, quase num sussurro, ele disse: – Enterrei todos eles ali, exceto o m eu pai. Ele eu levei de volta para a m inha casa. Eu… não conseguiria deixar os

outros assim . Um *doggen* apareceu pouco depois, enquanto eu cuidava dos corpos, e m e disse que estavam tentando encontrar os parentes, m as todos nas

casas dos funcionários tinham sido m ortos, assim com o na m inha. Literalm ente,

não havia sobreviventes para cuidar dos m ortos. Ah, e aquela form idável

fam ília? Eles fugiram . Tentei localizá-los… e não vou descansar até conseguir.

Moravam num a propriedade cham ada Endelview.

Ele pigarreou com força.

– O que eu quero dizer é, com o se faz algo assim a outra pessoa? Com o

conseguem viver com suas consciências sabendo que poderiam ter aj udado

alguém e não o fizeram ? Os em pregados da casa, os criados, eles serviram à

fam ília por gerações. E tam bém havia plebeus naquela sala. Estavam ali, pelo

que o *doggen* m e contou, porque os caras da construção sabiam da passagem e

se am ontoaram indo em direção àquela sala. Socaram a porta para que os

deixassem entrar enquanto a casa era atacada. Sei disso porque m uitos dos

corpos estavam agrupados j unto à parede. Mas não. Eles não eram bons o

bastante, im portantes o bastante, dignos o bastante.

Oh… Deus…

Era só isso o que se passava pela cabeça dela – porque tam bém conhecia essa

história. Pey ton lhe contara esse acontecim ento hediondo num a de suas longas

conversas, que duravam o dia todo, um m ês depois que ela e o pai partiram para

a casa segura. O prim ogênito, um a filha do m eio, a m ãe e dois prim os alegaram

terem voltado para a cidade e encontrado a carnificina… m as talvez tivessem

estado ali dentro o tem po inteiro?

E depois desapareceram . Muito provavelm ente para um a nova casa segura, bem distante de Caldwell.

– Enfim , tenho planos para eles. Quando descobrir onde estão.

Paradise fechou os olhos.

– Nem todos os aristocratas são m aus.

– Quando você teve que ouvir seu pai chegar em casa todas as noites contando histórias de com o eles o tratavam com o lixo enquanto tentava viver com dignidade? É difícil ter sim patia por eles… e isso foi antes de serem diretam ente responsáveis não só pela m orte do m eu pai, m as tam bém da m inha m ãe e da m inha irm ã.

– Eu sinto m uito.

– Tudo bem .

Não, não estava tudo bem .

E ela não ficou totalm ente surpresa quando ele disse abruptam ente:

– É m elhor eu desligar. Precisam os dorm ir.

– Sim . Sim , claro. – Ela segurou o telefone com força, tentando encontrar algum a coisa para dizer. – Eu, hum …

– Te vej o am anhã.

Clique.

Afastando o celular da orelha, ficou olhando para o aparelho. Naturalm ente, não havia registro do núm ero, pois, assim com o o da casa de audiências, era restrito e privado.

Mas ela não teria ligado para ele m esm o se pudesse.

Deixando de lado o aparelho, olhou para o outro canto do quarto, seu quarto bonito e elegante, em tons de rosa e coral, cortinas de seda com borlas penduradas e tapetes em ponto cruz. Não podia culpar Craeg pelo m odo com o pensava ou com o se sentia. Ela estaria exatam ente com o ele. Mas a resposta não

era perseguir um cara e assassiná-lo para *ahvenge* aquelas m ortes. Ou assassinar as fêm eas pelo m esm o m otivo.

Bem , pelo m enos ela esperava que essa não fosse a resposta.

Já havia tantas m ortes na espécie. Por certo devia existir outra form a de reparar esse erro.

Quando o telefone voltou a vibrar, ela se assustou e o apanhou. Nenhum núm ero. Era ele? De novo?

Aceitando a ligação, sussurrou:

– Alô?

Houve um instante de silêncio. Assim com o antes.

– Desculpe – Craeg disse, de repente. – Caso não tenha percebido, sou um bosta com em oções. Não é culpa sua tudo o que aconteceu antes.

Ela exalou aliviada.

– Estou feliz que tenha ligado de novo. Não pensei que fosse ligar.

– Nem eu.

– Acha que vai conseguir dorm ir?

– Agora que ouvi a sua voz de novo? Talvez. Vou tentar.

– Craeg…

– O que foi?

Ela rem exeu na bainha rendada da colcha ao escolher suas palavras com cuidado.

– Naquela noite dos ataques… Não estou dizendo que o m acho ou quem quer que estivesse trancado ali estivesse certo. Nada disso. Mas olho por olho… é bárbaro.

– Era assim no Antigo País.

– Não vivem os m ais lá. Os tem pos m udaram . Pense em todo o progresso que fizem os, proibição dos escravos de sangue, igualdade com eçando a acontecer para as fêm eas e para os plebeus. Você não tem que esquecer o que aconteceu, não tem que perdoar… Mas a sua resposta não precisa ser hom icídio.

– Não seria hom icídio. Seria um a *ahvenge* para a m inha fam ília.

– Mas se você m ata alguém a sangue frio, com o cham aria isso? – Manteve a voz baixa e suave. – Não quero brigar com você, de verdade, não quero. E eu j am ais presum iria saber com o foi, ter a sua fam ília… – Quando sua voz

falhou,

pigarreou. – Não consigo im aginar. Mas se você seguir em frente com isso, isso tam bém será assassinato. Você não vai ser diferente dos *redutores*.

O silêncio que se seguiu foi longo, m as ela sabia, pela ausência do *clique*, que ele não desligara.

– Você é um a das pessoas m ais com preensivas que eu conheço – disse ele, por fim .

– Não m esm o.

– É, sim . Você é um a boa pessoa, Paradise.

– Não m e coloque num pedestal. Só o que vou conseguir é despencar de um lugar alto.

– Duvido. – Houve um a pausa. – Durm a bem , ok? E se acordar no m eio do dia

e sentir a m ão de alguém em seu corpo, sou eu. Pelo m enos nos m eus sonhos.

– Você está m e fazendo corar.

– Que bom . E quando estiverm os de novo na sala de aula, tentarei não ficar te encarando o tem po todo.

– Não se esforce m uito.

Agora o tom dele estava m ais sério:

– Você tem a sua virtude a proteger.

– A virtude é m inha, então o problem a é m eu. Não seu.

Craeg em itiu um som significando “até parece”.

– Vou ligar de novo am anhã às sete. Atenda ao m aldito telefone.

Paradise teve que rir.

– Alguém j á te disse que você é controlador?

– Não, porque nunca ouço o que as pessoas têm a m e dizer.

– Quer dizer que se eu disser que você tam bém é incrível, vai desligar na m inha cara de novo?

– Provavelm ente.

– Ok, m uito bem , tenha um bom dia e você é incrível… – De repente, ela se sentou m ais ereta e pressionou o aparelho na orelha. – Espere um segundo, acabei de ouvir um a risada desse lado?

– Não. Nada disso.

– Mentiroso. – O sorriso dela era tão am plo que as bochechas doíam . – Você riu. Agorinha m esm o.

– *Não foi* um a risada.

– Ah, porque um a gargalhada é algo m uito m ais m ásculo? Tudo bem , você *gargalhou*, Craeg. Te peguei.

– Você tem que parar. – Nessa hora ele em itiu algo m uito parecido com …

– Você acabou de dar um a risadinha!

– Não!

– Sim , deu, sim . – Conform e continuou provocando-o, ela deduziu que aquela

conversa era o equivalente a coceguinhas nas costelas. – Você acabou de dar um a risadinhaaaaaaaa…

– Preciso ir! Tchau!

– Você é incríííííível…

Clique.

Desta vez, quando ela abaixou o celular na cam a, sentia-se leve e borbulhante com o as bolhas num *flute* de cham panhe.

E um pouco ébria tam bém .

Capítulo 32

QUANDO A NOITE CAIU, MARISSA entreabriu a porta do quarto e espiou o corredor. Não havia sons na sala de estar do Buraco, por isso ela saiu em sua cam isola de seda, os pés descalços ressentindo-se do frio das tábuas de m adeira.

Dobrando a curva, deu um a olhada no sofá, esperando encontrar seu com panheiro adorm ecido com a cabeça virada para a cozinha e os pés próxim os a ela. Ele sem pre dorm ia desse j eito, de m odo que a m esa de pebolim não obstruísse a visão da TV.

O sofá de couro preto estava vazio. Mais especificam ente, a m anta dos Red Sox que ela lhe dera pelo Natal hum ano no ano anterior ainda estava dobrada sobre o espaldar.

Então, ele nem tentara dorm ir em casa.

A m anta era a pista. Ela am ava seu *hellren* de todo o coração, m as o m acho era incapaz de usar a m anta e voltar a dobrá-la quando não m ais precisasse dela.

Era um a piada entre eles, assim com o a inabilidade de guardar o abridor de garrafas em seu lugar costum eiro na cozinha e nunca, j am ais, dar partida na m áquina de lavar louça.

Suspirando profundam ente, fechou os olhos e se recostou na soleira.

– Ele não voltou para cá ontem à noite.

Ao ouvir a voz grave de V., ela olhou na direção da fileira de com putadores. O Irm ão tinha desviado a atenção das várias telas, os superinteligentes olhos diam antinos encarando-a sem piscar nem j ulgar. E não havia com o Marissa esconder sua tristeza dele. Prim eiro porque, para o que desse e viesse, ele era com o um irm ão para Butch, e depois, V. a conhecia tão bem que enxergaria a verdade em qualquer “eu estou bem ” que tentasse usar.

– Tivem os um a briga feia ontem à noite.

V. deu um a tragada profunda em seu cigarro.

– Qual o m otivo?

Andando até o sofá, ela se sentou e arrum ou a cam isola sobre os j oelhos, ganhando tem po.

– Um clube de sexo.

Teria sido extrem am ente divertido apreciar o acesso de tosse do cara, caso

estivesse de m elhor hum or. Havia um a satisfação inenarrável em conseguir chocar o im perturbável Irm ão. Infelizm ente, era por ela ser tão certinha.

– Com o é que é? – As sobrancelhas dele se ergueram tanto que distorceram as tatuagens nas têm poras. – Clube de sexo?

A explicação foi breve e direta, e quando ela term inou, a expressão sardônica norm al de V. retornara.

– É. Ele m e disse que iria. E pediu para eu ir com ele.

Ela não conseguiu esconder sua reação. Confiava que Butch j am ais a trairia – pelo am or de Deus, era um m acho com pletam ente vinculado, j am ais notava as

outras fêm eas, elas podiam ser torradeiras com pernas se dependesse da reação sexual dele. Mas existia algo de intim idador em envolver V. no assunto, talvez porque isso fizesse ela se sentir… excluída, m esm o isso sendo loucura.

E tam bém inadequado, porque seu com panheiro precisava de Vishous lá, m as não a queria.

Além disso, era verdade, o estilo de vida de V. sem pre a chocara um pouco, não por considerá-lo um degenerado, m as por ser sexualm ente extrem o… E diferente.

– Você sabe que ele te am a – V. m urm urou. – Qual é…

– Eu sei.

– E não vou ficar esquisito pra cim a dele, nem nada assim .

– Não tive intenção de te ofender.

– Não ofendeu.

– Ofendi, sim . – Quando o Irm ão se calou, soube que tinha razão. – Eu só… Às vezes não quero ser protegida, se é que isso faz sentido. Quero dizer, o assunto dessa fêm ea, que m orreu na m inha frente… É m eu. Isso faz sentido? É responsabilidade m inha. E estou grata pela aj uda dele, quero a aj uda dele, m as ser deixada de lado porque sou “um a boa m oça” e por eu não poder lidar com certas coisas faz com que eu acredite que ele m e considera fraca e frívola.

– Olha só, eu não posso m e m eter na intim idade de vocês.

– Eu sei. Desculpe.

Quando ela foi se levantar, ele interveio:

– Mas ele te idolatra. Você é com o… aquela Virgem Maria para quem ele reza. Para ele, você é a fêm ea m ais perfeita que j á andou e vai andar na face da Terra. Levar você a um lugar com o aquele seria o m esm o que assistir pornografia na igrej a para ele. Ele a considera pura, virtuosa, boa, e quer – prepare-se, estou prestes a usar a palavra que com eça com “p” – proteger você num m undo que é cruel, noj ento e nauseante.

Ela balançou a cabeça e pensou em Butch com aquela coisa do sexo oral.

– Só não quero que tudo sej a tão branco e preto. Não quero ficar num a caixinha, m esm o se ele m e coloca lá porque am a certas partes m inhas.

A cadeira de V. estalou quando ele se recostou e exalou um firm e j ato de

fum aça. Engraçado, a princípio ela odiara aquele cheiro assim que se m udara para ali. Agora? Era com o incenso, e a fazia se sentir em casa, protegida… E quase j á nem o notava m ais.

Que diabos, a própria presença de V., por m ais frio e intelectual que ele



pudesse ser às vezes, tam bém era algo reconfortante para ela.

– Não é um a questão fácil de responder. – As sobrancelhas dele se uniram . – Quero dizer, o seu garoto é m eio do tipo certo e errado, preto e branco. É com plicado. Mas tam bém existe o lado bom disso. Ele j am ais te desrespeitaria.

Jam ais a trataria m al. Nunca deixaria de pensar em você.

– Ah, eu sei tudo isso. Mas, nesta situação, ele está se m etendo em algo que não só é m uito im portante para m im , m as que é m eu direito fazer. Quando você am a alguém , isso não é legal, m esm o que as m otivações sej am cheias de boas intenções e consideração.

Houve um a longa pausa silenciosa.

– Deixe-m e falar com ele.

– Agradeço se fizer isso. – Praguej ou baixinho. – Tem os tido alguns problem as ultim am ente. Estou de coração partido.

– Relacionam entos são assim . Mesm o os m elhores.

– Acho que sim .

– Olha só, ele não quer estar com ninguém m ais que não sej a você. – O Irm ão

m ostrou as palm as. – Sei que você sabe disso, m as eu tenho que repetir. E para o

bem ou para o m al, a sua graça e elegância e, sim , esse seu recato é parte do que

o atrai. Quer dizer, por exem plo, ele se envolveu com Xhex, m as aquilo foi só

sexo, e é o que sem pre seria. Você é o tipo dele, não ela.

Marissa levantou-se com o se tivesse acabado de levar um balde de água fria

na cabeça.

– Ele fez sexo com ela?

No escritório do centro de treinam ento, Butch estava sentado atrás da

escrivaninha de Tohr, fitando as linhas coloridas que giravam pelo descanso de

tela do com putador.

O que estava rum inando, o que estivera rum inando o dia inteiro, era o que

diabos havia de errado com ele. Depois que Marissa o deixara falando sozinho na

sala de bilhar, com eçara a beber, beber com o um gam bá, m as não se

em bebedara. Sim , claro, seu corpo ficara todo entorpecido, a ponto de não

conseguir sequer voltar para o Buraco para cair duro no sofá.

Que inferno, arrastar-se até um dos sofás ao lado das m esas de sinuca só para

desm aiar na vertical j á se m ostrara um belo desafio.

Contudo, seu cérebro perm anecera tragicam ente lím pido.

E a pior parte? Por algum m otivo, a últim a im agem que tinha da irm ã – dela olhando para ele pela j anela de trás do carro em que saíra para encontrar seu destino de estupro e m orte – continuava surgindo, com o se a sua m ente fosse um a m áquina de caça-níqueis, que nunca m ostrasse a com binação de figuras correta, e ele perdesse continuam ente.

Ah, “por algum m otivo” um a ova. O m otivo era a garota m orta de Marissa, claro. E deduziu que, caso se sentasse com Mary para um a sessão de terapia, a terapeuta favorita da Irm andade lhe diria que sua presente situação estava desencadeando aquelas m em órias do passado e que ele estava passando por um a

síndrom e de estresse pós-traum ático.

A porta do arm ário de suprim entos foi aberta num rom pante. E ele ainda tinha álcool suficiente em seu organism o para não virar-se rápido e berrar com o um a m enininha com o susto.

– V.? – disse quando seu cam arada foi entrando feito um tornado.

Certo, por falar em síndrom e de estresse pós-traum ático, Butch nunca vira V. tão perturbado: respirava fundo, os olhos estavam arregalados, o cabelo escuro todo bagunçado, arfando com o se tivesse corrido pelo corredor subterrâneo, em vez de cam inhar por ele.

– O que foi? – Butch exigiu saber. – Jane está bem ? É o Buraco? Cristo, o que

aconteceu?

V. só m archou ao redor da m esa e se j ogou na am ada poltrona verde e horrorosa de Tohr. Apoiando a cabeça na m ão enluvada, m urm urou:

– Um dos m eus antigos sonhos acabou de se tornar realidade.

Quando o pânico de Butch com eçou a arrefecer, ele revirou os olhos.

– E qual foi?

– Acabei de te foder.

Piscada. Piscada. E depois Butch com eçou a gargalhar.

– Ah, tá, ótim a piada. Agora, sem brincadeira: o que foi que o Lass fez agora?

– Não, estou falando sério. Acabei de te foder. Pra valer. E sinto m uito, m as m uito m esm o.

Apoiando-se nos antebraços, Butch praguej ou.

– Sem querer te ofender, não há nada que você pudesse fazer que sej a tão ruim assim .

– Acabei de contar pra Marissa que você transou com a Xhex.

O queixo de Butch despencou e ele sentiu a boca se abrir.

– Com o… Por que… Mas o quê…

V. levantou as m ãos.

– Eu pensei que ela soubesse, verdade! Eu não sabia que você não tinha contado pra ela! Mas que m erda, vocês não fizeram aquela porra do “com quem você dorm iu antes de m im ”? Droga!

Se Butch não tivesse voltado direto para o pânico, teria rido à custa do cara de novo. O verbete “im passível” no dicionário tinha um a foto de V., que era o tipo de filho da m ãe tão *blasé* que seria capaz de sentar num latão de gasolina no m eio de um a casa em cham as só para dar um a relaxada.

Pelo visto, acabaram de descobrir o que disparava suas glândulas adrenais. Era bom saber.

Mas a notícia era bem ruim para Butch.

Apoiando a cabeça nas m ãos, esfregou o rosto.

– O que ela disse?

– Não m uito. Foi para o quarto, se vestiu e saiu para trabalhar, o m ais calm a que poderia estar. E foi isso que quase m e fez cagar nas calças, cara.

Butch queria dizer que tudo ficaria bem . Mas do j eito que ele e a sua com panheira vinham se desencontrando ultim am ente…

– Com o o assunto veio à tona? – perguntou.

V. pôs as palm as pra frente.

– Olha só, foi ela que com eçou a falar de vocês dois.

– A coisa do clube de sexo?

– É. Ela acha que você a rotulou nessa dualidade de santa/prostituta e que a está sufocando. E, presta atenção, não que você tenha algum interesse em aceitar um conselho m eu, m as você tem que largar m ão disso. Só porque ela vai ver um

punhado de hum anos m andando ver num lugar público não significa que vai m udar de personalidade. O que acha que vai acontecer? Ela vai, de repente, ficar com o eu? Prim eiro, ela precisaria m udar de sexo, segundo, teria que transar de um j eito m uito m ais depravado, e m ais idiota tam bém , evidentem ente.

No silêncio que se seguiu, m etade do cérebro de Butch se sobrecarregou com o lance a respeito de Xhex, e a outra m etade chegou a um a súbita conclusão.

Marissa tinha razão. Ele se sentia m ais desconfortável em vê-la num lugar com o aquele do que ela própria.

Maldição.

– Muito bem – V. m urm urou –, vocês dois agora têm que conversar. E eu sinto m uito.

– Tudo bem .

– Eu pensei estar aj udando. Só quis enfatizar que ela é o seu tipo. Que ela é sua garota. Que você não precisa que ela sej a outra coisa senão ela m esm a.

– Isso é verdade. – Tateou procurando o celular. – Ela foi trabalhar, certo?

– Certo. Foi o que ela disse quando saiu.

– Vou ligar para ela. – Quando V. saltou da poltrona, Butch ofereceu sua palm a. – Estam os bem , cara. A culpa é m inha. Acho que tinha que ter contado antes. É que tudo o que aconteceu antes dela não tem im portância, entende?

V. bateu a palm a na dele.

– Eu m e sinto péssim o por isso. Se quiser um *rytho*, é só dizer.

– Não, pare com isso, m as talvez você possa buscar a m inha roupa na lavanderia por um m ês.

– Fritz j á não faz isso pra você?

– É um a piada hum ana.

– Ah, é por isso que não teve graça. – V. passou pela porta de vidro. – Quando vai tirar um a noite de folga para poder ir ao clube de sexo?

– Pode ser am anhã. Tanto faz.

– Ok. Vou cuidar da aula de com bate. Depois Z. vai dar a aula sobre venenos. Tem certeza de que não vou precisar de um testador para a com ida?

– Tá lim po. Mas se o Z. precisar de alguém pra praticar, faça o Lass de cobaia.

– Feito. Com pletam ente de acordo.

Quando V. saiu e a porta se fechou silenciosam ente, Butch ligou para sua com panheira e rezou para que ela atendesse. Quando a ligação foi parar na caixa de m ensagens, ele praguej ou e desej ou que o m otivo fosse por ela estar em reunião e não por estar tão puta da vida que sequer queria falar com ele.

Ela não faria isso. Claro que não.

Mas, pensando bem …

– Merda.

Capítulo 33

PENSE NUMA CAMADA DE ExCITAÇÃO sendo acrescentada a cada segundo.

Enquanto Paradise passava pela sessão de treino de com bate no ginásio e depois tinha a iniciação sobre as form as de m atar usando loções e poções, sentiu com o se escondesse o segredo m ais incrível do planeta. A cada soco e chute, a cada anotação, pergunta feita ou resposta dada, ela tinha que refrear o sorriso que queria se form ar em seu rosto.

E parte disso era porque ela sabia que Craeg se sentia exatam ente com o ela.

De tem pos em tem pos, ela o flagrava fitando-a com um olhar sensual, m eio encoberto, que sugeria que o que quer que estivesse pensando não tinha a ver com a aula do m om ento.

Em vez disso, ele evidentem ente estava de volta ao escuro, ao telefone. Com ela.

E, puxa, não era um a surpresa que seu corpo quisesse m ais dele de novo – com tam anha intensidade que, de fato, ela se rem exia e estalava as costas e tinha que m udar de posição sentada ou de pé m eio que constantem ente.

No entanto, ninguém m ais parecia notar, em bora talvez ela estivesse apenas se iludindo. E se não fosse assim ? Que se fodessem . Antes de se desm aterializar de casa para o ônibus, relera o form ulário de inscrição e todas as particularidades, ou sej a, as coisas que não m ostrara ao pai porque não desej ara assustá-lo, e não

havia nenhum a m ção quanto a relacionam entos serem proibidos.

Ou conexões rom ânticas.

Ou… o que quer que estivessem tendo.

Portanto, estavam bem no que se referia aos regulam entos. Am bos eram

m aiores de idade, e sim , claro que a ideia de que Pey ton e Anslam descobrissem

poderia ser um a com plicação adicional ante a *glymera*, m as 1) ela sabia tantas

coisas podres sobre Pey ton que poderia chantageá-lo para que se calasse se

assim fosse necessário e 2) Anslam era o típico filhinho de papai voltado para o

próprio um bigo que não notaria se um elefante cor-de-rosa entrasse na sala a não

ser que isso o beneficiasse de algum m odo.

Quando a parte final da noite chegou, ela entrou na sala de ginástica atrás de

Craeg e se perm itiu apreciá-lo com olhares cobiçosos, m edindo a extensão dos

om bros, sua im ponente altura e o m odo com o cam inhava com força com edida.

E, sim , aquele seu traseiro espetacular.

Uau.

Mas logo voltaram para o assunto sério quando o Irm ão Butch lhes passou o

treino, designando cada um deles para os diversos equipam entos e pesos livres.

– Paradise, hoj e você vai correr – ele disse apontando para a fileira de

m áquinas. – Um a hora. Pausas aos vinte e quarenta m inutos para água. Sem

inclinação no aquecim ento.

Atravessando os tatam es, subiu na esteira m ais próxim a, inseriu a chave de segurança e program ou para sessenta m inutos num a velocidade alta. Quando a esteira com eçou a rolar, ela saltou e iniciou num ritm o que pareceu m ais difícil do que estava acostum ada, m as, em retrospecto, as coxas estavam cansadas pela posição defensiva, m eio agachada, dos treinos no início da noite. Mas isso logo m elhorou, a plataform a oscilando e resm ungando ao ritm o das suas passadas nos tênis Brook Gly cerin 12s, a respiração ficando cada vez m ais profunda.

Craeg acabou na estação de agacham entos.

Que espetáculo!

O peso que ele conseguia sustentar era tão grande que Butch e Tohr acabaram um de cada lado dele para acom panhá-lo, para o caso de ele perder controle do que deviam ser uns 270 quilos. Posicionando-se debaixo da barra, apoiou as m ãos com os punhos afastados, bufou e grunhiu ao elevar o peso e aceitá-lo em seu corpo. Na m esm a hora seu rosto ficou verm elho, e os m úsculos e veias do pescoço saltaram quando ele recuou duas passadas para assum ir a posição de equilíbrio.

Para cim a…

… e para baixo.

Para cim a…

… e para baixo.

Apesar da m aneira com o trem ia na superfície da pele, os m úsculos desenvolvidos e fortes do tronco estavam sólidos enquanto ele se levantava e agachava repetidam ente. O suor com eçou a brotar no rosto dele, não que ele parecesse notar, e não havia m odo de ela não tentar im aginar com o eram os m úsculos fortes debaixo daquele uniform e supostam ente largo: as coxas da calça

grudavam com o um a segunda pele toda vez que ele agachava de tanto que os m úsculos cresciam . Na verdade, devia faltar pouco para ele rasgar o tecido…

Aconteceu tão rápido.

Num m inuto ela estava correndo rápido, m antendo o ritm o. No seguinte, o pé direito aterrissou m eio dentro da faixa, m eio na borda lateral.

Ela caiu com tanta velocidade que não conseguiu se segurar, pelo m enos não com o braço ou a m ão. Em vez disso, bateu com força no console, ricocheteou e quase lixou o rosto na faixa de rolagem porque a chave de segurança estava m uito bem colocada na m áquina, m as não estava presa à sua roupa.

Por isso a esteira continuou funcionando.

Por um segundo, ela ficou atordoada dem ais para se m exer, m as quando sentiu um a dor ardente conseguiu se virar de onde tinha aterrissado. Deus, o

cheiro nauseante de carne torrada fez seu nariz franzir.

Foi nessa hora que ela viu os coturnos.

Bem ao lado do seu rosto.

De repente, um m onte de pessoas disparou a falar acim a dela, e ela tentou acom panhar o que diziam , m as havia algum a coisa em seus olhos. E a cabeça doía. Por que a cabeça estava doendo?

– … a doutora Jane, im ediatam ente.

– … um a m aca?

– Rápido!

Mexendo a m ão m eio descoordenadam ente, tentou enxugar o suor do rosto para poder enxergar m elhor.

Não era suor. Era sangue. Quando olhou para a palm a que passara pelo rosto, viu que ela estava m anchada com o verm elho vivo de seu sangue.

Ai, droga. Devia ter se m achucado bastante.

E só porque bancara a garota deslum brada.

Maldição.

Quando Paradise se estabacou na parte oposta da sala de ginástica, Craeg quase largou a barra com os pesos para correr para j unto dela. Mas não se larga quase trezentos quilos de um a vez, não a m enos que não queira se m achucar ou m achucar alguém perto de você.

Com todo controle que conseguiu reunir, avançou um passo e confiou na aj uda

dos Irm ãos para recolocar a barra com pesos no suporte. Logo os três dispararam para j unto dela. Craeg arrancou a chave de segurança da m áquina, porque ela estava perto dem ais daquela m aldita coisa, o corpo dobrado m eio dentro, m eio fora daquela porcaria.

– Paradise? – ele a cham ou.

Quando Butch se aj oelhou ao lado dela, Craeg quase arrancou o cara a tapa, m as isso seria ridículo. Prim eiro, o Irm ão era um professor. Segundo, não haveria um anúncio m ais óbvio daquilo que ele e Paradise vinham tendo do que se m ostrar todo territorialista em relação a ela num a m aldita situação de em ergência.

– Paradise? – repetiu. – Paradise…

Ela se sentou quando o ouviu cham ar seu nom e e depois se virou para ele. Oh, Deus, havia tanto sangue. Tanto… Puta m erda, acabaria desm aiando.

Os Irm ãos gritaram ordens um ao outro e logo Tohr saiu atrás de aj uda. O que significou que sobrava um espaço ao lado dela, e o corpo de Craeg tirou vantagem disso m esm o antes de form ular um pensam ento consciente.

– Estou bem – ela disse, afastando as m ãos ao se levantar. – Estou m e sentindo um a idiota. Não preciso de aj uda.

Arrancando a cam iseta, Craeg form ou um a bola com ela e pressionou o tecido sobre o corte no supercílio de Paradise.

– Cala a boca – m urm urou quando ela com eçou a discutir com ele. – Você vai

para a clínica. Provavelm ente vai precisar de pontos.

– É só um cortezinho de nada.

– O que, exatam ente, você acha que é todo esse troço verm elho?

– Não precisa ficar histérico…

– Não vou discutir com …

Ficaram nesse debate tenso, atropelando-se e interrom pendo um ao outro. Foi só quando fizeram um a pausa para respirar que perceberam que todos na sala de pesos os encaravam com um a expressão de “olha só que novidade”.

Merda.

Tanto faz… prim eiro ele precisava se certificar de que ela consentiria em receber auxílio m édico. Depois se preocuparia com as conclusões a que todos eles chegaram .

E, sim , foi ele quem a pegou no colo e a colocou na m aca.

E, sim , se qualquer outro m acho, inclusive o am iguinho Pey ton ali na ponta, ou

qualquer um dos Irm ãos, a tivessem tocado, ele teria arrancado seu braço a dentadas.

No corredor, ela ainda discutia, e ele sabia que parte do m otivo era ela estar assustada, querendo, assim , se livrar do m edo.

– Ridículo. – Mas pelo m enos ela pressionava a cam iseta no rosto. – Só preciso lavar o rosto e o sangue vai estancar.

– Claro, porque um pouquinho de água vai dar j eito nesse talho de cinco centím etros.

– Isso é um exagero!

– E quando foi que você fez faculdade de m edicina?

Quando chegaram à porta da clínica, ele teve a intenção de entrar com ela, m as Butch o barrou.

– Você tem que voltar para a aula.

Craeg abriu a boca para discutir, e foi então que ele soube que havia perdido o j uízo. Quanto tem po fazia que conhecia aquela fêm ea pra valer? Um as três, quatro noites? Aquilo era inapropriado.

Mesm o assim , ele sacudiu a cabeça de um lado para o outro.

– Não vou sair daqui.

– Vão ter que exam iná-la – Butch argum entou. – Ela inteira, se é que m e entende.

Craeg praguej ou e deu um a últim a olhada para a porta que se fechava enquanto Paradise era transferida da m aca para a m esa de exam es. Com o se sentisse que ele j á não estava ali, ela ergueu os olhos confusa, procurando por ele.

– Eu… Ah… – Craeg pigarreou. – Gostaria de vê-la depois que tiverem term inado.

– Se ela concordar, tudo bem .

Craeg assentiu e ordenou aos seus pés que se virassem e voltassem na direção da sala de pesos. Dem orou pelo m enos m eio m inuto para que eles reagissem , e ainda assim com m orosidade. As pernas levaram o tem po que bem quiseram para levá-lo aonde ele precisava estar.

E, vej am só, Pey ton estava do lado de fora da sala de pesos, à sua espera.

Resm ungando baixinho, Craeg se preparou para lutar de novo com o cara.

– Quando aconteceu? – o cara exigiu saber.

– Quando aconteceu o quê?

– Você e ela.

O outro m acho estava olhando para ele com um a estranha tranquilidade, que tanto podia ser aceitação quanto preparação para um ataque. Engraçado, aquela aparência perfeitinha da J. Crew e m odos de aristocrata, aliados a um a criação privilegiada, tornavam o cara um candidato da eHarm ony m uito m ais adequado para um a fêm ea.

No entanto, Paradise, por algum m otivo, escolhera Craeg.

Ela devia estar louca.

– Não há nada entre nós – disse Craeg.

– Sem essa pra cim a de m im , ok? Você se vinculou a ela.

– Porra nenhum a.

Pey ton revirou os olhos azuis enfaticam ente. Depois, franziu a testa.

– Espera aí, você tá falando sério.

– De que porra você tá falando?

– Você, sinceram ente, não reconhece isso. Não percebeu que o cheiro da vinculação disparou, ou que você expôs as presas pra cim a da gente quando foi aj udá-la. Você, francam ente, não percebeu isso.

Craeg piscou perplexo algum as vezes. Depois olhou à esquerda do cara e m ediu a distância entre a própria testa e a parede de concreto. Talvez, se batesse o crânio com força suficiente, causaria o dano cerebral necessário para afetar a sua m em ória recente e fazê-lo esquecer de um dia ter conhecido aquela fêm ea.

Pey ton com eçou a rir.

– Sabe, queria te odiar, ah, com o queria. Ela é um a das m elhores fêm eas que j á conheci. Mas, em vez disso, sinto por você.

– Por quê? – Craeg disparou.

– Porque você j á foi tão fundo e ainda está lutando contra isso. Vai ser divertido assistir a esse dram a.

– Fico contente em poder entretê-lo.

Pey ton teve a audácia de lhe dar um tapa no om bro.

– É m elhor você cuidar bem dela, ou vou ter que ir atrás de você e acabar com a sua raça. Lentam ente.

Craeg recuou um passo.

– Não sei do que você está falando.

– Sim , sim , claro que não sabe.

Pey ton ainda estava rindo ao se virar para abrir a porta.

Craeg o segurou pelo braço.

– De onde a conhece?

Houve um a pausa.

– Ela trabalha na casa de audiências.

– Foi assim que a conheci tam bém .

– Só pra ficar bem claro, às vezes eu acho que estou apaixonado por ela

tam bém . – Pey ton voltou a revirar os olhos. – Deus, dá pra parar com isso?

– Isso o quê?

– Você estava rosnando para m im .

Puxa. Vej a só. Suas presas tinham descido e o lábio superior estava retraído.

– Desculpa.

– Sim , lógico, você não está vinculado. Nem um pouco. – Pey ton cruzou os

braços sobre o peito. – Antes que com ece a m e atacar, nunca a beij ei. Ela nem

pensa nisso. Em relação a m im , quero dizer. O que é bom – sou um com pleto

idiota – e ela tem razão, tenho alguns vícios. De todo m odo, lem bre-se do que eu

disse.

– E cá estava eu, pensando que a gente podia esquecer esta conversa.

– Isso nunca vai acontecer, m eu chapa. – De repente, os olhos de Pey ton se

estreitaram e agressão pura reluziu neles. – Qualquer um que m agoe aquela

fêm ea é inim igo m eu. E posso ser um aristocrata, m as sou capaz de virar bicho

para proteger o que é m eu. Entendido?

Craeg m ediu o cara.

– Não posso prom eter nada.

– O que isso quer dizer?

– Tenho… assuntos… que preciso cuidar depois disto, e eles não incluem eu

m e assentar e assum ir um a com panheira. Vinculado ou não, nada vai m udar essa

realidade. Nem m esm o ela; e ela sabe disso.

A voz de Pey ton desceu para um tom tão grave que m al ficou audível.

– Então você é um tolo. Um puta dum tolo. – Mas foi aí que ele deu de om bros.

– Mas, ei, isso é bom . Significa que eu ainda posso ter um a chance com ela. Quer

saber? Foda-se. Não sou eu que vou m ostrar a você com o está sendo otário. Vá,

afaste-se, a decisão é sua, idiota… E eu te prom eto, eu vou tentar a sorte com

ela. Pra valer.

Enquanto a fera interior de Craeg rugia, foi provavelm ente m uito bom que o

m acho tivesse entrado na sala de pesos àquela altura.

Foi m esm o.

Já tinham um *trainee* na clínica. A turm a não precisava de outro lá. Ainda m ais

se o segundo fosse levado para lá aos pedaços.

Capítulo 34

MARISSA FALOU COM BUTCH A NOITE INTEIRA.

Mesm o enquanto conduzia um a reunião com as funcionárias, entrevistava um a assistente social especializada em saúde m ental para um a vaga de em prego e conversava rapidam ente com Mary, nos recessos da m ente ela estava conversando com Butch.

As cenas im aginárias de ela cheia de razão chutando o traseiro om isso dele eram acom panhadas pela trilha sonora de Butch concordando que não passava de um cretino que precisava de uns doze tipos diferentes de terapia. O fato de ele, no decorrer das horas, ter lhe telefonado três vezes e enviado duas m ensagens de texto não o aj udaram em nada. Mas, pensando bem , ele poderia ter Perry Mason* defendendo o seu caso e ainda assim acabaria na prisão perpétua sem a possibilidade de um dia voltar a transar com a sua *shellan* de novo.

Não retornara nenhum a das ligações ou m ensagens e disse a si m esm a que o estava afastando porque desej ava escolher cuidadosam ente suas palavras antes.

A realidade era m uito m enos louvável: estava m agoada, sentia-se rej eitada por ele, deixada de lado, e queria que ele experim entasse na própria pele essa sensação.

O que não era nem um pouco atraente.

A Virgem Escriba era testem unha de que nunca fora um a pessoa rancorosa, e odiava que a coisa que ela m ais estim ava no m undo, o seu relacionam ento com o com panheiro, a deixasse am arga.

E foi essa questão desagradável que a fez sair m ais cedo do trabalho, enviando-lhe um a m ensagem de que o esperava assim que ele tivesse term inado seu trabalho no centro de treinam ento, para terem aquela conversa difícil que precisavam ter.

Quando chegou à m ansão e deu um a bela olhada no vestíbulo, só pensou na quantidade de pessoas que passavam por aquele lugar costum eiram ente. Privacidade era do que necessitavam , e por isso resolveu descer para o centro de treinam ento. Prim eiro porque, tendo tom ado a decisão de conversarem , queria falar com Butch o quanto antes; segundo, o Buraco era claustrofóbico dem ais e ela não tinha certeza se V. ou Jane teriam a noite de folga.

Um a coisa estava bem clara para ela: não queria que ninguém os ouvisse.

Deixando o casaco e a bolsa ao lado da porta cam uflada debaixo da grande escadaria, inseriu a senha: 1914, e se apressou a descer os poucos degraus.

Depois de inserir o m esm o código de novo, em ergiu no túnel subterrâneo e partiu na direção do centro de treinam ento. De tem pos em tem pos, tinha que enxugar o suor das palm as nas calças pretas, e m exia no cabelo, que, para variar, havia

deixado solto.

Quando chegou ao arm ário de suprim entos e entrou no escritório, seu coração j á batia forte, a boca estava seca e o estôm ago, em brulhado.

Depois de anos sofrendo com ataques de pânico, rezou para que seus nervos não a levassem novam ente para aquele cam inho infernal.

Consultando o fino relógio Cartier que Butch lhe dera no prim eiro aniversário de casam ento deles, im aginou que teria que esperar um pouco. Um a hora, pelo m enos.

Maravilha, agora se sentia aprisionada no aquário de vidro.

Com um a olhada por cim a do om bro, fitou o arm ário e im aginou se não poderia ficar andando de um lado para o outro pelo corredor com a desculpa de que o exercício desanuvia a m ente, m as a ideia não lhe apeteceu. Além disso, cedo ou tarde, m esm o que Butch não recebesse seu recado, ele teria que ir para a m ansão para a Últim a Refeição, e aquele era o m elhor lugar para encontrá-lo.

Olhando para a escrivaninha, foi até lá e se sentou na poltrona giratória. Seu *login* foi aceito pelo com putador e, depois, entrou na conta do Gm ail que criara para receber os RSVP para o Festival Dançante do Décim o Segundo Mês.

– Uau. – Inclinou-se em direção à tela. Havia incontáveis respostas a serem lidas. – Isto é, a m enos que sej am todas declinações do convite.

Pelo am or de Deus, devia haver um a centena de m ensagens não lidas, e quando ela com eçou do topo, descobriu que… todos confirm avam .

Aceitamos com prazer o seu gentil convite…

Sim, claro, meu hellren *e eu participaremos…*

É com grande satisfação que humildemente aceitamos…

Antes de ir longe dem ais, abriu um a gaveta e pegou um bloco de anotações e um a caneta. Criou colunas: nom e, resposta, núm ero, no topo da página.

Consultando o com putador e anotando no bloco, estava m ais ou m enos na m etade

quando chegou ao nom e do irm ão.

Dando dois cliques no nom e em negrito, prendeu a respiração. E depois a soltou.

Ele não iria. Com três frases m uito educadas, afirm ou que seria necessário na clínica, m as que apreciava o fato de ter sido convidado.

Engraçado, aquilo era tanto um alívio com o um a decepção. Esperava que ele fosse, especialm ente depois que aquela fêm ea indicara que fora Havers que a recom endara para a organização do evento.

Recostando-se na poltrona, pensou no seu propósito de confrontar o passado. Wrath há m uito se desculpara com ela, e o m odo com o aceitara com tanta boa vontade e carinho não apenas Butch com o tam bém a vinculação de am bos significara m uito para ela. Nunca ficara pensando m uito no que acontecera entre

ela e o Rei, m as ao considerar o noivado fadado ao fracasso e tudo o que acontecera depois disso, descobriu que o perdoara por com pleto. Já não sentia

por ele outra coisa que não afeto, e sabia que ele falaria com ela se ela quisesse ou precisasse. No entanto, sentia-se verdadeiram ente em paz em relação a ele.

Já com a *glymera*… Continuava exasperada a ponto de sentir-se enfurecida com eles e com os seus padrões, m as não tinha com o colocar o punhado de preconceituosos idiotas em fila para gritar com eles. Viver independente de tudo aquilo era um a estratégia m uito m ais saudável e bem -sucedida.

E quanto ao Havers? Estivera planej ando conversar com ele durante o baile, m as esse, de fato, não teria sido um bom plano. Aquela conversa tam bém requereria privacidade, e talvez algum as fichas de anotação com tópicos a serem abordados. Sequer sabia bem o que gostaria de lhe dizer.

Aquele era o problem a das resoluções. Não podem os nos forçar a nada até estarm os prontos. E suas em oções ainda estavam m uito incertas.

Sim, pensou. Ele não ir ao baile na verdade facilitaria a sua vida. E haveria um espetáculo a m enos para a plateia da *glymera*.

Conseguir conversar com ele provavelm ente envolvia um pouco m ais de tem po e talvez… puxa, quem sabe se se sentasse com ele j unto a Mary …? Será que ele estaria disposto? Quem poderia saber.

Butch era o seu m aior problem a. E aquela fêm ea que fora assassinada, claro.

Voltando a se concentrar, term inou sua lista, fechou sua página de e-m ails e estim ou a quantidade de convidados participantes. Se aquela proporção de quase cem por cento de confirm ação de com parecim ento continuasse assim , teriam

quase quatrocentas pessoas na casa de Abalone. Que era o dobro do que ela estim ara quando calculara as despesas de bebida e com ida, algo que, claro, com o organizadora do evento, era sua atribuição.

Devia ter subestim ado o quanto eles queriam ver e ser vistos.

Recostando-se, voltou a olhar para o relógio. Pelo m enos se ocupara por uns bons trinta m inutos.

Ansiosa, inquieta, nervosa e m al-hum orada, m exeu no m ouse, vendo a setinha branca fazer círculos na tela.

Caram ba, ainda estava bastante brava com Butch. Mesm o tendo se acalm ado bastante, ainda estava m agoada e…

Franziu o cenho e parou o m ovim ento da seta.

Em baixo de um a fileira de ícones, havia um a foto m inúscula, um a pequena representação do que parecia ser… a parte de trás da cabeça do seu *hellren*?

Mas não podia ser isso.

Dando um clique duplo sobre a im agem , surgiu um a tela para entrar com o usuário e a senha. A parte do usuário j á estava preenchida com BUTCH DHES, e

a da senha estava em branco.

Não havia nenhum título, nada que lhe desse um a pista do que seria o arquivo.

Considerando-se em que ponto estavam , era triste, m as ficou desconfiada de tudo

aquilo.

Pensando bem , quando se esconde certas coisas de um com panheiro, a outra parte provavelm ente com eça a questionar basicam ente tudo.

Apoiando as pontas dos dedos no teclado, inseriu a senha que ele costum ava usar: 1MARISSA1!

E, claro, a senha lhe deu acesso a…

Um vídeo, um a im agem congelada e pronta para ser acionada, de Butch sentado à escrivaninha, com a câm era atrás da sua cabeça.

Apertando a tecla “PLAY”, acionou o m ecanism o e viu seu com panheiro olhando para aquela chave preta com a borla verm elha. Não havia som , por isso ela não conseguia ouvir nada, m as im aginou o ruído que ela produzia toda vez que caía no m ata-borrão.

Um m acho j ovem entrou no escritório.

Devia ser um dos *trainees*.

E os dois com eçaram a conversar. Evidentem ente, aquela devia ser um a entrevista sobre o program a, e não devia estar indo m uito bem , se a expressão do

j ovem servisse de indício.

Quando Butch suspendeu a chave, ficou evidente que estavam falando sobre ela.

Hora de ouvir, pensou, apertando diversos botões. Não conseguia encontrar o certo. Depois que nada que tentou funcionou, percebeu que os alto-falantes

tinham botão de volum e, m as m esm o assim não ouviu nada. Dem orou um a eternidade até ela descobrir que alguém desconectara os cabos dos alto-falantes por algum m otivo.

– … Com o ela é? – o m acho perguntou.

Endireitando-se, ela se concentrou na cabeça de Butch, e ele levou um tem po para responder à pergunta:

– … depende de quanto tem po antes aconteceu e com o aconteceu. As m ais recentes… ainda m ais as violentas… podem ser um a sangreira só.

– Do que você está falando? – ela perguntou em voz alta.

– Partes do corpo não gostam de ser cortadas, apunhaladas ou cerradas em seções, e expressam sua raiva vazando sangue por todo o lugar. Santo Deus, som os constituídos por uns setenta por cento de líquido ou algo em torno disso? E

você aprende que isso é um a m aldita verdade quando chega a um a cena fresca. Poças de sangue. Pingos. Esguichos. E tam bém as roupas m anchadas, tapetes, lençóis, paredes, pisos… ou, se é algo externo, a terra, o concreto, o asfalto. E tam bém tem o cheiro…

Santo Deus, ela pensou quando sentiu um a onda de tristeza a assolar.

Butch prosseguiu:

– Nos casos m ais antigos… o cheiro nauseabundo é pior do que a suj eira.

Mortes por afogam ento, por causa do inchaço, são sim plesm ente horrendas. E se

o gás ali preso se solta? O m au cheiro te faz desm aiar. E sabe, tam bém não sou m uito fã dos queim ados. – Houve outra pausa. – Quer saber o que eu m ais detestava? – Apontou para a cabeça. – O cabelo. O cabelo… Deus, o m aldito cabelo, ainda m ais se fosse de um a m ulher. Em aranhado com sangue, terra, pedriscos… todo desgrenhado e torcido, esparram ado sobre a pele acinzentada. Quando não consigo dorm ir à noite, é o que vej o. Eu vej o os cabelos. – Ele com eçou a esfregar as m ãos. – É preciso usar luvas, sabe… para que suas digitais não fiquem em nada, não deixem nenhum vestígio seu para trás. No com eço elas eram de látex, m ais tarde passaram a ser de borracha nitrílica. E, às

vezes, ao m anusear um corpo, o cabelo grudava nas luvas… e era com o se ele quisesse m e pegar, sabe? Com o se… se pudéssem os nos contam inar com a m orte de algum a m aneira. – Butch balançou a cabeça. – Aquelas luvas eram finas pra cacete. Não funcionavam .

O *trainee* franziu o cenho.

– Por que tinha que usá-las, então?

– Não, não, elas funcionavam com as digitais, entende? Mas eu sem pre deixava um a parte m inha para trás com todos aqueles cadáveres. Cada um deles… tem um pedaço m eu.

Marissa desligou o som . Parou o vídeo.

E pendeu a cabeça entre as m ãos.

– Você estará novinha em folha pela m anhã.

Enquanto a doutora Jane lhe entregava um espelhinho, Paradise se preparou para enfrentar seu reflexo, m as, na verdade, não estava tão ruim .

– Foram quantos pontos?

– Doze. Mas o corte vai se fechar sem que você fique com nenhum a cicatriz. – Levantando a m ão, ela tocou na linha com pequenos nozinhos pretos próxim a à sobrancelha.

– Sangrei tanto, eu podia j urar que precisaria de uns cem .

A doutora cobriu com um curativo branco o trabalho recém -executado e depois arrancou as luvas descartáveis com um barulho que ecoou pelo côm odo azulej ado.

– Essa região é m uito vascularizada. Talvez você queira se alim entar se j á faz um tem po… Não é um a em ergência, m as você perdeu sangue e vocês têm gasto

m uita energia nos treinos.

Ou, no caso dela, perdendo a concentração e fazendo papel de boba.

– Pode esperar pelo ônibus para te levar de volta, ou, se não quiser ficar esperando, posso pedir que um dos *doggens* te leve a um lugar seguro para que possa se desm aterializar para casa.

Abaixando o espelho, Paradise tentou im aginar o que o pai diria se visse seu

rosto assim .

– Posso ficar aqui hoj e? Não posso… não quero voltar para casa assim .

A com panheira de V. sorriu, com um a expressão gentil nos olhos verde-escuros enquanto passava a m ão pelos cabelos loiros curtos.

– Na verdade, eu estava pensando a m esm a coisa. Mas não costum o prender ninguém aqui a não ser que sej a m edicam ente necessário. E, no seu caso, não é.

Seria talvez… apenas m ais fácil para o seu pai.

– Tudo bem se eu ligar para ele do m eu celular?

– Claro. Mas se não conseguir sinal, e algum as pessoas às vezes não conseguem , tem um a linha no refeitório que você pode usar.

– Muito obrigada – ela agradeceu enquanto virava as pernas para a lateral da m aca. – Não senti nada enquanto você m e dava os pontos.

– Você está se saindo m uito bem , Paradise. Todos estão m uito orgulhosos de você.

– Obrigada.

Ela baixou a vista ao apoiar os pés no chão e fez um a careta. Havia uns pingos de sangue em seu par de Brooks, o que não era nada contanto que não os usasse perto do pai.

Sim, definitivamente precisaria não voltar para casa e passar o dia ali, pensou ao sair no corredor.

Foi só quando estava no fim do corredor, j á abrindo a porta do refeitório, que percebeu…

Ela e Craeg estariam nas m esm as instalações.

O dia inteiro.

Enquanto seu corpo fazia os cálculos e chegava a um resultado absolutam ente franco, ela concluiu, que diabos, se tinham que j untá-la com agulha e fio, ela bem podia se aproveitar de alguns beij inhos para sarar logo.

Hum m m …

Indo até onde deixara sua m ochila no chão j unto com a dos outros, pegou-a e a deixou na m esa m ais próxim a. Abrindo o zíper no alto, rem exeu o interior, procurando o celular. Não o encontrou.

Com a testa crispada, virou a Bally de ponta-cabeça, e despej ou todo o seu conteúdo. Ao passar pelos lenços de papel, a carteira, rím el e batom , seu Kindle,

m oedas soltas, além de protetor labial e outras coisas, sabia que precisava ser m ais organizada. Muito bem , onde estava…

O celular *não* estava ali.

Mas que coisa! Será que o tinha deixado em casa? Podia ter j urado que o colocara ali dentro, j unto com o restante daquela tranqueira.

Inclinando a abertura da m ochila para ela, enfiou a m ão lá dentro para vasculhar o buraco vazio e depois abriu o zíper do bolso da frente só para ver que

outras coisas inúteis…

Seu telefone estava naquele nicho.

Franzindo o cenho, olhou ao redor do côm odo vazio sem m otivo algum . A questão era que ela nunca colocava o celular ali, estava sem pre apressada dem ais para se dar ao trabalho de abrir aquele zíper. Além do m ais, tinha essa paranoia de que se esqueceria de fechá-lo de novo e acabaria perdendo o celular.

Não colocara o celular ali nenhum a vez.

Alguém tinha m exido nas suas coisas?

Um a um , olhou todos os seus pertences sobre a m esa. Não notava a ausência de nada, apesar de não m anter um registro m ental detalhado de tudo que costum ava carregar. E quando abriu a carteira, a identidade, o cartão de crédito e

as cédulas estavam ainda ali.

Bem , se algum a coisa fora levada, não devia valer m ais do que dois centavos.

Ao guardar tudo de novo, engoliu seus tem ores, m as o que poderia fazer?

Procurar os Irm ãos e dizer: o m eu celular m udou de lugar e…

Aham . Até parece.

Sem nenhum a barra de sinal no celular, foi até o telefone fixo da parede ao lado da geladeira abarrotada de Gatorade, Coca e sucos de vários sabores.

Quando tirou o fone do gancho, o som era o m esm o do da casa de audiências, por isso apertou o nove para obter um a linha externa e, em seguida, apertou as

teclas do núm ero da casa do pai.

Fedricah atendeu, e com um tom j ovial, ela inform ou ao m ordom o que passaria o dia no centro de treinam ento porque iria fazer um trabalho para ganhar m ais créditos. Tam bém lhe garantiu que estaria acom panhada.

E era verdade. Não estaria sozinha, não se pudesse opinar.

Craeg tom aria conta dela.

– Está doendo?

Quando ela desligou, olhou na direção da porta. Craeg estava na soleira, o peito nu reluzindo, os peitorais e abdôm en destacados em seu duro relevo pelas luzes do teto.

Fechando as pálpebras, deliciou-se com o corpo dele sentindo tanto desej o que chegava a doer… Então, sim : de repente, estava sentindo dor.

– Oi? – ele a cham ou.

– Vou passar o dia aqui.

Enquanto ele ficava paralisado pela surpresa, ela estendeu o celular na direção dele.

– Nenhum a barra. Sem serviço. Acho que vam os ter que pensar num outro m odo de conversarm os às sete, concorda?

Perry Mason é um advogado fictício criado por Erle Stanley Gardner, aparecendo em m ais de 80 histórias onde tem de defender seus clientes de acusações de assassinato. (N. T.)

Capítulo 35

DO LADO DE FORA, NA GARAGEM do centro de treinam ento, Butch acom panhava os quatro *trainees* que saíam até a porta do ônibus, certificando-se de que todos entrassem com seus pertences. Quando voltou a entrar e passou pelo longo corredor na direção do escritório, foi com passos lentos. Ele não fazia ideia de onde Marissa estava, m as desej ou que, ao voltar à m ansão, ela tivesse lhe telefonado, enviado um a m ensagem , algo assim .

Deixara seu celular na m esa da sala de j antar da m ansão por engano. Mas talvez isso tivesse sido bom . Estivera enlouquecendo olhando o aparelho durante toda a Prim eira Refeição.

Ziguezagueando pelo corredor até o escritório, tinha perfeita consciência de que estava sozinho nas instalações: V. e Tohr j á haviam voltado para a m ansão com a doutora Jane, Manny e Ehlena para se prepararem para a Últim a Refeição e, da m esm a form a, todos os *doggens* estavam ocupados na enorm e cozinha de Fritz. E Paradise, Craeg e Axe estavam com endo no refeitório.

Bom Deus, e se Marissa tivesse se m udado do Buraco?

Ai, cacete, o que ele faria se…

Ao abrir a porta de vidro, congelou.

– Oi – disse sua *shellan* por detrás da escrivaninha.

Ela estava tão linda, sentada ali com suas roupas de trabalho e os cabelos loiros soltos. Cara, ele am ava aquelas ondulações derram ando-se sobre os om bros dela com o algo saído do *Game of Thrones*, e a blusa de seda com um toque rosado realçava-lhe a pele com o se ela tivesse saído de um glam oroso anúncio publicitário da Estée Lauder.

– Recebi seus telefonem as. E as suas m ensagens – ela disse ao fitá-lo.

Entrando de vez no escritório, ele deixou que a porta se fechasse sozinha, e não sabia se devia ou não se sentar. Ou andar. Ou cair de j oelhos e com eçar a pedir perdão.

– Eu sinto m uito…

– Eu sinto m uito…

Os dois se calaram . E o silêncio que se seguiu foi a pausa em que cada um deles esperou que o outro recom eçasse.

– Olha só, eu devia ter te contado sobre a Xhex – ele disse, enfrentando o problem a. – Não contei porque… aconteceu antes de você e eu ficarm os j untos pra valer. Eu fiquei com ela um a noite no clube do Rehv. Foi só um a noite e não representou nada para nenhum de nós. Eu não fazia ideia de que ela iria vir m orar aqui, e quando veio, foi só m ais um a coisa que eu deixei pra trás, entende?

– Eu sei. Entendo.

Ele esperou que ela dissesse algo m ais, m as quando só o que ela fez foi olhar para as próprias m ãos, ele franziu o cenho e se sentou na cadeira oposta à dela.

– Tem certeza disso?

– Sim .

Butch sacudiu a cabeça quando o silêncio se estendeu.

– Sei que não sou perfeito, m as se acha, sinceram ente, que prefiro ela a você, vou ficar m uito puto da vida.

– Não, sei que não.

E ainda assim , ela não disse nada m ais. No vácuo, enquanto ele tentava controlar a própria ansiedade, lem brou-se da cena “toca aqui”, em que ele e Xhex bateram as palm as das m ãos, brincando sobre o quanto Butch devia a ela por ter salvo a pele dele num a luta num beco contra alguns assassinos.

– Ela é um dos caras, pelo am or de Deus.

– Eu sei.

Levantando a m ão, ele esfregou o olho esquerdo que estrem ecia.

– Sabe m esm o?

Jesus, o que havia de errado com eles? Conversar sem pre fora algo fácil, com o respirar. E agora… aquele silêncio.

– Apenas diga – ele m urm urou. – O que quer que sej a, não im porta quanto m e m agoe, sim plesm ente diga… Não m e deixe aqui sentado im aginando o que você

está pensando. A m inha cabeça vai explodir. – Por que não m e contou sobre o cabelo? – ela, por fim , desabafou.

A cabeça de Butch se ergueu de pronto.

– O que disse?

– Vi a entrevista. Com o *trainee*. – Ela apontou para a tela do com putador. – Assisti a um a parte dela. A parte em que você contava a um com pleto desconhecido algo que nunca partilhou com igo.

– A entrevista…? Ah… Aquilo.

– Sim , aquilo.

Butch voltou a esfregar o olho.

– Aquilo não foi nada de im portante.

– Bem , quer dizer que de agora em diante vou ter que ficar im aginando quantas outras coisas você não considera im portantes? Quero dizer, o que m ais não sei a seu respeito? Depois de todo este tem po j untos, pensei que soubesse tudo… pensei… – Sua voz am eaçou ficar em bargada, m as ela conseguiu se controlar. – O que m ais eu não sei, Butch?

Quando ele a fitou por cim a da m esa, um a sensação de desconforto percorreu sua espinha. Ela o fitava com o se não o conhecesse nem um pouco.

– Marissa…

– Ver aquela garota surrada no sofá da sala de estar do Lugar Seguro m e destroçou. A… feiura de toda aquela violência, o sofrim ento, a dor ali tão

próxim a, o m odo com o ela olhou para m im , m e im plorando com aqueles olhos… – Os om bros delicados de Marissa estrem eceram . – Não te contei tudo porque tem ia que isso fosse desencadear lem branças da sua irm ã. Não falei com você porque não queria te entristecer. Pronto. Falei. Isso não m e deixa contente, e não faz eu m e sentir m elhor… Mas é isso o que eu estava escondendo de você. Ah, isso e o fato de ter encontrado o m eu irm ão novam ente, o que m uito m e abalou; isso tudo acabou com igo. Despertou saudades de partes da m inha vida antiga, e isso fez com que eu sentisse com o se eu estivesse te traindo. – Ergueu as m ãos. – É isso o que eu tenho para dizer. Então, o que você vem escondendo?

Quando Butch ia abrir a boca, Marissa o deteve.

– Antes que você com ece, fique sabendo que eu te am o. Te am o com tudo o que tenho e com tudo o que sou. Mas se você não for sincero com igo, voltarei para o Buraco, farei as m inhas m alas e vou m e m udar para o Lugar Seguro por um tem po. – Sustentou o olhar dele com ar determ inado. – Você e eu não vam os sobreviver no longo prazo, a despeito do nosso am or e da nossa vinculação, se você continuar dim inuindo a im portância das coisas. Se eu continuar a fazer isso.

Essa não é um a boa estratégia para nós, e isso o faz sentir com o se estivesse na berlinda? Pouco m e im porto com isso. Se algum a coisa atrapalhar o nosso

relacionam ento, qualquer coisa, eu passo por cim a com o um rolo com pressor…

m esm o que sej a você.

Butch percebeu que havia deixado de respirar só porque os pulm ões

com eçaram a arder, e inflá-los com um a inspiração forçada não m elhorou a sensação de sufocam ento.

Marissa m eneou a cabeça com seriedade.

– Isto aqui não se trata de você ter ou não ficado com Xhex. É sobre o fato de você ter pensado que eu não poderia lidar com a sua confissão. Não é? Você não queria ferir m eus sentim entos, e isso é algo nobre, m as não rotule o que aconteceu entre vocês com o algo "sem im portância". Isso é um pretexto. – Sacudiu a cabeça com tristeza. – O m esm o acontece com a história do clube de sexo. E com o sexo oral, que você se recusa a discutir com igo. O resultado é que você tem um a opinião m uito lisonj eira, m as m uito lim itada a m eu respeito. Você

quer cuidar de m im , m as está m e colocando num a prisão. E, sem querer ofender, cresci na *glymera*, e m e disseram todas as coisas que eu não podia fazer por causa de quem ou do que eu era. Não vou m ais suportar esse tipo de tratam ento.

Deus… Ele sentia com o se tivesse sido alvej ado. E não por estar com algo específico doendo. Era aquela sensação de frio se alastrando quando se está sangrando até não poder m ais. Era a m esm a tontura e dissociação da realidade

tam bém .



– Então, Butch, o que vai ser? – ela perguntou com suavidade. – O que você vai fazer?

Quando se calou, Marissa sinceram ente não sabia em que pé estava seu *hellren*, no que ele estava pensando, se ele ouvira qualquer coisa de tudo o que acabara de dizer. E foi esquisito: seu coração não batia descom passado, e as palm as não suavam – o que, considerando-se a encruzilhada em que se encontravam , era um a surpresa.

Pensando bem , dissera o que era necessário com a m aior calm a e gentileza que podia. Agora, na verdade, só dependia dele; o futuro deles, de tantas form as,

estava apenas nas m ãos dele.

Quando ele m udou de posição na cadeira, ela se preparou para ele se levantar e partir, m as só o que fez foi cravar os cotovelos nos j oelhos e esfregar a som bra

de barba por fazer. A outra m ão segurou o crucifixo gigante que levava pendurado no pescoço.

Ok, tudo bem , agora suas m ãos com eçavam a suar um pouco.

– Eu… hum … – Ele pigarreou. – É m uita coisa para assim ilar.

– Sinto m uito.

– Não precisa.

– Tudo bem .

Por algum m otivo, o zunido suave do com putador se tornou m uito alto, com o se o esforço de seus ouvidos para ouvir algo de seu com panheiro acabasse am plificando todo o resto.

Ele voltou a pigarrear.

– Eu não sabia que era tão ruim nisto.

– Ruim no quê?

– Em relacionam entos.

– Eu ainda te am o. E ainda te quero. Você não falhou em nada, tam bém sou parte do problem a. Eu tam bém não sou um livro aberto.

– Não tenho tanta certeza disso. Estou falando da parte do fracasso.

Agora ela tam bém se aj eitou na poltrona, avançando um pouco no assento, estendeu os braços sobre a m esa m esm o sem conseguir alcançá-lo – e vej a se não existia um a m etáfora nisso.

– Butch, por favor… Não fique se culpando. Isso não vai aj udar nenhum de nós dois. Converse com igo. Você tem que conversar com igo… É só o que estou dizendo.

– Você está dizendo m uito m ais do que isso.

Ela ergueu as m ãos.

– Não tenho que ir ao clube de sexo, se isso é tão horrível para você. Não tenho que ir até o fim quando fizer sexo oral em você, se isso não te excita. Só o que

estou dizendo é que você precisa m e explicar os m otivos, e precisam os conversar

sobre as coisas. Tem que haver outra via de com unicação que vá além de você

ficar calado depois de m e dizer que “sou um a boa garota e boas garotas não

fazem isso, não lidam com isso”.

Butch cruzou os dedos e ficou batendo nos lábios com as pontas.

– Não te conto sobre os pesadelos porque eu os considero tão perturbadores

que, quando acontecem , a últim a coisa que quero é tocar no assunto quando não

está na m inha cabeça. Fico puto da vida que essa m erda toda ainda fique m e

atorm entado, e eu sinto que… que se eu falar sobre o assunto, ele terá ainda m ais

poder sobre m im .

Ela pensou na conversa que teve com a *shellan* de Rhage duas noites atrás.

– Tenho quase certeza de que Mary diria o exato oposto. Que quanto m ais você

falar do assunto, m enos poder ele terá.

– Talvez. Não tenho com o saber.

Marissa se viu querendo pressionar, m as recuou. Tinha a im pressão de que a

porta havia ficado entreaberta, e a últim a coisa que queria era assustar a m aldita

coisa e fechá-la.

– Quanto ao sexo oral… – Um rubor o atingiu nas faces. – Você tem razão.

Não quero falar disso porque tenho vergonha de m im m esm o.

– Por quê? – ela sussurrou.

– Por que…

Conte, ela pensou enquanto ele ainda relutava. *Você pode fazer isso… Me*

conte…

Os olhos dele se desviaram para os dela por um breve instante.

– Olha só, não quero que você escreva um a carta de posicionam ento sobre o

que vou te dizer agora, ok? Ou de com o eu deveria superar a questão. Estam os de

acordo?

As sobrancelhas de Marissa se ergueram bem alto.

– Claro. Prom eto.

– Quer que eu converse, beleza. Mas se você vier pra cim a de m im com

algum a asneira politicam ente correta, não vou ser m uito receptivo.

Com o ela nunca disse nenhum a asneira politicam ente correta antes, ela tinha

quase certeza de que ele estava estabelecendo alguns lim ites antes de se m ostrar vulnerável.

– Prom eto.

Ele assentiu com o se tivessem chegado a um acordo.

– Fui criado com o católico, ok? Católico *de verdade*, não católico não praticante. E sinto m uito, fui ensinado que apenas prostitutas e vagabundas fazem isso. E você… você é tudo o que eu poderia querer num a fêm ea.

Abruptam ente, baixou o olhar e parecia não ser capaz de continuar.

– Por que você tem vergonha? – ela sussurrou.

Ele se retraiu tanto que o rosto quase pareceu sum ir nas sobrancelhas.

– Porque eu…

– Porque você quer que eu term ine?

Ele só conseguiu assentir. Depois a fitou num rom pante.

– Por que isso é um alívio para você?

– Desculpe, não entendi.

– Você acabou de exalar fundo com o se estivesse aliviada.

Ela com eçou a sorrir.

– Sem pre pensei que você nunca fosse m e deixar term inar… E eu sem pre quis descobrir com o é.

O rosto do seu *hellren* ficou da cor de um a beterraba. De um a beterraba!

– Eu só… Não quero te desrespeitar. E é isso o que o m eu passado m e diz que acontece quando se goza na boca de um a garota: que você não gosta dela, que não a am a, que não a respeita. Sim , claro, eu podia j ogar tudo isso pela j anela, m as não é fácil assim .

Marissa pensou nos conflitos que a sua educação lhe trouxera.

– Caram ba, com o eu te entendo. Sinto com o se eu devesse deixar de ser am arga e insegura sobre o m eu irm ão e os m eus anos na *glymera*. Mas é com o se eu tivesse aprendido bem dem ais que esse fogo queim a, entende?

– Totalm ente. – Ele deu um leve sorriso. Depois esfregou o rosto. – Estou tão verm elho quanto acho que estou?

– Sim . E está adorável.

Ele gargalhou, m as logo ficou sério. E assim perm aneceu.

– Existe outro m otivo. Bem , quanto ao clube de sexo, existe outro m otivo… Mas é m eio loucura. Quero dizer, é loucura.

– Não tenho m edo. Contanto que continue falando, sinceram ente, não tenho m edo de nada.

Ela j á sentia a conexão crescente entre eles – e não era do tipo fugaz quando se tem alguns bons orgasm os, para depois voltar ao estado em que tudo ainda não havia sido consertado.

Aquele era do tipo concreto. Fundam ental.

Do tipo “am ava m eu com panheiro antes, m as agora am o m uito m ais”.

E ela soube que ele estava ficando pronto para falar da irm ã porque seu corpo inteiro enrij eceu-se, a ponto de parecer que ele não estava respirando. Logo um brilho de lágrim as surgiu em seus lindos olhos castanhos.

Quando ela fez m enção de se levantar para se aproxim ar dele, ele cortou o ar com a m ão.

– Não ouse. Não toque em m im , não se aproxim e. Se quer que eu fale, vai ter que m e dar um pouco de espaço agora.

Marissa lentam ente voltou a se abaixar na poltrona. E quando seu coração com eçou a bater contra as costelas, ela teve que entreabrir os lábios para respirar.

– Sem pre fui supersticioso… – ele disse com suavidade, com o se estivesse falando consigo. – Você sabe, um pensador supersticioso. Eu chego a todo tipo de conexões que, na verdade, não existem . Foi com o o que eu disse a Axe sobre as luvas. Num nível racional, sei que não estou deixando um a parte m inha naqueles corpos, m as… não é o que eu sinto.

Quando ele voltou a ficar calado, ela perm aneceu bem onde estava.

– A m inha irm ã… – Mais pigarreios. E quando ele voltou a falar, sua voz naturalm ente rouca não parecia outra coisa senão rochas. – A m inha irm ã era um a boa pessoa. A nossa fam ília era grande, e nem todos eram legais com igo.

Mas ela era.

Mentalm ente, Marissa se lem brou do que sabia sobre a garota: o

desaparecim ento, o estupro, o assassinato, o corpo encontrado um a sem ana m ais

tarde. Butch fora o últim o a vê-la com vida.

– Mas havia outro lado nela – ele disse. – Ela andava com m uitos… Maldição,

é difícil dizer… Mas ela saía com m uitos garotos, sabe o que quero dizer?

O rosto dele agora estava pálido, os lábios, contraídos, aqueles olhos castanhos

pesarosos com o se estivessem revivendo suas lem branças.

Mas logo ele parou. E quando não disse m ais nada, ela teve que preencher as

lacunas.

– Você acha que ela foi assassinada – Marissa sussurrou – porque não foi um a

boa garota. Acha que se talvez ela não tivesse feito sexo com aqueles garotos, ela

não teria entrado no carro, eles não teriam feito o que fizeram e ela não teria

m orrido.

Butch fechou os olhos. Assentiu um a vez.

– E se odeia por pensar assim porque isso coloca a culpa nela e isso é um a

traição. Isso seria culpar a vítim a, e você nunca, j am ais faria isso com ninguém ,

especialm ente com a sua irm ã.

Agora ele estava concordando sem parar com a cabeça. Depois, enxugou um a

lágrim a.

– Posso te abraçar agora? – ela perguntou, com a voz em bargada. – Por favor.

Quando ele só respondeu com um aceno de cabeça, ela se apressou para perto dele e o envolveu em seus braços, trazendo-o para j unto de si até acabar sentada na m esa com ele caído em seu colo.

Dobrando-se sobre ele, cheirando o seu cabelo e a sua colônia pós-barba, afagando os om bros largos, sentiu que o am ava ainda m ais do que antes. Na verdade, o que havia em seu coração naquele m om ento era tão trem endo que ela não sabia com o seu corpo conseguia contê-lo.

– Não foi culpa dela – ele disse num tom áspero. – Eu sei disso. O fato de ter pensado nisso sequer um a vez… é tão ofensivo, porra. É tão ruim quanto eu não tê-la salvo... É com o se eu m esm o a tivesse colocado no carro. Meu Deus, acreditar que as ações dela fossem o problem a? – Butch se sentou ereto. – A m inha cabeça fica toda fodida com isso… Se eu tivesse um a filha, e que Deus não perm ita isso – ele fez um rápido sinal da cruz sobre o coração –, algo acontecesse com ela, e alguém tentasse culpar a saia curta dela ou o fato de ela ter tom ado um drinque – ou setenta e cinco –, ou consentisse em fazer sexo e depois m udasse de ideia no m eio? Você tem ideia do que eu faria com esse cretino m isógino?

– Você o m ataria logo depois de ter m atado o assassino.

– Pode acreditar nisso, porra. Não tenha dúvida. – Ele fez um m ovim ento

circular ao lado da cabeça. – Mas então, esse film e volta a passar na m inha

cabeça, de tem pos em tem pos, e solta essa porra desse m aldito pensam ento, e eu

m e sinto tão culpado por pensar nisso que sinto vontade de vom itar. Na verdade,

agora m esm o, fico olhando para o cesto de lixo e im aginando se vou chegar a

tem po nele.

Quando os olhos dele travaram naquela direção, ela desej ou que Mary

estivesse ali. Devia ser por isso que as pessoas procuram os terapeutas – quando a

represa se rom pia daquele j eito, provavelm ente era m elhor ter um profissional

treinado por perto.

– E a propósito – ele prosseguiu –, sinto orgulho da m inha religião. A Igrej a não

é perfeita, m as eu tam bém não sou, e ela trouxe m uito bem para a m inha vida.

Sem a m inha fé, m esm o com você, eu seria apenas um a casca do que poderia

ser.

– Eu te com preendo com pletam ente, e o m eu sistem a de crenças não é

diferente para m im .

Depois de um período de silêncio, Marissa segurou as m ãos dele.

– Se eu for ao clube de sexo am anhã à noite, você vai m e m enosprezar?

– Deus, não.

Ela assentiu.

– E, presum indo que um dia você se sinta confortável com isso, se eu te chupar até o fim , você vai m e desprezar?

Ele em itiu um a risada curta.

– Eu provavelm ente te idolatraria ainda m ais.

– Ainda vai pensar que sou um a boa garota?

– Sabe… Na verdade, sim . – Ele pareceu aliviado. – Quero dizer, nunca pensei assim antes… Mas eu definitivam ente ainda te am aria.

– Então você vai conseguir superar esse m odo antigo de pensar em relação a m im , certo?

– Sim , vou.

– Assim , você pensava de um j eito, m as reconsiderou e agora deixou tal pensam ento de lado, certo?

– Certo. – Ele exalou fundo. – É, é exatam ente isso o que estou fazendo.

– Então… Por que não pode fazer o m esm o com a sua irm ã? Você teve um pensam ento antigo. Considerou-o contra tudo o que sabe dela e de com o ela era, e revestiu isso com a sua crença principal de que a culpa nunca é da vítim a, pouco im portando o que ela estava vestindo ou coisas assim … E estou disposta a apostar que você rej eitaria a ideia de que a sua irm ã tenha contribuído com o quer que sej a para o crim e horrível e indefensável com etido contra alguém que,

na verdade, era um a garota inocente. Posso apostar que você vai chegar a essa conclusão sozinho e que provavelm ente nunca m ais vai ficar obcecado de novo, pelo m enos em relação a essa parte do sofrim ento.

Ele piscou um a vez. Duas.

– Esqueça o boquete – ele disse.

– Desculpe, o que disse?

Butch a fitava com tam anha devoção que parecia que ela tinha colocado o m undo aos seus pés.

– Acho que te am o ainda m ais. E não achei… nunca im aginei que isso poderia ser possível.

Com o era de se esperar, o cheiro da vinculação de Butch tornou-se um rugido na sala, e os seus olhos castanhos ficaram tão carregados de em oção e reverência que ela se sentiu m eio zonza.

Segurando-lhe o rosto entre as m ãos, ela o beij ou.

– Isto é tão m elhor do que antes.

– Antes do quê?

– Se vou ser tão idolatrada assim – pressionou a boca na dele de novo –, quero que sej a por ser a sua com panheira perfeita, não porque você acha que sou um a boa e perfeita m enina.

Seu *hellren* com eçou a sorrir.

– Entendido. E sou todo seu.

Quando ele retribuiu o beij o, ela refletiu sobre o significado de “felizes para sem pre”, e concluiu que o am or verdadeiro não pressupunha um a passividade, e que “para sem pre” nada tinha a ver com controle de velocidade. Você com eçava com um a atração, e depois abria o coração e a alm a – m as tudo isso, que j á não era pouco, só representava as “prelim inares”.

Existiam m uitas, inúm eras outras j ornadas a tom ar para níveis m ais profundos de aceitação e com preensão.

Era lá que se encontrava a felicidade. E o “para sem pre” era o esforço que você estava sem pre disposto a em penhar para perm anecer próxim o, para aprender, e para crescer em um a união.

– Eu te am o – ele disse ao passar os braços ao redor dela. – *Deus, como eu te amo.*

Inclinando-se um pouco para trás, ela sorriu e percorreu o rosto dele com as pontas dos dedos. Queria dizer aquelas palavras sagradas para ele, m as, de algum a form a, elas pareciam não bastar.

Por isso, disse a única outra coisa que poderia significar ainda m ais para ele:

– Ah, m eu am or… Vai, Sox!

Jogando a cabeça para trás, Butch gargalhou com tanta força que a porta de vidro do escritório sacudiu. Enquanto ela retribuía com um sorriso, pensou que,

sim , havia várias form as de dizer “eu te am o”…

Capítulo 36

INCRÍVEL COMO UMA TELEVISÃO PODIA transform ar qualquer lugar num

espaço para descanso.

Não que Craeg estivesse assistindo às reprises do *The Big Bang Theory* que

estavam passando na tela. Mesm o assim , ficou contente quando um *doggen*

chegou e instalou o aparelho num canto. Sem o barulho de fundo? Ficar sentado

no m esm o côm odo que Axe e Paradise o teria deixado com pletam ente louco.

Ele precisava de algum a coisa, qualquer coisa para im pedir que sua m ente se

concentrasse apenas nela.

Naturalm ente, enquanto olhava para as cartas que tinha na m esa, não fazia a

m ínim a ideia do que estava vendo. Do outro lado da m esa, porém , Axe não vinha

tendo o m esm o problem a, m otivo pelo qual, após algum as rodadas de *gin rummy*,

devia uns cinquentinha ao desgraçado.

– Bem , acho que vou pra cam a – Paradise anunciou de onde estava no sofá.

Certo. Interessante com o quando um a certa fêm ea encadeia um a certa

com binação de palavras, a ereção é garantida.

Sim , subitam ente sentiu a necessidade de se rearranj ar por debaixo da m esa,

antes que a circulação para a sua artéria fem oral fosse com pletam ente

com prom etida pela sua ereção.

Nesse m eio-tem po, Paradise se desenroscou da sua posição, e Craeg fez um ótim o trabalho de não olhar para ela. Pelo m enos de não olhar *diretamente* para ela: sua visão periférica rastreou cada passo que ela deu pelo piso azulej ado até a porta, e notou, especialm ente, o m odo com o ela se inclinou sobre um a das três m esas redondas para pegar sua m ochila.

– Bom dia – Axe m urm urou ao m udar as cartas de posição em sua m ão.

Craeg grunhiu algum a coisa.

Quando a porta se fechou, ficou se perguntando exatam ente quanto tem po teria que esperar antes de poder…

– Você j á pode ir – Axe disse com um sorriso m alicioso. – Sou bom em paciência, e tam bém posso assistir a uns film es pornôs. Que é outra versão, m ais divertida, de paciência.

– Não estou tão cansado assim .

– Hum , eu sei. – O cara deu um a gargalhada. – Olha só, m e faz um favor: não m e desrespeite tentando fingir. Depois do que você fez na sala de pesos, acha m esm o que sou tão burro assim ?

– Não estou com ela.

– Então você é um idiota.

– Não é por isso que estou aqui. – Enquanto dizia isso, ele descia as cartas na

m esa, colocando-as com a face para baixo no m onte. – Estou te devendo cinquenta.

– Quarenta e cinco. Mas você ia perder esta rodada.

– Provavelm ente. Quer agora?

– Confio em você.

Enquanto ficava de pé, Craeg olhou para todos os *piercings* que o m acho tinha no rosto e nas orelhas e, de repente, im aginou quantos outros o cara tinha em lugares que não se podia ver.

– Doeu pra colocar esses *piercings*?

– Sim , é um dos m otivos pelos quais eu os coloco. O sexo depois é m ais intenso.

– As tatuagens tam bém ?

– Isso m esm o.

– Puxa. Quem poderia im aginar… Sabe, você é m ais inteligente do que eu pensava. E m elhor j ogador de cartas tam bém .

– Só porque eu gosto de m etal e tinta, você acha que isso faz de m im um idiota?

– Tive um a infância protegida, o que posso dizer?

Ele j á estava na porta quando Axe se pronunciou:

– Eu achei que você fosse um bundão.

Craeg franziu o cenho e olhou por sobre o om bro.

– Baseado em quê?

– Você é o equivalente no m undo dos vam piros a um trabalhador braçal. Pensei que não havia nada de notável em você a não ser o seu tam anho… E, francam ente, é pra isso que fazem cam inhões Mack.

– E agora?

– Ainda acho que é um bundão. – O gótico sorriu de leve. – Mas, no fim das contas, não m e incom odo com bundões. Quem poderia im aginar, com o você m esm o disse. Além disso, os nossos pais…

Quando o m acho deixou a frase pairando no ar, Craeg ficou feliz que o cara não a tivesse com pletado.

– Pois é. Bem , bom dia.

– Divirtam -se.

– Isso não vai acontecer.

– É o que você diz.

Craeg saiu para o corredor e olhou ao redor. Tudo estava tranquilo, sem ninguém à vista, e ainda assim , perm aneceu onde estava. Descendo o corredor à esquerda, havia cinco quartos individuais. O dele era o prim eiro. O de Axe era o seguinte. E o de Paradise…

Bem , o três era um núm ero da sorte, não?

Mas não foi direto para o quarto dela. Em bora fosse tão rom ântico quanto um a

pedra, de algum a form a acabara indo para o box do seu banheiro, lavando o corpo com o se estivesse prestes a se apresentar diante da Virgem Escriba. E tam bém se barbeara. E até fora até a m ochila onde a largara na noite anterior e retirou as roupas, espalhando-as pelo chão.

Estavam lim pas. Era só o que im portava.

Calças j eans. Com furos. Cam isetas. Sem furos. O boné de baseball dos Sy racuse Orange.

Praguej ando, contentou-se com um par de calças folgadas do uniform e e um a cam iseta branca lim pa. Ficou descalço e rezou, *rezou*, para que quando estivesse andando na ponta dos pés até o quarto dela não fosse flagrado.

Saiu pela porta. Outra olhada para os dois lados só para garantir que não havia ninguém por perto. E deu um a de Linda Ham ilton em *Exterminador do Futuro 2* ao saltitar na ponta dos pés pelo piso de concreto, sem produzir som algum .

Quando chegou ao quarto de Paradise, bateu suavem ente à porta.

– Pode entrar – ela disse num tom alto, ligeiram ente nervoso.

Nada de enfiar a cabeça prim eiro. Nada disso. O corpo inteiro disparou para dentro e ele em purrou a porta, fechando-a rapidam ente atrás dele.

– Estou tão contente – ela disse com um a risada. – Eu estava preocupada… Bem …

A única luz provinha do banheiro, e ela quase lacrara com pletam ente o

côm odo: estava sentada na cam a num a quase total escuridão, usando um roupão

branco curto com o cinto atado à cintura – e nada m ais.

Uau. Pernas… Pra dar e vender… panturilhas, coxas…

Enquanto ele oscilava de tanta luxúria, ela disse:

– Você tam bém tom ou banho?

Ele assentiu. Porque, pelo visto, abandonara a voz no corredor.

– Quer vir aqui?

Ele assentiu de novo.

Em seguida, viu-se diante dela. E estava se aj oelhando. Pousando as m ãos

trêm ulas sobre as pernas dela, enterrando-as debaixo da bainha do roupão. A pele

era tão suave quanto se lem brava.

Abaixando a cabeça, resvalou os lábios de um lado a outro sobre um dos

j oelhos.

Ah, cacete. O que ele precisava era se levantar, dar uns beij inhos, deitá-la de

costas… agradá-la com suas m ãos e depois cair fora dali.

Mas isso não ia acontecer *mesmo*.

As palm as viaj aram pelas laterais das coxas, subindo e levando o roupão j unto.

Quando a pele dela ficou exposta, ele a viu estrem ecer e as m ãos dela se

apertaram nos lençóis.

– Está com m edo? – ele perguntou. Porque ele tinha que ter certeza.

– Não – ela sussurrou.

– Quer saber o que vou fazer com você agora?

– Não…

Ele assentiu de novo, m antendo os lábios no j oelho para continuar a acariciá-la com eles.

– Abra as suas pernas para m im .

O trem or se intensificou quando ela obedeceu, expondo a incrivelm ente recatada calcinha de algodão branca que quase o fez gozar dentro das calças.

E o cheiro dela o levou à loucura.

– Não vou te m achucar – ele disse com um a voz gutural.

– Eu sei. Confio em você.

Craeg se m oveu para o interior dos j oelhos e dem orou-se o quanto quis, esfregando o nariz, arrastando a língua pela coxa, resvalando-a com as presas para cim a e para baixo.

– Coloque as m ãos nos m eus cabelos – ele a instruiu. – Guie-m e para dentro. Você sabe onde m e quer. Mostre para m im .

O toque dela foi experim ental no com eço, apenas roçando em seus cabelos curtos.

– É tão suave – ela sussurrou.

– Assim com o você.

As m ãos dele agora j á estavam em seu quadril, e ele apertou os ossos,

gostando da sensação em suas palm as. E, por um instante, perdeu a linha dos pensam entos porque foi atacado por um a necessidade prem ente de m ontar em cim a dela.

Mas isso não poderia acontecer.

Sutilm ente, ela com eçou a puxá-lo em sua direção e ele acom panhou a velocidade dela, trabalhando com os lábios, preparando-a para o que estava por vir. E logo chegou à calcinha. Olhando para cim a, ele não conseguia enxergá-la m uito bem por causa do roupão am ontoado na cintura, por isso, soltou o cinto e afastou as m etades. Ela vestia um a cam iseta regata branca j usta e estava sem sutiã – com isso, os m am ilos rij os produziam som bras m esm o na luz fraca. Gem endo, ele inspirou e aproxim ou os lábios do centro dela, sugando o algodão, um edecendo-o.

As m ãos dela agarraram seus cabelos, o toque tím ido desaparecendo, agora exigente, e isso significava que era hora de m udarem de posição. Movendo-se rápido, saltando do chão, ele se certificou, com a m ente, de que a porta estava trancada e depois suspendeu as pernas dela do chão, afastou-lhe as coxas e voltou

ao que fazia, beij ando-a, em purrando-lhe os j oelhos m ais para cim a e m ais abertos para que pudesse acariciá-la m elhor.

Arfando. Ela estava arfando e se m ovendo ao encontro do rosto dele, as m ãos

puxando-o com força, o corpo se entregando a ele com um desem baraço que era ao m esm o tem po chocante e excitante pra cacete. Com um grunhido, ele em purrou a cam iseta dela para cim a e correu os dedos pelos seios espetaculares,

e quando ela arqueou as costas, ele estava m ais do que pronto para tirar aquela m aldita calcinha do cam inho.

Mas, antes, um pouco m ais de provocação.

Encarando-a, ele sentia as lem branças sendo gravadas em sua cabeça, os sons e os cheiros, os arquej os e os gem idos, a beleza pura dela.

Paradise.

Era m uito m ais do que ela havia esperado.

Enquanto suas m ãos se enfiavam ainda m ais nos cabelos de Craeg, Paradise flutuava num a onda de prazer de alta octanagem que a levava a transcender o próprio corpo e, ao m esm o tem po, firm á-la em sua própria carne. A sensação da

esfregação, da fricção, do calor em seu centro era diferente de qualquer coisa que ela conhecesse – e ela ainda, tecnicam ente, era…

Não.

Com um puxão violento, ele rasgou prim eiro um a alça e então a outra – pronto, sua calcinha j á era.

Depois disso, as sensações se tornaram m ais ardentes e escorregadias: nada m ais separava os lábios e a língua dele de seu sexo.

Graças ao que fizeram na noite anterior, ela sabia o que estava por vir; por isso, quando o orgasm o chegou, ela se entregou a ele, acolhendo o prazer latej ante, revolvendo-se ao encontro dos lençóis, derrubando os travesseiros no chão.

Quando voltou das alturas trem ulantes do seu clím ax, ela o viu se elevar entre suas pernas.

– Venha – ela ordenou. – Venha m e tom ar.

Segurando a regata, ela a arrancou por cim a da cabeça de m odo a ficar nua, esticada diante do im enso corpo dele, daquela ereção incrível, daquela força que m al podia ser contida. Contudo, ele hesitou, m esm o com o apetite transtornando seu rosto a tal ponto que ele parecia um dem ônio.

– Craeg… – Levantando as m ãos para os seios, ela se acariciou e se arqueou para cim a de novo, o ardor j á retornando ao sexo, o desespero, a doce sufocação voltando redobrada.

Só o que ele fez foi se sentar sobre os calcanhares, apoiar as m ãos nas coxas e pender a cabeça.

– Craeg?

– Não… – ele gem eu. – Não posso.

– O quê…?

– Não vou fazer sexo com você.

Espere, como é?, ela pensou.

Quando ele não disse m ais nada, ela se apoiou nos cotovelos e pegou a cam iseta para cobrir os seios.

– Por que não?

– Isso… não vai acontecer.

– O que foi? O que eu fiz?

– Ai, cacete… Não, não é você… Você é boa dem ais, você…

– Craeg, você tem que parar com isso.

Já basta, ela pensou ao segurá-lo. Quando o tocou nos braços, sentiu os m úsculos retraídos e a luta que ele estava travando.

– Tire isso – disse, puxando a bainha da cam iseta dele.

Esperou que ele fosse discutir. Ele não o fez. Os braços ficaram frouxos ao tirar a cam iseta, e depois… Deus, ele era lindo, aquela pele m acia e lisa, distendida sobre tanta força, e quando ela foi explorá-la, ele perm itiu, a cabeça pendendo para trás, os m úsculos do pescoço e dos om bros ficando tensos.

E então, ele a surpreendeu.

– Tom e a m inha veia – ele disse com voz rouca. – Se não posso te ter… tom e de m im …

E assim com o o sexo oral, ah… aquilo aconteceu tão rápido, as presas dela se proj etando, os olhos travados na j ugular com um a determ inação que ela nunca sentiu antes.

Com um sibilo, ela avançou e atacou, cravando-lhe as presas com um a voracidade à qual ele se rendeu com pletam ente. Deitando-o de lado sob seu corpo, ela subiu sobre o abdôm en com o se ele fosse um a presa, sugando dele, seu sabor rugindo pela sua garganta, preenchendo-a de dentro para fora de um m odo que alim ento e descanso alguns j am ais conseguiriam .

Ficou vagam ente ciente dele se esticando e agarrando a cabeceira da cam a, inclinando o tronco na direção dela, gem endo enquanto o quadril balançava e as coxas se m exiam . Ele chegou ao orgasm o e logo ela tam bém , e tudo ficou extrem am ente selvagem , extrem am ente rápido, enquanto ela m ovia a pelve e sentia aquela coluna rij a bem onde m ais queria.

Mas quando tentou chegar à ereção dele, quando tentou tirar-lhe as calças, ele m anteve suas m ãos afastadas com um a pegada de ferro. Quando ela protestou, quando se debateu contra ele, o m undo girou e ela estava m ais um a vez de costas.

Sangue escorria pelo pescoço dele até o peito do ponto em que ela o perfurara, m as ele não se im portou.

As m ãos dele desceram o zíper até a m etade e ele liberou a m aj estosa ereção. Paradise revirou os olhos de êxtase, m as forçou-os a se focarem porque queria vê-lo.

Envolvendo o grosso tronco com um a m ão, ele com eçou a se m asturbar. Não ficou olhando o que estava fazendo; seus olhos estavam fixos nela. A despeito do

calor entre eles, havia algo intrinsecam ente distante na expressão dele.

Ele não a tomaria, ela pensou.

Só que a sua confusão e desapontam ento foram deixados de lado quando ele se arqueou e com eçou a gozar sobre o sexo dela.

Ele podia não estar à vontade para tom ar o corpo dela por com pleto.

Mas a estava m arcando a valer.

Afastando as pernas, ela se expôs por com pleto e deixou que ele se torturasse com o que fazia, os j atos dele lam buzando o seu centro, atingindo-a com explosões quentes que a açoitavam .

Ela podia ser virgem … Mas sabia, do fundo de sua alm a, que aquela guerra ele perderia.

Talvez não naquela noite, m as logo, logo, ele cederia e faria am or com ela.

Ela m al podia esperar.

Capítulo 37

DUAS NOITES MAIS TARDE, Butch finalm ente teve um a folga para levar sua

shellan ao clube de sexo.

Pois é, com o se um dia tivesse pensado em levá-la a um encontro com o aquele.

Enquanto a esperava no vestíbulo da m ansão, ficou andando de um lado para o outro e sentiu com o se estivesse fantasiado para um a festa de Halloween. Tudo

bem as calças de couro preto; e a cam iseta j usta preta tam bém não era um problem a. O resto todo era…

Que *merda* era aquela que estava vestindo?

Afastando as laterais do casaco de couro, deu um a boa olhada em todo aquele couro preto, pele e seda preta. A coisa era enorm e, e m esm o assim m al chegava

ao chão, porque estava usando coturnos com salto de borracha que o deixavam m ais alto do que Wrath.

Eram New Rocks?

Pegara-os em prestado com Axe, e eram afivelados dos dedos até logo abaixo dos j oelhos. Tam bém pesavam uns vinte quilos, m as eram surpreendentem ente estáveis e confortáveis.

E tam bém havia a m áscara. A coisa era feita de um a fina placa de m etal e plástico, e quando a prendia e a afixava com um adesivo apropriado, cobria todo o seu rosto com um esqueleto horroroso cinza, branco e preto que se m ovia quando ele falava.

Sim , era um a noite de m áscaras lá no Poke ‘n’ Play, e quem era ele para não querer se m isturar à m ultidão?

Pegou o celular e viu que horas eram . Marissa tinha saído do Buraco para passar um tem po com as m eninas enquanto se arrum ava, e os dois iriam j untos ao clube depois que Axe fosse levado para fora do centro de treinam ento.

Andando ao redor da m acieira do m osaico, surpreendeu-se em com o não o incom odava m ais levar Marissa consigo nessa j ornada som bria e m isteriosa. Depois da conversa que tiveram , foi com o se algo dentro dele tivesse se destravado, algum espasm o m uscular doloroso do seu sistem a interno tivesse se

afrouxado e desdobrado, perm itindo que ele respirasse com m ais facilidade. Odiara o ponto estranho em que se encontraram . Mas sim plesm ente adorava a vista nova.

Com o se esperasse essa deixa, ele pressentiu a chegada da sua com panheira no alto da grande escadaria. Virando-se, Butch ergueu o olhar e…

Enagbu j ioa kdf ahtaaj ; fj j kd powkl.

Ou algo m ais ou m enos assim .

Sua linda princesa em roupas de grife desaparecera. Em seu lugar… um a fêm ea sexy e erótica vestindo um látex preto agarrado ao corpo desde os enorm es saltos agulha até o alto da cabeça. A única coisa que denunciava sua identidade? O longo rabo de cavalo loiro que saía de um buraco no alto da indum entária de corpo todo, inclusive rosto; as m adeixas loiras balançando livrem ente.

E tam bém havia aquela m áscara.

Era com o um a m áscara de gás industrial, com discos redondos negros e um a parte que cobria o nariz e a boca sem deixar nenhum a porção de pele à m ostra

porque havia um lacre ao redor do látex que circundava seu rosto. Feito de vidro negro e m etal cinza, era um a tenebrosa peça de arte pura.

Conform e ela descia ao seu encontro, seu pau se ergueu de im ediato, de m odo que ele até abaixou o olhar para ver se braguilha da calça de couro ainda estava intacta.

O corpo dela estava… um a loucura absoluta. A luz delineava a curva dos seios, lançando som bras ao redor da cintura fina, pronunciando o quadril e as coxas. Quando, por fim , ela ficou diante dele, deu um lento rodopio, e puta que o pariu, o som m ecanizado da respiração dela fez com que suas bolas se contraíssem . Bem , isso e o traseiro dela. Bom Deus nos céus, ela…

– *Bem, o que me diz?*

A voz que saiu dali de dentro não era a dela, vinha sintetizada através de algum tipo de caixa de som , soando aguda, distorcida, alienígena.

– Olkdla hgdio lweno io.

– *O quê?* – disse a voz eletrônica.

– Ele disse que você está seeeeexy pra caceeeete – disse um a voz m asculina do lado oposto.

A cabeça de Butch se virou para o lado e ele encarou Lassiter, que saíra da sala de bilhar e estava recostado na arcada. Apontando para o idiota com o se seu indicador fosse um a arm a, ele disparou:

– Leve seu traseiro m iserável de volta pra porra dessa sala antes que eu

arranque os seus olhos e o estrangule com a sua própria língua.

O anj o caído levantou as palm as e girou sobre os calcanhares.

– Certo, certo. Estou saindo. Cá estou eu, andando sem dizer absolutam ente nada a respeito dela.

A retirada teria sido m uito m ais convincente se o filho da m ãe não tivesse assobiado com o um lobo assim que se viu longe das suas vistas.

– Vou m atar esse filho da puta, j uro que vou.

– *Por favor, não faça isso.*

Voltando a se concentrar, Butch balançou a cabeça.



– Ai, ai… Você está… Ei, voltei a falar norm alm ente. Um bônus.

Aproxim ando-a de si, pressionou o corpo contra o dela e passou as m ãos pela roupa lisa e escorregadia. Com um gem ido, inclinou-se para um lado e desceu as

m ãos para o quadril coberto de látex e para as nádegas, segurando-as com as duas m ãos, apertando-as, enfiando-se ainda m ais no m eio por trás.

– Não vou conseguir chegar ao fim desta noite – ele gem eu. – Porra, m al consigo cam inhar.

O riso sensual e distorcido que saiu da m áscara fez com que ele cam baleasse dentro dos New Rocks.

Puta. Merda.

– Você fez am igos na turm a?

Enquanto seu pai lhe fazia essa pergunta, Paradise se recostou na poltrona no escritório dele. Enfiando os pés com m eias debaixo do corpo, ficou se perguntando com o poderia responder; e rezou, enquanto ele m exia nos papéis sobre a escrivaninha, que não levantasse o olhar para ela.

Pois é, como responder a isso?, ela pensou.

Ela e Craeg passaram as duas últim as m anhãs conversando pelo telefone, falando por horas, bem com o… fazendo outras coisas. Portanto, sim , eram um a

espécie de am igos… e ela tinha planos para vê-lo pessoalm ente de novo, tanto naquela m esm a noite com o *também* no dia seguinte.

Esse era o m otivo para aquela reunião im provisada com o pai.

Se não voltasse a ter o contato da pele contra a pele logo, acabaria enlouquecendo. Sexo pelo telefone era ótim o a m enos que se tivesse a coisa pra valer.

Ou quase.

– Paradise? Você está bem ?

Ela sacudiu a cabeça e se levantou da poltrona, aproxim ando-se da lareira acesa. A frente fria que chegara no dia anterior entrara nas paredes da m ansão estilo Tudor, e ainda havia raj adas enregelantes em todos os cantos da casa – algo que perm aneceria até a chegada da prim avera, em m aio.

Portanto, ela tinha a desculpa perfeita para se virar de costas ao apanhar o atiçador e reordenar a lenha.

– Sim , sim , conheci pessoas adoráveis e estou gostando m uito das aulas. – Além das espiadas em Craeg. – Incrível a quantidade de coisas que eu não sabia.

– Por exem plo?

Bem , se ela ronronasse no telefone e contasse a Craeg tudo o que *não* estava vestindo, era garantido que ele…

Quando as cham as alaranj adas caíram sobre as cinzas quentes, ela deteve aquela linha de pensam ento rapidam ente.

– O com bate corpo a corpo é um a ciência, pai. Nunca assisti a um a luta de MMA antes, nem aprendi nada sobre as diferentes form as de abordagem . Estão nos ensinando um a variedade de disciplinas, e cada um tem seus pontos fortes e fracos. Eu luto bastante com Pey ton e com um outro, Craeg.

Recolocando o atiçador de volta, ela se virou e voltou para seu lugar.

– Sou m uito boa nisso.

Ela parou de falar quando percebeu que o pai parara no m eio do processo de pôr um a folha sobre um a pilha, a conta ou extrato ou o que quer que fosse pendurado no ar j unto com o braço dele.

A expressão em seu rosto era sem elhante à de alguém que ouvisse que sua casa seria dem olida por hum anos.

– Pai… – ela disse. – Estou m uito feliz. Estou… aprendendo coisas sobre m im ,

sobre quem eu sou, o que quero, o que posso fazer.

Ele relanceou os olhos para o docum ento com o se estivesse se perguntando o que estava fazendo com ele, pendurado no ar. Logo pareceu voltar ao norm al.

Pigarreando, ele perguntou:

– A que conclusões está chegando?

Bem , a m aior delas era que provavelm ente estava se apaixonando por Craeg. Contudo, considerando-se que isso faria com que seu pai ficasse pior do que a estátua que encarnara segundos antes, ela precisava guardar aquilo para si; além do m ais, ainda não dissera nada a Craeg, e parecia-lhe apropriado que ele fosse o

prim eiro a saber.

Apaixonar-se. Isso era um a coisa tão grande, e ainda assim tão sim ples.

E, sim , rápida. Mas ouvira dizer que quando a vinculação acontecia, podia ser assim .

– Bem , quero fazer algum bem para a espécie – respondeu.

– Com o, exatam ente?

– Pai, não significa que eu vá lutar na guerra.

– Levando-se em consideração que você acabou de m e dizer que é boa nisso… – Esfregou as têm poras. – Acho que eu devia ter esperado.

– Esperado o quê?

– A sua m udança de rum o. O que eu não tinha certeza era com o isso faria eu

m e sentir.

– Não estou m udando nada.

Deus, aquela era um a m entira m esm o aos seus ouvidos. Não tinha certeza quanto ao seu futuro, ou precisam ente quem ela seria ao fim do program a, pelo tanto de tem po que ele duraria, m as ela não voltaria a ser quem era.

Aquelas noites com portando-se com o um a fêm ea adequada sentada em casa, ou em qualquer outro lugar, esperando pela oportunidade de participar de algum evento social não era o seu futuro. E, sim , aquela decisão de não se com prom eter

– exceto com Craeg – ainda estava valendo.

– Eu queria que a sua *mahmen* ainda estivesse entre nós.

– Eu tam bém . – Mas, sem dúvida, por um m otivo diferente daquele que ele estava pensando. Paradise poderia fazer uso de alguns conselhos. – Sinto saudades dela.

– Você sabe que nós nos am ávam os de verdade? Nossa união foi planej ada pelas nossas fam ílias, m as… nós nos apaixonam os. Ela era tudo para m im .

Maldição, ela pensou. A sutil defesa em favor de Pey ton não deixou de atingi-la, m as atravessou um a estaca em seu coração, porque não se deixava enganar. Aquela declaração, em bora verdadeira e im portante, sem dúvida revelava as esperanças de que ela estivesse favorável a um noivado tradicional com seu am igo.

Suspeitava há tem pos que aquilo era algo que o pai queria que ela fizesse. Ele gostava de Pey ton, aprovava a linhagem do m acho, e sabia que j á existia um a am izade entre eles. Aos olhos de um chefe da casa da aristocracia, o que poderia ser m elhor para um a filha do que isso?

O que ele pensaria se um dia conhecesse Craeg?

Craeg, filho do que os hum anos cham ariam de um a fam ília de trabalhadores. Seu pai enxergaria a força do caráter dele, a alm a debaixo de todos aqueles em pecilhos?

– Consigo m e adaptar a quase tudo – o pai disse com seriedade. – Posso m e adaptar a qualquer coisa que queira da sua vida… até certo ponto. O único ponto ao qual não cedo é que encontre o tipo de am or que eu e sua *mahmen* tivem os. Isso não é negociável para m im .

Entenda-se: um m acho que sej a da m esm a classe que ela, que possa prover-lhe o m esm o estilo de vida no qual crescera e ao qual estava acostum ada.

– Ah, pai – suspirou com tristeza.

– Lam ento, é assim que eu sou.

– Eu sei.

Quando o relógio do avô com eçou a tocar oito vezes no corredor, ela largou a m ortalha que fora lançada na sala e se levantou.

– Tenho que sair. – Aj eitou as roupas que escolhera vestir aquela noite. – Vou sair com os m eus colegas, e tam bém há esse proj eto no qual estam os

trabalhando durante o dia, então, estarei de volta am anhã após a aula, tudo bem ?

E, sim , terei acom panhantes.

Ao fitá-lo através da sala perfeitam ente arrum ada, o am biente de antiga fortuna e distinção que não fora com prado, m as preservado através dos séculos em que sua fam ília tinha tido dinheiro, caiu-lhe a ficha.

Craeg se sentiria à vontade ali?

Provavelm ente não.

– Pai?

– Perdoe-m e. – Ele baixou o olhar para os papéis sobre a m esa. – Sim , claro, entendo que tenha coisas a fazer. No entanto, saiba que sua ausência será sentida. Tam bém saiba que os Irm ãos não m e contam m uitas coisas, porém , aquilo que partilharam … m e deixa m uito, m uito orgulhoso de você.

Aquela dor fam iliar em seu peito, aquela que acom panhava as suas m entiras, se acendeu de novo quando ela pensou que, de fato, ele não se orgulharia m uito dela.

Pretendia perder a virgindade naquela noite, com um m acho que ele não aprovaria.

A questão era que os Irm ãos não fizeram m enção à duração do treinam ento ou quanto à perspectiva de a turm a se m anter unida. E sua necessidade pelo corpo de Craeg estava deixando-a desesperada, e m uito consciente de que o tem po

estava passando rapidam ente.

Não perderia aquela chance. E tinha a sensação de que, quanto m ais tem po ficassem j untos, m aior seria a probabilidade de as prioridades de Craeg m udarem tam bém . Ele estava se apegando a ela.

Ela sentia isso.

Não fossem as om issões para o pai, ela estaria nas nuvens.

– Eu te vej o am anhã depois da aula – ela disse com um a voz seca.

– Estarei aqui. Cuide-se.

– Pode deixar. – Assentiu para o pai. – Prom eto, pai.

Capítulo 38

CRAEG NÃO SE LEMBRAVA DA ÚLTIMA vez que saíra “com am igos”. Na verdade, talvez nunca tivesse feito isso.

Depois de vestir os j eans e xingar os furos, disse a si m esm o que devia superar isso. Nunca se ligara em “m oda” antes, prim eiro porque não teria com o com prar, m esm o que quisesse, e segundo porque preocupar-se com o que vestiria sem pre lhe pareceu um crim e por desperdício de esforço cerebral.

– Você está tão classe m édia.

Revirando os olhos, virou-se para Axe e…

– Que *porra* é essa que você está usando?

O m acho parecia ter tido um acesso de esquisitice m aior do que o costum eiro, o corpo grande coberto por um a indum entária preta e reluzente, colada ao

corpo,

que cheirava a produtos quím icos e produzia um rangido estranho quando ele cam inhava. Os *piercings* cobriam as orelhas e o rosto e havia um a corrente ligando um dos lóbulos ao m aldito nariz, pelo am or de Deus.

Mas ele não parecia um m aricas, Craeg tinha que adm itir. Algum a coisa no desgraçado irradiava agressão, poder, força. Sexo.

Isto é, sexo esquisito.

Axe deu de om bros com o se não estivesse usando nada além de um avental de um a *granhmen*.

– Vou m e divertir com o m eu pessoal. Se eu não transar logo, vou acabar m e m atando. Inferno, um pouco m ais de tipos certinhos com o vocês e eu vou precisar de Cialis pra levantar o m eu equipam ento. Vocês estão acabando com o m eu fogo.

– Olha só, sem querer ofender, m as você não precisa de um a cham a acesa perto dessa "instalação" toda aí.

E nessa hora surgiu a m áscara. Claro que era preta, pois ele não podia esperar ver algum a coisa rosa ou verde, podia? E se aj ustou às feições de Axe tal qual um a luva, transform ando seu rosto nem tão feio assim de se olhar em algo absolutam ente m edonho, um a m etam orfose em algo que j á não era m ais vam piro, m as um a coisa de outra espécie.

Alienígena.

– E pensar que antes eu te achava feio pra cacete – observou Craeg.

– Repito, vocês, norm ais, estão m e m atando.

E foi assim que ele e sabe-se lá o que estava ao seu lado saíram do centro de treinam ento j untos.

Conform e o ônibus seguia em frente, parando nos portões de acesso, os dois ficaram calados, m as ele tinha a m ais absoluta certeza de que am bos tinham a m esm a coisa em m ente: Axe evidentem ente queria levar logo sua esquisitice a algum a variedade esquisita de gótica, enquanto Craeg tentava desesperadam ente

se convencer de que poderia não perder o controle com Paradise.

Aparentem ente, aquela reuniãozinha com a turm a não deveria significar m uita coisa: só iriam a um a boate, onde haveria m úsica e bebida. Com certeza, não seria nada parecido com o lugar para onde Axe estava indo.

Mas o sexo acom panharia todos os m om entos, pelo m enos para ele.

Merda, Paradise estava acabando com ele, e ele identificara o principal problem a. Desde a prim eira noite do program a, ele erguera barreira atrás de barreira para m antê-la afastada, e cada um a delas desm oronara. Era com o se ele tivesse caído ao escalar um a m ontanha e todos os ganchos que seguravam a sua corda para salvar a vida tivessem se soltado, um após o outro.

– Sabe, você está com um a cara de m erda, e não é só por causa dessa roupa ridícula que está usando – Axe m urm urou.

Craeg olhou para o outro lado do corredor.

– *Eu* pareço ridículo? Você chegou a se olhar no espelho? Eu não sabia que óleo autom otivo era um a m anifestação de estilo.

– Pare de se esquivar. O que tá acontecendo, m eu chapa?

Enquanto seguiam em frente, aproxim ando-se do ponto onde se desm aterializariam , ele se viu falando:

– Não posso… Você sabe, não é correto.

– O que não é?

– Não posso fazer.

– Ainda estou esperando algum substantivo. Sei que você é um tipo caipirão, m as dizem que eles m esm o assim têm algum vocabulário.

Craeg só sacudiu a cabeça. De j eito nenhum ele desrespeitaria Paradise com entando sobre a vida particular deles, m esm o com um cara com o o Axe, que parecia, m esm o porque era, em suas próprias palavras, um narcisista com prom etido e capaz de guardar aquilo para si m esm o.

– Não sei – Axe disse ao esticar as pernas sobre o banco e se encostar na j anela. – Ela parece diferente do pessoal dela. Acho que você não tem com o que se preocupar.

Bem , fêm eas eram o total oposto dos m achos, não eram ?

E, nesse caso, era ele quem estava dando para trás. Não ela. Ela estava pronta para a fase seguinte, e ele suspeitava que ele bem podia estar se escondendo

atrás da virtude dela: m ais um a vez protegia a si m esm o. E quando ele pensava

em com o ela o fazia se sentir?

Ainda parecia um plano inteligente… m esm o que difícil de m anter.

Cristo, acabariam ficando sozinhos em algum m om ento daquela noite. Seria



inevitável. E depois de dois telefonem as sexuais com ela, ele estava m ais desesperado do que nunca, era um m acho enlouquecido, esfom eado, arfante e com um pau sem pre alerta, e orgasm os suficientes para desidratá-lo a ponto de precisar de Gatorade na veia.

Queria acreditar que sustentaria a sua resolução, queria m esm o.

A questão era que nada o deixava m ais m íope do que o seu nom e saindo dos lábios dela num arquej o.

Um a sílaba e nada elegante, seu nom e não era da realeza. Mas só o que ela precisava fazer era dizê-lo e ele ficava perdido, perdido e sem volta. Feito argila nas m ãos dela. Sem nenhum outro pensam ento a não ser entrar nela e lá ficar.

Ah, cara, estava com um problem ão ali.

Quando Paradise entrou na boate hum ana shAdoWs, olhou ao redor e… é, não. Música alta a golpeava a ponto de ouvi-la ressoar dentro do crânio. Fachos de laser roxos e verm elhos cruzavam de um lado para o outro o ar carregado de odores hum anos. E os olhares opressores que atraía não eram nada que lhe

interessasse.

Sem saber onde Craeg, Boone e Novo estavam , ela cam inhou pela m ultidão, e conform e avançava, m achos hum anos a avaliavam , a m ediam , desej avam prender a sua atenção. Deduziu que alguns deles podiam ser considerados atraentes, m as era m ais com o entrar na casa de alguém e notar um a cadeira com um a bonita capa.

O tecido podia ser belo, m as ela j am ais a levaria para casa.

Ou, no caso, sentaria na m aldita coisa.

A construção que abrigava a boate, tudo levava a crer, fora um arm azém , e havia algo de incongruente no espaço de pé-direito de três andares que ainda assim lhe parecia claustrofóbico. Pensando bem , havia pessoas dem ais por m etro

quadrado ali no m eio. E com o era possível que todos se conhecessem ? Todos pareciam estar tocando… todos à sua volta.

Abrindo cam inho por entre a m ultidão, descobriu que havia bancos ao longo do perím etro de todas aquelas pessoas se retorcendo. Talvez o seu pessoal estivesse ali? Puxa, será que estava no lugar certo…?

– Oi, m eu bem , vem aqui.

Um a m ão áspera a agarrou pela cintura e a aproxim ou de um corpo suado. Encarando o hum ano, ela tentou em purrá-lo, m as ele a segurou pelos pulsos, puxando-a ainda m ais para si.

– Sei que você quer – ele disse de um j eito arrastado, esfregando o quadril no dela. Ele cheirava a perfum e antigo, cigarro velho e fum aça – ou será que aquilo era m aconha? –, e um tipo nada atraente de desespero. – Me dá um beij o.

– Você só pode estar brincando.

– Vem cá, você está a fim . Você sabe que está.

Vai pro inferno, ela pensou.

Com um rápido m ovim ento, soltou o braço direito e o esm urrou na garganta com os nós dos dedos, e quando ele se dobrou ao m eio, ela o segurou pelo pescoço e teve que se controlar para não quebrar o nariz dele com um a j oelhada.

Abandonando-o quase sem respirar, ela se virou…

E deu de cara com o peito colossal de Craeg.

– Eu estava vindo te salvar – ele disse secam ente. – Mas aprendi em prim eira m ão que você sabe se cuidar, por isso eu não deveria m e surpreender por você não precisar de m im .

No m esm o instante, tudo na boate m udou. O ar não estava m ais sufocante; estava carregado de calor sexual. Os fachos de luz não a cegavam m ais; eram cintilantes. A m úsica não era alta dem ais, era erótica.

Os hum anos ainda eram um incôm odo, m as, convenham os, o am or verdadeiro tem poder só até certo ponto.

Deus, ele estava lindo. Alto e largo, grande e forte, aquele boné dos Orange

enfiado na cabeça com o na prim eira noite em que se viram . Aquela cam iseta branca e sim ples ressaltando seus m úsculos. Aqueles j eans… Jesus, os j eans puídos e suaves com o a pele que lhe proporcionavam am ostras das coxas nos pontos que estavam furados.

– Dance com igo – ela disse ao se inclinar para que ele pudesse ouvi-la acim a do barulho.

A aba do boné im pedia que ela enxergasse seus olhos, m as ela os sentiu percorrendo a roupa que colocara antes de sair de casa: a blusa de decote baixo, a saia curta e a j aqueta j usta eram só para ele e, evidentem ente, cativaram o m acho. Ele tam bém parecia apreciar o seu cabelo, que ela deixara solto, e o que ela fizera com a m aquiagem .

– Craeg – ela repetiu –, dance com igo.

– Não posso – ele m urm urou.

– Por quê?

– Eu não… você sabe, m e m exo dessa form a.

Que mentira, ela pensou, ao se lem brar da sensação dele em cim a dela. Ele se m exia m uito bem .

– Dance m esm o assim . – Ela agarrou o quadril dele e os aproxim ou. – Dance com igo.

Movendo-se contra ele ao ritm o da m úsica, ela sentiu a reação im ediata, sua ereção despertando, esfregando-se em sua barriga porque ele era m uito m ais

alto do que ela.

– As pessoas vão saber – ele resm ungou, m as as m ãos j á estavam na cintura dela, apertando, segurando os corpos unidos. – Da turm a.

– Quem se im porta? Com o se eles j á não soubessem .

Novo sabia. Inferno, a fêm ea era parte do m otivo de eles terem se beij ado da prim eira vez. Pey ton? Com o j á resolvera antes, saberia lidar com ele. Boone? Ele só se preocupava com o treinam ento; ela sequer tinha certeza se o m acho sabia os nom es dos colegas. E Axe nem iria ali aquela noite. Assim com o Anslam . E nenhum m em bro da *glymera* j am ais iria a um lugar com o aquele.

Viva o momento, ela pensou, perdendo-se na proxim idade dele.

Abaixando a cabeça dele na sua direção, ela sussurrou ao seu ouvido:

– Não estou usando calcinha.

O gem ido que o atravessou foi m ais alto que a m úsica.

– Me desculpe – ele disse, endireitando-se. – Preciso ir fazer um a coisa.

– Hum m m – ela ronronou, im aginando-o no banheiro dando um j eito naquela ereção. – E o que seria isso?

– Tenho que m atar todos os hom ens hum anos desta boate que estão olhando para você. Não vai dem orar m uito, eles são fracos e não conseguem correr rápido.

Jogando a cabeça para trás para gargalhar, ela sentiu o coração elevar-se, ainda m ais quando os braços fortes a seguraram com ainda m ais firm eza.

Aquela seria a m elhor noite da sua vida. Ela podia sentir isso.

Capítulo 39

NO FIM, A CHAVE NÃO ERA ALGO que se inserisse num a fechadura. Era m ais um passe tangível que perm itia que duas pessoas passassem por um a m ontanha de seguranças que ficavam ao lado de um a porta com um que dava num a garagem qualquer num a parte suj a da área predom inantem ente industrial de Caldwell.

Seguindo Butch, m as na frente do *trainee* que os levara até ali, Marissa descobriu que, com a m áscara cobrindo-lhe o rosto, ela tinha um a confiança que, de outro m odo, talvez não sentisse. Havia algo de liberador em esconder as feições quando se vai a um am biente no qual não saberia se com portar. Significava que você não precisava m onitorar sua expressão, ou fingir autocontrole, para com eço de conversa. Além disso, era possível experim entar livrem ente outra personagem que tivesse m ais condições de lidar com qualquer coisa com que se deparasse.

Porque quem m ais saberia a verdade?

Na densa escuridão do clube, a m ão reconfortante de Butch esticou-se para trás, para pegar a dela, e no instante em que a conexão foi feita, ela se sentiu ainda m ais confiante. Nada tocaria nela, nem m achucaria, ou incom odaria. Não

com ele ali.

A prim eira coisa que notou foi o som grave a abafado que aum entava, e ela deduziu que fosse a batida do baixo de algum a m úsica. Quando viraram num a curva arquitetônica estreita, descobriu que o som não era produzido por alto-falantes de um concerto m usical. Era o girar rítm ico de um esm eril que parecia servir ao único propósito de…

Ah. Puxa…

Havia um a m ulher com as pernas abertas debaixo daquilo, e a m áquina a penetrava com …

Desviando o olhar, ela viu um m acho apertado num a caixa de acrílico, o corpo nu contorcido, um dos lados abertos para que as pessoas pudessem …

Virando os olhos em outra direção, enxergou um a fila de m esas de exam e com pessoas com vestim entas de látex am arradas a elas, enfileiradas, em posições contorcidas, com seus órgãos sexuais expostos para o consum o de filas de estranhos anônim os.

Muito beeem m m m , estavam num clube de sexo. Isso m esm o.

E o estranho era que o interior parecia ter dezenas de vezes o tam anho do lado externo, devia ter sido conseguido com a dem olição das paredes de outros

prédios, e aquela garagem era apenas o com eço de um encadeam ento de instalações que acabaram unidas. Tudo estava m eio escuro, todos estavam

fantasiados e m ascarados, e o sexo em todas as suas form as e com binações estava por todos os lados.

Era um experim ento não preconceituoso e um a expressão de erotism o atrás do outro, gem idos e grunhidos oferecendo um a trilha sonora de fundo que a m úsica tecno com plem entava em vez de encobrir.

De m odo m uito estranho, ela considerou tudo aquilo curioso, m as nada chocante. Tam pouco feio. As pessoas pareciam genuinam ente excitadas e, sério, pareciam sim páticas. Diferentem ente das poucas vezes em que esteve em reuniões com hum anos em que todos a encaravam , ali as pessoas se olhavam nos olhos e sorriam , com o se ela fizesse parte de… bem , do clube. E quando ela esbarrou em alguém , a reação foi relaxada, nada agressiva.

Tudo parecia tão… norm al?

Talvez pela natureza sem rem orsos de tudo aquilo. Talvez fosse porque as m áscaras escondiam as identidades. Ou quem sabe fosse pelo seu obj etivo sério ao estar ali. Qualquer que fosse a com binação, ela estava aliviada.

Mais no interior do clube, Butch, Axe e ela form aram um círculo. Quando Butch a fitou por trás da sua m áscara de esqueleto, ela segurou a m ão dele e assentiu, erguendo os polegares.

Depois que ele retribuiu o aceno, voltou-se para Axe. Os dois se aproxim aram

e trocaram algum as palavras. Nesse m eio-tem po, ela olhou ao redor procurando

algum padrão nas vestim entas que indicasse quem eram os em pregados.

Será que a fêm ea fora para ali antes de m orrer?

Um a série de *flashes* pipocou à esquerda e ela estreitou os olhos. Alguém estava tirando fotos das pessoas que estavam am arradas a rodas giratórias, incapacitadas, enquanto hom ens ej aculavam , as açoitavam e arrancavam sangue delas.

E foi assim que ela percebeu que quanto m ais avançavam , m ais pesadas as coisas se tornavam .

Será que alguém levou uma brincadeira longe demais com aquela fêmea?, ela se perguntou. Matando-a sem querer?

Depois de se certificar de que Marissa estava bem , Butch partiu para o trabalho, sem se distrair. Aquele m om ento erótico com ela no vestíbulo da m ansão fora sexual para ele. Tudo aquilo ali no clube? No que se referia a ele era o m esm o que um cortador de gram a. Um a tigela de cereais. Um livro de quím ica. Enquanto com eçara a desenvolver um a estratégia na cabeça, estava de

volta ao seu antigo trabalho, o cérebro entrando num a roupagem m ental que im ediatam ente o deixava ultra-alerta e profundam ente apartado do seu am biente.

E para aum entar suas chances de sucesso: estivera debatendo consigo nas duas

últim as noites se devia ou não contar a Axe o real propósito de estarem naquele

clube. O pró era que talvez conseguissem algum a inform ação m ais rapidam ente;

o contra, ele poderia acabar alertando o assassino, direta ou indiretam ente.

Só que estivera analisando a gravação da entrevista deles no escritório um a

centena de vezes, e sim plesm ente não conseguia pensar que o m acho tivesse algo

de hom icida dentro dele. Num a luta? Sim , claro. Axe era um filho da m ãe durão

nos treinos, capaz de esm agar oponentes na luta de braço, m esm o que eles

fossem m ais altos e m ais fortes – e era letal na m ira com arm as e adagas, nunca

hesitando em puxar o gatilho ou lançar para m atar.

Mas esse era um cenário totalm ente diferente da brutalização de um a fêm ea.

E por trás de toda aquela aparência gótica im placável, ele não era nem cruel,

nem insano.

– Então, eu m enti – disse perto do ouvido de Axe para que ele o ouvisse apesar

dos gem idos e da m úsica tecno.

– Ah, é m esm o? – o lutador rebateu.

– Eu só estava seguindo o seu exem plo.

– Sinto-m e honrado.

– Não consegui a chave com um am igo. Ela foi tirada de um a fêm ea que foi

espancada até m orrer. Estou aqui para descobrir quem a m atou, e vou precisar

da sua aj uda.

Axe se retraiu. E depois estreitou os olhos. Voltando a se aproxim ar, disse:

– Com o sabe que não fui eu?

– Não sei. – Butch sustentou o olhar do cara. – Não faço a m ínim a ideia.

Concentrando-se no olhar por trás da m áscara, ele esperou para ver o que aquelas pupilas fariam . Com o estím ulo extra ao redor dele, e o fato de as feições estarem escondidas, era m uito m ais provável que o cara tivesse algum a reação nervosa.

Em vez disso, ficaram firm es com o rocha.

O que respaldava os instintos de Butch quanto ao cara não estar m entindo sobre nunca ter presenciado algum a m orte.

– Não fui eu, a propósito – declarou o m acho. – Nunca m atei ninguém .

Butch assentiu.

– Foi o que im aginei. Você tem um a boa consciência, provou isso com o que sentiu com a m orte do seu pai. O seu gosto por m oda, por outro lado, é um a tragédia.

– Foi o que te fez entrar aqui.

– Verdade, verdade. – Butch olhou ao redor. – Então, quem é o encarregado aqui?

– Espere, m e conte m ais sobre a fêm ea. Talvez eu a tenha visto. Ela era um a

de nós?

– Era. E não sei m uito m ais do que isso. Estava sem identidade, só tinha aquela chave. Conseguiu se desm aterializar até o Lugar Seguro, que foi onde a m inha Marissa a encontrou. – Quando Axe olhou para a sua com panheira, o cara pareceu m ortificado que alguém , especialm ente um a fêm ea, tivesse sido exposto

a tal horror. – Ela j á havia passado pela transição, tinha cabelos escuros e olhos azul-escuros. É só o que sei.

– Merda.

– Isso m ais ou m enos descreve m eus sentim entos.

Não pela prim eira vez, Butch desej ou que alguém tivesse tirado um a foto dela, m esm o depois de m orta. Deus, desej ou ter fotos dos ferim entos, am ostras de esfregaço sob as unhas, um a busca cuidadosa por fibras nela e nas roupas. Mas nada disso fora feito, claro. Mais um a vez, a raça vam pírica não tinha um procedim ento padrão para lidar com situações com o aquela.

E era engraçado, nunca pensara na fraqueza da sociedade antes. Estivera ocupado dem ais lutando na linha de frente para se preocupar com os problem as dentro da raça.

Cara, alguns procedim entos investigatórios sim ples poderiam aj udá-los m uito.

Axe se sacudiu com o se tentasse se concentrar.

– Com relação aos funcionários, procure o verm elho nas fantasias. Eles

costum am ficar à m argem , a m enos que haj a algum a violação da política de conduta ou se a situação sai m uito do controle; nesse caso, eles põem um fim no que quer que sej a. E quanto a “fora do controle”, m e refiro a m ais do que sangram entos casuais.

– Existem câm eras?

– Provavelm ente, m as eu não saberia dizer onde estão ou com o chegar a elas. Ou com o passar pelas centenas de horas de film agens, que era o que se acabava fazendo, dado o tam anho daquele lugar e a quantidade de noites que se passaram .

Merda.

Acabavam de chegar ao território da agulha no palheiro. E, levando-se em consideração o que estava em j ogo ali, aquilo era tão tranquilo quanto um a adaga

no pescoço.

Mesm o assim , ele j á triunfara sobre probabilidades ruins antes.

– Vam os m ais para dentro – disse ao envolver com o braço sua *shellan*. – Precisam os ver tudo.

Capítulo 40

– ELES TÊM UNS LUGARES… uns lugares para os quais podem os ir.

Enquanto falava j unto ao ouvido de Paradise, Craeg estava bem ciente de quão perto do lim ite se encontrava. Contudo, quanto m ais ela dançava contra o seu

corpo, m ais o sexo tom ava conta do seu cérebro, j ogando para escanteio o seu bom senso e a sua racionalidade, fazendo com que se sentisse um hom em das cavernas. Nada de calcinha? Caraaaalho. Precisava m uito colocar as m ãos em m ais dela, por isso, sim , estava na hora de desaparecerem nos fundos, onde Novo lhe dissera que havia banheiros privativos que podiam ser utilizados. Afinal, seria a única m aneira de terem um pouco de privacidade naquela noite. Paradise teria que voltar para casa antes do am anhecer, e ela não poderia levá-lo j unto, não sem abrir o j ogo sobre ele, o que colocaria o pai dela e eles dois num a situação constrangedora e prem atura.

Além disso, o inferno congelaria antes que ele a levasse ao lixão em que m orara.

Merda, se não gozasse logo, perderia o controle.

Dentro das calças.

– Mostre o cam inho – ela gem eu.

Segurando-a pela m ão, ele a conduziu pela m ultidão. Ao passarem pelo reservado em que Novo fazia um a dança erótica no colo de Boone – e m uito possivelm ente provocava a prim eira ereção do cara –, Craeg dispensou um aceno para a fêm ea e recebeu outro em troca.

Junto com um olhar de que sabia m uito bem o que estava para acontecer.

Os “banheiros” privativos ficavam sob um segundo piso parcial do lado norte,

e quando entraram num corredor m al ilum inado com paredes pretas, ele descobriu incontáveis portas fechadas. Discretas plaquetas de Ocupado estavam nas m açanetas das sete prim eiras. Oito foi o núm ero da sorte.

Segurando a porta aberta para Paradise, grunhiu quando ela passou por ele ao entrar no pequeno espaço azulej ado. Havia um vaso sanitário, um a pia… um banco – e o côm odo estreito e curto estava surpreendentem ente lim po.

Observando bem , havia um ralo bem no m eio do piso e um esguicho no teto. Eles deviam lavar o espaço todas as noites.

Certificando-se de trancar bem a porta, agarrou-a e a puxou para j unto de si, as palm as ávidas enfiando-se pela roupa dela, sentindo o volum e dos seios, a suavidade das nádegas, o calor, o m aldito calor úm ido de sua intim idade. Ele a beij ava descontrolado e m ais do que pronto, ela o correspondia com o m esm o ardor e, Deus, alguém podia j urar que não tinham passado três horas atiçando um ao outro pelo telefone pouco tem po antes.

Mas pessoalm ente… Pessoalm ente era outra coisa.

E ela foi recuando, levando-o consigo, levando-o até a pia.

Com a graciosidade de um a dançarina, apoiou a bunda na bancada… suspendeu os j oelhos e afundou os saltos contra a parede da alcova estreita. Dando-lhe um a visão espetacular das botas de cano alto e aquele sexo nu, liso e m olhado.

– Você sabe o que eu quero – ela disse. – E, para variar, não é a sua boca aí.

Com as pernas bam bas, ele ficou agudam ente ciente de que o m om ento chegara: sua força de vontade estava reduzida a um toco, o desej o sexual era um m otor rugindo que não o deixava pensar direito, e puta que pariu… o que ele estava vendo agora…?

– Tem certeza? – m urm urou. Enquanto descia o zíper.

– Quer que eu im plore?

– Não, porque senão vou com eçar a gozar agora.

Relanceou a vista ao redor e não viu nenhum a câm era. Mas isso não significava que essas porras não pudessem estar escondidas em algum lugar.

– Eu queria que houvesse outro lugar pra gente fazer isto.

– Acha que eu m e im porto com o lugar em que estam os?

Dito isso, ela abriu a blusa, afastou as abas e abaixou os boj os do sutiã, oferecendo os seios em pinados e túrgidos para ele. Sua cabeleira loira derram ava-se ao redor dos om bros, os olhos azuis sem icerrados, e quando ela lam beu os lábios, a ponta do pau dele form igou com o se fosse explodir.

– Por favor – ela gem eu, arqueando-se com o se estivesse em agonia.

E foi só o que bastou.

Quando o m em bro ereto se lançou para fora do zíper dos j eans, ele aparou seu peso num a das m ãos e dim inuiu a distância entre eles. Cacete, não conseguia acreditar que aquilo estava acontecendo de verdade. Não a parte do sexo; Deus bem sabia que ele j á fizera aquilo antes.

Era a parte do sexo com *ela* que o afetava.

Ainda m ais quando ele viu sua ponta perto de tudo o que ele m ais queria.

Fechando os olhos por um instante, quis dizer algo que fosse certo para ela, olhá-la de um a m aneira que dem onstrasse que reconhecia que era m uito im portante

fazer qualquer coisa que transform asse aquela experiência com um sim ples trabalhador no m esm o evento reverente e venerável que a coisa toda seria para ele.

– Sim , eu quero isto – ela disse com suavidade. – Quero isto com você. Só com você.

Levantando as pálpebras, fitou-a em seus olhos hipnotizantes e algo estranho aconteceu. De encontro às batidas do baixo e das centenas de hum anos e do



desespero que latej ava em suas veias, ele sentiu um a abrupta dim inuição de velocidade.

Faça isto valer a pena, ele disse para si m esm o. *Torne isto especial para ela.*

Guiando a cabeça do órgão para o sexo dela, esfregou-a para cim a e para baixo nele; ela estrem eceu e, depois, m ordeu o lábio com as presas.

As coxas dela com eçaram a trem er. A respiração se acelerou. Seu cheiro ficou m ais pesado, m ais pungente.

Com um grunhido, ele abriu o sexo dela, m as não conseguiria se conter por

m uito m ais tem po. Estava prestes a gozar em cim a dela.

Arqueando-se sobre ela, am parou o próprio peso num a m ão.

– Vou devagar. – Essa foi a últim a coisa racional que disse.

Paradise estava tão pronta para aquilo, seu corpo tão fluido e tenso de expectativa… E quando o sentiu se esfregar em seu sexo quase gozou.

Havia tantos m otivos para não fazerem aquilo, tantos argum entos racionais pelos quais ela deveria esperar pelo m om ento certo, por um a ocasião m elhor, um lugar m ais estável em sua vida e na de Craeg. Mas se os ataques lhe ensinaram um a coisa foi que o tem po era um luxo que nenhum m ortal podia desperdiçar.

E as palavras do pai para ela antes que saísse de casa soaram não com o o aviso que ele quis que fosse, m as com o um a declaração de um obj etivo que ela precisava abraçar.

Estava apaixonada por aquele m acho. Sim , fazia pouco tem po que o conhecia, e sim , aquilo era loucura, m as não, ela j am ais sentira nada parecido com aquela conexão, e do que m ais poderia se cham ar aquela em oção? Tam bém não, não poderia controlar se Craeg ficaria ou se iria em bora na sem ana que vem , no m ês que vem , no ano que vem , m as ele estava ali com ela agora.

E isso era m ais do que ela podia esperar.

Abruptam ente, percebeu um a ligeira pressão, a cabeça túm ida do m em bro dele pressionando-a por dentro. E ele com eçou a m assagear a parte superior do seu sexo com o polegar, enlouquecendo-a, fazendo-a sentir o calor eletrizante, excitante, ardente que ela j á sabia ser o precursor do clím ax que o seu corpo tanto desej ava.

Puxando-o para si, aproxim ou os lábios dele dos seus e o beij ou forte, m etendo a língua em sua boca e m ovendo-a sensualm ente. Não tinha m edo de nada. Talvez devesse ter, m as quase desej ou deixar aquela parte para trás a fim de que a conexão erótica pudesse se expressar livrem ente.

O quadril de Craeg com eçou a avançar e a recuar, avançar e recuar, a ereção avançando cada vez um tantinho m ais.

Em seguida, ele a deslocou, reposicionando-lhe a pelve.

Seus dedos voltaram para ela, esfregando-a num m ovim ento circular, enquanto o próprio corpo curiosam ente se im obilizava. Ela estava prestes a protestar, m as logo as sensações foram fortes dem ais e seu cérebro perdeu o posto de com ando quando ela com eçou a gozar…

Naquele instante, com um a estocada poderosa e forte, ele penetrou a barreira que se rom peu sem nenhum a dor.

O corpo inteiro dele com eçou a trem er, e o trem or foi transm itido para ela a partir do ponto em que estavam unidos. E logo ele com eçou a se m over dentro dela, m ais e m ais fundo, com m ovim entos m ais rápidos. Grosso, ele era tão

grosso e aquela sensação de preenchim ento era… incrível. E tinha tam bém a sensação da boca dele atacando a sua enquanto ele a penetrava.

Não im portava o que o futuro lhes reservava, nada m udaria o fato de que ele fora o seu prim eiro.

Quando ela atingiu o orgasm o, ele tam bém atingiu.

Sim , foi tão lindo e perfeito quanto ela poderia ter desej ado. Mesm o estando num a boate de hum anos, num local público, com centenas de desconhecidos do outro lado daquela porta fina… foi o paraíso. Estar com a pessoa certa era isso, não?

Capítulo 41

QUANDO CRAEG POR FIM PAROU, Paradise se largou para trás na pia, e apesar de a torneira bater em sua coluna e da dureza do espelho contra a cabeça, ela não se im portou. Estava flutuando, zarpando… pelo m enos até olhar para baixo e ver, na j unção das suas pernas abertas, que o quadril dele a pressionava, e que um a parte dele estava enterrada dentro dela.

Paraíso.

Um a pena que ele parecesse preocupado, com o se, por exem plo, estivesse pensando que ela houvesse desm aiado porque a m achucara ou algo assim .

Queria tranquilizá-lo, dizer-lhe o quanto aquilo fora incrível, m as a sua m ente estava tão fora de si que não perm itia que ela se expressasse coerentem ente, por isso pôs tudo isso num sorriso.

– Deus… – ele sussurrou. – Você está tão linda agora.

Forçando-se a se concentrar, ela m urm urou:

– Estou feliz que tenham os feito isto. Quando podem os repetir?

– Am anhã à noite. Mas você vai estar dolorida. É norm al.

– Vou passar o dia no centro de treinam ento.

As sobrancelhas dele se ergueram .

– Vai?

– Eu tinha planos para te seduzir.

– Ora, quem sou eu para atrapalhar um obj etivo seu.

Quando ele se inclinou e a beij ou, ela sentiu um a m om entânea pontada de ciúm es ao se dar conta de que ele j á fizera aquilo com outras fêm eas, talvez até na prim eira vez delas tam bém , o que explicava o m otivo de ele ser tão bom no negócio. Mas não, esses pensam entos não eram bem -vindos naquele espaço. Ali só havia lugar para eles. Nada m ais era perm itido.

– Que tal se a gente fizer isso de novo agora? – ela sugeriu, m ovendo o quadril de m odo que seu sexo o atiçou.

– Paradise… Tem certeza de que está bem ?

Ela gem eu um siiiiim m m em resposta, e depois apoiou as m ãos na pia e usou o

que lhe restava de forças no corpo para que os m ovim entos entre os corpos recom eçassem .

E, vej a só, funcionou.

Num piscar de olhos, ela foi levantada da pia e se viu nos braços de Craeg, as pernas ao redor dele, os braços sobre os om bros fortes e os tornozelos cruzados atrás de seu traseiro.

Com um a pegada forte, as m ãos dele a m overam para cim a e para baixo sobre sua ereção, m ais rápido e m ais forte do que da prim eira vez. Para aj udá-lo, não que ele j á não estivesse se saindo bem , ela o acom panhou, duplicando os

m ovim entos.

Mais orgasm os, desta vez um após o outro, o cabelo dela se lançando sobre os rostos dos dois, um cheiro apim entado forte rugindo do corpo dele, o prazer m isturando as alm as de um a m aneira que parecia perm anente.

Quando finalm ente term inaram , ela se largou sobre o tronco dele, m ole com o um pano, quente com o um forno, tonta com o se tivesse corrido um m ilhão de quilôm etros.

E foi nessa hora que seu celular tocou.

Quando a cam painha ressoou dentro do bolso da sua j aqueta, ela levantou a cabeça.

– Só pode ser brincadeira.

Deixando quem quer que tivesse ligado cair no correio de voz, voltou a se concentrar e sorriu para Craeg. Deus, adorava quando seus rostos ficavam

próxim os assim , quando ela conseguia enxergar cada cílio dele individualm ente,

e o calom bo do nariz e a som bra da barba que j á estava crescendo.

– Oi – ela sussurrou.

Para variar, os lábios devolveram a gentileza e havia nele um a tim idez terna enquanto sorria.

Esticando a m ão para o rosto dele, ela sussurrou:

– É assim que eu sem pre vou m e lem brar de você.

Nos recessos da m ente, ela pensou… que estranho. Por que estava se despedindo dele? Aquilo era apenas o com eço…

O telefone com eçou a tocar de novo.

– Desculpe – ela disse, franzindo o cenho. – Espero que não haj a nada errado.

Virando-se para pegar o aparelho no bolso, estava m uito ciente de que ainda estavam unidos. E quando olhou para a tela, praguej ou.

– Fala sério, Pey ton… – Murm urou ao enfiar o aparelho de novo onde estivera. – Ele deve saber que a gente está aqui atrás. Ele adora perturbar as pessoas.

– Finalm ente acabou aparecendo, hein?

– Você sabe que ele é com o um irm ão para m im … Sabe m esm o, de verdade?

– Sim , na verdade, sei, sim .

Quando o celular voltou a tocar pela terceira vez, ela cerrou os dentes.

– Meu irm ão com pleta e absolutam ente irritante.

– Atenda e ele para. – Craeg rolou o quadril e a fez gem er. – Não vou a parte algum a.

Apertando o botão para aceitar a cham ada, levou o aparelho à orelha.

– Será que você pode parar…



– Parry …?

No instante em que ela ouviu a voz dele, franziu o cenho. Durante todo o tem po em que o conhecia, sua voz nunca soou assim . Perdida… com o a de um garotinho.

– Pey ton? O que aconteceu?

– Um a coisa m uito ruim aconteceu, Parry. Tem sangue… em toda parte…

– *O quê?* – Ela afastou o corpo, e Craeg a abaixou im ediatam ente. – Pey ton! Onde você está?

– No apê da m inha prim a… a m inha prim a… aquela que supostam ente estava sum ida…

Paradise encarou Craeg m uito séria.

– Pey ton, Craeg está com igo e nós estam os a cam inho. Mas onde você está?

Quando ele balbuciou o endereço, ela o repetiu e depois passou o aparelho para Craeg.

– Tenho que m e lim par. Fique no telefone com ele, *não* deixe que ele desligue.

Dez m inutos m ais tarde, Craeg entrava em um elegante prédio de apartam entos de hum anos com um toldo verde-escuro na entrada, um vestíbulo de m árm ore e um porteiro com uniform e da m esm a cor do toldo externo. Enquanto ele hesitava e esperava ser expulso ou obrigado a se subm eter a um a vistoria de todas as suas cavidades antes de sair do capacho em que se lia “Bem - vindo”, Paradise foi direto para a recepção.

– Olá – ela disse num tom absolutam ente calm o e racional. – Meu am igo Pey ton veio visitar Ashley Murray, e pediu que nos j untássem os a ele.

– Ligarei para lá – respondeu o hom em , apanhando o interfone. – Alô? Sim , é da recepção. O senhor está… Perfeito. Eu os farei entrar. – O porteiro indicou os elevadores com a cabeça. – Vão em frente.

– Muito obrigada – agradeceu com suavidade e estendeu a m ão.

A princípio, Craeg não entendeu por que ela fazia aquilo, m as logo percebeu que ainda não havia se afastado das portas giratórias da entrada.

Apressando-se, ignorou o porteiro e m anteve a cabeça baixa, porque um a coisa era um a bela fêm ea, m as ele estava bem ciente de que tinha cinco vezes o tam anho dela e devia ser visto com suspeita. No entanto, chegaram ao elevador, e depois subiram até um andar bem alto.

A prim eira coisa que viram ao fim do com prido corredor bege foi Pey ton lá longe, sentado no carpete, com o celular ainda nas m ãos.

O ar estava carregado do cheiro de sangue para o faro de Craeg, m as provavelm ente não seria notado por um hum ano.

Paradise se apressou e se aj oelhou j unto ao cara.

– Pey ton?

Ele só olhou para ela depois que ela lhe tocou no om bro: seu rosto estava branco com o cera, e os olhos, arregalados dem ais.

– A coisa está feia.

– Ela… está lá?

– Não. Mas o quarto… Santo Deus, o quarto.

Craeg a deixou com o am igo e em purrou a porta. No m esm o instante, o cheiro de m orte ficou m ais forte e se intensificou ainda m ais quando ele entrou num côm odo aberto, com carpete branco de parede a parede, um sofá branco e j anelas altas que, devido à ausência de cortinas, im pediriam um vam piro de m orar ali.

Frio, o côm odo estava m uito frio. Havia um a corrente de ar gelado soprando pelo apartam ento.

Relanceando a vista para a direita, não notou nada de extraordinário na cozinha anexa, nenhum a bagunça, tudo guardado, um cesto de frutas frescas… Não, espere, risque isso, as m ações eram de plástico.

Um corredor seguia em frente, e havia um a única luz acesa ao fundo.

Dirigindo-se para lá, cruzou um a chique passadeira.

Virando no fim , parou na porta. Do outro lado, um a cam a *queen size* estava tão

m anchada de verm elho que era com o se tivessem despej ado tinta sobre a colcha

e os lençóis brancos, sobre os travesseiros e a cabeceira.

Tam bém havia m ais no chão, m arcando um a trilha que ia…

A porta de correr envidraçada dava para um a espécie de balcão que estava

aberto – e enquanto as cortinas finas balançavam ao vento, m arcas

ensanguentadas de m ãos no vidro e na soleira eram expostas e depois encobertas,

expostas e encobertas.

Virando-se para a cam a, notou as drogas nas m esinhas de cabeceira: seringas,

colheres, pedaços de papel-alum ínio. Não havia preservativos. Nem arm as.

Nada de pessoal: nenhum a fotografia, recordação ou bagunça. Aquele era um

lugar reservado para transar e se drogar, e para sair antes do am anhecer. Mas

era um lugar caro.

– Ai, m eu Deus…

Ao ouvir o som da voz de Paradise, ele olhou por sobre o om bro.

– É m elhor você não entrar aqui.

Ela entrou m esm o assim , e ele não poderia dizer que ficou surpreso.

– Onde está o Pey ton?

– Aqui – disse um a voz atordoada na soleira.

Enquanto os três estavam parados no m eio do quarto, ele tinha quase certeza

de que pensavam a m esm a coisa: ninguém sobreviveria a algo assim . Ninguém .

– Preciso ligar para o m eu pai – Paradise disse com firm eza. – Isto está m uito



além de algo que a gente possa cuidar.

Craeg balançou a cabeça quando ela pegou o celular.

– Não, precisam os ligar para a Irm andade.

Pey ton explicou:

– É por isso que ela está ligando para o pai.

Quando Paradise levou o aparelho à orelha e com eçou a andar, Craeg se m ostrou confuso:

– O quê?

Pey ton deu de om bros.

– O pai dela é o Prim eiro Conselheiro do Rei. É o m ais correto a fazer.

A princípio, foi difícil traduzir o significado daquelas palavras, a sequência dos substantivos e verbos e outras coisas entraram por um ouvido e saíram pelo outro.

Mas depois que ele as repassou pela cabeça algum as vezes… sentiu um frio estranho percorrer seu corpo inteiro, da cabeça aos pés. O coração saltou dentro do peito. Parou. Voltou a bater num ritm o descom passado.

Craeg desviou o olhar para Paradise e ouviu de m uito longe quando ela com eçou a falar num tom de urgência. Nunca se detivera no sotaque dela antes,

porque sem pre se distraíra devido à sua atração. Mas agora… a cadência, o tom
,
a inflexão… eram com o os de Pey ton. E não por ela ter im postado a voz, fazendo algum tipo de im itação.

Num a voz sum ida, ele disse:

– Ela não é só um a recepcionista na casa de audiências, é?

Quando o celular de Butch com eçou a tocar j unto ao corpo, ele estava pronto para ignorá-lo, deixando a m ensagem cair no correio de voz; afinal, estava num clube de sexo tentando descobrir pistas sobre um m aldito hom icídio, pelo am or de Deus. Mas quando a coisa não parou de tocar, ele a pegou e atendeu.

E não conseguiu ouvir o que Vishous dizia por causa da m úsica tecno.

– O quê? Alô?

Depois que a ligação foi interrom pida, um a m ensagem do Irm ão pôs fim à confusão. A m ensagem era curta e direta, nada além de um endereço num bairro bom da cidade, o núm ero 18 e um período de tem po: *5 minutos*.

Era o código que usavam quando estavam lutando e em apuros.

– Tem os que ir – ele disse alto. Virando-se para Marissa, pegou-a pelo braço e falou m ais alto: – Tem os que ir em bora. Agora.

– O quê? – Ela retesou o corpo. – Mas tem m ais ali na frente.

Quando ele sim plesm ente sacudiu a cabeça e a encarou, ela parou de discutir.

– Ei, Axe – ele cham ou. – Tem os que ir. Você vai ficar bem ?

O cara se aproxim ou.

– Pensei que vocês queriam ver tudo.

– Mais tarde. Te vej o no centro de treinam ento.

A partida na verdade dem orou bem m ais do que os cinco m inutos, enquanto prosseguiam pelas diversas estações de sexo e quartos tem áticos com o se estivessem tentando encontrar a saída de "50 Tons do Labirinto Cinza". Assim que

se viram no ar frio da noite, longe dos ouvidos dos leões de chácara e do pessoal da fila para entrar, Butch disse:

– Tenho que cuidar de um lance que parece assassinato e…

O celular tocou de novo e ele atendeu.

– V., estou a cam inho, só vou deixar a Marissa…

O Irm ão falou rápido, foi direto ao ponto e m uito sucinto e, assim que a ligação se encerrou, Butch abaixou o celular devagar e fitou Marissa.

– Acho m elhor você vir tam bém .

– O que foi?

– Podem os ter descoberto quem era a fêm ea assassinada.

Minutos depois, encostaram o Lexus diante de um elegante prédio de apartam entos a um quarteirão de distância do Com m odore. Apagando a m em ória de um hum ano, logo entraram no elevador e depois atravessaram o corredor que fedia a m orte. V. os aguardava.

E o Irm ão recuou assim que os viu.

– Mas que porra é essa…? E, a propósito, vocês estão gostosos pra cacete.

Butch arrancou a m áscara.

– Dá pra sentir o cheiro de longe.

Levantando as m ãos para rem over a própria m áscara, Marissa deu um passo para trás.

– Ai, m eu Deus… é ela. Esse é o cheiro dela.

V. os conduziu pelo apartam ento im pessoal até um quarto praticam ente desprovido de m óveis, que o fez se lem brar dos seus tem pos na Polícia Metropolitana de Caldwell. Merda, o prim eiro im pulso de Butch foi o de se colocar entre a sua com panheira e todos aqueles sinais de hom icídio violento. Não m ais. Matava-o ter que expô-la a isso, m as ela tinha razão. Ela tinha que estar ali.

Com a coluna reta e os olhos lím pidos, ela foi direto para a cam a e, m erda, a im agem dela de costas para ele enquanto fitava a colcha e os travesseiros encharcados de sangue lhe provocaria um a nova categoria de pesadelos.

Praguej ando, relanceou a vista para Paradise, que estava ao lado de Pey ton, e depois viu Craeg, m ais distanciado. Por fim , avaliou a cena, observando tudo o que havia e o que não havia no quarto.

– Quem chegou prim eiro? – perguntou.

Pey ton levantou a m ão.

– Fui eu. A m inha prim a, Allishon, usava este lugar para… bem , você sabe. Ela

o aluga sob um nom e hum ano. Eu telefonei para o celular dela algum as vezes

para que se j untasse a nós. Os pais dela contaram para os m eus que ela estava

incom unicável há… não sei, algum as noites, um a sem ana talvez, m as isso é até

norm al. Quando ela não m e retornou as ligações, pensei em dar um pulo aqui,

porque achei que ela devia estar num a farra das pesadas. Entrei pelo terraço,

porque é assim que costum o fazer… e é isso.

– A porta estava destrancada? – Butch perguntou ao afastar as cortinas

esvoaçantes e inspecionar as m arcas na m açaneta.

– Estava aberta. Mas se o sol a tivesse atingido, teria deixado m arcas de

queim ado, certo? Então, talvez ela… – Deixou a frase sem concluir ao encarar a

cam a m anchada. – Ela não está bem , está?

Marissa puxou o capuz de látex para trás na cabeça, deixando-o pendurado no

pescoço. Aproxim ando-se do m acho, segurou-lhe as m ãos.

– Sou a *shellan* de Butch, Marissa. Sou a diretora-executiva de um abrigo para

fêm eas que sofrem violência dom éstica. Ela nos procurou…

– Então ela está lá? Ela está viva!

Marissa m eneou a cabeça lentam ente.

– Lam ento m uito. Cham ei m eu irm ão, Havers, e ele tratou dela com todos os

recursos de que dispunha. Ela não sobreviveu.

Os olhos de Pey ton se voltaram para a cam a e ele se calou. Depois, sussurrou:

– Isso vai acabar com os pais dela. Já perderam o m eu outro prim o nos ataques. Não lhes restou nenhum filho.

– Então aquela porta estava só destrancada ou aberta m esm o? – Butch perguntou. – Não quero ser insensível, m as esta é um a cena de crim e e quem quer que tenha feito isso com ela… Tem os que encontrá-lo e prendê-lo com pregos a um a m aldita parede.

Pey ton sacudiu a cabeça.

– Sim , não… Quero dizer, ela era m eio porra-louca. Vivia farreando. Mas não m erecia… – Pigarreou. – A porta estava aberta. Tenho certeza.

Butch seguiu as m arcas e m anchas no carpete.

– A única explicação é que ela tenha, de algum m odo, usado suas últim as forças para sair daqui e se desm aterializar para o Lugar Seguro.

– Com o ela sabia com o chegar lá? – Paradise sussurrou. – Quero dizer… Bem , graças a Deus…

– Ela deve ter ficado sabendo sobre nós de algum a m aneira – Marissa respondeu. – Eu só queria que pudéssem os tê-la salvo.

V. entrou no quarto.

– Acabei de receber um a m ensagem do Tohr e do Rhage. Estão lutando e a coisa está feia. Preciso cobrir a retaguarda. Butch, você tem que vir com igo. É um a em ergência.

Butch cerrou os dentes e soltou uns palavrões cabeludos. Mas depois olhou para Marissa.

– Você está bem ?

Encarando-o, ela disse com firm eza:

– Contanto que a gente encontre quem fez isto, eu vou ficar m uito bem .

Ele lhe deu um abraço rápido e forte e sentiu orgulho se espalhando pelo peito.

E depois lhe deu algum as instruções de tarefas tristes que ela teria que executar.

– Quero um a lista das pessoas que ela conhecia, hum anos e vam piros, que você vai conseguir com ele. – Apontou para Pey ton. – Depois, fotografe tudo com o celular. A porra do lugar inteiro. Não toque em nada, não m exa em nada. Tranque todas as portas que puder. Saia pelo terraço. Em seguida, vá para a casa dos pais dela. Eles têm o direito de saber hoj e à noite.

– Cuidarei disso tudo – ela garantiu.

Sim, ele pensou, *ela cuidaria.*

Deus, com o a am ava. Odiava aquela situação… Mas cara, com o a am ava.

Um beij o m ais… e foi na direção do carro, tentando m udar o foco de um tipo de em ergência para outro.

Capítulo 42

ENQUANTO MARISSA CONVERSAVA COM PEYTON sobre a prim a e com quem ela se associava, Paradise pegou o celular da fêm ea em prestado e percorreu o apartam ento todo, tirando fotografias. A cada im agem capturada,

ela

pensava no que sabia sobre a garota m orta. Tecnicam ente, Allishon tam bém era

sua prim a e, apesar de ser um parentesco m uito m ais distante do que o de

Pey ton, a perda ainda era m uito lam entada.

Ainda m ais por ter visto aquela cam a.

Deus… Quanta violência.

Em uns quinze m inutos, cobrira o quarto, o banheiro, o corredor e a sala de

estar, e j á estava indo para a cozinha quando viu algo caído no chão.

Com o o lugar era todo branco, um vislum bre de cor próxim o à extrem idade do

sofá de fato cham ou sua atenção.

Agachando-se sobre os calcanhares, puxou… um a antiga foto feita por um a

Polaroid.

Franzindo o cenho, percebeu que era… verm elha e rosa. Igual àquela que

encontrara no ônibus.

Aquela que colocara dentro da m ochila depois que Pey ton dissera não ser sua.

– O que foi? Por que está curvada assim ? – Pey ton perguntou. – Paradise? Vai

vom itar?

Ela se levantou e foi para j unto dele.

– É um a foto… – Quando lhe m ostrou, ela ficou se perguntando se não estava

chegando a conclusões precipitadas. Talvez houvesse outra explicação. – Hum

…

É igual a que encontrei… Você sabe, no ônibus.

– Tanto faz. Term inou de fotografar? Tem os que ir falar com os pais da Alli agora. Preciso term inar logo aqui antes que eu enlouqueça com tudo isso.

– Só um segundo… – Enfiou a foto na j aqueta sem pensar e foi registrar as im agens da cozinha. – Estou quase term inando.

– Ela está com as cinzas – Pey ton m urm urou num a voz em ocionada. – Marissa.

Paradise abaixou o aparelho.

– Ah… Meu Deus…

– Ela acabou de sair para ir trocar de roupa e pegá-las antes que você e eu a encontrem os lá. Queria ter um baseado com igo. Não pensei… – Com eçou a abrir gavetas. – Ah! Que alívio.

Quando ele pegou um a garrafa de vodca e a enfiou dentro do casaco, ela quis lem brá-lo de que não podiam m exer em nada, m as convenham os… Até parece que ela encheria o saco dele por não seguir as regras num a noite com o aquela.

– Pey ton, o que m ais posso fazer?

Os olhos dele se voltaram para os dela.

– A vida é o que é. Mas obrigado por vir aqui.

Assentindo com gravidade, ela tirou um a últim a foto da pia vazia e das bancadas nuas.

– Pronto. Hum … Onde está o Craeg?

– Ainda está no quarto.

– Pey ton… Eu sinto m uito.

Deram alguns passos um na direção do outro e se abraçaram com força. Ela queria lhe dizer que tudo ficaria bem , m as isso j á não era verdade.

– Eu te am o – ele disse.

– Te am o tam bém .

Afastando-se dele, foi até a porta de entrada do apartam ento, trancou-a usando a m ente e depois voltou com ele para o quarto.

Craeg ainda estava no m esm o lugar de antes, e quando ela se aproxim ou, apoiou a m ão no braço dele.

– Você está bem ?

– Sim . – Virou-se para Pey ton, interrom pendo o contato. – Cara, se precisar de algum a coisa… Estou aqui pro que precisar.

Pey ton se aproxim ou do m acho e os dois deram um abraço forte, e depois todos foram para o terraço, para o vento frio que soprava do rio.

Pey ton foi o prim eiro a sair. Depois, Craeg se virou para ela.

– Noite longa… É m elhor eu voltar. Pey ton ligou para o centro de treinam ento para m im com seu celular e eu preciso ir para o ônibus o quanto antes.

– Ah… Tudo bem . – Mas o que é que ela esperava? Acontecera um a tragédia. Agora não era o m om ento para longas despedidas rom ânticas, pelo am or de Deus. – Então… Bem , acho que a gente se vê à noite? Mas vai m e ligar de

m anhã, não vai? Vou m e trocar, e depois aj udar o Pey ton a contar para a fam ília.

– Que bom que você conseguiu falar com o seu pai.

– É, ele é sem pre prestativo.

– Posso apostar.

– Isso tudo é tão… horrível. – Quando piscou, viu a im agem da cam a ensanguentada. – Tão m edonho, tão horrível. Quem será que fez isso?

– Butch vai descobrir.

– Espero que sim . Espero m esm o.

– Tenho que ir.

– Ah… Tudo bem . – Espere, ela j á não havia dito isso? – Você está bem ?

– Estou bem . Não se preocupe com igo. É m elhor você ir tam bém .



Por algum m otivo, ela teve a necessidade prem ente de dizer que sentia saudade dele, m as isso era absurdo. Ele estava a m eio m etro de distância. E se falariam em algum as horas. E ela o veria na noite seguinte.

– Tenha um bom dia – ela disse.

Quando ele assentiu, ela fechou os olhos… Acalm ou-se… E se foi com o vento.

Por tantos m otivos, aquela partida estranha não fora o m odo com o im aginara a noite term inando. Nem perto disso.

Craeg não esperou m uito tem po. Assim que Paradise se desm aterializou, ele foi logo atrás, viaj ando no vento, usando o seu sangue nas veias dela com o rastreador.

Quando ela parou de se m over na noite noturna, ele reassum iu sua form a a algum as centenas de m etros dela, nos lim ites de um gram ado que era…

A casa diante dele no alto de um m orro era do tam anho de um dorm itório universitário, um tipo de construção gigante e im ponente que poderia ser usada na televisão para ilustrar um *campus* universitário ou, Deus, quem sabe… talvez m ais um a residência da realeza com seus telhados pontiagudos e as j anelas com treliça form ando losangos e todo aquele gram ado bem cuidado.

Fácil, fácil, devia ter o dobro do tam anho da propriedade em que seu pai e o de Axe foram assassinados, por exem plo.

E quando Paradise se aproxim ou da porta da frente, foi sem cerim ônia, não da form a com o um em pregado ou criado faria. Um m om ento depois, ela estava lá dentro, sem ter tocado a cam painha nem nada assim . Na verdade, conform e se m ovia para a esquerda, viu pelo vidro da j anela protegida por chum bo quando um m ordom o uniform izado pegava seu casaco e se curvava com deferência

diante dela.

O pai dela é o Primeiro Conselheiro do Rei.

Dim inuindo a distância com passadas largas, observou do frio exterior quando ela subiu um a grande escadaria e desapareceu para o que, sem dúvida, devia ser um igualm ente suntuoso segundo andar. Ou talvez terceiro. Quem sabe décim o segundo?

Mesm o depois que j á não a via m ais, ficou onde estava, espiando através das j anelas antigas os retratos a óleo, os tapetes elegantes, a seda nas paredes…

Devia ser seda, certo?

Que porra sabia ele?

Virando-se, olhou para o gram ado extenso, e para as m oitas e os canteiros que, sem dúvida, deviam ostentar um a variedade de flores nos m eses quentes. Ficou im aginando com o seria o quintal dos fundos. Devia ter um a piscina. Um espaço

fechado com anim ais exóticos. Um m aldito santuário de pássaros.

Ela m entira.

E não fora um a m entira pequena.

Aquilo… aquilo era grande: acabara de tirar a virgindade de quem certam ente parecia ser um a das filhas de um a Fam ília Fundadora.

De acordo com as Leis Antigas, sendo ele um plebeu?

Poderia ser condenado à m orte por isso.

Conform e a raiva se avolum ava, o m otivo era cada vez m enos Paradise e o que ela escondera dele, e m ais por ter atropelado suas próprias regras. Onde foram parar todos aqueles freios internos que estabelecera? Todas as resoluções tom adas? Antes de ter transado com ela num banheiro de um a porra de um a boate de hum anos, pelo am or de Deus? Passara por cim a de cada um deles. E o pior de tudo? Perdera o foco no seu treinam ento. Desviara-se do seu propósito. Desperdiçara dias em que deveria estar dorm indo, aulas em que deveria estar pensando, treinos em que deveria estar desenvolvendo seu corpo com concentração total.

E tudo por causa de um a fêm ea que se im portava tão pouco com ele, que era egoísta e egocêntrica, que não se dera ao trabalho de com partilhar um m ínim o de inform ações pertinentes e relevantes sobre si m esm a.

Inform ações que ela devia saber, e que m udariam a cabeça dele.

Sofrera um a autêntica m anipulação, essa é que era a verdade, que o desviara 180 graus daquilo que ele m ais queria. Unindo-se o fato de ela ser um a m entirosa e a sua libido estar descontrolada, ele não tivera a m ínim a chance.

Que tolo… Fora um trem endo tolo.

E os tolos recebiam o que m ereciam .

Não era assim ?

Capítulo 43

SENTADA NA BEIRADA DE SUA CAMA DE CASAL, Marissa passava a escova pelos cabelos. Tirara a roupa que vestira depois de despir o traj e de látex, e agora vestia um dos roupões pretos de caxem ira de Butch. De tem pos em tem pos, levantava a lapela para o nariz e aspirava o cheiro dele nas fibras. Precisava de um lem brete da presença dele. Precisava m esm o.

Santa Virgem Escriba, havia coisas dem ais se repetindo em sua m ente, im agens, sons, cheiros. Com o resultado desse ataque, ela ficou se perguntando…

Com o Butch suportara aquilo por tanto tem po? Com o investigara aqueles hom icídios, fora às casas dos fam iliares das vítim as, dera as notícias vez após outra? Com o olhara para os olhos desolados de um pai e de um a *mahmen* e se solidarizara com eles, m esm o sabendo que precisava extrair-lhes inform ações? Inform ações com o a últim a vez em que viram o filho. A últim a vez em que se falaram . Se sabiam de algum desentendim ento com alguém .

Fizera essas perguntas com cuidado, às vezes segurando a m ão da m ãe ou assentindo para o pai. Não havia m otivo para anotar coisa algum a; j am ais se esqueceria do que fora dito.

E agora ela estava ali de volta, aguardando Butch retornar são e salvo para casa para poder despej ar tudo em cim a dele.

Lá na sala de estar, a porta externa do Buraco se abriu com um rangido e um a raj ada de vento frio entrou pelo corredor, carregando o fedor dos *redutores*.

– Butch? – Pôs-se de pé e correu para lá. – Butch…?

Os gem idos e os xingam entos j á eram um a resposta. E quando ela fez a curva no corredor e entrou no espaço aberto, parou de im ediato.

V. trazia seu com panheiro no om bro, com o um bom beiro faria a seu colega. O Irm ão levou o corpo encurvado e m assacrado para o sofá de couro, deitando-o ali.

Butch estava sangrando, coberto pelo sangue negro dos assassinos, m ais m orto do que vivo.

E tam bém em anava o cheiro enj oativo dos *redutores* consum idos.

Quando ela arquej ou e se aproxim ou às pressas, V. j á despia a própria j aqueta, expondo cortes e hem atom as. Enquanto Marissa afagava os cabelos escuros do seu com panheiro, o Irm ão se j untou ao m acho no sofá, entrelaçando seu corpo de guerreiro com o do seu m elhor am igo. O brilho que surgiu em seguida com eçou com o algo vindo de m uito longe, ou talvez com o um a lanterna vista em

m eio a um espesso nevoeiro, m as logo a ilum inação, a sagrada essência da m ãe

de Vishous, tom ou conta da sala, reluzente com o a luz do sol num a placa de m etal, acolhedora com o o fogo de um a lareira, e a única salvação para Butch.

O poder de V. podia ser um a m aldição no contexto errado, m as um m ilagre se usado com o naquele m om ento – porque drenaria o m al de dentro do seu com panheiro, salvando-o, fortalecendo-o de um a m aneira que apenas Vishous

conseguia.

Jam ais se ressentira da conexão que os dois partilhavam , nunca sentira ciúm es por outro prover algo tão necessário ao seu am ado. Só sentia gratidão por existir um a form a de im pedir que Butch m orresse. Desde que Ôm ega o abduzira e o infectara, ele passara a ter a habilidade de consum ir os assassinos, destruindo-os de um a m aneira que “m atá-los” não o faria: ao consum ir a essência deles, Butch

lhes dava um a passagem só de ida para fora do Universo.

Mas isso tinha um preço.

Algum tem po depois, a luz com eçou a dim inuir, e os dois só continuaram

deitados, am bos exaustos. Quando Butch ergueu as pálpebras, os olhos castanhos

im ediatam ente a procuraram e ele levantou a m ão trêm ula.

Com um sorriso gentil, ela pegou a palm a dele e a levou ao seu rosto,

esfregando-a em sua face.

– Eu te am o, eu te am o…

– Ok? – ele disse quase sem voz. – Você?

– Agora que você está a salvo em casa, sim . Mil vezes sim .

V. entreabriu os olhos e a encarou longam ente. Mesm o tocando-o raram ente, porque, convenham os, Vishous não era do tipo am oroso, ela esticou a m ão e resvalou sua face.

Num raro m om ento de ternura, ele pressionou um beij o na palm a dela.

Em seguida, um pouco depois, era hora de levar seu com panheiro para o chuveiro. Enquanto V. continuava largado no sofá, Marissa aj udou Butch a seguir pelo corredor até o quarto. Ou quase até o quarto. Ele insistiu em se despir no corredor a fim de enfiar os traj es im undos direto na canaleta que m andava as roupas para a lavanderia túnel abaixo.

O banheiro particular deles era sim ples, pequeno e confortável, e com o ela sem pre fazia em situações com o aquela, deixou Butch sentado na tam pa do vaso sanitário enquanto aj ustava a tem peratura da água. Quando tudo ficou pronto, ela o aj udou a se levantar, em purrou-o para debaixo do j ato e o acom odou num dos cantos.

Tirando o roupão, entrou j unto com ele.

Ele j á estava excitado antes que ela se desnudasse. E no instante em que viu o corpo dela, sua ereção engrossou ainda m ais.

Haveria tem po para partilharem suas histórias m ais tarde. Agora? Precisavam encontrar aquela sintonia entre eles, para se conectarem , com unicarem -se sem palavras.

Pegando o sabonete e um a esponj a, com eçou pelo rosto, lim pando as feições que ela tanto am ava antes de descer para o pescoço, os peitorais, os m úsculos do

abdôm en. Lavou-o por inteiro, até m esm o sua ereção, que ela m assageou com a

esponj a.

Butch se arqueou sob o seu toque. Estava fraco dem ais para qualquer outra

coisa, o peso puxando para baixo até ele se sentar no banco em butido de

m árm ore. Com a cabeça m eio pensa, ele a observou trabalhar.

Mas, em seguida, ela abandonou a esponj a.

Aj oelhando-se, sentiu a água quente descer pelas costas quando se m oveu para

dentro das coxas dele.

Ele estava m agnífico, largado no canto, os grandes braços relaxados, o corpo

de guerreiro exausto.

Ainda assim , seus olhos estavam cheios de desej o.

Envolvendo o pau com as m ãos, ela abriu a boca e desceu sobre ele, engolindo

o quanto podia da sua extensão, sugando-o, excitando-o.

Em resposta, Butch gem eu e em pinou o quadril.

Ela levou o tem po que quis, m anipulando-o, acelerando e depois reduzindo o

ritm o, apertando-lhe as bolas.

E, então, levantou o olhar.

Ele ainda a observava, as presas expostas, a boca aberta, arquej ando. De

tem pos em tem pos, ele parecia tentar se m over. O m áxim o que conseguia era

m exer as m ãos, contudo.

– Marissa… – ele disse, rouco.

– Sim ?

Enquanto esperava que ele respondesse, delineou a boca com a cabeça dele.

Depois percorreu a língua num círculo ao seu redor.

– Term ine – ele gem eu. – Oh, Deus… Vá até o fim …

O sorriso que ela lhe lançou veio de dentro de sua alm a.

Em seguida, com expectativa, ela voltou ao trabalho.

E fez um serviço m uito, m as m uito bom m esm o.

Capítulo 44

QUANDO A NOITE CAIU NO DIA SEGUINTE, Paradise andava de um lado para o outro em seu roupão.

Craeg não ligara. Não às sete da m anhã, quando costum ava telefonar. Nem às duas da tarde, quando talvez não estivesse conseguindo dorm ir. Tam pouco às seis,

quando j á devia estar de pé indo com er no refeitório com Axe.

Algo evidentem ente m udara.

E desej ou com o nunca que não fosse por j á terem feito sexo. Alguns m achos só queriam o que ainda não tinham conseguido, e em bora ficasse chocada se descobrisse que Craeg era um cretino dessa m onta, não conseguia pensar em nada m ais que explicasse o fato de ele não ter telefonado.

Só que… eles ficaram tão bem j untos. Muito bem . E ele dem onstrara m uita

consideração por ela.

Quanto à cena horrenda no apartam ento da garota? Por m ais que o que tivesse acontecido à prim a de Pey ton fosse um a tragédia, ela não achava que Craeg ficaria tão afetado a ponto de sofrer algum tipo de colapso m ental ou em ocional…

E quando seu celular finalm ente tocou, ela atravessou o quarto correndo.

Só para praguej ar ao ver que era apenas Pey ton.

Quando atendeu, tentou m anter a voz controlada.

– Ei. Com o você está?

Depois que eles foram cum prir o triste dever de inform ar os pais da fêm ea, seguiram seus cam inhos no restante do dia, m as não ficaram sem se com unicar.

Ele lhe enviara algum as m ensagens incoerentes no decorrer das horas, que ela entendeu com o sinal de ter utilizado m uito bem aquela garrafa de vodca.

– Não vam os ter aula hoj e.

– Por quê?

– Foi cancelada por algum m otivo, por isso, eu e Anslam vam os para o restaurante Sal’s. Vou convidar os outros tam bém .

Enquanto se debatia com a novidade, um desapontam ento esm agador a deixou tonta. Contava que veria Craeg e…

Pey ton não perdeu o ritm o, orientando-a a se encontrar com eles em um a

hora. Depois desligou e a deixou com o telefone na m ão, só olhando para a tela escura.

Será que Craeg se j untaria a eles?

Ok, aquilo era um a trem enda besteira. Estava cheia de ficar esperando o telefone tocar com o um a m enininha boba.

Inspirando fundo, discou um núm ero que sabia de cor, um que aprendera um as três noites depois de com eçar a trabalhar na casa de audiências. Quando um *doggen* atendeu, ela sorriu profissionalm ente – com o se o m acho pudesse ver seu rosto, com o se não estivesse fazendo aquilo por m otivos puram ente pessoais.

– Olá – disse. – Aqui é a filha de Abalone. Lam ento incom odá-lo, m as poderia fazer a gentileza de m e transferir para a clínica do centro de treinam ento?

– Sim , m as claro, senhorita! – Foi a resposta j ovial. – Gostaria de falar com alguém em especial?

– Na verdade… – Aquilo estava ficando m ais fácil do que im aginara. – Estou tentando m e com unicar com o prim eiro dos cinco quartos ali de baixo.

– Será um prazer. Por favor, aguarde enquanto procuro o núm ero do ram al. – Houve um a sucessão de bipes. – Pronto. Se desej ar ligar diretam ente para lá no futuro, posso lhe passar o ram al?

– Por favor. – Apanhando um a caneta, rabiscou o núm ero na caixa de Kleenex ao seu lado. – Obrigada.

– Ou poderá usar este núm ero sem pre que desej ar. Ficam os contentes em servi-la. Por favor, aguarde.

Quando outra rodada de bipes se fez ouvir na linha, brotaram suor e calor de suas palm as, e ela teve que se sentar, porque as pernas com eçaram a trem er. Então, ouviu o toque de cham ada.

– Alô? – disse Craeg.

Ela engoliu em seco, e depois ficou frustrada consigo m esm a.

– Pensei que você fosse ligar.

Longo silêncio.

– Oi.

– Olha só, não tenho paciência para isso. O que está acontecendo, caram ba?

– Você não tem coisas m ais im portantes para fazer?

– O quê? – ela respondeu com irritação.

– Você sabe, j á que a sua prim a foi m orta. A sua fam ília tam bém deve estar triste.

– Estou m ais preocupada com você no m om ento. – Sim , claro que estava triste, m as…

A raiva de Paradise descarrilhou quando as palavras foram realm ente assim iladas.

– Ah.

– Pois é. Eu te segui ontem à noite – ele disse. – O que é algo horrível de se

fazer, m as, considerando-se que você m entiu para m im sobre quem você é e de onde vem , é um a violação de privacidade j ustificável. Só por curiosidade: você ia m e contar algum dia?

Ela apoiou a cabeça na m ão.

– Craeg…

– Não liguei pra você porque, na verdade, não sei com quem eu estaria falando. Ah, sim , com a filha do Prim eiro Conselheiro do Rei, Pey ton foi gentil o bastante de m e contar isso sem querer.

– Escuta, eu…

– Você o quê? O que você ia dizer, Paradise? – A voz dele ficou m ais estridente. – E, a propósito, lam ento de verdade o que aconteceu com aquela fêm ea. Com o você bem sabe, eu tam bém perdi a m inha fam ília. Você se lem bra com o foi, não lem bra?

De repente, a terrível história do pai dele sendo trancado para fora do quarto seguro enquanto os aristocratas se escondiam dos *redutores* ressurgiu com um a clareza cruel.

– Não sou com o as pessoas daquela casa, Craeg. E sinto-m e insultada por você m e colocar no m esm o bolo que eles só por eu ter nascido na m inha fam ília. Acha que eu tive algum a escolha?

– Ah, você não é com o eles. Não, não, nada disso… Você só ficou com

vontade de transar ontem à noite, por isso deixou um plebeu te tirar a virgindade, m esm o que isso signifique, tecnicam ente, que posso ser m orto pelo prazer de ter

tido a sua com panhia. Isso, você não é com o eles. Não m ente em benefício próprio nem nada assim … Não, você não, m eu am or.

– Isso é *tão* inj usto.

Ele gargalhou num rom pante.

– Espera, espera, eu sei. Você estava esperando para dar o m elhor presente de aniversário de todos para o seu pai. “Oi, pai, adivinha? Estou com o filho de um instalador de pisos… *hashtag* que m aravilha!”.

Cerrando os dentes, notou suas em oções ricocheteando entre a raiva e a tristeza, o arrependim ento e a indignação.

– Não contei pra ninguém quem eu era. Não foi só com você.

– Ah, eu m e sinto m uito m elhor agora. Obrigado.

– Eu não queria ser tratada de m odo diferente! Acha que eu gosto de ser a filha de Abalone? Acha que gosto de não ter escolhas, nenhum a liberdade, nada de…

– Quer dizer que sou apenas um a parte de um a fase de “experim entação” sua? Maravilha. Bem , da m inha parte, estam os acabados. Chega de testar versões novas suas à m inha custa… Você vai ter que encontrar um a nova peça de equipam ento. Sabe, Boone deve estar disponível. Ele parecia estar vendo Deus

pela prim eira vez enquanto Novo cavalgava em cim a dele ontem à noite.

Paradise deu um salto da cam a e andou pelo quarto.

– Não acredito que você estej a sendo tão obtuso.

– Obtuso…? Você tá tirando um a com a m inha cara, porra? – Ele praguej ou. –

Ok. Vam os testar um a hipótese. O tal baile, que vai acontecer na sua casa na

sem ana que vem , você evidentem ente ia m e cham ar para ir j unto, certo? Você

só estava esperando para m e contar para que eu pudesse ser o seu… ah, droga,

com o se diz? Acom panhante? É isso? É m elhor eu entender esses detalhes antes

que você m e apresente para o seu pai e eu m eta cinquenta paus no aluguel de um

sm oking.

Quando ela não disse nada, ele riu de novo.

– Acho que isso não fazia parte do plano, certo? Ah, e para o caso de estar

curiosa, Axe ouviu vocês conversando no ônibus. Ele m e contou depois que voltei

para o centro de treinam ento e tentou m e am olar por eu estar nam orando você.

Expliquei que não estávam os, de fato, “nam orando”, m as que eu tinha quase

certeza de que se o seu carro precisasse ser lavado, você o entregaria para m im

j unto com um balde e um a esponj a.

– Você está passando dos lim ites.

– E com o um a aristocrata, você, por certo, está em posição de m e dizer isso,

não é m esm o?

– Eu te am o, idiota. – Pelo m enos isso o calou. – Pronto. Falei. De onde eu venho, não tenho perm issão de dizer isso antes porque, supostam ente, tem os que esperar que o m acho o diga. Ah, e sabe o que m ais não posso fazer? Não posso estar na presença de um m acho desacom panhada. Não posso trabalhar, nem ter um a carreira; consegui aquele em prego de recepcionista só porque o m eu pai necessitava desesperadam ente de aj uda e eu era a única em quem ele podia confiar. Tive que lutar para entrar no program a de treinam ento, e só tive perm issão porque m enti para o m eu pai, dizendo que j am ais lutaria na guerra. Espera-se que eu fique fazendo ponto cruz, que eu adm inistre um a casa, que engravide… E você está m e m alhando dizendo que *eu* sou o problem a aqui?

– Pode chorar as pitangas, ok? – ele disse com rispidez. – Você nunca teve que se preocupar de onde viria a sua próxim a refeição, você vive na porra de um m useu de belas coisas e, m e desculpe, m as não sabe o que é as pessoas te m enosprezarem só porque perdeu na loteria do DNA!

– Você está m e m enosprezando! – ela berrou de volta. – Você está fazendo essa porra agora m esm o! Você é o j úri e o j uiz, j á tom ou um a decisão e eu que vá para o inferno! Você não é diferente da *glymera*… Olhe-se no espelho, Craeg. Você age com superioridade e é tão preconceituoso quanto eles.

Quando ela se calou, arfava, e a m ão livre estava cerrada num punho, o

coração batendo rápido.

– Isso não está nos levando a parte algum a – ele m urm urou depois de um instante.

– Você está absolutam ente certo. Por isso, vá se foder. Tenha um a boa vida… Espero que essa sua atitude o m antenha aquecido durante o dia.

Paradise encerrou a ligação e girou sobre os calcanhares, levantando a m ão acim a da cabeça, preparada para j ogar o aparelho na parede.



Mas se conteve. Acalm ou-se. Recuperou o foco.

Uau. Perdera a virgindade e tivera sua prim eira discussão num relacionam ento. Ah, e o prim eiro rom pim ento tam bém .

Que belas vinte e quatro horas.

Tudo estava ótim o.

Sim plesm ente m aravilhoso.

Paradise precisou de bem um a hora antes de voltar ao próprio corpo de tão brava que estava. E a sua prim eira conclusão foi a de que não passaria a noite inteira presa no quarto.

Nem a pau. Já passara o dia todo naquele tipo de prisão.

Dirigindo-se até a m ochila, rem exeu no conteúdo à procura da carteira. Iria se encontrar com os outros *trainees* naquele restaurante italiano para beber com eles, m esm o que fosse apenas refrigerante. E se por acaso Craeg estivesse lá?

Tudo bem . Tanto faz.

Era bom para ela ir se acostum ando a tê-lo por perto m esm o.

Quando apanhou a carteira, estava para sair quando parou. Pegando a m ochila, deixou-a sobre a antiga m esinha francesa. Rem exeu em tudo o que havia dentro dela e até abriu o zíper da frente para espiar aquele com partim ento.

Franzindo o cenho, foi até o closet e seguiu para a fileira de casacos. Aquele que vestira na noite anterior estava pendurado j unto aos dem ais, e ela enfiou a m ão no bolso do outro lado.

A foto de Polaroid que colocara ali ainda no apartam ento estava onde a deixara.

Fitando a im agem , levou a m ão à boca.

Voltando à m ochila, tornou a verificar seu conteúdo. Nada, a foto original, aquela que encontrara no ônibus, tinha sum ido.

Relem brou quando revirara a m ochila no centro de treinam ento e encontrara o celular no lugar errado.

Alguém m exera em sua bolsa e levara a foto.

Porque talvez ela tivesse conexão com … um hom icídio.

Voltando ao celular, ligou para Pey ton.

– Oi – ela disse quando ele atendeu.

Com o se calou depois disso, Pey ton a instigou:

– Alô? Paradise, é você?

– Eu acho…

– Não estou te ouvindo direito, a ligação está ruim .

– Não, eu não estava falando.

– Espera um segundo. – Houve um barulho e depois a voz dele soou m ais distante. – Não, seu idiota. Anslam , não vou tom ar ácido. Jesus… tá, m e passa o ecstasy.

Ela fechou os olhos e se perguntou o que exatam ente estava fazendo. Estava de luto. E talvez só estivesse sendo um pouco paranoica.

– Parry ? – Outro barulho e depois ele bebendo algum a coisa. – E aí, tudo bem ?

– Nada. Desculpe.

– Ainda vai se encontrar com a gente?

– Não agora – ela disse. – Vou para o trabalho do m eu pai. Eu… hum … fiz um a coisa idiota ontem à noite.

– O que foi?

– Peguei um a coisa do apartam ento. – Ela olhou para a foto, e depois colocou-a com a face para baixo na m esinha. Mesm o sem m ostrar nada específico, estava m uito ensanguentada. – Não tive a intenção. A foto que encontrei, sabe?

– A Polaroid? A outra?

– Isso. Preciso entregá-la para Butch e Marissa. Coloquei-a no bolso sem

pensar. Im agino que a Irm andade estej a lutando, e com o não posso voltar para o

centro de treinam ento, vou dar um a parada na casa de audiências e alguém pode

levar para eles m ais tarde.

– Boa ideia. Depois vai lá com a gente?

– Tudo bem . Só preciso de um a rápida chuveirada e trocar de roupa.

– Você está sem pre linda. Te vej o daqui a pouco.

Desligando, ela olhou para os pés. Deus, e se um dos *trainees* estiver envolvido

naquela m orte?

Praguej ando, Paradise levou o celular para o banheiro, e quando o colocou na

bancada, revirou os olhos diante de sua própria atitude. Entretanto, sim , atenderia

caso Craeg telefonasse para ela. Em bora, não, fosse im provável que ele o

fizesse. E isso, definitivam ente, era um a boa notícia.

De todas as outras m aneiras que aquele relacionam ento poderia não

funcionar… que confusão.

E, francam ente, não sabia se queria que desse certo com ele m esm o se isso

fosse possível.

Luxúria, pensou consigo m esm a. Sentira desej o por ele, não am or. Com o seria

possível am ar alguém depois de apenas seis noites?

Deus, queria vom itar, queria m esm o.

Vinte m inutos m ais tarde, estava de j eans e blusa de caxem ira. Usou sapatos baixos porque, em bora estivesse frio, ainda não havia previsão de neve e, por fim , pegou o casaco da noite anterior. Colocando a foto no bolso de trás, apanhou

a carteira, o celular, a…

Ao lado da cam a, o telefone fixo da casa tocou. Indo até lá, para o caso de o pai estar telefonando do trabalho, ela apanhou o fone.

– Alô?

– Você tem visita.

Franziu o cenho ante a voz do outro lado.

– Anslam ?

– Isso, sou eu – disse ele com todo o charm e. – O Pey ton m e pediu para vir te pegar.

– Ele fez isso? Mas eu ainda não vou ao Sal’s. Tenho que fazer um a coisa antes.

– Vou com você, então.

– Não, obrigada. Não vou dem orar…

– Você j á vai descer?

Ah, pelo am or de Deus… Mas ela não queria ser rude.

– Sim . Espere um pouco.

– Não se apresse por m inha causa.

Desligando, deu m ais um a olhada no cabelo e saiu do quarto. Ao seguir para as

escadas, desej ou levar Anslam para fora de casa rápido. Sentia-se m uito m al por

causa da discussão com Craeg, e seu m al-estar só estava pior porque não conseguia acreditar que tivesse levado aquela foto da cena do crim e sem ter contado para ninguém .

Além da grande possibilidade de que a investigação fosse se concentrar nos *trainees*.

No alto da escada, viu Anslam parado lá em baixo no piso de m árm ore preto e branco, as roupas da Saks da Quinta Avenida e o perfum e Gucci denunciando a que classe ele pertencia, m ais até que as feições com uns e sem nenhum atrativo em especial.

Ele parece tão… sem graça, ela pensou.

Não fazia ideia de com o ganhara a reputação de ser agressivo com as fêm eas.

Quando um degrau rangeu ao ser pisado, Anslam se virou de frente para ela.

– Fala, garota – ele disse. – Está bonita.

– Obrigada, você tam bém .

Quando ela chegou ao pé da escada e ele abriu os braços, ela se aproxim ou para dar-lhe um beij o em cada bochecha.

– Olha só, m e desculpa, m as eu preciso m esm o…

Um estranho som saiu do escritório do pai, e ela franziu o cenho, olhando naquela direção. Foi com o um guincho, ou um …

– Você tinha algum com prom isso? – Anslam perguntou. – Que tipo de com prom isso?

Ela voltou a se concentrar nele.

– Não é nada im portante. Eu só preciso… Mas que barulho é esse?

Dando-lhe as costas, avançou na direção da porta ornam entada em arco da biblioteca…

– Oh, m eu Deus!

O m ordom o do pai, Fedricah, e a sua criada, Vuchie, estavam am arrados diante da escrivaninha, as bocas am ordaçadas, os pés presos.

– Mas o que foi que…

Anslam a agarrou por trás e a girou, derrubando-a de cara no chão. Enquanto a surpresa e a dor a atordoavam m om entaneam ente, ele a virou de costas. Aproxim ando o rosto do dela, parecia levem ente irritado.

– Onde está a fotografia? O que você fez com a m inha fotografia, porra?

Enquanto ela tentava se recobrar e girar pernas e braços, ele vistoriou seus bolsos.

– Ah, boa m enina. – Enfiou a foto da Polaroid no bolso da j aqueta de cam urça.

– Maldição, Paradise, m as por que diabos você foi encontrar isso? Eu não queria ter que fazer isso com um a fêm ea com o você. Não era parte do plano.

Engolindo em seco, ela sentiu gosto de sangue e percebeu que seu lábio estava rasgado.

– Você não… não precisa fazer isso…

Com um m ovim ento rápido, ele se pôs de pé e desapareceu por um instante, voltando em seguida com um a m ala Louis Vuitton.

– Tenho, sim , que fazer isto. Porque você ia tentar levar essa Polaroid para o seu pai, foi o que contou para o Pey ton. E você é um a m enininha tão boazinha, tão conscienciosa, que não vai deixar esse assunto de lado e vai com eçar a pensar no caso e, cedo ou tarde, vai se enfiar no refeitório e vai vasculhar as m inhas coisas porque vai perceber que alguém do program a deve ter deixado cair aquela foto no ônibus e que depois foi tirada da sua m ochila. Bela m ochila, a propósito. Adoro Bally. Artigos de qualidade.

Conform e continuava falando, Anslam pegou um a seringa.

– Vej a bem , por eu ser m uito apegado ao m eu trabalho, preciso m anter um a parte dele sem pre com igo, e nada m elhor do que fotografias, concorda? É sim plesm ente fantástico para avivar a m em ória. Sej a com o for, no fim das contas você iria som ar dois e dois… e encontraria outras na m inha m ochila. E eu estaria fodido… E um a coisa eu garanto: eu nunca fico por baixo nos relacionam entos.

Enquanto ele testava que o fluido transparente esguichava pela fina agulha, o cérebro dela am eaçou recuar, a dor, a surpresa, a confusão revolvendo-se e agarrando-se aos seus neurotransm issores, tornando im possível a concatenação

de qualquer padrão de pensam entos.

Só que nesse m om ento ela se lem brou o que lhe ensinaram nas aulas de com bate: quando você se concentra, você perm anece concentrada. Concentre-se, perm aneça concentrada.

Mas aquele não era apenas um exercício; na verdade, era precisam ente para aquilo que estava sendo preparada.

Não era um a aula. Ninguém a salvaria.

A não ser ela m esm a.

Num átim o, sua m ente ficou superaguçada. Estaria m orta se o líquido daquela seringa, qualquer que fosse ele, fosse inj etado nela, e só teria um a chance para tentar escapar.

Fingindo estar indefesa, disfarçadam ente olhou ao redor, à procura de um a arm a, algum a coisa, qualquer coisa que pudesse usar…

– Pense nisso com o um elogio – ele disse ao olhá-la do alto. – Tenho certeza de que você acabaria descobrindo que fui eu, porque você é um a garota inteligente pra caralho, para um a fêm ea…

Com um a estocada poderosa, ela o golpeou no nariz com um a cabeçada. Era sua única chance e ela o atingiu em cheio: Anslam berrou de dor e de raiva e caiu de bunda no chão, am parando o nariz. E ela partiu para cim a dele, socando-lhe o peito e arrancando a seringa de sua m ão. Apertando o êm bolo para que a

droga se esvaísse pelo ar, largou a seringa de lado.

Não tinha tem po para desperdiçar.

Anslam urrou e bateu nos om bros dela, tirando-a de cim a dele. E seu

m ovim ento seguinte foi esm urrá-la com força no queixo, quando ela literalm ente

ouviu sinos tocando e sua visão trem eluziu. Mas não podia se dar ao luxo de desm aiar quando ele saltou sobre seu corpo. Lutando em m eio à dor e à desorientação, enfiou a m ão entre eles e m irou nos testículos, agarrando-os e torcendo-os com um a pegada forte que o fez gritar e se contorcer para o lado.

Já de pé, foi chutá-lo, m as ele a segurou pelo tornozelo e a derrubou.

Com eçaram a rolar e, nos recessos de sua m ente, ouviu Butch dizer que todo com bate acabava no chão; era apenas um a questão de tem po.

Girando, evitou que ele a golpeasse com o braço, m as tam bém fracassou ao tentar prender a cabeça dele entre suas pernas. Um a arm a, ela precisava de um a… – a m ala. Se ao m enos conseguisse alcançá-la…

Ele era m ais forte; ela, m ais rápida. Os corpos se debatiam contra o chão duro, braços e pernas se esforçando, punhos se chocando com troncos, m ais sangue surgindo nos rostos.

E foi então que aconteceu. De algum a form a, ele conseguiu segurá-la pela garganta com as duas m ãos, e depois bateu com a cabeça dela no piso de m árm ore um a vez, duas…

Vai se foder! , seus lábios gesticularam apenas, porque ela estava sem ar.

Esticando a m ão, enfiou os dedos nos globos oculares dele…

E ele desapareceu.

Anslam sim plesm ente… desapareceu.

Por um a fração de segundo, ela se preparou para que algo a atingisse na cabeça. Mas, em seguida, ouviu um grito pavoroso.

Erguendo a vista, viu Anslam … levitando, o rosto retorcido num a horrenda expressão de terror, o sangue j orrando da boca, os pés chutando enquanto as pernas se retorciam .

Depois foi lançado para o lado com o um saco de lixo.

E Craeg foi revelado com o o guerreiro que era, os pés plantados no chão, as presas arreganhadas… e um a espada ensanguentada na m ão.

De longe, Paradise percebeu que a arm a era a espada cerim onial que o pai usava com o Prim eiro Conselheiro em ocasiões especiais, a m esm a que o próprio

pai dele usara antes… aquela que ficava pendurada na parede diante da porta de entrada, conform e ditava a tradição.

Craeg foi para j unto dela e se agachou.

– Você precisa de cuidados m édicos. Onde está o seu celular… onde tem um telefone?

– Estou bem , eu… estou bem .

Espere, ela estava chorando. Ou seria sangue? Ela não sabia…

O som de alguém se debatendo fez com que ele virasse a cabeça.

– Já volto.

Com passadas rápidas, apressou-se para o escritório com a espada e,

m om entos depois, Vuchie estava ao seu lado, enquanto o m ordom o falava ao telefone que ficava sobre a escrivaninha.

Foi nesse instante que ela percebeu que estava vendo em dobro.

– Acho que vou desm aiar.

– A doutora Jane está a cam inho.

– Não m e deixe – ela lhe disse. – Quero brigar um pouco m ais com você.

Ele se aj oelhou.

– Porque interrom pi a sua briga? Peço desculpas. A propósito, acho que você ia ganhar, m as não sou um m acho que gosta de apostar. Desculpe.

Ela abriu a boca para dizer algum a coisa… m as as luzes se apagaram .

Seu últim o pensam ento?

Que algo quente envolvia sua palm a, e ela tinha quase certeza de que ele tom ara a sua m ão.

Capítulo 45

QUANDO CRAEG SE MATERIALIZARA NO JARDIM da casa de Paradise, não sabia ao certo se fora lá para continuar a discutir ou para fazerem as pazes. Honestam ente, não soubera. Poderiam ter acontecido as duas coisas.

Depois de ela ter acabado com a raça dele pelo telefone, ele disparara pelo centro de treinam ento até decidir que, dane-se, iria vê-la pessoalm ente. Cham ara um *doggen*, entrara no ônibus e assim que chegaram à estrada principal, dissera ao cara que não esperaria até que estivessem no ponto final de costum e. Negociaram até se decidirem por um a clareira a sete quilôm etros de distância do com plexo.

E de lá se desm aterializara até a m ansão da fam ília de Paradise.

Onde encontrara a porta da frente entreaberta.

No instante em que entrara, vira Paradise debaixo de Anslam , com os polegares enfiados nos globos oculares do cara.

E foi assim que acabara sentado ali naquela… biblioteca incrível… com sangue de verdade nas m ãos.

Olhando ao redor, balançou a cabeça ante o enorm e retrato a óleo sobre a lareira. O m acho retratado encarava seu observador, e Craeg só podia im aginar o que o velhote teria dito se de fato tivesse visto um borra-botas plebeu sentado no seu sofá de seda. Ou no sofá de seda do seu filho. Ou do neto. Tanto faz.

– Cacete – m urm urou, esfregando o rosto.

Sim , na verdade viera para discutir com ela, não para fazer as pazes. Viera enfatizar seu ponto de vista: que ela e sua gente eram o m al da espécie, e que ela estava se iludindo se acreditava que ele aceitaria todas as asneiras que…

– Jesus, pare… – grunhiu.

Reabrindo os olhos, olhou para o tapete onde suas botas estavam plantadas. No vestíbulo de fora se ouviam vozes. Butch chegara. V., o m ordom o e a criada estavam conversando.

Paradise fora levada para o andar de cim a, e a doutora Jane estava…

Um m acho surgiu na soleira da porta da biblioteca.

Ele era alto e m agro, vestia um terno im pecável que até m esm o Craeg sabia dizer que fora feito à m ão por um exím io alfaiate. Com a cam isa branca engom ada, a gravata verm elha e o pequeno lencinho enfiado no bolso do peito, ele era um típico exem plar de um aristocrata.

E, claro, tam bém tinha um anel de ouro de sinete.

E, sim , aqueles eram os olhos de Paradise que o fitavam do lado oposto do côm odo.

Craeg tirou o boné dos Orange e se levantou. Sentiu um im pulso absurdo de colocar a cam iseta para dentro da calça, ou dar um a lim pada nos j eans… ou algo assim . Merda.

O m acho atravessou o côm odo com um a expressão form idável no rosto.

Preparando-se, Craeg lim pou a garganta.

– Senhor, eu…

O abraço de urso que o envolveu foi tão forte que ele sentiu seus ossos sendo esm agados, e o cara não retrocedeu, m as continuou abraçando-o.

Enquanto Craeg perm anecia parado com o um a estátua.

Por cim a do om bro do pai de Paradise, Butch enfiou a cabeça na sala.

Arregalando os olhos, o Irm ão gesticulou para que Craeg deixasse rolar.

Por trás das costas do m acho, Craeg levantou as palm as, num gesto que dizia: "o que eu faço?"

Butch fez um a im itação exagerada de um abraço.

Com um a careta, Craeg passou os braços ao redor do cavalheiro com cuidado.

Deu um tapinha dos om bros dele.

– Eu lhe devo a m inha vida – o pai dela disse com voz em bargada. – Nesta noite, você m e deu um a nova vida ao salvar a dela.

Por fim , o pai recuou e puxou aquele lenço para enxugar os olhos.

– Diga, com o posso recom pensá-lo? O que posso fazer por você? Com o posso aj udar a você ou aos seus?

Craeg piscou atordoado. Seu cérebro definitivam ente não dava sinais de vida.

Então, ele disse num ím peto:

– Eu m e cham o Craeg.

Com o se o cara tivesse lhe perguntado isso.

– Craeg, eu sou Abalone. – O m acho fez um a reverência. – A seu serviço.

Antes que Craeg pudesse responder a isso, Pey ton fez a curva e m archou na direção dele.

– Meu chapa.

Eeeeeeeee hora do abraço núm ero dois.

Enquanto Pey ton o apertava com o se quase fosse quebrar suas costelas de novo, Craeg j á se sentia um pouco m ais acostum ado ao negócio todo de retribuir

o gesto.

– Fez o m eu trabalho por m im – o cara disse com voz rouca.

– Do que está falando?

– Butch m e contou que foi Anslam quem m atou a m inha prim a.

Craeg se retraiu, o que foi bom porque precisava de um pouco de espaço pessoal. Desde que o perigo se dissipara quando m atara um colega de classe, sentia com o se tivesse entrado num universo paralelo.

A questão era que, enquanto esquartej ava Anslam com o se o m aldito não passasse de um m erda, estivera reagindo em defesa de Paradise. O m otivo que levara o m acho a atacá-la não lhe fora relevante na hora, e perm anecera sem ser questionado no torpor que se seguiu ao acontecim ento.

Pey ton rapidam ente lhe contou a história, e Craeg acom panhou boa parte dela. Pelo m enos, achou que sim .

Anslam e as Polaroids. Anslam e a sua reputação de ser agressivo com as fêm eas. Paradise j untando todos esses fatos.

De repente, Pey ton se voltou para o pai de Paradise e os dois se abraçaram .

– Então, quanto a este cara… – Pey ton disse quando se afastaram . – É m eio

que um herói, não acha?

Ok, tudo bem , era extrem am ente desconfortável que o pai de Paradise o olhasse com algo sem elhante à adoração de um herói. Pois é… Será que j á podia ir em bora agora? Talvez pudesse… Queria ver Paradise antes, m as…

– A propósito, ele está apaixonado pela Parry – Pey ton revelou. – E ela por ele.

Eeeee foi assim que a coisa toda entre ela e ele foi com pleta, absoluta e absurdam ente anunciada para o m undo.

Capítulo 46

– NÃO, ESTOU BEM.

Paradise fez um a careta ao dizer essas palavras. Mas isso devia ter a ver com a doutora Jane estar apontando um a luz direto nos seus olhos.

– Você teve um a concussão – anunciou a m édica ao se sentar na cam a. – Está sentindo náuseas?

Claro que estava, m as era tanto pelo fato de quase ter sido assassinada por um colega da classe com o por ter sido resgatada pelo m acho a quem m andara se foder um a m eia hora antes…

– Qual foi m esm o a pergunta? – perguntou. – Espere, sim . Estou um pouco enj oada e a cabeça está m eio que latej ando.

A doutora Jane sorriu.

– Você vai ficar bem . Só vá com calm a. E, antes que m e pergunte, sim , você vai poder voltar às aulas am anhã à noite, m as nada de com bates e devagar com os exercícios.

– Ah. Tudo bem . – Deus, não conseguia se im aginar voltando para o centro de treinam ento. – Obrigada.

– De nada. Não vou te prescrever nada além do Motrin que você acabou de tom ar.

– Ok. Obrigada.

– E você vai precisar conversar com Mary – disse a doutora Jane ao se colocar de pé. – E não, nenhum “eu estou bem ” vai im pedir isso. É esperado que você sofra estresse pós-traum ático por causa do que aconteceu. O seu corpo vai se recuperar m ais rápido do que a sua m ente.

– Quem é Mary ?

– Você sabe, a *shellan* do Rhage. Ela é terapeuta.

– Ah.

Talvez devesse acom panhar isso com outro “obrigada”?

– Estarei à disposição se precisar de m im – disse a m édica antes de sair.

E Paradise foi deixada sozinha.

Engraçado, m esm o estando a salvo em seu quarto, e com Irm ãos no andar de baixo… a casa j á não lhe parecia m ais tão segura. E talvez esse fosse o m otivo

de ir conversar com Mary.

Deus… Anslam , um assassino? Talvez até um assassino em série?

Ele j am ais dem onstrara sinal algum de instabilidade. Parecia um a pessoa relativam ente norm al, ainda que ligeiram ente desagradável, assim com o ela ou

qualquer outro indivíduo da turm a deles, da raça deles.

E pensar que se sentara ao lado dela na sala de aula, treinara com bate com ele, conversara e rira com ele… Nesse m eio-tem po, ele estivera brutalizando fêm eas?

Era algo saído de pesadelos – antes m esm o de ela chegar na parte em que ele tentara m atá-la.

Olhando para o relógio, ficou ainda m ais ansiosa. Só faltava um a hora para o am anhecer e ela não sabia onde Craeg estava. Será que tinha ido em bora?

Precisava vê-lo.

Com um gem ido, esticou-se até o telefone fixo…

– Quer que eu te aj ude com isso?

Voltando à posição anterior, levantou o olhar e viu que o m acho em questão estava parado na soleira da porta. Ele apontou com o polegar para trás.

– A doutora Jane disse que eu podia subir. Tenho que ir, m as queria ver com m eus próprios olhos que você ainda estava viva.

Paradise fechou os olhos e teve que desviar o rosto. Lágrim as surgiam com

toda força, m as ela não queria m ostrá-las.

Houve um clique suave da porta quando ele a fechou e, por um segundo, ela pensou que ele tivesse ido em bora. Mas, então, inspirou fundo e sentiu sua essência.

– Conheci o seu pai – ele disse asperam ente.

Controlando-se para poder se concentrar, ela se forçou a olhar para ele. Craeg não avançara m ais para dentro do quarto, e isso lhe pareceu apropriado. Sua expressão estava distante, o corpo, tenso, com o se ele j á tivesse saído da casa m esm o ainda estando de pé diante dela.

– Conheceu? – ela repetiu com suavidade.

– É um cara legal.

– Ele é.

Longo silêncio. E depois ela decidiu: que se foda… E pegou o Kleenex. Assoando o nariz, soltou m ais um lenço e enxugou os olhos.

– Desculpe, estou um pouco em otiva.

– E por que não estaria? Quase foi m orta.

Form ando um a bola com os lenços, j ogou-os no cesto ao lado da cam a e inspirou fundo.

– Sinto m uito por tudo que eu te disse. Por ter gritado com você.

– Não se preocupe com isso.

– Ok. – Cara, por algum m otivo, aquela resposta *blasé*, com o se nada daquilo

tivesse tido im portância algum a, feriu-a m ais ainda do que a concussão. – Tudo

bem .

– Olha, Paradise, você e eu…

– Som os o quê? – Olhou-o fixam ente. – Ou será que *não somos*. Com o em

“não som os feitos um para o outro”? É esta a parte em que você discorre sobre

todas as razões pelas quais não podem os ficar j untos, inclusive, m as não

especialm ente, por causa dos m eus antepassados? Porque se for, tenho quase

certeza de que j á discutim os isso pelo telefone.

Quando ele não disse nada, só ficou olhando para o chão com o se estivesse

contando os pontos do tapete bordado, ela im aginou que ele estivesse ensaiando

suas despedidas finais m entalm ente. E esse seria um adeus para o

relacionam ento entre eles, não um do tipo “não vou te ver nunca m ais”. Porque

ela não pretendia desistir do m aldito program a, isso era certo. Som ente naquelas

prim eiras noites – que m ais pareciam doze m il anos, por sinal – ela j á investira

m uita coisa para desistir.

– É m elhor você ir – disse, derrotada. – Apenas…

– Por que eu?

Ela franziu o cenho.

– O que disse?

Quando ele a fitou, seus olhos estavam m uito sérios.

– Acho que só… não entendo… Por que eu? Você poderia escolher qualquer um da espécie. Quero dizer, linhagens inteiras dariam seus braços e pernas para que um filho deles ficasse com você. Você é, literalm ente, a coisa m ais valiosa do planeta – e isso antes que eles saibam o quanto você é forte, o quanto é inteligente… o quanto é resiliente. Com o é coraj osa… e inteligente. Já falei inteligente? – Voltou a olhar para o tapete. – E linda. E tam bém … essa sua voz…

– Fez um círculo ao lado da cabeça. – A sua voz m e deixa louco. Todos os dias, depois que desligávam os o telefone, eu ia dorm ir com essa coisa no m eu peito. Com o se talvez um a parte da sua voz, um a parte sua, ainda estivesse aqui.

Ok, agora ela estava chorando por um m otivo totalm ente diferente.

Craeg gesticulou m ostrando o quarto.

– Mesm o que você m e perdoe por eu ter sido um cretino… Não posso te dar nada disto. O chalé dos m eus pais tem só dois quartos e um a cozinha m inúscula.

As bancadas são de fórm ica, o piso é de linóleo, e o carpete é m uito, m uito feio.

A m adeira é falsa, não antiga. A peça m ais antiga de m obiliário que eu tenho é dos anos setenta e é horrível. Não posso… Não posso te com prar j oias, nem carros, ou…

– Pare.

Ante o som da voz dela, ele se calou.

– Eu não penso desse j eito – ela sussurrou. – E nem você deveria.

– Mas e se isso m udar?

E foi então que ela percebeu que ele nunca antes dem onstrara vulnerabilidade.

E, espere, ele estava falando deles ainda j untos?

– Não vou m udar de ideia – j urou. – Não ligo para nada disso e isso nunca vai m udar.

– Com o sabe? – ele perguntou com suavidade. – Porque… eu estou apaixonado por você. E se você decidir am anhã, daqui a um a sem ana… ou daqui a um ano… que isso foi só um a paixonite, ou que precisa estar com alguém de m ais classe do que eu, não vou sobreviver. É isso que vai m e arrasar com pletam ente,

sem chance de recuperação. Então, só m e deixe ir, está bem ? Me tire dessa tristeza… m e liberte.

Paradise enxugou os olhos e teve que sorrir.

– Você acabou de dizer que m e am a? – Quando ele nada disse, ela insistiu: – Acho que disse, sim .

– Estou falando sério, Paradise.

Subitam ente, nada em sua cabeça nem em seu corpo doía m ais, e o m edo que fora com o um veneno tóxico em suas veias desaparecera.

– Eu tam bém estou – sussurrou.

– Então, sim . Sim , eu acabei de dizer que te am o. E sinto m uito por ter perdido

a cabeça com você por causa da sua fam ília. E tam bém sou um idiota por te

colocar no m esm o bolo que as pessoas que m ataram o m eu pai. Não sei… Só o

que tenho que fazer é m e lem brar daquela prim eira noite, quando você não

queria m e deixar na trilha. Você agiu assim com todos, não só com igo. Você…

você teria se trancado para fora do quarto seguro se isso significasse que outra

pessoa caberia nele.

Ele em itiu um suspiro trêm ulo e enxugou o rosto com a palm a larga, com o se

estivesse lutando contra as próprias em oções.

– Craeg, eu só posso te dizer um a coisa… – Aguardou que ele a fitasse

novam ente. – Superei todo m undo naquela noite, não foi? Fui a últim a a ficar de

pé, certo?

Ele assentiu.

– Sim . Você foi incrível.

– Bem , eu faria tudo aquilo de novo se isso pudesse provar o im provável para

você – que o m eu coração sabe o que quer. É sim ples e descom plicado desse

j eito. Você pode, se quiser, discorrer sobre todos os m otivos pelos quais eu vou

pensar de outra form a em algum m om ento no futuro, m as os m eus sentim entos

nunca vão m udar. Eu sabia que você era o cara na prim eira noite em que te vi,

quando entrou na casa de audiências. Passei sem anas im aginando se você

voltaria com aquele form ulário. Na noite da iniciação? Esperei e rezei para te ver

entrar. Quando entrou, eu só conseguia pensar “graças a Deus ele está aqui”.

Ela esticou um a m ão para ele.

– E ainda penso isso toda vez que passo algum tem po longe de você. “Graças a

Deus… Ele está aqui”.

Craeg se aproxim ou lentam ente dela, com o se lhe desse um a chance para

m udar de ideia. Mas logo sua palm a segurava a dela. E depois se sentou ao seu

lado na cam a. E, finalm ente, inclinou-se e a beij ou na boca.

Só que então ele endireitou as costas e ficou sério.

– Vou *ahvenge* o m eu pai. Sei que não concorda, m as não posso m udar isso.

Sinto m uito.

Ela fechou os olhos quando um a dor a atingiu no peito.

– Por favor… Não. E não estou dizendo isso para proteger algum prim o

distante m eu. Já houve m ortes dem ais. Estou tentando proteger outro ser vivo.

– Um covarde que m atou o m eu pai.

– Talvez haj a outro m odo de se obter j ustiça. – Apertou a m ão dele. – Só…

vam os cuidar disso. Talvez exista outro m odo. Prom ete? Por m im . Faça isso por

m im .

Dem orou um tem po antes de ele responder. Mas quando, por fim , o fez,

pareceu um j uram ento.

– Tudo bem . Odeio isso… Mas tudo bem .

Sentando-se, ela o envolveu com os braços e sentiu o abraço dele.

– Eu te am o.

– Ah, Deus, Paradise… Eu tam bém te am o.

Ficaram assim por m uito tem po, abraçados, dizendo coisas sem m uito nexo, tocando-se, sentindo e beij ando.

E depois ouviram um a batida à porta.

Cara, Craeg afastou-se tão rápido da cam a que praticam ente bateu na parede m ais distante dela.

Ela riu.

– Pois não?

– Sou eu, Butch – disse um a voz. – Já estou indo em bora. Craeg, você tem que vir com igo.

– Ok – Craeg respondeu, indo para a porta.

– Quando vou te ver de novo? – Paradise perguntou. – A aula de am anhã à noite tam bém foi cancelada?

Ele apoiou a m ão na m açaneta e a fitou com olhos sem icerrados.

– Atenda ao seu telefone às sete da m anhã e podem os discutir isso.

Com isso e um a piscada sensual, ele saiu e fechou a porta silenciosam ente.

Enquanto se largava sobre os travesseiros, Paradise sorria tão am plam ente que

suas bochechas doíam .

Capítulo 47

Um a sem ana m ais tarde…

– Espera, onde é que vai esse feixe?

Diante do espelho de corpo inteiro no Buraco, Craeg estava em pânico até

Butch aparecer por trás dele. Naturalm ente, o Irm ão lhe sorriu com o se ele fosse

um parvo. Que é o que ele era.

– Cham a-se “faixa”. – Butch pegou o pedaço de tecido e o colocou ao redor da

cintura de Craeg. – Caram ba, filho, você vai arrasar.

– Quanto isto custou?

– Quinze m il. – Uns puxões e aj ustes foram feitos enquanto ele arrum ava a

faixa às suas costas. – E a boa notícia é que você e eu tem os a m esm a

constituição física, por isso vai te servir com o um a luva.

Craeg piscou algum as vezes.

– Quinze m il? Dólares?

– Não, tortas recheadas – Vishous disse lá de onde estava, na cam a. – E se isso

te deixa pirado, m ultiplique o valor pelo tanto de coisas que estão penduradas logo

ali.

Craeg relanceou a vista para os cabides de roupas no quarto lim po e arrum ado.

– Ah, m eu Deus.

– Pois é, a Saks o am a. – V. acendeu um dos seus cigarros enrolados à m ão. – E a Neim an Marcus.

– Vá se foder, V. – Butch se inclinou para o lado e apanhou um paletó negro com abas longas. – Caras com o Craeg e eu tem os que caprichar no visual para as nossas dam as. É assim que nós som os.

Pessoalm ente, Craeg preferiria estar com seus j eans. Mas tinha que adm itir que a cam isa branca engom ada e a gravata com nó elaborado no colarinho e os suspensórios verm elhos e as calças pretas com faixa de cetim nas laterais não faziam feio.

E depois ele vestiu o paletó.

Olhando seu reflexo, passou a m ão pelos cabelos recém -cortados e depois o sacudiu.

– Eu pareço…

– Parece bem pra caralho. – Butch deu-lhe um tapa no om bro. – Agora raspa fora daqui porque tam bém tenho que m e arrum ar. O m isantropo ali vai ficar em casa porque é bom dem ais para este tipo de coisa, m as você e eu vam os nos divertir a valer.

V. grunhiu e se levantou da cam a.

– Pode m e ligar, se quiser. Estou sem pre pronto para um a briga e adoro socar garotos bonitos.

– Você só está azedo assim porque não tem um sm oking.

Vishous parou na porta e olhou para Craeg. Balançando a cabeça um a vez com ar de aprovação, disse:



– O idiota está certo. Você está m uito bem . Ela vai ficar orgulhosa por tê-lo com o acom panhante. Não deixe que nenhum daqueles cretinos filhos da m ãe te faça se sentir inferior; ela poderia ter escolhido qualquer um no m undo, e escolheu você. E tam bém não estenda a m ão prim eiro para ninguém . Isso lhes dará a chance de te esnobarem . Deixe que te cum prim entem antes, entendeu?

– Obrigado – Craeg agradeceu com voz rouca.

V. assentiu, e foi para o corredor, acrescentando:

– Vou socar o Lassiter. Depois, provavelm ente, vou j ogar sinuca com o cara.

– Divirta-se, querido! – Butch exclam ou. Depois voltou a se concentrar em Craeg no espelho. – Deixa eu te acom panhar pelo túnel. Espere por m im na garagem . Eu te levo de carro.

– Ok. Ei… Obrigado.

Deus, aquilo parecia pouquíssim o.

Butch sorriu, revelando um dente da frente ligeiram ente torto.

– Tam bém m e vinculei com alguém acim a de m im . Sei o que é estar com um a fêm ea que…

Nesse instante, Marissa saiu do segundo quarto e…

Craeg recuou. O vestido… os diam antes… o vestido…

Os malditos diamantes.

A fêm ea literalm ente resplandecia dos pés à cabeça, era um espetáculo de beleza e de elegância naquele vestido de gala.

A doutora Jane apareceu no corredor.

– Então? Que tal está ela? Hum ?

Craeg olhou por cim a do om bro para Butch… que estava ali parado com pletam ente em basbacado.

– Pode ir sozinho, garoto – o Irm ão disse com voz gutural. – *Agora*. Estarei lá em dez m inutos – não, espere… vinte.

Enquanto Marissa sorria para Craeg e lhe dizia com o ele estava elegante, m aravilhou-se por estar com pletam ente vestida e m esm o assim se sentir totalm ente nua.

Pensando bem , pelo m odo com que Butch a fitava, não restava dúvida sobre o que ele estava pensando.

– Venha, Craeg. Eu te levo até o túnel – disse a doutora Jane. – Divirtam -se, vocês dois.

– Vão, vão, vão – Butch m urm urou para a com panheira de V. – Antes que vocês vej am m ais do que querem .

Quando os dois saíram e a porta do túnel se fechou e foi trancada, Marissa deu

um lento rodopio diante do com panheiro.

– Que tal?

A resposta de Butch foi cair de j oelhos. Literalm ente… cair de j oelhos com tanta força que ela ficou sem saber se ele tinha quebrado algum osso ou o piso de m adeira.

Suspendendo a saia do vestido Reem Acra, apressou-se na direção dele.

– Você está…

Ele tom ou os om bros dela entre as m ãos, os olhos cor de avelã perscrutando-lhe todo o rosto.

– Quero te beij ar, m as não quero estragar a sua m aquiagem .

– Então, m e beij e com cuidado.

E foi o que ele fez, roçando de leve os lábios da fêm ea.

– Você m e deixa sem fôlego, Marissa. Vai deixar todo m undo sem fôlego.

Ela alisou os cabelos dele.

– Verem os.

Marissa ficou séria.

– Havers não vai hoj e. Isso m e surpreendeu. Foi ele quem sugeriu que eu fosse a organizadora do evento.

– Talvez sej a a m aneira dele de lhe estender o cachim bo da paz. Perm itindo que você brilhe sem a com plicação de possíveis fofocas.

– Pode ser. – Pensou no irm ão ao lado da fêm ea que fora m orta. – De certo

m odo, é m ais fácil dem onizá-lo.

– Sabe, no que se refere a Havers, se você conseguir perdoá-lo… Bem , j am ais esquecerei o que ele fez com você, m as não vou m atá-lo se o vir. Tudo bem assim ?

Ela gargalhou.

– Fechado. Mas não sei. Acho que vam os ter que esperar para ver o que o futuro nos reserva.

– Eu prevej o um a coisa no futuro próxim o – ele disse com fala arrastada, os olhos sem icerrados.

– E o que seria?

O com panheiro se levantou do chão e circundou sua cintura com as m ãos quentes. Inclinando-se para baixo, ele sussurrou:

– Sou eu quem vai te aj udar a sair desse vestido m ais tarde.

Gargalhando, ela passou os braços pelo pescoço dele e se arqueou na sua direção.

– Isso significa que tam bém vou poder tirar as suas calças no fim da noite?

– Ah, Deus… – ele grunhiu. – *Siiiiimmmmm.*…

Capítulo 48

ENQUANTO DESCIA A ESCADARIA DE SUA CASA, Paradise suspendia a barra de seu longo vestido azul-claro. A cada passo que dava, pensava na noite da

sem ana anterior, quando descera para encontrar Anslam à sua espera no piso de m árm ore, com o se não houvesse nada de estranho, nada am eaçador.

Por um a fração de segundo, sentiu um curto circuito m ental e um a violenta carga de adrenalina percorreu sua espinha.

A doutora Jane tinha razão: j á estava m elhor da concussão e todos os hem atom as haviam desaparecido; no entanto, seu cérebro tinha um a nova "configuração", que fora forj ada rapidam ente e que seria perm anente. Mas a reação condicionada ao m edo não seria um a prisão; Mary estava tratando de garantir isso.

Quando chegou ao últim o degrau, seu pai saiu da biblioteca.

– Oh… Paradise.

Inclinando a cabeça e o corpo, fez um a m esura.

– Papai.

– Você se parece com a sua m ãe.

Quando estendeu as m ãos para ela, Paradise cam inhou em sua direção.

– Esse é o m elhor elogio que j á recebi.

– Bem , é verdade. – Fazendo-a rodopiar diante de si, ele sorriu. – E eu tenho um a coisa para você.

– É m esm o?

– Venha.

Levando-a ao escritório e até sua escrivaninha, ele lhe entregou um a caixa

verm elha achatada, com a borda dourada.

– Isto era dela.

– Pai…

– Não, nada disso. Você precisa abri-la.

As m ãos de Paradise com eçaram a trem er quando aceitou a caixa e levantou a tam pa. Vendo-a boquiaberta e sem fala, ele se adiantou e tirou um a gargantilha de diam antes antiga de seu leito acetinado.

– Ela tem 48 diam antes, um para cada um dos prim eiros 48 anos que passei com a sua am ada *mahmen*. Hoj e, eu a dou a você livre e espontaneam ente, do m esm o m odo que lhe dou o m eu am or e respeito. Eu não poderia…

– Espere – ela o deteve. Balançou a cabeça. – Não posso aceitar.

– Por que não?

Quando a expressão dele se fechou, ela cerrou os olhos.

– Tenho que lhe contar um a coisa. É sobre…

Sem conseguir ficar parada, com eçou a andar em círculos pequenos. Só conseguia pensar na conversa que tiveram sobre am or, e classe social, e com o ele queria que ela tivesse um a união aristocrática assim com o ele e a m ãe dela tiveram .

Todavia, diferentem ente de quando fora para o program a de treinam ento, hoj e Paradise sabia m uito m elhor quem ela era. E m esm o que isso partisse o coração

de seu pai, ela iria am ar quem quisesse, sem ligar para linhagem , classe social ou

posição.

– Pai, estou apaixonada por um m acho. Ele é plebeu, e eu não m e im porto

com isso. Mais especificam ente, não acredito que isso o torne m enos valioso que

qualquer outro. Craeg é…

– Finalm ente! – ele exclam ou. – Aleluia! – Ele a abraçou e a beij ou nas duas

faces. – Estou esperando por isso há um a sem ana!

– O quê? Com o?

– Pey ton m e contou.

– *O quê!?*

– E concordo com você. Craeg é um m acho de valor… E eu aprovo

totalm ente. Vocês têm a m inha bênção.

Paradise franziu o cenho e só balançou a cabeça.

– Pai… Eu não entendo. Na sem ana passada, você estava m e dizendo que eu

precisava m e unir a um aristocrata. Sei que Craeg salvou a m inha vida, m as o

senhor não pode m udar radicalm ente de opinião assim e esperar que eu acredite

nisso.

– Minha querida – ele disse, recuando –, quando foi que eu lhe disse que você

teria que se unir a um m em bro da *glymera*?

– Estávam os na Prim eira Refeição antes de eu sair, e o senhor estava dizendo

que eu deveria ter um a união com o o senhor e *mahmen* tiveram . Dois aristocratas unidos por um acordo entre as suas fam ílias.

– Não, eu disse que sua *mahmen* e eu encontram os o am or verdadeiro. É isso o que desej o para você. A parte do am or verdadeiro – contanto que o m acho sej a bom para você, não m e im porto com a origem dele. Já experim entei o suficiente do m odo de viver de nossa classe e não fiquei nada im pressionado. Bailes e festas são ótim os, m as o que conta de verdade é poder voltar para casa com a pessoa com quem se está vinculado. Isso é infinitam ente m ais im portante do que pedigree – e não perdoarei quem quer que sej a se por acaso com eçar a com entar a…

Paradise se lançou sobre o pai e o apertou com força.

– Eu am o tanto o senhor que vou acabar chorando!

Seu pai, seu querido, m aravilhoso e perfeito pai, gargalhou e retribuiu o abraço.

– Perm itirá que eu coloque a gargantilha em você agora? E finalm ente vai adm itir que Craeg será seu acom panhante hoj e?

– Sim , sim , ele virá! Mal posso esperar para que vocês dois se encontrem devidam ente e que o senhor o conheça m elhor.

– Nem eu, m eu am or… Nem eu.

Trinta m inutos m ais tarde, com um fluxo de convidados deslum brantes

passando pela porta de entrada e seguindo na direção do salão de baile, Paradise achava… bem pelo m enos *presumia* que Craeg logo chegaria.

Ele lhe dissera que viria.

Sim , dissera isso m esm o.

Parada próxim a à entrada do salão de baile, num a parte m ais elevada, no alto da escada que conduzia os convidados para a pista de dança, ela vasculhava a m ultidão. Não acreditava que fosse possível que tivesse perdido a sua entrada. Im possível com o m ordom o anunciando todos os que chegavam antes que descessem ao local da festa.

Tinha consciência de que ele parecera um pouco desconfortável com a ideia de acom panhá-la, m as ele não era do tipo de dar para trás. Especialm ente não no que se referia a ela…

– Ei, belezura.

– Pey ton – ela m urm urou ao se virar para o am igo.

Quando se abraçaram , espiou por cim a do om bro dele, na esperança de ver se… Não, nada do Craeg.

– Uau, belas pedras. – Pey ton se inclinou e inspecionou seu colar. – Onde está o seu cavalheiro?

– Não sei. – Ela franziu o cenho. – E eu pensei que você fosse trazer aquela fêm ea, qual é m esm o o nom e dela?

– Ah, ela… Não, não. O pai dela ligou para o m eu e perguntou quais eram as m inhas intenções. Não vou m e m eter nesse tipo de coisa.

– Então por que não convidou a Novo?

– Não sei de onde você tirou essa ideia. – Ele passou os olhos pela m ultidão. – Bem , hora de encontrar um par. Tem alguém da nossa geração aqui ou só tem os um salão de velhotes – espere, acho que aquela fêm ea m ais adiante ainda tem os próprios dentes.

– Pey ton. Você deveria ter convidado a Novo.

– Quem ? – Ele a beij ou no rosto. – Até m ais tarde.

Conform e ele se deslocava pelos degraus cobertos com um a passadeira verm elha, Pey ton cham ava todo tipo de atenção para si, um lem brete que seu m elhor am igo era um a com m odity m uito viável na *glymera*.

Pobrezinho.

Mas havia outro m otivo pelo qual estava preocupada com ele. Desde aquela noite com Anslam em sua casa, Pey ton se fechara. Na superfície, ele parecia o m esm o, m as ela o conhecia num nível que poucos outros conheciam .

Algo m udara dentro dele, e ele não estava falando sobre isso. Pensando bem , o próprio am igo m atara um parente dele. Era um a dor e tanto a ser processada.

Deus, queria que ele se abrisse com ela. Com alguém .

Quando a m úsica com eçou a tocar e alguns casais foram para o m eio da pista,

ela afofou a saia e percebeu que queria partilhar aquilo com Craeg, m as talvez fosse pedir m uito dele. A m aioria dos m achos consideraria aquilo um tédio, ou pior, um a m aldição.

Sem problem as. Não precisava participar desse tipo de evento. E poderia m uito bem usar aqueles diam antes com um roupão em casa, e ainda assim ficaria perfeitam ente feliz. Afinal, o que tornava a gargantilha im portante era o fato de ter sido de sua m ãe e agora ser sua.

Sim , seu pai tinha razão. Por m ais elegante que aquela m ultidão fosse, com seus vestidos de gala, j oias e ares im ponentes, era um a experiência entediante estar entre eles. Mesm o sendo aquele o seu lugar pelo direito de nascença, sentia-

se totalm ente à parte e m uito desinteressada…

– Um a banda m elhor vai se apresentar depois dessa?

Girando, ela sorriu loucam ente e depois se deteve. Levou um a m ão à boca. Recuou um passo.

Craeg balançou a cabeça e olhou para si m esm o horrorizado.

– Maldição, Butch m e j urou que isto aqui estava certo. Ele *jurou*.

– Você está…

Seu m acho era um lindo 007 naquele poderoso *black tie* e sapatos de verniz, de igual para igual em distinção com qualquer um naquela festa. Mas o engraçado era que… ela gostava m ais dele com seu j eans e boné.

Ou absolutam ente nada. Isso sim era bem m elhor.

– Espere… Isso é a espada cerim onial do m eu pai? – ela disse de repente, piscando em m eio a lágrim as inesperadas.

Craeg alisou a bainha dourada que pendia em seu quadril do lado esquerdo.

– Ele estava à m inha espera quando cheguei. Insistiu para que eu a usasse hoj e. Disse que não a deixaria na m ão de nenhum outro quando sua filha fosse apresentada à sociedade com um acom panhante pela prim eira vez.

Paradise teve que pigarrear.

– Isso é… um a honra im ensa.

– Eu sei.

– E tam bém cortou o cabelo – ela observou. Ainda que, ao dizer aquilo, desej asse se chutar no traseiro. – Quero dizer…

– Eu estava um farrapo.

Ela se aproxim ou e o abraçou.

– Muitoobrigadaportervindoestoutãofelizqueestej aaqui…

Craeg riu naquele tom de barítono que com eçara a usar e a abraçou daquele j eito m aravilhoso com o sem pre fazia, bem j unto ao corpo para que ela sentisse a sua força.

– Eu teria vindo antes, m as o m eu carona estava um pouco ocupado.

– Você chegou. É isso o que im porta. E, ah, Deus, com o você está *gostoso*!

– E você está… – Ele pôs um pouco de espaço entre eles e pareceu fitá-la adequadam ente pela prim eira vez. – Uau. Que vestido… E essas pedras são de verdade? São de verdade… A do m eio é do tam anho do m eu polegar.

– Era da m inha *mahmen*.

– O colar é quase tão lindo quanto você.

Enquanto conversavam , ela estava bem ciente de que pessoas os m ediam e com entavam sobre eles, e que haveria um escândalo, sim , haveria.

Que se fodessem, ela pensou ao enganchar o braço no dele.

– Vem com igo?

– Pra onde você quiser m e levar, hoj e e sem pre.

Conduzindo o m acho para o alto da escada, ela acenou para Fedricah, que im ediatam ente se curvou em deferência a Craeg.

– Senhor. É um a honra vê-lo esta noite.

Em seguida, o *doggen* se virou para a m ultidão e em seu tom m ais form al anunciou no Antigo Idiom a:

– Senhorita Paradise, filha de sangue de Abalone, Primeiro Conselheiro de Wrath, filho de Wrath, pai de Wrath, e o honorável Craeg, filho de Brahl, o Jovem,

agraciado com a Medalha de Honra por Ato de Bravura pelo Rei ontem à noite, pelos serviços prestados à corte real.

Um silêncio se fez entre a m ultidão, e depois um a onda de com entários se

sobrepôs à orquestra.

Nesse m eio-tem po, Craeg recuou.

– O que foi isso? Eu recebi o quê? Fizeram o quê?

Paradise lhe deu um tapinha na m ão.

– Meu pai contou a Wrath que você salvou a m inha vida, e o Rei lhe concedeu um a honraria. Mas eu te am o com o j á te am ava antes. E era para você saber disso só am anhã, m as acho que nosso m ordom o estava m uito ansioso.

– O quê?

– Tecnicam ente, você agora é um aristocrata.

– O QUÊ?

– Não ligue para isso. – Ela o encarou direto nos olhos. – Isso não m uda nada… bem , a não ser para dizer tacitam ente àqueles que não gostarem que podem ir catar coquinho.

Craeg piscou e depois riu ao olhar para o grupo reunido.

– Vam os fazer isto, Paradise. E, quem sabe, depois encontrar um lugar m ais reservado?

Ela se inclinou na direção dele.

– Já pensei num lugar.

– Essa é a m inha fêm ea!

Avançando com ele, Paradise não olhou para a m ultidão. Pelo que lhe dizia respeito, aquela gente toda sequer estava ali no salão de baile com eles.

Não, ela só tinha olhos para o seu m acho.

– Sabe de um a coisa? – ela disse com am or enquanto desciam até a pista de dança de m árm ore preto e branco.

– O quê?

– Sou a fêm ea m ais sortuda do planeta. Aqui e agora.

Sim , ela pensou quando o peito dele se inflou de orgulho. Sabia exatam ente quem era… e com quem estava – e os dois form avam um trem endo casal.

– Eu te am o – ele sussurrou ao arrebatá-la nos braços. – Dance com igo.



Leia agora um a prévia do prim eiro volum e da nova série da autora best-seller do *The New York Times*, J.R. Ward



Os reis do

BOURBON

UM

Charlem ont, Kentucky

Um a névoa pairava sobre as águas preguiçosas de Ohio com o um sopro de Deus, e as árvores às m argens da estrada River do lado de Charlem ont tinham tantas nuances de verde que a cor exigia um sexto sentido para absorvê-las todas. Acim a, o céu era de um azul-claro leitoso, o tipo de coisa que você via no norte apenas no m ês de j ulho. Às sete e m eia da m anhã, a tem peratura j á passava

dos

vinte graus.

Era a prim eira sem ana de m aio. Os sete dias m ais im portantes do calendário, superando o nascim ento de Cristo, a independência am ericana e as

com em orações do Ano-Novo.

A 139a disputa do Derby de Charlem ont aconteceria no sábado.

O que significava que todo o Estado do Kentucky estava im erso na loucura das corridas de cavalos puros-sangues.

Lizzie King se aproxim ava de seu trabalho, sentindo a forte descarga de adrenalina que a vinha acom panhando nas últim as três sem anas. Ela sabia, por experiência prévia, que aquela agitação não se apaziguaria até a lim peza do sábado à tarde. Pelo m enos estava indo, com o de hábito, contra o fluxo que seguia para o centro da cidade, e chegaria rapidam ente. Ela levava quarenta m inutos em cada traj eto, m as isso não se com parava à hora do *rush* de Nova York, Boston ou Los Angeles, o que, no seu atual estado de espírito, faria com que

seu cérebro explodisse com o um a bom ba nuclear. Não, o seu cam inho para o trabalho consistia em vinte e oito m inutos de paisagens rurais em Indiana, seguido

de seis m inutos de retardo em pontes e entroncam entos, com pletado por seis a dez m inutos de tráfego ao longo do rio, contra a corrente.

Às vezes, ela pensava que os únicos carros que seguiam na m esm a direção

eram do restante dos funcionários que trabalhavam em Easterly j unto dela.

Ah, sim , Easterly.

A Propriedade da Fam ília Bradford, ou PFB, com o vinha escrito nas notas de entrega, estava fincada na parte m ais alta da área m etropolitana de Charlem ont, e abrangia a casa principal de 1 800 m etros quadrados, três j ardins form ais, duas piscinas e um a visão de trezentos e sessenta graus do condado de Washington. Tam bém havia doze chalés de serventes, dez construções externas, um a fazenda ativa de m ais de 8 000 hectares, um estábulo para vinte cavalos, que fora convertido num escritório, e um cam po de golfe com nove buracos. O cam po era ilum inado para o caso de você querer praticar as suas tacadas à um a da m adrugada.

Até onde ela sabia, o enorm e terreno fora concedido à fam ília em 1778, depois que o prim eiro Bradford chegara ao sul, vindo da Pensilvânia com o então coronel George Rogers Clark, trazendo tanto a sua am bição quanto a sua tradição na fabricação do bourbon. Quase duzentos e cinquenta anos depois, eles possuíam um a m ansão ao estilo Federal* do tam anho de um a cidade pequena no alto da colina e cerca de setenta e duas pessoas trabalhando na propriedade em m eio período ou período integral.

Todos seguiam regras feudais e um rígido sistem a de castas, retirado

diretam ente de *Downton Abbey*.

Ou talvez a rotina da Condessa Viúva de Grantham fosse um pouco progressista dem ais.

Provavelm ente a época de Guilherm e, o Conquistador, fosse algo m ais próxim o.

Então, por exem plo – e isso seria apenas um a conj ectura de cinem a – se um a j ardineira se apaixonasse por um dos preciosos filhos da fam ília? Mesm o que ela fosse um a das horticultoras-chefes e tivesse reputação nacional e um m estrado de Cornell em paisagism o?

Isso não seria aceitável.

Sabrina sem um final feliz, m eu bem .

Xingando, Lizzie ligou o rádio na esperança de fazer seu cérebro se calar. Mas não foi m uito longe. Seu Toy ota Yaris tinha alto-falantes dignos da Barbie: a m úsica supostam ente deveria sair pelos pequenos círculos nas portas do autom óvel, m as o sistem a de som era quase de fachada e, neste dia, a m úsica que vazava daquelas coisinhas sim plesm ente não era suficiente…

O som de um a am bulância se aproxim ando a toda velocidade por trás dela superou com m uita facilidade a conversa da BBC News. Ela pressionou o freio e foi para o acostam ento. Depois que a sirene e as luzes sum iram à distância, ela voltou para a estrada e fez a curva aberta ao longo do rio e da estrada… E lá

estava a enorm e m ansão branca dos Bradford, bem no alto, o sol nascente sendo

obrigado a se espalhar ao redor da sim étrica e m agnífica construção.

Ela crescera em Plattsburgh, no Estado de Nova York, num pom ar de m ações.

O que diabos tinha pensado quase dois anos atrás quando perm itira que Lane

Baldwine, o filho m ais novo, entrasse em sua vida?

E por que ainda estava ali, depois de todo esse tem po, refletindo sobre aqueles

detalhes?

Porque, sej am os sinceros, ela não era a prim eira m ulher que fora seduzida por

ele…

Lizzie franziu a testa e se inclinou sobre o volante.

A am bulância que a ultrapassara estava indo para a parte de trás da colina da

PFB, com suas luzes verm elhas e brancas girando ao longo da alam eda de

bordos.

– Ah, m eu Deus – sussurrou.

Rezou para que não fosse quem ela pensava.

Ela não podia ser tão azarada assim .

E não era lam entável que isso fosse a prim eira coisa a lhe passar pela m ente?

Ela

não

devia

estar

preocupada

com

quem

quer

que

estivesse

m achucado/doente/desm aiado?

Passando pelos portões de ferro – com o m onogram a da fam ília – que estavam para se fechar, Lizzie virou a prim eira à direita uns trezentos m etros m ais adiante.

Com o em pregada, ela tinha que usar a entrada de serviço. Sem desculpas, sem exceções.

Por que Deus não perm itiria que um veículo com valor inferior a um a centena de m ilhares de dólares fosse visto diante da casa?

Puxa, estava ficando azeda, concluiu. E, depois do Derby, precisaria tirar um as férias antes que as pessoas pensassem que ela estava enfrentando a m enopausa um a década antes do previsto.

A m áquina de costura debaixo do capô do Yaris rugiu quando ela desceu pelo cam inho que dava a volta até a base da colina. Passou pelos cam pos de m ilho; o

esterco j á estava espalhado e revolvido na preparação do plantio. Em seguida,

passou pelos j ardins bem podados, com suas prim eiras plantas perenes e anuais;

os topos das peônias eram fofos com o bolas de algodão, não m uito m ais escuras

que o rubor nas faces de um a m enina inocente. Depois, havia os orquidários e as

estufas, seguidas pelos prédios externos com os equipam entos de fazenda e

j ardinagem , e então a fileira de chalés dos anos 1950, de dois e três dorm itórios.

Eram tão variados e cheios de estilo quanto um par de latas de açúcar e de

farinha de trigo sobre um balcão de fórm ica.

Chegando ao estacionam ento dos funcionários, parou o carro e saiu, deixando

sua caixa térm ica, o chapéu e a bolsa com o protetor solar para trás.

Apressando-se para a salinha do prédio principal, entrou na caverna com

cheiro de gasolina e óleo pela baia aberta à esquerda. O escritório de Gary

McAdam s, o chefe da m anutenção, ficava ao lado, com as portas de vidro

j ateadas ainda translúcidas o bastante para indicar que as luzes estavam acesas e

que havia alguém lá dentro.

Ela não se deu ao trabalho de bater. Em purrando a porta, ignorou o calendário

da Pirelli com m ulheres praticam ente nuas.

– Gary …

O hom em de sessenta e dois anos acabava de colocar o telefone no gancho

com sua m ão de urso. Seu rosto curtido de sol, com sua pele de casca de árvore, estava m ais sério do que ela j am ais vira. Quando ele a fitou por sobre a m esa



bagunçada, ela entendeu para quem era a am bulância antes m esm o que ele dissesse o nom e.

Lizzie levou as m ãos ao rosto e se recostou no batente.

Claro que lam entava pela fam ília, m as seria im possível não personalizar a tragédia e querer vom itar em algum lugar.

O hom em que nunca m ais queria ver na vida… estava voltando para casa.

Ela podia m uito bem disparar um cronôm etro.

Nova York, NY

– Vam os lá… sei que você m e quer.

Jonathan Tulane Baldwine olhou para o quadril que estava apoiado ao lado da sua pilha de fichas de pôquer.

– Aum entem as apostas, rapazes.

– Estou falando com você. – Um par de seios falsos parcialm ente cobertos apareceu sobre o leque de cartas na m ão dele. – *Oooiii*.

Hora de fingir interesse em alguma outra coisa, qualquer outra coisa, pensou Lane. Um a pena que o apartam ento de um quarto em Midtown fosse de solteiro,

decorado com apenas o estritam ente funcional. E por que se dar ao trabalho de

olhar para os rostos do que restava dos seis bastardos com quem com eçara a j ogar pôquer oito horas antes? Nenhum deles se m ostrou à altura de nada além de sim plesm ente cobrir apostas altas.

Decifrar as pistas deixadas por eles só para escapar não valia o cansaço dos olhos às sete e m eia da m anhã.

– *Ooooiiii*…

– Desista, m eu bem , ele não está interessado – alguém m urm urou.

– Todos se interessam por m im .

– Ele não. – Jeff Stern, o anfitrião e seu colega de apartam ento j ogaram fichas equivalentes a m il dólares. – Não é m esm o, Lane?

– Você é gay ? Ele é gay ?

Lane passou a rainha de copas para o lado do rei de copas. Colocou o valete ao lado da rainha. Quis em purrar aqueles seios falsos e aquela boca grande para o chão.

– Dois de vocês não cobriram a aposta.

– Estou fora, Baldwine. Está alto dem ais para m im .

– Estou dentro, se alguém m e em prestar m il.

Jeff olhou por sobre a m esa de feltro verde e sorriu.

– Som os você e eu, m ais um a vez, Baldwine.

– Mal posso esperar para arrancar o seu dinheiro. – Lane fechou as cartas. – A aposta é sua…

A m ulher voltou a se inclinar.

– Adoro o seu sotaque sulista.

Os olhos de Jeff se estreitaram por trás da arm ação transparente dos óculos.

– É m elhor desistir, garota.

– Não sou idiota – ela disse arrastado. – Sei exatam ente quem você é e quanto dinheiro você tem . Bebo do seu bourbon…

Lane se recostou e se dirigiu para o im becil que trouxera o acessório falante.

– Billy ? Fala sério?

– Tá bom . Tá bom . – O cara que queria aum entar seu débito em m il dólares se levantou. – O sol j á está nascendo m esm o. Vam os em bora.

– Ei, eu quero ficar…

– Não, j á chega. – Billy levou a loira burra com autoestim a inflada pelo braço e a acom panhou até a porta. – Eu te levo pra casa. E não, ele não é quem você está pensando. Até m ais, bundões.

– É sim . Vi nas revistas…

Antes que a porta se fechasse, o outro cara que fora depenado tam bém se levantou.

– Tam bém vou. Me lem brem de nunca m ais j ogar com vocês dois.

– Não vou fazer isso – Jeff disse ao erguer a palm a. – Mande um olá pra sua esposa.

– Você m esm o pode fazê-lo quando nos encontrarm os no Sabbath.

– De novo?

– Toda sexta-feira. E se você não gosta, por que fica aparecendo na m inha casa?

– Com ida grátis. Sim ples assim .

– Com o se você precisasse de esm ola.

Então ficaram sozinhos. Com o equivalente a 250 m il dólares em fichas de pôquer, dois baralhos e um cinzeiro cheio de bitucas de cigarro, e nenhum a loira burra.

– É a sua vez – disse Lane.

– Acho que ele quer se casar com ela – m urm urou Jeff, j ogando m ais fichas no m eio da m esa. – Billy, quero dizer. E aqui estão vinte m il.

– Então ele deveria ter a cabeça exam inada. – Lane cobriu a aposta do seu velho am igo da fraternidade, e depois dobrou o valor. – Patético. Os dois.

Jeff abaixou as cartas.

– Deixa eu te perguntar um a coisa.

– Nada que sej a m uito difícil. Estou bêbado.

– Você gosta delas?

– Das fichas de pôquer? – Ao fundo, um celular com eçou a tocar. – Claro que sim . Por isso, se não se im portar em colocar algum as m ais…

– Não. Mulheres.

Lane ergueu os olhos.

– Com o é?

O seu am igo m ais antigo apoiou um cotovelo na m esa e se inclinou. A gravata fora arrancada no com eço do j ogo, e sua outrora cam isa branca e engom ada agora estava tão m aleável quanto um a cam iseta polo. Os olhos, contudo, estavam tragicam ente alertas e concentrados.

– Você m e ouviu. Olha só, sei que não é da m inha conta, m as quando foi m esm o que você apareceu aqui? Uns dois anos atrás? Você m ora no m eu sofá, não trabalha… coisa que até entendo, por causa da sua fam ília. Mas não existe nenhum a m ulher, nenhum a…

– Pare de pensar, Jeff.

– Estou falando sério.

– Então aposte.

O celular se calou. Mas seu am igo não.

– A Universidade da Virgínia ficou pra trás há m uito tem po. Muita coisa pode m udar.

– Pelo visto, não se ainda estou no seu sofá…

– O que aconteceu com você, cara?

– Morri enquanto esperava você aum entar a aposta ou desistir.

Jeffresm ungou, form ando um a pilha azul e verm elha e a j ogando no m eio da m esa.

– Mais vinte m il.

– É assim que eu gosto. – O celular com eçou a tocar de novo. – Cubro. E ponho m ais cinquenta se você calar a boca.

– Tem certeza de que quer fazer isso?

– Calar a sua boca? Tenho.

– Ser agressivo no pôquer com um investidor de bancos com o eu. Clichês existem por um m otivo: sou ganancioso e ótim o com núm eros. Ao contrário do seu pessoal.

– O m eu pessoal?

– Pessoas com o vocês, os Bradford, não sabem ganhar dinheiro. Vocês foram treinados para gastar. Agora, ao contrário dos am adores, a sua fam ília tem , de fato, um fluxo financeiro, ainda que isso o im peça de aprender qualquer coisa. Portanto, não sei se, a longo prazo, vai ser um a vantagem .

Lane refletiu sobre os m otivos que o levaram a abandonar Charlem ont de um a vez por todas.

– Aprendi m uita coisa, acredite em m im .

– E agora você está m e parecendo am argo.

– Você está m e entediando. Era pra eu gostar disso?

– Por que nunca vai pra casa no Natal? No dia de Ação de Graças? Na Páscoa?

Lane abaixou as cartas, pousando-as sobre o feltro.

– Não acredito m ais no Papai Noel nem no Coelhinho da Páscoa, cacete. E peru é superestim ado. Qual é o *seu* problem a?

Pergunta errada. Ainda m ais depois de um a noite de j ogatina e bebedeira. Ainda m ais para um cara com o Stern, que era categoricam ente incapaz de ser outra coisa que não absolutam ente honesto.

– Odeio que você sej a tão sozinho.

– Você só pode estar de brincadeira…

– Sou um dos seus am igos m ais antigos, não sou? Se eu não te disser, quem vai dizer? Não fique irritadinho com igo. Você escolheu um j udeu nova-iorquino, e não um dos m ilhares de sulistas am antes de frango frito m etidos a besta daquela faculdade ridícula pra ser o seu eterno colega de quarto. Por isso, vá se foder.

– Vam os term inar esse j ogo?

O olhar perspicaz de Jeff se estreitou.

– Responda um a coisa.

– Sim , estou m e perguntando por que não pensei em ficar com o Wedge ou o Chenoweth agora m esm o.

– Rá. Você não suportava nenhum dos dois por m ais de um dia. A m enos que estivesse bêbado, o que, de fato, você tem estado nos últim os três m eses e m eio.

E essa é outra coisa que m e incom oda.

– Aposte. Agora. Pelo am or de Deus.

– Por que…

Quando o celular com eçou a tocar pela terceira vez, Lane se levantou e atravessou a sala. Em cim a do balcão do bar, ao lado da sua carteira, a tela estava ilum inada. Nem se deu ao trabalho de ver quem era.

Atendeu à cham ada porque as alternativas eram isso ou com eter hom icídio.

A voz m asculina com sotaque sulista do outro lado da linha disse quatro palavras: sua m ãe está m orrendo.

Enquanto o significado penetrava em sua consciência, tudo se desestabilizou à sua volta; as paredes com eçaram a se fechar ao seu redor, o chão ondulou, o teto caiu em sua cabeça. As lem branças não só voltaram , m as o atacaram , e o álcool

em seu sistem a não fez nada para reduzir o im pacto.

Não, ele pensou. *Não agora. Não esta manhã.*

Haveria um a hora certa?

“Jam ais” era a única opção aceitável para ele.

De longe, ele se ouviu dizendo:

– Chego antes do m eio-dia.

E desligou.

– Lane? – Jeff se pôs de pé. – Ai, m erda, não desm aie. Tenho que estar na Eleven Wall dentro de um a hora e ainda preciso tom ar um banho.

De um a vasta distância, Lane viu sua m ão se esticar e apanhar a carteira.

Colocou-a no bolso da calça j unto do celular e seguiu para a porta.

– Lane! Pra onde você vai, cacete?

– Não espere por m im – ele respondeu ao abrir a porta para sair.

– Quando você vai voltar? Ei, Lane? Mas que diabos!

Seu bom e velho am igo ainda falava quando ele saiu, deixando a porta se fechar sozinha. No fim do corredor, em purrou o portão de aço e com eçou a trotar escada abaixo. Enquanto suas passadas ecoavam no piso de concreto e ele fazia curva após curva, ligou para um núm ero conhecido.

Quando atenderam , ele disse:

– Lane Baldwine. Preciso de um j atinho em Teterboro agora, vou para Charlem ont.

Houve um a pequena pausa, em seguida a assistente executiva do seu pai voltou a falar:

– Senhor Baldwine, tem os um j atinho disponível. Falei diretam ente com o piloto. O plano de voo está sendo preenchido enquanto conversam os. Assim que chegar ao aeroporto, siga para…

– Sei onde fica o nosso term inal. – Chegou ao saguão de m árm ore, acenou para o porteiro e passou pelas portas giratórias. – Obrigado.

Uma rapidinha, disse a si m esm o ao desligar e cham ar um táxi. Com um pouco de sorte, estaria de volta a Manhattan ao cair do dia, entediando Jeff à noite. Meia-noite, pelo m enos.

Um as dez horas. Quinze, no m áxim o.

Ele tinha que ir ver a m ãe. Era isso o que os rapazes do sul faziam .

"Estilo Federal" é um a tendência arquitetônica e decorativa que se aplica a edificações e m obiliário. Popularizou-se nos EUA durante os séculos XVIII e XIX e conta com traços neoclássicos. (N. E.)



Document Outline

- Página de Título
- Direitos Autorais Página
- Agradecimentos
- Glossário de Termos e Nomes Próprios
- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Capítulo 18
- Capítulo 19
- Capítulo 20
- Capítulo 21
- Capítulo 22
- Capítulo 23
- Capítulo 24
- Capítulo 25
- Capítulo 26
- Capítulo 27
- Capítulo 28
- Capítulo 29
- Capítulo 30

- Capítulo 31
- Capítulo 32
- Capítulo 33
- Capítulo 34
- Capítulo 35
- Capítulo 36
- Capítulo 37
- Capítulo 38
- Capítulo 39
- Capítulo 40
- Capítulo 41
- Capítulo 42
- Capítulo 43
- Capítulo 44
- Capítulo 45
- Capítulo 46
- Capítulo 47
- Capítulo 48
- UM